

Este exemplar corresponde à versão final da "Dissertação" / "Tese" de "Mestrado" / "Doutorado", apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do título de "MESTRE" / "DOCTOR" em SAÚDE MENTAL. Campinas, 02 de Julho de 1994.

Prof(a).Dr(a).

Mara Aparecida Alves Cabral
Orientador(a)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

DEISE MARIA BEISSMAN

ESTUDO PSICO-SOCIAL DE HOMENS AGRESSORES DE MULHERES
NOTIFICADOS NA DELEGACIA DA MULHER DE CAMPINAS - SP.

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Médicas
da Universidade Estadual de Campinas -
UNICAMP para obtenção do título de Mestre em
Saúde Mental.

ORIENTADORA: PROFa. DRa. MARA APARECIDA ALVES CABRAL

Campinas - 1994

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL - UNICAMP

Beissman, Deise Maria

B397e Estudo psico-social de homens agressores de mulheres notificados
na Delegacia da Mulher de Campinas, SP / Deise Maria Beissman. --
Campinas, SP : [s.n.], 1994.

Orientador : Mara Aparecida Alves Cabral.

Tese (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Ciencias Medicas.

1. Agressao. 2. Violencia conjugal. 3. Psicologia social.
4. Psiquiatria legal. I. Cabral, Mara Aparecida Alves.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciencias
Medicas. III. Titulo.

20. CDD -302.54 -362.82
 -302 -362.204 25

Indices para catalogo sistematico:

1. Agressao 302.54
2. Violencia conjugal 362.82
3. Psicologia social 302
4. Psiquiatria legal 362.204 25

À minha família, especialmente aos meus
sobrinhos Danilo e Ronnie: meus dois amores.

Esses homens não são monstros. Eles são nossos
parceiros, irmãos, vizinhos.

(Painel Canadense da violência contra a mulher).

À Sonia Salgado Marconi,
com amizade e gratidão.

À Profa. Dra. Mara Cabral, pela orientação e compreensão nesse início de caminhada.

Às profissionais e amigas da Delegacia da Mulher de Campinas, pela receptividade e carinhosa colaboração.

À FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo, que subsidiou financeiramente este estudo.

Aos Casais participantes da pesquisa, cuja colaboração foi imprescindível para a realização deste trabalho.

À estatística e amiga Ysella Agüero, por seu profissionalismo e humanidade.

À Marília Vizzotto, pelo incentivo e estímulos iniciais.

À Maria Inês Carboni, do Centro de Computação da UNICAMP, pela paciência e clareza de suas explicações.

À Dra. Luisa Maria Porto Ferreira da Silva, de Portugal, pela gentileza e atenção ao nosso pedido.

Aos funcionários das bibliotecas da UNICAMP, particularmente à Albertina e à Bel.

Às funcionárias da biblioteca da UNIMEP - Piracicaba, especialmente à Regina, Lúcia e Hilda: amigas de tantos anos.

Aos amigos Sergio e Renê de Piracicaba, pela assessoria na parte estatística e prática com o computador.

Ao advogado e amigo Danilo Correa Alves, pela colaboração e incentivo.

Aos amigos Clarice Luna Freire e Jonatha Biele: prazer em conhecê-los.

À amiga Luz Jeanet Bullões, pelas orientações estatísticas.

À Sandra Moreno, secretária da Pós-Graduação pelas orientações na parte burocrática do trabalho e simpatia no atendimento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1 Histórico.....	01
1.2 Algumas Considerações Sobre o Tema.....	02
1.3 Definições.....	03
1.4 Classificação.....	04
1.5 Importância do Estudo.....	05
1.6 Rede de Causalidades	07
1.6.1 Aspectos Biológicos.....	07
1.6.2 Aspectos Psicológicos.....	08
1.6.3 Aspectos Sociais.....	13
1.6.4 Aspectos Culturais.....	16
1.7 Os Movimentos Feministas.....	18
1.8 Delegacias de Defesa da Mulher.....	20
1.9 Tratamento Para Casais Violentos.....	22
2. OBJETIVOS.....	24
3. HIPÓTESE.....	25
4. SUJEITOS E MÉTODOS	
4.1 Grupo de Estudo.....	26
4.2 Grupo Comparativo.....	27
4.3 Plano Piloto.....	28
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	
5.1 Tabelas - Análises e Discussões.....	29
5.2 Aspectos Relevantes das Histórias de Vida....	109
6. CONCLUSÕES.....	113

7. HISTÓRIAS DE VIDA (Resumo).....	114
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	218

ANEXO

ÍNDICE DAS TABELAS

	PÁGINAS
TAB. 1-Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	29
TAB. 2-Cor x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	31
TAB. 3-Idade x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	33
TAB. 4-Estado Civil x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	35
TAB. 5-Escolaridade x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	37
TAB. 6-Ocupação Atual x Sexo o Grupo de Estudo e do Grupo Comparativo	39
TAB. 7-Idade de Início no Trabalho x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	42
TAB. 8-Satisfação com o Trabalho Atual x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	44
TAB. 9-Naturalidade x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	46
TAB. 10-Religião x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	48
TAB. 11-Renda Pessoal x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	50
TAB. 12-Número de Pessoas Residentes na Casa x Casais do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	53
TAB. 13-Número de Cômodos Existente na Casa x Casais do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	55
TAB. 14-Tipo de Moradia x Casais do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	57
TAB. 15-Condições de Propriedade x Casais do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	59
TAB. 16-História da Agressão x Sexo Feminino do Grupo de Estudo	61
TAB. 17-Motivo do Conflito x Sexo do Grupo de Estudo	63
TAB. 18-Época da Primeira Agressão Física x Sexo do Grupo de Estudo	68

TAB. 19-Hábito do Casal Conversar x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	70
TAB. 20-Hábito da Família Sair Junto x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	72
TAB. 21-Local das Primeiras Informações Sexuais x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	74
TAB. 22-Tempo de Namoro x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	76
TAB. 23-Experiência Sexual Pré-matrimonial x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	78
TAB. 24-Idade ao se Unir ao Parceiro x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	80
TAB. 25-Primeira Experiência Conjugal x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	82
TAB. 26-Tempo de Casados x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	84
TAB. 27-Aventuras Extra-conjugais x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	86
TAB. 28-Relacionamento Afetivo/Sexual x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	88
TAB. 29-Planejamento Familiar x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	91
TAB. 30-Número de Filhos x Casais do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	93
TAB. 31-Castigo Físico em Relação aos Filhos x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	95
TAB. 32-Saúde Psíquica dos Pais x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	97
TAB. 33-Presenciou Agressões Físicas entre os Pais Quando Criança x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	99
TAB. 34-Terem Tido Pais Agressivos Quando Crianças x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	101
TAB. 35-Idade na Época do Falecimento de Pai e/ou Mãe x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	103
TAB. 36-Insônia x Sexo do Grupo de Estudo e Grupo Comparativo	105

TAB. 37-Número de Interações Psíquicas x Sexo do Grupo de Estudo e
Grupo Comparativo

107

RESUMO

RESUMO

Este é um estudo psico-social de homens que cometeram agressões físicas contra mulheres com as quais mantém um vínculo conjugal, legalizado ou não. Foram entrevistados 30 casais com notificação de agressão na Delegacia da Mulher de Campinas, com o objetivo de estudar aspectos psico-sociais desses homens agressores.

Com um grupo comparativo de 30 casais sem história de agressão física, procuramos verificar a hipótese deste trabalho, que pode ser assim descrita: aspectos psico-sociais tais como: uso abusivo do álcool; dificuldades de ordem afetiva/sexual entre o casal e o homem haver presenciado agressão física entre os pais quando criança, estão associados as eclosões de violência do homem contra a mulher.

Para a coleta de dados, utilizamos como instrumento de pesquisa, uma anamnese-questionário, contendo questões sobre a agressão, sobre a relação do casal, dados pessoais e familiares dos entrevistados. Na análise estatística foram utilizadas porcentagens e o Teste Exato de Fischer.

A descrição dos resumos das histórias de vida, permitiu levantar os aspectos psico-socio-culturais mais relevantes da população pesquisada, relacionados com a agressão física.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

1.1 - Histórico

A partir dos anos 60-70, os estudos e pesquisas relacionados à vida familiar e doméstica, obtiveram um considerável avanço.

Entre as várias questões investigadas, as relacionadas à violência na família vêm recebendo dos especialistas nas mais variadas áreas, um aprofundamento maior: "violência no seio da família ocorre em variadas formas: como violência entre o casal, violência contra a mulher, como violentação, como maus tratos físicos ou psíquicos às crianças, como abuso sexual e incesto. Ocorre também violência por parte de filhos contra pais, violentas formas de antagonismo entre irmãos e violência contra membros idosos da família". (64)

Sendo o enfoque deste trabalho, a violência do homem contra a mulher com a qual convive em regime conjugal, cabe aqui, uma passagem por sua história.

Consta da idade média, reputada pela exaltação dos sentimentos e a rudeza dos costumes (Chesnais) (22), uma das primeiras ocorrências notificadas de maus tratos infligidos pelo homem à sua mulher (46): "em 1395, Margaret Neffeld tentou divorciar-se de seu marido devido ao tratamento brutal que recebia dele, e teve chance de apresentar seu caso nos tribunais. Ela arrumou testemunhas que atestaram que seu marido a tinha atacado com uma faca, forçando-a a correr para a rua, "gritando e chorando". Uma outra vez, ele a atacara com uma adaga, provocando ferimentos e quebrando seu braço.

No tribunal (46), o marido de Margaret alegou que o que quer que tivesse feito, havia sido honesto, razoável e atendendo unicamente o propósito de "corrigi-la de seus erros". A Corte concordou e decidiu em favor do marido. O divórcio não foi atendido e Margaret foi obrigada a continuar vivendo com seu brutal esposo".

Mas é fato que já na Idade Média, o direito do marido de castigar a esposa, vinha sendo questionado.

"No século XV era ainda legal que os homens batessem nas esposas, porém "violências graves" e "extrema brutalidade", começaram a ser mal vistas"; como é demonstrado por Hays (8): "Isaac Preston, comandante de navio, casou-se em 1786. Sua esposa Jane foi descrita como pessoa de porte muito modesto, temperamento dócil e afável, e que agia com o marido com o maior dos carinhos, submissão e cumprimento dos deveres.

Seis dias após o casamento, o marido deu-lhe uma pancada no ouvido, lançando-a com violência para fora do quarto. Daí por diante, a esposa tornou-se seu saco de pancadas diário. Depois de 2 anos, ela fugiu e Preston foi levado ao Tribunal. Grande número de testemunhas depuseram sobre seu modo de proceder. O veredicto foi um divórcio para Jane, enquanto o marido foi condenado a pagar 90 libras por ano para sua manutenção".(8)

Esses dois episódios, ocorridos na Inglaterra, assinalam a lenta e gradual mudança nos costumes e leis.

Os Estados Unidos, país cuja legislação adveio do sistema britânico, mantinha a tradição segundo a qual, os maridos tinham o direito de "castigar" suas esposas, pois

presumia-se que todas as mulheres eram biológica e frívolamente incapazes de decidir a coisa certa a fazer, sendo portanto, tarefa do marido endireitá-la de tempos em tempos. Era o dever do marido, para o bem da esposa". (46)

Embora não se tenha registro de uma data precisa em que bater na mulher deixou de ser uma prerrogativa do marido (ainda hoje acontece com frequência), verifica-se que em fins do século XVIII e início do século XIX, houve um considerável retrocesso nesta prática.(46)

Cabe à Inglaterra (8) (67), seguida dos Estados Unidos, o pioneirismo na esfera das questões ligadas ao espancamento de mulheres no âmbito familiar/conjugal.

No plano nacional (8) "... já nas Ordenações do Reino, vigentes no Brasil-Colônia, encontramos dispositivo segundo o qual, "é permitido ao marido emendar a mulher das más manhas, pelo uso da chibata."

Raquel Sohiet (70) em seu estudo sobre a criminalidade feminina no Rio de Janeiro à época compreendida entre 1890 e 1920, coloca que "... a violência física se constituiria numa realidade presente em todas as classes sociais". A autora cita vários processos nos quais "ao contrário do usual, as mulheres vitimadas rebelaram-se, e reagiram aos maus tratos numa violência proporcional, precipitando soluções extremas, mais uma vez, desmentindo os estereótipos correntes acerca de atitudes submissas femininas".

É importante assinalar a emergência e a contribuição dos movimentos feministas em meados deste século: "a partir de então (8), começou a surgir pesquisas-denúncia e alternativas de solução. Sob a égide da abordagem feminista, os espancamentos de mulheres passam a ser percebidos como um problema social, não apenas por suas proporções quantitativas, mas também pela gravidade de suas consequências.

A conscientização de que a violência contra a mulher é antinatural e deve ser condenada, começou no Brasil a partir da luta feminista contra a impunidade dos agressores nos chamados "crimes de paixão".(8) (69) Por tais crimes, entenda-se assassinatos de mulheres por seus maridos ou amantes, e que no início da década de 70 ocuparam um triste lugar de destaque nos noticiários de toda imprensa.

Esse trabalho de conscientização junto aos meios de comunicação e a sociedade em geral, além de trazer ao debate as questões e conflitos relacionados a mulher, conseguiu junto ao Estado, a criação de órgãos específicos no combate a violência contra a mulher, tais como: as Comissões de Defesa dos Direitos da Mulher, Conselhos da Condição Feminina e as delegacias especializadas no atendimento à mulher e sobre as quais, falaremos mais detidamente em outro segmento desta introdução. Antes disso, discutiremos um pouco mais os vários aspectos dessa violência, procurando compreendê-la melhor.

1.2 - Algumas Considerações Sobre o Tema

O fenômeno da violência conjugal ocorre em todos os níveis sócio-econômicos. (8) (33) (42) (46) (56) Para alguns autores (2) (56), ele ocorre sobretudo naqueles de baixa renda, não por serem os pobres mais violentos, mas porque a situação de carência econômica exacerba naturalmente essa tendência ao clima de agressividade familiar.

Neste trabalho, abordaremos a violência do homem contra a mulher, com a qual mantém uma relação conjugal. É conhecido o fato de existirem também mulheres que

agredem fisicamente seus maridos e, nesses casos, os maridos queixam-se do medo do ridículo se expuserem o problema (42) (46), medo de novas agressões e incapacidade de abandonar a situação devido a dificuldades financeiras. Maus tratos ao esposo também têm sido relatados quando um homem idoso e fraco casa-se com uma mulher muito mais jovem. (42)

Entretanto, não pretendemos esgotar o assunto, o que seria impossível, dada a sua complexidade, mas antes, fazemos uma contribuição ao estudo do fenômeno, cujas consequências são danosas seja para a relação do casal, seja para o desenvolvimento físico-mental-emocional dos filhos, quando estes existem.

Interessa-nos, sobretudo, ampliar o campo de estudo, rico e necessário e que se relaciona com a qualidade de vida de cada cidadão e cidadã.

É este o primeiro trabalho aqui no Brasil, feito em tal molde: um grupo de estudo e um grupo comparativo, onde foram ouvidos os homens e suas respectivas mulheres, com um tempo de convivência não inferior a seis meses.

Em nosso país a violência contra a mulher na relação conjugal, apesar de figurar nas estatísticas, não se discrimina de outros tipos de violência cometidas contra elas: violência no trabalho, estupro, agressão e assassinatos cometidos por outros membros da família ou de conhecimento da vítima.

É importante que tal discriminação seja feita, não apenas por questões estatísticas, mas para que tenhamos um conhecimento mais próximo das dimensões do problema real e possamos conhecer mais aprofundadamente os liames das relações pessoais e interpessoais dentro da família, sua dinâmica e, assim, colaborar na busca de soluções. Tendo em vista esses objetivos, vamos nos ater a seguir a algumas distinções sobre o tema:

1.3 - Definições

Para melhor compreensão de nosso estudo, estabeleceremos alguns critérios, segundo os quais, será possível, uma distinção com relação as noções de *agressividade*, *agressão* e *violência*.

Para Moraes (53), *agressividade* corresponde "a disposição e à energia que, como impulso inato do ser humano, se expressa sob diversas formas individuais e coletivas, o que serve para promover a identidade do SER. A *agressividade*, pelo processo educacional e mecanismos de controle social exercidos sobre o indivíduo, se amolda e se modifica em sua expressão, adquirindo roupagens diversas nas condutas individuais. Dessa maneira, poderá ser ou não lesiva para o outro".

No conceito de *agressão*, entende-se um sentido negativo, destrutivo, segundo Bastos (9), que cita inclusive, os vários significados dados à palavra no Novo Dicionário de Aurélio: ação ou efeito de agredir. Bordoada, cacetada, pancada. Investida. Hostilidade. Ofensa; conduta caracterizada por intuito destrutivo.

Um conceito de *agressão* mais abrangente foi proposto por Hacker (38) e compreende 3 componentes principais:

- 1- *agressão* resultante da perda de controle, como sintoma (manipulação do afeto, *agressão* espontânea, *agressão* expressa);

- 2- *agressão instrumental* - a *agressão* como estratégia, como meio para atingir um objetivo e
- 3- *agressão estrutural* - presente nas instituições, organizações, leis, normas de conduta, e não se deixa aparecer como *agressão* quando se submete a estas regras. Nestas estruturas estão embutidos os resultados do que em tempos anteriores foram *agressões* abertas, de tal forma que aquela aparente *agressão*, contida e encoberta pela etiqueta, somente em caso de massiva posição, se torna manifesta.

Já a *violência* será a manifestação aberta, explicita, desmascarada e brutal da *agressividade*. (38) (53)

A *violência* é adquirida pelo aprendizado (53), graças ao processo de repressão da *agressividade* normal e sadia e corresponde à sua instrumentalização, sendo própria e exclusiva do Homem. Enquanto a *agressividade* é instintiva, a *violência* é racional, pragmática.

Dado as características de nosso objeto de estudo, a *violência física* do homem contra a mulher, utilizaremos a definição de Chesnais.(22) Afirma ele que, em seu sentido estrito, a única mensurável e incontestável, é a *violência física*. É o golpe direto, corporal contra a pessoa e se reveste de um triplo caráter: brutal, exterior e doloroso. O que a define é o uso material da força, a rudeza voluntariamente cometida às custas de alguém. Sua característica principal é a gravidade do risco que ela faz correr a vítima; seja a vida, a saúde, a integridade corporal ou a liberdade individual que esteja em jogo. A morte, ou mais frequentemente, as várias feridas, são o que permite identificá-la de maneira incontestável e a polícia e a justiça então, intervir.

Em virtude de distinções em várias formas de violência, é que esta pode ser subdividida em diversos tipos, segundo uma de suas classificações:

1.4 - Classificação

Há vários tipos de classificações de violência. Uma delas é a violência conjugal do homem contra a mulher e se insere entre as muitas violências praticadas contra as mulheres. Circunscrita ao âmbito doméstico, ela pode ser verbal, física ou emocional, mas geralmente estão interligadas.

Segundo Lystad (48), a agressão física na família pode variar em severidade de homicídios (num extremo) à espancamentos leves (noutro extremo). Ela também varia pela intensidade: em alguns casos, a intenção é controlar o comportamento das pessoas, em outros casos, é dar vazão à hostilidade pessoal e ainda em outros casos, é uma mistura de ambos.

Entre as agressões verbais, os abusos podem incluir palavrões, gritos, críticas constantes, insultos degradantes e ameaças de agressão física e morte. As agressões verbais geralmente precedem e/ou coexistem com as agressões físicas.

Os estudos sobre o tema têm apontado as estatísticas dessa violência e as consequências para os que nela se acham envolvidos, demonstrando a seriedade do fenômeno.

1.5 - Importância do Estudo

Tema tabú há décadas atrás, por envolver a privacidade da vida doméstica, o fenômeno da violência do homem contra a mulher com a qual convive, vem ganhando, atualmente, espaço e visibilidade.

Foi descrita uma síndrome da mulher espancada (68) onde, juntamente com os sinais físicos consequentes das agressões (nódos negros, fraturas, queimaduras, marcas de tentativas de estrangulamento, golpes provocados por instrumentos cortantes, etc.), refere graves sequelas psicológicas, como o medo, o isolamento social, dependência emocional, sentimentos de culpabilidade e uma história de múltiplas tentativas de suicídio.

Estudos (23) feitos no Canadá, afirmam que os filhos desses lares conflituosos, experimentam frequentemente sentimentos de culpa e/ou se sentem responsáveis pelo sofrimento da mãe. Podem também pensar que são a causa da cólera do pai.

Além das consequências psicológicas, os estudos (23) apontam que as crianças que testemunham a violência do pai contra a mãe, são suscetíveis de adotar essa mesma atitude que eles observaram em suas vidas. Eles aprendem que a violência dos homens contra as mulheres é um comportamento aceitável e normal para resolver os conflitos familiares, sem que o culpado sofra qualquer consequência. Os meninos podem assim, reproduzir o ciclo de violência em suas relações com as mulheres, imitando mais tarde, o comportamento do pai. Nos casos das meninas que estabelecem na idade adulta, relações com homens violentos, verifica-se que elas conhecem poucos meios de se libertar destas situações.

Assim, a visibilidade dada ao problema, tem trazido à tona, uma diversidade de problemas e números alarmantes, embora desconfie-se que as estatísticas não dizem toda a verdade, pois não são todas as mulheres que, agredidas pelos maridos, procuram auxílio médico ou policial.(18) (42) (46) (68)

Nos Estados Unidos, um dos países pioneiros em estudos e pesquisas, estima-se que os maus tratos ao cônjuge ocorram em 3 a 6 milhões de famílias.(42) Um estudo (56) da polícia de Kansas City, nesse mesmo país, demonstrou que 40% dos homicídios ocorridos na cidade, eram cometidos entre cônjuges, sendo que a violência é mais frequente contra as mulheres: enquanto 40% das mulheres assassinadas foram vítimas dos próprios maridos, apenas 10% dos homens foram mortos pelas esposas.

Uma estudo realizado por Straus e Gelles em 1975 e citado por Silva (68), permitiu verificar a incidência da violência familiar na população americana. Eles inquiriram em 1976, junto a 2143 casais representativos das famílias americanas: "nós medimos a violência e a incidência da violência nas famílias americanas usando uma série de questões chamada de "Conflict Tactic Scales" (CTS). A "CTS" mede a violência através de 8 formas de violência hierarquisadas, segundo sua severidade: Lançar qualquer coisa contra o outro; empurrar, agarrar ou lançar; esbofetear; dar golpes com o pé, morder ou bater com o punho; bater ou tentar bater com qualquer coisa; espancar; ameaçar com uma faca ou um fusil; utilizar uma faca ou um fusil.

Segundo este estudo, 28% dos casais têm utilizado a violência, ao menos um vez em sua vida conjugal; em 16% dos casais, um dos cônjuges utilizou contra o outro, ao menos uma vez no ano precedente a enquete, uma das 8 formas de violência; 3,8% das mulheres e 4,6% dos homens sofreram uma das 5 formas mais violentas (as 5 últimas das 8 utilizadas).

Os autores (apud Silva) (68) repetiram, 10 anos depois, sua enquete de 1975. A amostra desta última enquete é segundo afirmam, representativa da população dos Estados Unidos. Eles encontraram uma diminuição, ainda que não estatisticamente representativa, da taxa de violência interconjugal.

Na Inglaterra, Marsden and Owens citados por Wilson (80), sugerem que talvez 1 em 100 casamentos seja violento, num total de cerca de 140 mil casamentos. Dobash e Dobash (apud 80) preocupados não somente com o número de esposas espancadas, mas também com que frequência são elas atacadas, entrevistaram 109 esposas espancadas e chegaram a estimativa de 3.200 ataques!

Pesquisa (40) divulgada pela Universidade Middlesex, Inglaterra, revela que 2 em cada 3 homens britânicos reagiriam com violência se suas mulheres ou namoradas fossem infiéis ou discutissem sobre assuntos domésticos. Nessa mesma pesquisa, quase 3 de cada 10 mulheres pesquisadas, disseram que já foram feridas por seus parceiros.

Na França, a delegação da Condição Feminina recenseou 10.000 casos de mulheres agredidas e que se declararam como tais.(68)

No Canadá (75) estima-se que 800 mil mulheres são agredidas em suas casas a cada ano. Isso representa aproximadamente, uma em cada 10 mulheres casadas ou que vivem um tipo de relacionamento marital.

Maldonado, citado por Lystad (48), descobriu num estudo feito no norte e centro de Portugal, que 71% daqueles que cometeram assassinatos, fizeram isso em seu lugar de residência; McClintock (apud 48), num estudo em Londres, calculou 30% de homicídios como disputas domésticas; Siciliano, outro autor citado por Lystad (48), num estudo na Dinamarca descobriu uma predominância de assassinatos ocorridos entre membros da família.

No Brasil, o trabalho pioneiro de Azevedo (8) num levantamento feito nas delegacias da cidade de São Paulo, apontou para o número de 2316 registros de mulheres espancadas apenas no ano de 1984.

A pesquisa de Márcia Dangreman (62), do Movimento Coletivo Mulher Vida, registrou de janeiro a novembro/92, 415 mortes de mulheres em Pernambuco, onde segundo dados do Movimento, 70% dos assassinatos foram praticados por maridos, amantes, namorados e companheiros.

No Acre (77), a Delegacia de Proteção à Mulher, registrou em 1991, em Rio Branco, 277 casos de espancamentos de mulheres. Das 15 mulheres assassinadas em 1991, 7 foram mortas pelos próprios maridos.

No Estado de São Paulo (7) - líder nos casos de violência contra a mulher - o maior número de queixas apresentadas às Delegacias de Defesa da Mulher, refere-se a espancamentos. Apenas em setembro/92, as 96 delegacias especializadas do Estado, abriram 1.089 inquéritos em casos de lesão corporal.

Em Campinas (78), onde se realizou nossa pesquisa, a Delegacia de Defesa da Mulher registrou um aumento de 52% no número de ocorrências de 1989 para 1992; e em janeiro/93, contava com cerca de 1.000 inquéritos em andamento.

Em virtude do número cada vez mais crescente, tem-se discutido muito as causas da violência do homem contra a mulher. Na rede de causalidades que acreditamos existir, sabemos que vários fatores podem atuar, como veremos a seguir:

1.6 - Rede de Causalidades

1.6.1 - Aspectos Biológicos

As causas orgânicas têm sido muito citadas. Sabemos que no homem, sobressaem no sistema límbico, 3 estruturas importantes para o mecanismo da agressividade, a saber: a amígdala cerebral, o hipocampo e o hipotálamo. Observou-se que, na ablação da amígdala cerebral ocorrem significativas modificações de conduta, com redução do temor, da agressividade, além de alterações nos padrões de ingestão de água, alimentos, etc.(38) (53)

Tem-se tornado evidente que os neurotransmissores podem estar relacionados com alterações de comportamento agressivo. (53)

"A ação dessas substâncias denominadas de neurotransmissores "como a adrenalina, noradrenalina e a serotonina, servem de mediadores a funções cerebrais importantes. A adrenalina é um mediador utilizado nos estados de luta, solicitando todos os recursos orgânicos necessários à ação e à fuga; a noradrenalina é um agente natural de transmissão de impulsos nervosos no sistema simpático. Sua concentração parece ser máxima ao nível do hipotálamo e substância reticular. A redução de serotonina tem acarretado nos indivíduos, tristeza e depressão.(18) (19) (58)

Com relação aos hormônios e sua ação, Hacker (38) diz: "os hormônios, produtos de secreção das glândulas de secreção interna, em seu efeito concentrado, apoiam o equilíbrio natural entre o desencadeamento e o freio da agressão; as enfermidades dos órgãos endócrinos podem conduzir à agressividade ou à apatia. Em épocas de atividade hormonal intensificada, como por exemplo na puberdade, quando os hormônios sexuais adquirem especial atividade comprovamos, as vezes, um aumento da disposição agressiva". (38)

T. Moraes (53) afirma que no homem "principalmente a testosterona, tem papel destacado no mecanismo do comportamento agressivo".

Para Hacker (38), uma manifestação exagerada ou deficitária, ou amiúde exageradamente reprimida, da agressão é sempre um sinal de desenvolvimento desviado e enfermício, que pode ser endógeno (por causas internas) ou exógeno (condicionado pelo meio ambiente), porém é quase sempre uma combinação de ambas as coisas.

Moraes (53), em seu trabalho "Visão Psiquiátrica da Violência Urbana, afirma: "em estudos de famílias e de gêmeos univitelíneos, verifica-se um aumento de comportamento violento e criminoso coincidente com os filhos adotivos, cujos pais biológicos eram ou são criminosos".

Cabral (18) cita Christiansen e colaboradores que, "estudando 6.000 pares de gêmeos nascidos entre 1880 e 1910, observaram que 35,8% dos monozigóticos e 12,3% dos dizigóticos, tinham condenação por delitos".

Em seu livro "Agression", F. Hacker (38) relata que "durante certo tempo, acreditou-se que a presença eventual de um segundo cromossomo y, que dobraria a virilidade no "super homem", poderia ser considerada responsável por um excesso de agressão. Devido a esta

alteração genética, certos delinquentes foram absolvidos porque se lhes atribuiu uma virilidade dobrada. Investigações posteriores de Kessler y Moos em 1970 (apud 38), negaram a existência de relação entre os cromossomos xyy e as tensões agressivas.

Além dos aspectos biológicos, também são citados os:

1.6.2 - Aspectos Psicológicos

A ambivalência de sentimentos, principalmente de amor e ódio, constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas, mas amor e ódio envolvem agressividade.(81)

O instinto de agressividade (44), pelo menos no tocante à defesa, é geralmente reconhecido como inato no homem e na maioria dos animais.

É também evidente que a agressividade sob certos aspectos, desempenha papel preponderante na luta pela existência.

Riviére (44) coloca que em todos os campos de atividade e também nos prazeres, é possível reconhecer que pessoas dotadas de insuficiente agressividade, carecem de uma valiosa aliada. Diz ela: "podemos com efeito afirmar que ambos os instintos, o de auto-preservação e o de "amor", exigem, para lograr satisfação, de serem mesclados a uma certa dose de agressividade, isto é, que o elemento agressivo constitui parte essencial desses dois instintos para seu funcionamento efetivo".

No entanto, "de todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens". (81)

Sentimentos agressivos existem em todos nós, mas não nos agrada sabermos de sua existência, "tanto que inconscientemente reduzimos e subestimamos sua importância".(44)

Sua existência e importância foi enfatizada por vários estudiosos, no sentido de, conhecendo sua força, ser possível administrá-la, modificá-la e/ou canalizá-la para outro lugar.

Winnicott (81) (82) e Riviére (44) colocam que, sob certos aspectos, sua manifestação pode ser vista como um sinal de esperança, de que a vida instintiva está ativa, uma manifestação psicológica mais próxima da satisfação da necessidade do que por exemplo, um infrutífero desespero ou apatia.

Sendo um instinto inato, a agressividade não se manifesta apenas no ser humano adulto. Pode ser observada em crianças e mesmo em bebês. Pode ser dirigida ao próprio indivíduo (auto-agressão), ao outro ou ao meio ambiente (hetero-agressão).

Para Winnicott (81), em resumo, a agressão tem dois significados: por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração; por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo.

Riviére (44) admite que o alto grau de dependência vivenciado pelo ser humano em relação a outra pessoa e ao seu meio ambiente, é susceptível por si só de despertar resistência

e emoções agressivas, pois "a dependência é sentida como perigosa porque envolve a possibilidade de privação".

Baseada nas descobertas de Melanie Klein (44) em seu trabalho com crianças em tenra idade, essa autora descreve de maneira bastante clara e interessante, o modo como essa dependência é experimentada e reconhecida pelo bebê; e sobre a qual abordaremos a seguir:

Completamente dependente da mãe, o bebê que mama não se atemoriza de início, pois não reconhece a própria dependência. Na realidade, o seio de sua mãe representa para ele simplesmente uma parte de si mesmo e ele espera que todos os seus desejos sejam satisfeitos (alimentação, conforto, carinho, proteção, etc.)

De certa forma, o bebê adquire conhecimento de sua dependência ao descobrir que não pode suprir todas as suas necessidades. Põe-se então a chorar e a gritar. Sendo incapaz de distinguir entre o eu e o não eu, "suas sensações particulares são o seu mundo ou, o mundo para ele. Quando com frio ou com fome, ou torturado pelo desejo, para ele, é como se no mundo não existisse mais leite, prazer ou bem estar. "É um mundo igualmente abrasador, despedaçado e atormentado".(44)

Esta situação que todos atravessamos como bebês, tem profundas consequências psicológicas para nossas vidas. "Trata-se de nossa primeira experiência de algo como a morte, o reconhecimento da não existência de algo, de uma perda essencial, tanto para nós mesmos, como para outrem. E essa experiência acarreta um conhecimento do amor (sob a forma de desejo) e um reconhecimento da dependência (sob a forma de necessidade), ligados a sentimentos e sensações incontroláveis de dor e ameaça de destruição interior e exterior. "O mundo do bebê está fora de controle; uma greve ou um terremoto ocorreram neste mundo, porque ele ama e deseja, e esse amor pode trazer consigo sofrimento e devastação".(44)

O bebê tenta então reconquistar e também preservar algo da segurança e bem estar que desfrutava antes de se aperceber da falta e de ter despertado seus impulsos de destruição.

Diz Riviére (44): "assim se desenvolve em nós a profunda necessidade de segurança e proteção a esses tremendos riscos e intoleráveis experiências de privação, insegurança e agressão, internos e externos".

Spitz (72) entende que inicialmente o bebê tem dois objetos: o objeto "mau" (a mãe má) que se recusa a satisfazer suas necessidades e contra a qual é dirigida sua agressão; e o objeto "bom" (a mãe boa), que satisfaz suas necessidades e para a qual está dirigida sua libido. A medida que o desenvolvimento progride, ocorre uma síntese: mãe boa e mãe má tornam-se uma única mãe, a qual irá concentrar em sua pessoa, os impulsos agressivos e amorosos do bebê.

Para o autor, a supressão da expressão de um dos impulsos ou a facilitação de um em detrimento do outro, pode dar início ao que ele denomina de relações objetais mal formadas, ou seja, problemas na formação de vínculos afetivos. Sendo geralmente a mãe quem reprime ou facilita, "é seu comportamento que determinará o modo pelo qual as relações objetais serão formadas ou conduzidas".

Usufruir da presença de uma mãe (ou sua substituta) sensível às suas necessidades, permite ao bebê "crescer capaz de regular seu conflito de amor e ódio de modo maduro e construtivo e, através disso, a capacidade para sentir de um modo saudável sua ansiedade e culpa".(16)

Bowlby (16) relata ser sabido hoje que o "medo e a culpa provenientes desse conflito estão subjacentes a muitas doenças psicológicas, e a incapacidade para enfrentar esse medo e essa culpa está subentendida em muitos distúrbios de caráter, incluindo a delinquência persistente".

Com relação ao termo conflito, é importante assinalar que tal termo é empregado aqui como um sinônimo para ambivalência, que nada mais é que a existência simultânea de amor e ódio dirigidos ao mesmo objeto.

Para Bowlby (16), "os passos dados pelo bebê ou a criança ao avançar no sentido da regulação dessa ambivalência, tem importância decisiva para o desenvolvimento de sua personalidade. Se a criança seguir um caminho favorável, ela crescerá consciente de que existem, em seu íntimo, impulsos contraditórios, mas estará apta a dirigi-los e controlá-los, e a ansiedade e culpa que eles engendram será suportável. Se o seu progresso for menos favorável, a criança será assediada por impulsos sobre os quais sente não ter controle ou ter um controle inadequado; em consequência disso, sofrerá uma ansiedade aguda com relação à segurança das pessoas que ela ama e também temerá o revidar que, acredita ela, não deixará de cair sobre sua própria cabeça".(16)

O autor enfatiza que o medo da punição que é esperada por atos e intuídos hostis, acarreta frequentemente mais agressão. Cita como exemplo, os inúmeros casos em que uma criança agressiva pode agir baseada em que o ataque é a melhor defesa. Ou por outro lado, "a culpa pode levar a uma exigência compulsiva de demonstrações de amor que a tranquilizem e, quando essas exigências não são satisfeitas, a novos sentimentos de ódio e, por conseguinte, a mais culpa. São esses os círculos viciosos que resultam quando a capacidade de regular o amor e o ódio se desenvolve de modo desfavorável". (16)

Entre as condições que desfavorecem o bom desenvolvimento dessa capacidade, ele cita dois tipos de conduta da parte dos pais, ante as explosões de hostilidade e ciúmes da criança:

- 1- a expressão veemente de reprovação por meio de castigos;
- 2- e outra, mais sutil e explorando o sentimento infantil de culpa, consiste em incutir na criança a certeza de que está sendo ingrata, e indicar-lhe o sofrimento, físico e moral, que tal comportamento causa em seus dedicados pais.

"Ambos métodos de conduta tendem a fazer com que a criança receie seus sentimentos e se culpe por eles, levando-a a recalcar-los e, assim, tornando-lhe mais (e não menos) difícil controlá-los. Ambos tendem a criar personalidades difíceis: 1- a punição: gerando rebeldes e, se for muito severo, delinquentes; 2- a vergonha: neuróticos carregados de culpa e de ansiedade. (16)

Nas discussões de tabelas e relatos de histórias de vida, veremos quantos homens agressores e mulheres agredidas hoje, lembram-se de punições sofridas enquanto crianças e a consequente culpa que carregam, tanto o homem quanto a mulher (ainda que tenha sido ela a agredida!).

Sobre outra situação que pode dificultar a regulação da ambivalência, Bowlby (16) cita "os efeitos nocivos que acompanham a separação de crianças de suas mães, depois que entre elas se formaram relações emocionais". Diz o autor que foi sistematicamente apurado que duas síndromes psiquiátricas e duas espécies de sintomas associados são precedidos por uma elevada incidência de vínculos afetivos desfeitos durante a infância. As síndromes são a

personalidade psicopática (ou sociopática) e a depressão; os sintomas persistentes, a delinquência e o suicídio.

A capacidade dessas pessoas para estabelecer e manter vínculos afetivos é sempre desordenada e, não raro, ausente.

Earle e Earle (apud 16) realizaram um estudo de mais de 1.000 pacientes de ambulatório psiquiátrico, com menos de 60 anos de idade. Diagnosticaram 66 como sociopatas e 1357 como portadores de algum outro distúrbio. Adotando como critério a ausência da mãe durante 6 meses ou mais, antes dos 6 anos de idade, os autores apuraram uma incidência de 41% para os sociopatas e 5% para os demais pacientes.

No estudo de Craft, Stephenson e Granger realizado em 1964 e citado por Bowlby (16), foi estabelecido como critério a ausência da mãe ou do pai (ou de ambos) antes dos 10 anos de idade. Entre os 66 internos do sexo masculino em hospitais especiais para psicopatas agressivos, 65% tinham tido essa experiência.

Outro grupo psiquiátrico (apud 16) com alta incidência de perda na infância é o de pacientes suicidas; tanto os que tentaram o suicídio como os que o consumaram. Nesse grupo, o mais provável é que as perdas tenham ocorrido durante os primeiros 5 anos de vida e que tenham sido causadas não só pela morte de um dos pais, mas também por outras causas permanentes, como a ilegitimidade e o divórcio.

Greer, Gunn e Koller citados por Bowlby (16), compararam uma série de 156 indivíduos que tentaram o suicídio com amostras da mesma grandeza, de pacientes psiquiátricos não suicidas e de pacientes de cirurgia e obstetrícia sem história psiquiátrica. Os grupos se equiparavam quanto à idade, sexo, classe e outras variáveis relevantes. O critério estabelecido foi "a ausência contínua de um ou ambos os pais durante, pelo menos, 12 meses. Greer apurou que tais eventos tinham ocorrido antes dos 5 anos de idade, com frequência 3 vezes maior no grupo de suicidas potenciais do que em qualquer dos grupos de controle - uma incidência de 26% contra 9% para cada um dos outros 2 grupos".

Outra condição que está associada a uma incidência bastante elevada de perda na infância, é a depressão. (16) Contudo, tais perdas devem-se mais frequentemente, à morte de um dos pais do que à ilegitimidade, divórcio ou separação. E a incidência de orfandade tende a ser maior durante o segundo quinquênio da infância e, em alguns casos, também no terceiro. Estudos indicam que a perda de um dos pais por morte ocorre com frequência duas vezes maior num grupo de depressivos do que na população total.

Bowlby (13) e Winnicott (81) enfatizam que tem enorme importância e influência sobre as reações da criança à perda, a maneira como o fato lhe é passado, a relação da criança com o genitor que se foi, a reação do genitor sobrevivente e como ele quer e espera que a criança reaja. Os autores fazem uma analogia entre o luto infantil e o luto de adultos mostrando que, mesmo para um adulto, o curso do luto é profundamente influenciado pelo tratamento que lhe é dispensado por parentes e amigos, nas semanas e meses que se seguem à perda.

Para Bowlby (13), "apenas confusão e patologia resultam quando a notícia da morte de um pai é subtraída à criança, ou disfarçada, e quando a expressão do sentimento é desestimulada, seja implícita ou explicitamente".

Observa-se também que muitas separações e divórcios de casais atualmente, resultam igualmente no afastamento real e afetivo de um dos pais (geralmente o pai), gerando na criança, um sentimento de perda, que pode vir a ser experimentado como abandono,

dependendo também de como o fato lhe é passado, as reações dos pais, etc. Esse "abandono" pode ser inconscientemente interpretado como uma prova de que a criança é má, indigna de ser amada, o que acarretaria uma baixa auto-estima, com insegurança, entre outros problemas.

A esse respeito, Rosen (65) afirma que um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento e regulação da auto-estima, é a percepção do indivíduo de seu próprio valor aos olhos dos pais, ou figuras paternas, num processo conhecido como espelhamento".

Em sua revisão de estudos das patologias pais-filhos, Carmichael (21) cita duas atitudes dos pais que podem influenciar negativamente no desenvolvimento e comportamentos infantis: a aceitadora e a rejeitadora. No primeiro caso distingue 2 tipos de síndromes de superproteção: um de complacência e outro de dominação.

"O comportamento do grupo tratado com complacência era representado por desobediência, imprudência, birras, exigências excessivas e graus variados de comportamento tirânico, revelando um crescimento acelerado dos componentes agressivos da personalidade, associado diretamente à indulgência materna".(21)

Se não for impedido por experiências de realidade, esse tipo de criança, quando adulto, além de exibir baixa tolerância à frustração, gradualmente evolui em direção a um caráter explorador que usa todos os recursos, por meio de sedução, bajulação, agrados e ameaças para conseguir o que quer.

"O tipo dominado de superproteção conduz a um grau excessivo de submissão, obediência, timidez, dependência, passividade, meticulosidade e à relações insatisfatórias com os companheiros. A criança dominada deixa sua mãe pensar e agir por ela e sente-se perdida e saudosa na sua ausência. Está pronta a chorar à menor provocação e, inevitavelmente, vem a ser ridicularizada como "filhinho da mamãe".(21)

Os cuidados e contatos em ambos os casos é excessivo, mas "enquanto a mãe é supercontroladora no tipo dominado, ela surge como completamente permissiva no tipo mimado".(21)

É importante observar que a superproteção mascara muitas vezes, um sentimento de rejeição em relação à criança.

Nas situações de rejeição, "os cuidados e contatos com a criança são mínimos ou estão ausentes, mas esta situação pode estar associada a um grau extremo de rigor, o que conduz a vários tipos de síndromes autoritários caracterizados por hiperagressividade e tendências anti-sociais. Os desvios podem assumir a forma de conduta insocial, hipocondria e delinquência socializada, no caso de negligência total, isto é, quando não se exerce qualquer controle sobre a criança.(21)

Craig, outro pesquisador citado por Carmichael,(21) "pesquisando 200 crianças com distúrbios de comportamento, observa que a doença física nos pais precipitava, algumas vezes, o desajustamento da criança, ou contribuía para ele. Verificou-se que a doença prejudicava a energia dos pais e tornava-os impacientes com os filhos"

A labilidade e/ou inconstância de humor dos pais também aparece como fator de risco. Cyril Burt, citado por Almeida Jr. e Costa Jr. (apud 18), comparou 200 menores infratores da mesma idade e extrato social e concluiu que o fator mais sério da delinquência é a desigualdade disciplinar, ou seja, atitudes ora frouxas, ora excessivas, em que a criança um dia é repleta de afagos e, no outro, espancada.

Para finalizar, citamos Carmichael (21) que, acreditamos, resume as idéias de alguns pesquisadores citados nesse enfoque, quando afirma "ser difícil entender a criança ou seu comportamento fora de seu ambiente familiar. A família fornece a matriz dentro da qual o indivíduo é moldado e se desenvolve, a área em que suas ligações emocionais mais fortes são formadas, o fundo contra o qual muito da sua vida pessoal mais intensa é desempenhada. É o primeiro grupo dinâmico ao qual a criança é exposta e, nele, a criança tem suas primeiras experiências e transações interpessoais. Quando é perturbada, a família também fornece identificações e experiências de aprendizagem patológicas. Não surpreende, portanto, que atitudes e comportamentos dos pais, assim como sua saúde física e mental, possam ter um impacto decisivo no ajustamento da criança".

Algumas questões sociais que envolvem todo o contexto onde se insere a família, micro-célula da sociedade, serão discutidas a seguir:

1.6.3 - Aspectos Sociais

Quais dificuldades surgidas no dia-a-dia do casal, leva o homem a agredir fisicamente a mulher com a qual convive? Que fatores interatuam em determinados momentos, fazendo da mulher a vítima que, muitas vezes nem reage à agressão sofrida?

Langley e Levy (46) em seu livro "Mulheres Espancadas - Fenômeno Invisível", colocam que "a sabedoria convencional define o espancador de esposa como um tipo de classe baixa, de camiseta e o copo de cerveja na mão. Hoje em dia, o tipo é também negro, vivendo de seguro desemprego e morando num gueto populoso. Embora esse estereótipo de agressor de esposa de fato exista, ele não é nem um pouco representativo. Pesquisas levadas a efeito nos Estados Unidos mostram que eles se apresentam em todos os tamanhos, formas e cores, e habitam os dois lados do muro.

Contudo, é nas classes economicamente mais baixas que a violência se faz mais visível ou denunciável. (27) (46) (67)

Feiguin e Bordini (27), ao analisar 2038 boletins de ocorrência na delegacia de defesa da mulher em São Paulo, encontraram uma alta concentração de vítimas e agressores pertencentes ao extrato sócio-econômico mais baixo da população, sendo a maioria deles composta por migrantes. Tais dados permitiram às autoras levantar a hipótese de que esta população, face as circunstâncias de vida mais comunitária e devassada em sua intimidade, tende a afrouxar as barreiras de sua privacidade, procurando o apoio de agentes institucionais para a resolução de seus conflitos, ao contrário das classes média e alta que tendem a privatizar e a resolver através de outros mecanismos, conflitos semelhantes.

Sue Borman, juíza de Michigan, citada por Langley e Levy (46), diz: "penso que uma pessoa de classe média ou alta ficaria mais embaraçada em ir aos tribunais para testemunhar contra o marido. ela seria mais capaz de terminar o casamento, mas acho que estaria menos apta a fazer uma acusação".

É evidente que também existem casos em que a mulher sujeita-se à agressão física ou outras situações humilhantes, movida por interesses financeiros (inconveniência de uma separação sob o ponto de vista financeiro; possível perda de "status" desfrutado pelo casal na sociedade, etc.).

Os cientistas sociais Rodney Stark e James McEvoy (apud 46) propõem outra explicação: "as pessoas de classe média dispõem do recurso de amigos e profissionais para

auxiliar a acertar suas disputas, e buscam intervenções mais eficientes com terceiras pessoas, não com a polícia. Além do que, as pessoas de classe baixa têm menos privacidade para suas disputas, que ocorrem em bares da vizinhança, nas calçadas e em apartamentos super habitados de paredes finas. A privacidade do estilo de vida da classe média preserva a ilusão de uma maior tranquilidade doméstica, porém esta tranquilidade é apenas aparente".

Steinmetz (46) acrescenta: "é possível pensar que existe uma porcentagem maior de abuso de crianças e espancamentos de esposas em famílias de classe média sofrem atualmente mais frustrações devido a uma grande discrepância entre suas expectativas e o custo de vida".

Com relação a situação social-econômica atual, Guimarães (36), em seu livro *Classes Perigosas*, escreve: "em todos os períodos de depressão econômica, seja nos países desenvolvidos, seja nos países sub-desenvolvidos - e principalmente nestes últimos, não só se deterioram as condições materiais; o comportamento social também se degrada. Ativa-se o congestionamento das cidades, estimulado pelo crescimento do êxodo rural, que se expande em ritmo excessivamente rápido, pioram as condições de moradia, a mortalidade se eleva, o gênero de vida das classes pobres se torna insuportável, e dentro dessas classes os delitos anti-sociais se avolumam".

Segundo o autor, as classes ricas também reagem a esta situação, pressionando as classes pobres, "as quais têm de pagar pela diminuição da taxa de lucro, pela falta de oportunidade de investimentos, pelas altas taxas de corrupção, de crimes contra a economia popular, de instabilidade e mobilidade de emprego, de demissões maciças de empregados melhor remunerados, que são substituídos por empregados de mais baixa remuneração".(36)

Em consequência disso, a situação das classes pobres se agrava, cresce de proporção: "o desequilíbrio entre o crescimento urbano e a disponibilidade de recursos e equipamentos sociais se reflete nos baixos padrões de habitabilidade, de saúde, de conforto, cujos níveis não cessam de cair". (36)

Gilberto Velho (76) em sua participação na 38a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1986, reafirma a complexidade do problema, onde um conjunto de variáveis contribui para sua eclosão: a pobreza, a miséria, a desigualdade na distribuição de renda". Para ele, esse deve ser entendido como o patamar básico e universal a partir do qual se pode encaminhar a questão da violência.

Na visão desse autor, sendo o Brasil um país de desenvolvimento desequilibrado, de grandes desigualdades entre grupos sociais, aqui não existem as garantias mínimas de sobrevivência para a maior parte da população, que está longe de ter seus problemas de alimentação, habitação, terra, saúde e educação satisfeitos.

Entretanto, a violência não é desencadeada necessariamente pelas pessoas pobres, miseráveis, mas por grupos que ocupam posições diferentes na hierarquia social.

Assim, o que define nossa sociedade (76) é um sistema de dominação, que utiliza mecanismos violentos, de coerção física e pressão de vários tipos. Enquanto num sistema tradicional, a dominação convive com canais de reciprocidade que garantem às pessoas condições mínimas de subsistência e conferem legitimidade ao sistema, no Brasil, segundo o autor, nas duas últimas décadas, "passou-se de um sistema tradicional, caracterizado pelo predomínio da população rural sobre a urbana, para o desmesurado crescimento da cidade e conseqüente enfraquecimento dos polos regionais. Não houve só problema de diminuição da população do campo, mas de fragilização das pequenas cidades e, por outro lado, de

superpopulação das metrópoles, com superconcentração de problemas econômicos, políticos e culturais".(76)

Entretanto, a migração do campo para as grandes cidades não é fenômeno apenas nacional. Almeida Filho (4) mostra que, em concordância com a tendência geral observada no Terceiro Mundo, a migração interna dos camponeses tem fortemente contribuído para o "boom" das cidades latino-americanas.

No Brasil, esta situação tem sido particularmente drástica, pois o país contém sózinho, mais de um terço da população do continente. Dados do censo de 1970 (4), mostraram que 30,3 milhões de pessoas eram definidas como migrantes, quer dizer, mais de um em cada três brasileiros haviam migrado pelo menos uma vez em sua vida".

"O deslocamento de populações humanas, genericamente denominado como migração, é talvez o fator isolado que mais tem atraído a atenção de escritores, teóricos, pesquisadores e estudiosos dos fenômenos da saúde/doença mental". (4)

Neste trabalho, veremos que a grande maioria dos participantes, tanto do grupo de estudos, como do grupo comparativo, se constituem de migrantes. E desses, muitos são provenientes do campo, o qual deixaram em busca de melhores condições de vida para si e/ou para a família.

As dificuldades e problemas vividos por eles no dia-a-dia: sub-emprego, desemprego, precariedade de moradia em bairros com deficiente infra-estrutura, famílias convivendo em 2, 3 cômodos toscamente construídos, educação e instrução dos filhos, alcoolismo, etc., são apontados muitas vezes como fatores precipitadores de conflitos. (18) (52) (67)

Kantor, citado por Almeida Fo. e Bastos,(5) afirmam inclusive, que há uma associação positiva entre os processos migratórios e as doenças mentais, particularmente, as doenças depressivas.

Em seu "Estudo Caso-Controlle da Associação entre Migração e Desordens Depressivas em Mulheres", realizado no hospital-escola de Salvador, Bahia, Almeida Fo. e Bastos (5) obtiveram resultados indicando que, para mulheres, a experiência da migração implica em um risco de desenvolver doença depressiva pelo menos 2.5 vezes maior comparando-se com a ausência desse evento vital. Em trabalho anterior (1981), Almeida Fo. (apud 5) constatou que mulheres migrantes, e que desempenham atividade econômica remunerada, encontram-se submetidas a mais altos níveis de estresse em comparação com as não-migrantes e as dedicadas exclusivamente ao trabalho doméstico.

Uma outra pesquisa citada por Clara P. Nunes (55), foi realizada pela UNESCO em vários países, e mostrou que as mulheres casadas trabalhando fora, trabalham mais tempo do que seus maridos, porque as tarefas no lar são tradicionalmente atribuídas às mulheres. Em comparação com os maridos, as mães que trabalham fora dispõem de menos de 2/3 de tempo livre. Sobrecarregada, mal remunerada, dividida entre dois mundos - o mundo privado e o público - não é de estranhar que a mulher seja acometida de depressão 3 vezes mais do que o homem"

Em contrapartida, o homem é acometido de alcoolismo e todas as suas graves consequências (para si e a família), inúmeras vezes mais que a mulher. Este é com certeza, um dos aspectos perversos de nossa cultura ocidental.

Cabe lembrar que também o homem migrante é, em sua maioria, mal remunerado. Com baixo nível de instrução (pouco acesso à informação e formação), que dificulta sua

inserção e competição no mercado de trabalho, ele sofre pressões: seja quando a mulher trabalha fora (tradicionalmente ele deveria "ser capaz" de manter a família); seja quando isto não ocorre (seus ganhos não são suficientes para obter o necessário para si e a família).

Condições precárias de moradia (52) (46), excesso de pessoas num mesmo ambiente (54), falta de privacidade (46), são também fatores que incitam a violência.(54)

Mário Santos Moreira,(54) em seu trabalho "A Violência dos Grandes Centros Urbanos", cita estudos de Hall sobre o espaço necessário ao homem e aos animais, considerando que há um espaço mínimo e um máximo que não se pode desprezar. O homem não pode estar nem muito afastado nem muito próximo de seu vizinho, de maneira que se o espaço que deixamos à disposição da humanidade não for o espaço ótimo, o que ocorre nos grandes centros urbanos, nós nos arriscamos a atingir condições muito penosas de vida e a presenciar uma verdadeira escalada de agressividade.

Além dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, tem-se dado destaque aos aspectos culturais na violência. Passamos a breve discussão sobre alguns deles:

1.6.4 - Aspectos Culturais

Há milhões de anos (34), "existiram vários períodos durante os quais, em extensas superfícies, o clima se tornou mais seco e os bosques subtropicais diminuíram ou desapareceram.

Segundo K. Gough (34), essa mudança climática obrigou os símios (julgados a partir dos testemunhos dos fósseis como antepassados tanto do homem como dos gorilas e chimpanzés), a descerem das árvores e adaptarem-se à vida terrestre.

Durante anos e através da seleção natural, especializaram algumas de suas extremidades no ato de caminhar e, libertas as mãos, passaram a usá-las não apenas para apanhar e partir alimentos, mas também para transportar objetos tais como armas (que serviam tanto para a caça como para a guerra) e a cria, que até então era transportada agarrada aos pelos do corpo de suas mães. (34)

Para a autora, "a evolução em direção à humanidade acarreta duas transformações corporais que dizem respeito ao nascimento e cuidado dos filhos: a forma do crânio e a largura da pélvis. O caminhar ereto deu origem a uma pélvis mais estreita que sustenta melhor as vísceras abdominais, enquanto que o desenvolvimento da linguagem acarretou o crescimento desproporcionado do cérebro em relação ao corpo. Para compensar estes inconvenientes, os humanos nascem num estágio mais inferior de desenvolvimento que os símios. Durante bastante tempo, permanecem completamente indefesos e requerem um cuidado mais longo e absoluto".(34)

Isto teria motivado a que as mulheres primitivas se concentrassem mais no cuidado dos filhos e menos na defesa, enquanto os homens melhoraram os métodos de luta e de proteção do grupo dos símios, adaptaram esse método utilizando armas, tanto para a caça como para a guerra".

As sociedades humanas se transformaram profundamente e já não se depende da força muscular para sobreviver. E nem se caça mais. "Mas esses modelos arquetípicos (79) (o "homem caçador", musculoso, correndo pela floresta em busca de caça e de frutos para a

"fêmea frágil" que, dentro da caverna, cuida do filhote) permanecem e marcam indelevelmente a formação do menino e da menina".

Assim, essa primitiva divisão de espaços e tarefas, que inicialmente tratava-se fundamentalmente de uma questão de sobrevivência, mais do que imposições culturais introduzidas pelo homem (34), com o passar do tempo e o avanço da civilização, foi sendo veiculada e aceita como fazendo parte da "natureza de cada um".

O modelo de família que hoje temos, é na sua grande maioria, constituído por uma mulher, mãe, que permanece em casa, cuidando do lar e dos filhos, enquanto o homem, pai, trabalha, para prover-lhes o sustento.

Embora atualmente o trabalho da mulher fora do lar esteja mais disseminado, nem por isso se extinguiram os inúmeros conflitos que suscita. Dupla jornada de trabalho para a mulher (em casa e fora dela), dificuldades de creches para os filhos, sentimentos de culpa provenientes da sensação de estar "abandonando o lar" (seja quando existe a necessidade econômica, seja quando há o desejo de uma realização pessoal/profissional); salário desigual para trabalho igual, são alguns dos problemas mais emergentes e gritantes.

Criada e educada há séculos, sob a expectativa de que se case e tenha filhos, pouca importância é dada para que também tenha uma profissão.

"Quanto à escolaridade, se a tendência é para dar oportunidades iguais a meninos e meninas, a expectativa em torno do rendimento escolar não é o mesmo para ambos os sexos. Sobretudo nas camadas mais pobres da população, a ajuda das meninas em casa é mais importante para a maioria das mães, do que o aprendizado escolar". (55)

A este respeito, as observações de S. Beauvoir (10) em seu livro "O Segundo Sexo", escrito na primeira metade do século, continuam atuais. Comenta ela que observou-se, muitas vezes, que a partir da puberdade, a jovem perde terreno nos domínios intelectuais e artísticos. Uma das razões para que isso ocorra está em que a adolescente encontra poucos incentivos à sua volta e, além de suas tarefas escolares e/ou profissionais, acumula aquelas que sua feminilidade implica. A autora cita o comentário de uma diretora de colégio, que transcrevemos abaixo:

"A jovem torna-se repentinamente um ser que ganha a vida trabalhando. Tem novos desejos, que nada tem a ver com a família. Acontece frequentemente que deva fazer um esforço assaz considerável... Ela volta à noite para seu lar tomada de um cansaço colossal e com a cabeça cheia das ocorrências do dia... Como é então recebida? A mãe manda-a logo fazer algum compra. Há também que terminar as tarefas caseiras deixadas em suspenso e cumpre-lhe ainda cuidar de sua roupa. É-lhe impossível dar atenção a todos os pensamentos íntimos que continuam a preocupá-la. Sente-se infeliz, compara sua situação com a do irmão que não tem deveres a cumprir e revolta-se".(10)

Essa revolta, contudo, não diz respeito apenas aos afazeres domésticos de que é incumbida. Ela abrange outros setores da vida da (o) adolescente.

A dupla moral sexual, característica da ideologia "machista" presente em nossa cultura, particularmente nos países da América Latina, exerce papel importante nessa fase.

Whitaker (79) descreveu muito bem como se processa em meninos e meninas essas diferenças: enquanto o menino é pressionado por pais e familiares, apavorados com o fantasma do homossexualismo, para o desempenho da sexualidade, as meninas se vêem numa situação de ambiguidades. Suas manifestações sexuais foram, sutil ou abertamente,

reprimidas. Ensinadas a "despertar" o desejo, não deverão, contudo, satisfazê-lo já. "Atraente e frívola, mas nunca claramente definida em termos de futuro, quer profissional, quer social, ela aguarda o homem, sujeito da ação, que virá retirá-la da vitrine, levando-a diretamente para um convívio sexual alienante, uma vez que para ele não foi preparada.

Segundo a autora, esta é a raiz principal do desencontro entre homens e mulheres.

Está claro no entanto, que essas repressões, este duplo padrão de moralidade, vêm sendo mudados. Essa mudança contudo, é mais visível entre os jovens de classe média e alta que, vivendo num meio social e culturalmente mais favorável, encontram espaço para discutir e expor suas dúvidas.

Neste trabalho, nos relatos de histórias de vida, veremos que muitas mulheres eram e são conscientes de todas as mudanças que vêm ocorrendo nas relações homem-mulher. Faltavam-lhes, segundo relatam, pessoas com quem discutir suas dúvidas e angústias, uma vez que sentiam os pais particularmente fechados para tais questões e o acesso a profissionais da área é oneroso.

Sobre isto, cabe salientar as palavras de Silva et alii (67) em seu trabalho "Introdução ao Estudo da Sexualidade Feminina": "a mulher muitas vezes fica insegura diante das inovações que vêm ocorrendo, pois se por um lado elas representam sua independência, por outro são também uma ameaça - a mulher está trocando uma situação estável pelo desconhecido. Sua essência não está ainda alterada".

E mesmo essas transformações, datam de época muito recente: "foi preciso aguardar a segunda metade do século XIX para que a luta contra os tabus ligados à vida sexual e social se tornasse eficaz. A vida em sociedade não é o reflexo da vida ao seio da família; é no interior do eu mais íntimo que se necessita extirpar os mitos instalados desde a origem dos tempos e que constituem a mais primária misoginia. Uma vez desmistificado e dessacralizado, a mulher pode pretender engajar com sucesso mas não sem dificuldades, o combate para a igualdade com o homem. A era dos deveres impostos à mulher objeto, deve suceder a época dos direitos da mulher" (N. Bensadon, 1983 - citado por Silva) (67)

Visando tais objetivos, muito têm feito os movimentos feministas, sobre os quais falaremos a seguir:

1.7 - Os Movimentos Feministas

Nesse século (80), em toda parte, as mulheres têm-se envolvido na campanha para aumentar a igualdade entre os sexos.

Entre os anos de 1930-1940, período marcado pela preparação e eclosão de uma nova guerra mundial, "a afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas desse momento histórico. Valoriza-se mais do que nunca, a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão-de-obra masculina para as frentes de batalha. Tal processo se dá, em particular, nos países diretamente envolvidos no conflito, em especial os Estados Unidos e a Inglaterra.(6)

Com o final da guerra e o retorno da força de trabalho masculina, a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuindo à mulher o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirá-la do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. Conforme afirmam B. M. Alves e J. Pitanguy,(6) "as mensagens veiculadas

pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da "rainha do lar", exacerbando-se a mistificação do papel de dona de casa, esposa e mãe".

É no início da década de 60 que ocorre o "boom" dos movimentos feministas organizados, "que foram em parte, uma reação contra o culto da domesticidade que era tido como toda poderosa no pós-guerra da América e da Europa". (80)

Outros fatores, igualmente importantes ensejaram essa nova radicalização das lutas feministas: na visão de Cruz (24) e Gutierrez (37), o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, os progressos da medicina com relação ao controle da natalidade e ao aborto criaram novas condições para o controle das funções reprodutoras que haviam escravizado as mulheres durante vários séculos, o que se chocava com as barreiras jurídicas, psicológicas e morais que continuavam a impedi-las de exercer o direito de escolha quanto à maternidade, de separar a sexualidade da reprodução.

Alguns livros se tornaram bandeiras dessa batalha: "A Mulher Eunuco", de Germaine Greer (35), "O Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir (10), entre outros.

Sob o ponto de vista de Wilson (80), a publicação de Betty Friedan "A Mística Feminina", particularmente ajudou a levantar alguns dos fios de idéias e esperanças que se tornariam as bases dos movimentos das mulheres. Diz ela: "em seu trabalho, Betty Friedan recolhe nos Estados Unidos, uma série de depoimentos de mulheres de classe média que corresponderiam ao ideal de "rainha do lar", e detecta o que chamou de "o mal que não tem nome" e que se traduziria por uma frustração constante e indefinida".

No Brasil, em seus primeiros anos (6), o avanço do feminismo foi lento e acompanhou a luta pela ampliação do espaço democrático no país.

Em 1975 - Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU, as feministas brasileiras, vinculadas em sua maioria, a partidos e organizações de esquerda, tiveram um importante espaço para promover a organização das mulheres e fomentar debates políticos.(69) Nesse ano, foi fundado em São Paulo o Movimento Feminino pela Anistia e o Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que constitui um marco no sentido de se propor a atuar enquanto organização especificamente feminista. Pouco depois, são editados dois jornais feministas: Brasil-Mulher (em Londrina e posteriormente, São Paulo) e Nós Mulheres (em São Paulo).(6) (69)

"No final da década de 70, o feminismo enquanto movimento organizado, expande-se consideravelmente, pela criação de novos núcleos em outros Estados, pelo surgimento de diversos grupos com enfoques e formas diferentes de atuação e que se dedicam às mais variadas tarefas: reflexão, publicação de folhetos sobre sexualidade, direitos da mulher, saúde, pesquisas, grupos de estudo, cinema, teatro, SOS contra a violência, Casa da Mulher, etc..." (6) (69)

Uma das frentes de luta do feminismo no Brasil tem sido também a denúncia da desvalorização da mulher, manifesta nas mais variadas expressões de nossa cultura. A violência física de que é vítima frequente a mulher atualiza da forma a mais evidente, esta desvalorização. Assim, tem sido fundadas em todo país, Casas da Mulher e SOS Violência, bem como grupos que desenvolvem trabalhos ligados à preparação para o parto, centros de cultura, etc.

Os grupos SOS acolhem, protegem e orientam as mulheres espancadas, estupradas ou perseguidas, e muitos funcionam nas principais cidades brasileiras. As Casas da Mulher

servem também de refúgio, mas podem ser centros comunitários com espetáculos de teatro, grupos de estudos, conferências, debates, etc. (37)

"Na realidade paulista, há que se salientar a atuação governamental ao lado da atuação assumida pelos grupos feministas". Duas iniciativas criadas e implantadas merecem destaque: o COJE - Centro de Orientação Jurídica e Encaminhamento à Mulher e a Delegacia de Defesa da Mulher". (8) (69) Nas palavras de Azevedo, (8) o COJE foi organizado conjuntamente com a Procuradoria Geral do Estado de São Paulo da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça e conta com o trabalho voluntário de Procuradores do Estado. Sobre as Delegacias da Mulher, falaremos a seguir.

1.8 - Delegacias de Defesa da Mulher (D. D. M.)

A criação no país de uma delegacia especializada no atendimento à mulher é uma experiência inédita no mundo, e segundo afirma Silva (69), "faz parte de organismos formuladores de políticas públicas denominadas positivamente discriminatórias e instâncias governamentais que prestam assistência especial à mulher. Com isso se pretende garantir que essa dívida social se recupere menos lentamente do que o seria através de um processo normal, sem políticas que favorecem a mulher".

Silva (69) relata que, na época da criação da primeira Delegacia de Defesa da Mulher, o "Brasil encontrava-se imerso em um contexto de busca de democratização de suas instituições, o que explica em parte, a adoção de práticas liberalizantes por parte dos governantes. Por outro lado, a partir dos anos 70, os movimentos feministas tornaram público o fenômeno da violência contra a mulher, dando visibilidade, através da denúncia, ao alarmante e grave problema. Com isso, a opinião pública foi sendo sensibilizada para a questão, que vinha sendo tratada apenas sob a ótica das relações interpessoais. Assim, um fenômeno que era considerado como um componente natural decorrente das relações pessoais e que, desta forma, era remetido à dinâmica do mundo doméstico - domínio do privado - torna-se público, assumindo uma conotação política".

Semelhante ponto de vista é expressado por Eva Blay (apud 8): "a violência contra a mulher era um problema entre quatro paredes, doméstico. Hoje, ao contrário, é um problema de ordem pública e, antes de tudo, político. Por isso, a criação da Delegacia de Defesa da Mulher representa a conquista de mais um patamar para que a sociedade reconheça os problemas da mulher".

A Delegacia de Defesa da Mulher diferencia-se das delegacias comuns por ser composta só por profissionais do sexo feminino: delegada, investigadoras, escrivãs, etc.

Rosmary Correa,(1) primeira delegada titular da primeira unidade especializada, inaugurada em agosto de 1985, explica sobre o funcionamento, em entrevista ao Jornal Estado de São Paulo:

"Na Delegacia de Defesa da Mulher, a vítima pode sentar-se e conversar. Lá, ela fala sem o constrangimento que existe em todos os distritos, onde é obrigada a contar o que aconteceu, na frente de todos, rapidamente. É preciso entender que, numa delegacia comum, onde há queixas demais, crimes demais, o problema da mulher não é o mais importante para o delegado e os outros funcionários. O espancamento que ela sofreu do marido não é o mais sério. Não que o delegado não seja sensível ao problema dela, mas está diante de um latrocínio, de um homicídio, de um assalto com feridos. Então, as bofetadas que ela levou, o murro que a machucou, podem ser graves. Mas naquele momento, ela não será atendida com

a delicadeza necessária. A D.D.M. foi criada para dar essa comodidade à mulher-vítima. Sua finalidade principal era o atendimento de crimes de violência sexual, porque esses são os menos comunicados. É por uma porção de razões, entre elas o constrangimento da ida à delegacia e da narração do fato. As vezes no distrito, ela é sutilmente acusada de ter dado causa a isto. Há muito homem (e mulher também) despreparado, que faz uma pergunta errada no momento daquela trauma todo, provocando um bloqueio. Daí a criação da Delegacia de Defesa da Mulher, para que esse tipo de crime fosse comunicado".

O procedimento nessas delegacias especializadas, após ouvir a queixa, é elaborar um boletim de ocorrência, sendo a vítima encaminhada para o exame de corpo de delito, no caso de haver lesões corporais.

Rosmary Correa (1) explica que após isso, são intimadas as testemunhas e o agressor, que é interrogado, indiciado e qualificado. O inquérito é relatado e encaminhado ao Fórum, onde o juiz e o promotor decidirão da denúncia ou não, da prisão ou não do agressor.

Dada a receptividade dessa primeira experiência, foram instaladas outras unidades, inicialmente nos grandes centros como: Rio de Janeiro, Porto Alegre, etc. Esse número foi logo ampliado e estendido às médias e pequenas cidades.

Atualmente no Brasil, existem cerca de 125 Delegacias de Defesa da Mulher, distribuídas por 20 Estados.(84)

Em Campinas, a Delegacia da Mulher (41) foi inaugurada em setembro de 1988. Antes de sua criação, as mulheres vítimas de violência eram atendidas em outro órgão ligado à Delegacia de Polícia.

Conta em seu quadro de funcionários (12) com cerca de 15 profissionais, entre as quais: uma delegada titular, uma advogada, duas assistentes social, uma psicóloga, escrivãs, investigadoras, agente policial, para atenderem aos casos de lesão corporal, abandono material, ameaças, estupro, sedução, atentado violento ao pudor, rapto, injúria, difamação e calúnia.

O atendimento se estende às mulheres que residem no município de Campinas e o horário de funcionamento é das 8:00 às 18:00 horas, de segunda à sexta-feira.(12)

O atendimento é semelhante ao atendimento de outras delegacias especializadas: ao chegar, a mulher é ouvida primeiramente pela investigadora, que identificará o tipo de violência de que ela foi vítima. Tudo o que a mulher disser, será anotado no boletim de ocorrência e será informada que, uma vez registrado, ela não poderá retirar a queixa e, em caso de lesão corporal, comprovada pelo exame de corpo delito, será aberto inquérito, por se tratar de crime de Ação Pública.

Nos relatos de histórias de vida das mulheres participantes deste pesquisa, poderemos verificar que, muitas delas, após a reconciliação com o marido, retornam à delegacia para tentarem retirar a queixa, o que não pode ser feito, pois uma vez registrada a ocorrência, ela poderá ser arquivada, mas não retirada ou cancelada. Verifica-se também em vários casos, reincidências das agressões, pois em nosso país não existe nenhum tipo de programa de tratamento e/ou orientação aos casais envolvidos em violência conjugal, como ocorre em países da América do Norte ou Europa, como veremos a seguir:

1.9 - Tratamentos para Casais Violentos

Na Inglaterra, país pioneiro em termos de alternativas de solução para o problema da mulher espancada (8) (68), surgiu em 1971, a primeira casa de refúgio para mulheres-vítimas de maus tratos, fundada por Erin Pizzy. Outros abrigos do gênero (8) surgiram depois na própria Inglaterra e Escócia; em 1972, os Estados Unidos instalou em Washington, seu primeiro Centro para Vítimas de Violência e Abusos Sexuais e, a partir de então, outros centros foram criados. Na Espanha, o primeiro refúgio foi criado em 1984.

Atualmente, na Inglaterra, a crescente intolerância pública de adultos para com a violência doméstica, tem resultado em significativas mudanças nas atitudes oficiais.

Rosen (65) informa que o jornal "The Times" de 1990, contém uma circular da "Home Office" em que fornece diretrizes para a polícia considerar agressões e tentativas de agressões no lar, tão seriamente como as outras formas de violência; conservar registros detalhados desses incidentes e evitar tentar reconciliar parceiros onde uma discórdia resultou em pancadas.

Em Streatham, Londres (65), a polícia vem agindo na apreensão e cautela policial por dois anos. Mais que 3/4 desses acautelados não têm reincidido, pois ser visto por vizinhos sendo agarrado fora de casa pela polícia, é uma experiência humilhante, além de uma desconfortável noite na cadeia e o risco de uma instauração de processo.

Nos Estados Unidos, um número de artigos e medidas para intervir nas famílias em crise, têm focalizado seu interesse na aplicação de princípios sócio-patológicos, para aumentar a efetividade dos policiais ao lidar com tais disputas e para aumentar a própria segurança pessoal dos policiais (48), pois de acordo com o FBI, mais agentes da lei são mortos tentando separar conflitos pessoais do que em qualquer outra área do serviço policial.(46)

Há uma ênfase também em melhorar as relações polícia-comunidade, especialmente, naquelas onde residem os grupos minoritários. (48) Muitos artigos discutem programas de treinamento, desenvolvidos para sensibilizar os policiais para com os problemas sociais, e ajudá-los a resolver os conflitos, ao invés de desincumbir-se dos papéis policiais tradicionais de autoritarismo e prisão. (46) (48)

Além das Casas-refúgios e Centros para vítimas de violência, há aproximadamente, 12 anos atrás, foram desenvolvidos neste país, os primeiros programas visando por fim às agressões. Organizações de mulheres agredidas, persuadiram os homens a iniciarem um trabalho a respeito da violência perpetrada por seu sexo, contra as mulheres. (25)

Em menos de uma década, quase 200 programas surgiram na América do Norte e mais de 100 no Canadá. A maioria é independente de e separado dos programas para mulheres. Perspectivas ideológicas divergentes formam o tipo de tratamento fornecido, os métodos e técnicas escolhidas e a maneira na qual a responsabilidade pela violência é distribuída.(25)

No Brasil, não existem, a nível de Estado, nenhum tratamento para o homem agressor, nem para a mulher agredida, mas há que se considerar o trabalho dos grupos feministas. Trabalho esse que consiste não só em pesquisas e estudos, mas também em palestras sobre o problema, sobre a necessidade da emancipação da mulher, de direitos iguais, mobilizações, passeatas, etc.

Os movimentos feministas têm trabalhado e conseguido vitórias quanto a inauguração de Casas-refúgios, para onde a mulher pode ir com os filhos, após as agressões e/ou denúncia, no caso de não querer - ou não poder - voltar para casa, além de outros serviços de assistência jurídica, social, médica e psicológica prestados à mulher vítima de violência e sobre os quais falamos em outro segmento desta introdução.

OBJETIVOS

2. OBJETIVOS

A - GERAL:

- estudar aspectos psico-sociais de homens que cometeram agressões físicas contra mulheres, com as quais estes mantinham um vínculo conjugal e que deram entrada na Delegacia da Mulher de Campinas, no período de agosto de 1991 até agosto de 1992.

B - ESPECÍFICOS:

- estudar dados demográficos e sociais dos agressores;
- estudar as motivações e desencadeantes emocionais ligados à agressão, na visão do agressor e da agredida;
- discutir alguns aspectos mais relevantes da relação conflituosa homem-mulher, fundamentados na escuta dos casos atendidos na Delegacia da Mulher de Campinas - SP e na dos casos do Grupo Comparativo;
- tecer alguns comentários sobre a criação e funcionamento da Delegacia da Mulher de Campinas - SP.

HIPÓTESE

3. HIPÓTESE

Aspectos psico-sociais tais como: a) o uso abusivo do álcool (8) (46); b) dificuldades de ordem afetiva/sexual entre o casal (46) e c) o homem haver presenciado agressões físicas entre os pais, quando criança (23) (68) estão associados as eclosões de violência do homem contra a mulher.

SUJEITOS E MÉTODOS

4. SUJEITOS E MÉTODOS

4.1 - Grupo de Estudo

Sujeitos

O contato com os participantes do grupo de estudos foi feito na Delegacia de Defesa da Mulher de Campinas - São Paulo, num total de 60 (sessenta) indivíduos: 30 (trinta) homens e suas respectivas vítimas mulheres, com as quais estes mantinham uma relação conjugal (legalizada ou não), há no mínimo, seis meses e que tinham registro de agressão na citada delegacia.

A coleta de dados iniciou-se em agosto de 1991, obedecendo a ordem de entrada dos sujeitos na delegacia e encerrou-se em agosto de 1992, quando se completaram as 30 entrevistas.

A permissão para o contato com os possíveis participantes da pesquisa, foi concedida após uma entrevista com a delegada titular - Teresinha de Carvalho - a quem a pesquisadora expôs sobre o plano de trabalho e os objetivos da pesquisa.

Os contatos com os indivíduos eram feitos no momento em que a mulher procurava a delegacia para prestar queixa do marido agressor, ou quando lá comparecia acompanhada do mesmo, atendendo a intimação recebida, motivada por uma queixa anterior. A pesquisadora se apresentava e expunha sobre o trabalho de pesquisa, comunicando os objetivos e a espontaneidade da participação, isto é, que eles deveriam participar apenas se estivessem de acordo com ela. Havendo concordância, eram marcados dia e horário para a entrevista, na casa dos participantes.

Não foi usado gravador para não intensificar mais aspectos persecutórios no entrevistado, visto que, este trabalho envolve aspectos judiciais cujos dados coletados podem ser interpretados pelo entrevistado como prejudiciais ao seu processo. Nossa tentativa era justamente esclarecer os objetivos reais do trabalho, deixando claro que a entrevistadora não possuía qualquer vínculo com a delegacia e que os dados seriam úteis apenas à pesquisa.

Método

As entrevistas foram realizadas em casa dos participantes, entre agosto de 1991 a agosto de 1992, sem dias ou horários rigidamente estabelecidos, mas sim de acordo com a disponibilidade de tempo dos pesquisados e pesquisadora, sendo que, geralmente, se realizaram na sala de estar da casa e em finais de semana, com duração média de 1 a 2 horas. Foram realizadas duas entrevistas com cada casal participante, mas em alguns casos, foi iniciada e terminada numa única tarde.

A decisão sobre qual parceiro (a) iniciaria a pesquisa ficou a cargo do casal, assim como a decisão quanto a permanecer ou não na sala durante a entrevista com o outro cônjuge. A pesquisadora solicitou apenas que não houvesse interferência nas respostas do outro, o que nem sempre foi atendido.

Instrumento de Pesquisa

Foi utilizada uma anamnese-questionário com questões frouxas para permitir a verbalização espontânea da relação do casal e com outras figuras-chave do desenvolvimento do agressor: pai, mãe (ou seus substitutos), avós, irmãos, etc. Dentre essas questões fazem parte aquelas que compõem os motivos da agressão.

A anamnese-questionário foi baseada naquela aplicada no Hospital Maudsley de Londres e publicada no livro *Psiquiatria Clínica* de Mayer-Gross, Slater e Roth.(50) Foram também consultados os modelos de entrevistas psiquiátricas utilizados na Enfermaria de Psiquiatria e Ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Também foram adaptadas, questões ligadas à problemática pesquisada, visando favorecer o discurso livre dos entrevistados sobre os temas fundamentais do trabalho: a relação conjugal e a violência física nesta.

O método utilizado neste trabalho foi essencialmente o descritivo e os dados coletados foram analisados quantitativamente, através de análises estatísticas (28), entre as quais, podemos citar as porcentagens e o Teste Exato de Fischer. Procedemos também a uma análise qualitativa, onde aspectos psicodinâmicos foram discutidos.

4.2 - Grupo Comparativo

Sujeitos

O grupo comparativo consta de 30 (trinta) casais e o critério básico para inclusão no grupo foi a não ocorrência de agressões físicas entre eles, no passado ou presente.

Foram contatados nos mesmos bairros onde residem os casais do grupo de estudo e se caracterizam por apresentarem idade, nível escolar, tempo de convivência e renda familiar próxima ao do grupo de estudo, além de partilharem do mesmo espaço geográfico e os problemas e/ou recursos de infra-estrutura que o bairro oferece.

Instrumento de Pesquisa

O instrumento de pesquisa, a anamnese-questionário recebeu algumas alterações no tocante as questões referentes a agressão física. A ficha "História Progressiva da Ocorrência Policial" foi reelaborada, uma vez que entre esses casais não ocorrem agressões físicas, notificadas ou não, segundo suas afirmações. Foi elaborada uma única ficha, aplicável tanto ao homem quanto a mulher. As demais questões foram mantidas e assim foram aplicadas.

Método

De posse dos questionários, a pesquisadora se dirigia ao bairro anteriormente visitado, com a informação do casal que ali havia sido entrevistado (idade, nível escolar, tempo de convivência e renda familiar) e consultava os moradores (preferentemente no mesmo

quartirão ou no quartirão próximo a direita ou a esquerda da casa do casal pertencente ao grupo de estudo).

A pesquisadora se apresentava, informava quanto ao trabalho de pesquisa (objetivos e finalidades) e, havendo concordância em participar, fazia as primeiras perguntas para verificar semelhança de dados com o casal do grupo de estudo. Preenchido esse requisito, eram marcados dia e horário para as entrevistas, quando não era possível nesse mesmo dia da apresentação. Esse trabalho foi realizado nos meses de fevereiro e março de 1993.

4.3 - Plano Piloto

Em nosso plano inicial, havíamos estabelecido que as entrevistas seriam realizadas na própria delegacia, em sala cedida para este fim. Entretanto, surgiram algumas dificuldades:

- a necessidade de 2 ou mais entrevistas para se completar a pesquisa com o casal, uma vez que os questionários eram relativamente longos e demandavam tempo. Em consequência disso, iniciávamos a pesquisa, mas os casais não regressavam para as entrevistas subsequentes, necessárias para a conclusão;
- outros casais, alegando falta de tempo no momento e a necessidade de retornar ao trabalho, nem sequer a iniciavam, embora se mostrassem receptivos à ela;
- foi tentado, com a colaboração e assentimento de um casal, iniciar e concluir a entrevista de uma só vez, o que se mostrou desgastante tanto para os entrevistados como para a pesquisadora;
- as constantes modificações no espaço físico da delegacia, devido a vinda de novos funcionários, dificultava nosso trabalho, pois a cada alteração feita, ficávamos sem sala para atendimento, havendo necessidade de novas entrevistas com a delegada para repensarmos a situação.

Em vista destas dificuldades, nosso plano de ação inicial foi reestudado e decidimos que as entrevistas não mais seriam feitas na delegacia. Nela seriam feitos apenas os contatos com os casais que preenchessem o requisito da notificação. A pesquisadora então se apresentava ao casal, expunha sobre a pesquisa, seus objetivos e finalidades, enfim, adotava a mesma postura anterior e, no caso de haver concordância em participar, eram marcados dia e horário para o início das entrevistas em casa dos participantes.

Esse novo procedimento mostrou-se mais eficaz, embora mais trabalhoso, mas permitiu a conclusão do número de entrevistas estabelecido e uma aproximação maior entre entrevistadora e entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo e o sexo. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Grupo	Masculino	Feminino	Total
Grupo de Estudo	30 (50%)	30 (50%)	60 (100%)
Grupo Comparativo	30 (50%)	30 (50%)	60 (100%)
Total	60 (100%)	60 (100%)	120 (100%)

Tabela 1

Observando os dados da tabela 1, verificamos que 120 indivíduos participaram desta pesquisa. 60 pertencem ao Grupo de Estudo (GE), constituído de 30 homens e suas respectivas mulheres, com vínculo conjugal de, no mínimo, 6 meses (legalizado ou não) e com registro de agressão na Delegacia da Mulher de Campinas - SP.

Os 60 indivíduos do Grupo Comparativo (GC) também se constituem de 30 casais e estão distribuídos nos vários bairros de Campinas, onde residem os sujeitos do Grupo de Estudos (GE), e foram selecionados segundo os seguintes critérios:

- não ocorrência de agressão física entre o casal, atual ou passada;
- tempo de convivência, grau de escolaridade, idade e renda pessoal o mais próximo possível do Grupo de Estudos (GE).

Tabela 2 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a cor da pele, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Cor	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Branca	23 (76,67%)	19 (63,33%)	42 (70%)	20 (66,67%)	15 (50%)	35 (58,33%)
Negra	-	-	-	1 (3,33%)	-	1 (1,67%)
Mestiça	7 (23,33%)	11 (36,67%)	18 (30%)	9 (30%)	15 (50%)	24 (40%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 2

Analisando os dados da tabela 2, verificamos que entre a população do GE, 70% constituída de 23 homens (76,67% do total masculino) e 19 mulheres (63,33% do total feminino) é branca. 30%, sendo 7 homens (23,33% do total masculino) e 11 mulheres (36,67% do total feminino) inclui-se na categoria mestiços, não havendo negros entre essa população.

Entre a população do GC, 58,33%, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) é branca. 40% da população sendo 9 homens (30% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) pertence a categoria mestiços (mulatos, pardos); apenas 1,67% constituída de um único homem (3,33% do total masculino) é negra.

Feiguin e Bordini (27), em seu trabalho intitulado "Reflexões Sobre a Violência Contra a Mulher", encontraram uma grande proporção de casamentos e uniões interétnicas e, entre outras hipóteses, sugeriram que a agressão poderia estar ocorrendo por se tratar de uma relação mais conflituosa, já que permeada pela questão racial.

Em nosso trabalho, encontramos 13 casamentos interétnicos no GE e 12 no GC. No primeiro grupo, em 3 casos (2, 25 e 26), um dos cônjuges faz menção a diferença de cor entre os dois, mas apenas num deles (caso 25), o marido se refere pejorativamente à cor da mulher e a dos familiares dela: "as vezes a gente brigava porque eu falava mal da raça dela e ela não gostava. Com razão: eu nem conheço eles, pode até ser gente boa..."

Tabela 3 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a idade (expressa em anos), o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da coluna, que é de 100%.

Idade	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Menos de 20 Anos	- -	1 (3,33%)	1 (1,67%)	- -	- -	- -
20 A 25	3 (10%)	6 (20%)	9 (15%)	3 (10%)	5 (16,67%)	8 (13,33%)
26 A 30	7 (23,33%)	9 (30%)	16 (26,67%)	9 (30%)	7 (23,33%)	16 (26,67%)
31 A 40	12 (40%)	12 (40%)	24 (40%)	11 (36,67%)	15 (50%)	26 (43,33%)
41 Anos ou Mais	8 (26,67%)	2 (6,67%)	10 (16,67%)	7 (23,33%)	3 (10%)	10 (16,67%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 3

Verificando os dados da tabela 3, observamos que no GE, 40% do total da amostra, constituída de 12 homens (40% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) tinha entre 31 e 40 anos de idade; 26,67%, constituída de 7 homens (23,33% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino), apresentou idade compreendida entre 26 e 30 anos. 16,67%, sendo 8 homens (26,67% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) tinha mais de 41 anos de idade; 15%, constituída de 3 homens (10% do total masculino) e 6 mulheres (20% do total feminino), tinha entre 20 e 25 anos, enquanto 1,67%, constituída por 1 mulher (3,33% do total feminino) tinha menos de 20 anos. Logo, veriificamos que 66,66% dessa população, tem idade compreendida entre 26 e 40 anos.

Entre a população do GC, 43,33%, constituída de 11 homens (36,67% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) tinha entre 31 e 40 anos; 26,67% do total da amostra, sendo 9 homens (30% do total masculino) e 7 mulheres (23,33% do total feminino) tinha entre 26 e 30 anos. 16,67% (7 homens e 3 mulheres) tinha mais de 41 anos de idade. 13,33% sendo 3 homens e 5 mulheres, tinha entre 20 e 25 anos. Nessa população, 70% incluindo homens e mulheres, apresenta idade entre 26 e 30 anos.

Tabela 4 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, *segundo o estado civil, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Estado Civil	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Casado	20 (66,67%)	22 (73,33%)	42 (70%)	26 (86,67%)	26 (86,67%)	52 (86,67%)
Solteiro	8 (26,67%)	5 (16,67%)	13 (21,67%)	3 (10%)	4 (13,33%)	7 (11,67%)
Desquitado	-	2 (6,67%)	2 (3,33%)	1 (3,33%)	-	1 (1,67%)
Divorciado	2 (6,67%)	1 (3,33%)	3 (5%)	-	-	-
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 4

Verificando os dados da tabela 4, observamos que no GE, 70% do total da população, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 22 mulheres (73,33% do total feminino) é casada. 21,67%, sendo 8 homens (26,67% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) é solteira. 5% da população, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) é divorciada; enquanto 3,33% constituída de 2 mulheres (6,67% do total feminino) é desquitada, não havendo homens nesta condição.

Entre a população do GC, 86,67%, constituída de 26 homens (86,67% do total masculino) e 26 mulheres (86,67% do total feminino) é casada. 11,67%, constituída de 3 homens (10% do total masculino) e 4 mulheres (13,33% do total feminino) é solteira. Apenas 1,67% dessa população, constituída de 1 único homem (3,33% do total masculino) é desquitada.

Comparando os resultados da tabela, observa-se um número maior de indivíduos pertencentes ao GC, casados legalmente entre si (26 casais); enquanto que no GE, esse número é discretamente menor (20 casais). O número de solteiros, tanto homens quanto mulheres é também ligeiramente maior entre a população do GE, quando comparado ao GC, assim como o número de desquitados e divorciados.

Pode-se dizer que o número de indivíduos casados legalmente entre si é maioria nos dois grupos (Comparativo e de Estudo).

Esses números concordam com os achados de vários autores (Langley & Levy; Danda Prado, Albano & Montero; M.A. Azevedo; I. Rosen; Silva) que encontraram entre as vítimas de agressão, uma predominância de mulheres casadas, o que aliás, permitiu associar a "licença do casamento como licença para agredir".(2) (8) (46) (63) (68)

Tabela 5 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o grau de escolaridade, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Escolaridade	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Analfabeto	- (-)	1 (3,33%)	1 (1,67%)	1 (3,33%)	- (-)	1 (1,67%)
Semi-Analfabeto	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)	1 (3,33%)	3 (10%)	4 (6,67%)
Primário Incompleto	5 (16,67%)	7 (23,33%)	12 (20%)	3 (10%)	2 (6,67%)	5 (8,33%)
Primário Completo	8 (26,67%)	3 (10%)	11 (18,33%)	6 (20%)	8 (26,67%)	14 (26,67%)
Ginásio Incompleto	10 (33,33%)	12 (40%)	22 (36,67%)	9 (30%)	9 (30%)	18 (30%)
Ginásio Completo	3 (10%)	4 (13,33%)	7 (11,67%)	5 (16,67%)	4 (13,33%)	9 (15%)
Colegial Incompleto	- (-)	1 (3,33%)	1 (1,67%)	2 (6,67%)	2 (6,67%)	4 (6,67%)
Colegial Completo	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)	3 (10%)	2 (6,67%)	5 (8,33%)
Superior Incompleto	1 (3,33%)	- (-)	1 (1,67%)	- (-)	- (-)	- (-)
Superior Completo	1 (3,33%)	- (-)	1 (1,67%)	- (-)	- (-)	- (-)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 5

Verificando os dados da tabela 5, observamos que entre a população do GE, 36,67%, constituída de 10 homens (33,33% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) não completou o ginásio; 20%, sendo 5 homens (16,67% do total masculino) e 7 mulheres (23,33% do total feminino) não completou o primário. 18,33% constituída de 8 homens (26,67% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino) têm o primário completo. 11,67%, sendo 3 homens (10% do total masculino) e 4 mulheres (13,33% do total feminino) possui o ginásio completo; 3,33%, 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) não completou o curso colegial, enquanto outros 3,33%, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) é semi-analfabeta. 1,67% constituída de 1 única mulher (3,33% do total feminino) é analfabeta. 1,67% do total da população, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) está cursando a faculdade, enquanto 1,67%, constituída de 1 homem (3,33% do total masculino) possui o curso superior completo, não existindo nenhuma mulher nas duas últimas categorias.

Entre a população do GC, 30% constituída de 9 homens (30% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino) não completou o ginásio. 26,67%, constituída de 6 homens (20% do total masculino) e 8 mulheres (26,67% do total feminino) têm o primário completo; 15%, sendo 5 homens (16,67% do total masculino) e 4 mulheres (13,33% do total feminino) completou o ginásio. 8,33%, constituída de 3 homens (10% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) não completou o curso primário. 8,33% da população sendo 3 homens (10% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) possui o colegial completo, enquanto 6,67%, constituída de 2 homens (6,67% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) não completou o colegial. 6,67%, constituída de 1 homem (3,33% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino) é semi-analfabeta e 1,67%, constituída de 1 único homem (3,33% do total masculino) é analfabeta.

Analisando os resultados dos 2 grupos, observamos que há uma maior concentração de indivíduos do GE (homens e mulheres) nas categorias compreendidas entre primário incompleto e ginásio incompleto, e no GC, os indivíduos (homens e mulheres) se concentram mais nos níveis escolares compreendidos entre primário completo e ginásio completo, mostrando uma elevação cultural entre os indivíduos deste último grupo; notamos também que os indivíduos do GC tendem mais que os do outro grupo, a concluírem o curso iniciado. Apesar disso, os resultados observados não concluem que existe associação entre baixo nível escolar e agressão física do homem contra a esposa, uma vez que há semelhança de escolaridade entre os dois grupos.

Dados da literatura (8), (27), (46), (57) e (68) referem-se a diversidade nos níveis sócio-econômico e cultural dos casais que se envolvem regularmente em agressão física; embora tal prática seja mais visível e denunciada entre a população de baixa renda e, conseqüentemente, baixo nível escolar.

Tabela 6 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a ocupação atual, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Ocupação	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
I	3 (10%)	- -	3 (5%)	4 (13,33%)	2 (6,67%)	6 (10%)
II	3 (10%)	5 (16,67%)	8 (13,33%)	- -	4 (13,33%)	4 (6,67%)
III	13 (43,33%)	1 (3,33%)	14 (23,33%)	15 (50%)	- -	15 (25%)
IV	7 (23,33%)	12 (40%)	19 (31,67%)	8 (26,67%)	7 (23,33%)	15 (25%)
V	- -	12 (40%)	12 (20%)	- -	17 (56,67%)	17 (28,33%)
VI	2 (6,67%)	- -	2 (3,33%)	2 (6,67%)	- -	2 (3,33%)
VII	2 (6,67%)	- -	2 (3,33%)	1 (3,33%)	- -	1 (1,67%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Categorias Profissionais

CATEGORIA I - Posições de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais: chefes de escritório, de repartição pública, comerciante, construtor, professor secundário).

CATEGORIA II - Ocupações não manuais de rotina e assemelhadas: auxiliar de escritório, comerciário, ferroviário, comerciário, recepcionista, atendente de enfermagem, emissor de passagens, inspetor de alunos.

CATEGORIA III - Ocupações manuais especializadas e assemelhadas: eletricista, encanador, funileiro, marceneiro, mecânico, motorista, pedreiro, sapateiro, pintor, serralheiro, metalúrgico).

CATEGORIA IV - Ocupações manuais não especializadas: coletor de lixo, guarda noturno, viigilante, empregada doméstica, ajudante de serviços gerais, carregador, tecelão, coveiro, lavador de carros, industriário, faxineiro).

CATEGORIA V - Ocupações do lar: dona-de-casa.

CATEGORIA VI - Aposentado.

CATEGORIA VII - Desempregado.

Tabela 6

Observando os dados da tabela 6, verificamos que na população do GE, 31,67%, sendo 7 homens (23,33% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) pertence a categoria IV das ocupações manuais não especializadas (vigilantes, serviços gerais, empregadas domésticas, etc.), enquanto 23,33%, constituído de 13 homens (43,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) está na categoria III, das ocupações manuais especializadas (eletricista, funileiro, marceneiro, etc.). 20% dessa população, sendo 12 mulheres (40% do total feminino) pertence a categoria V, das ocupações do lar; 13,33%, sendo 3 homens (10% do total masculino) está na categoria I, das posições de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais (chefes de escritório, de repartição pública, comerciante, etc.); 3,33%, constituído de 2 homens (6,67% do total masculino) pertence a categoria VI dos aposentados, enquanto 3,33%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) está na categoria VIII, dos desempregados.

Na população do GC, verificamos que 28,33%, sendo 17 mulheres (56,67% do total feminino) pertence a categoria V, das ocupações do lar; 25%, constituído de 15 homens (50% do total masculino) enquadra-se na categoria III, referente a ocupações manuais especializadas; 25% da população, constituída de 8 homens (26,67% do total masculino) e 7 mulheres (23,33% do total feminino) está na categoria IV, das ocupações manuais não especializadas. 10%, sendo 4 homens (13,33% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) pertence a categoria I, das posições de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais; 6,67%, sendo 4 mulheres (13,33% do total feminino) está na categoria II, das ocupações não manuais de rotina e assemelhados. 3,33%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) se encontra na categoria VI, dos aposentados, enquanto 1,67% dessa população, constituída por um único homem (3,33% do total masculino) está na categoria VII, dos desempregados.

A divisão das categorias das atividades ocupacionais foi adaptada do manual do candidato ao vestibular da UNICAMP de 1994, aproveitando abrangência das ocupações e aproveitando a análise.

Observando os resultados da tabela, verificamos que nos dois grupos há maior incidência entre as categorias III e IV, das ocupações manuais especializadas e não especializadas, atividades estas características de classes de baixo poder aquisitivo. Confirmamos assim o que vimos observando: que embora a agressão física do homem contra a mulher perpassse todos os níveis e classes sociais, é nas classes populares que ela se faz mais visível e denunciável. Esses resultados estão de acordo com os trabalhos de Azevedo (8), Silva (68) e Langley e Levy (46).

Tabela 7 - Distribuição dos 60 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Comparativo (GC), segundo o sexo, a idade (expressa em anos) de início no trabalho e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Idade	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
6 A 10	15 (50%)	13 (43,33%)	28 (46,67%)	12 (40%)	8 (26,67%)	20 (33,33%)
11 A 15	12 (40%)	14 (46,67%)	26 (43,33%)	16 (53,33%)	13 (43,33%)	29 (48,33%)
16 A 20	3 (10%)	-	3 (5%)	2 (6,67%)	6 (20%)	8 (13,33%)
Mais de 20 Anos	-	2 (6,67%)	2 (3,33%)	-	1 (3,33%)	1 (1,67%)
Nunca Trabalhou	-	1 (3,33%)	1 (1,67%)	-	2 (6,67%)	1 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 7

Observando os dados da tabela 7, verificamos que no GE, 46,67% do total da população, constituída de 15 homens (50% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) refere ter iniciado no trabalho entre os 6 e 10 anos de idade. 43,33%, constituída de 12 homens (40% do total masculino) e 14 mulheres (46,67% do total feminino), iniciou no trabalho entre os 11 e 15 anos de idade. 5%, sendo 3 homens (10% do total masculino) iniciou no trabalho entre os 16 e 20 anos de idade, não havendo mulheres nesta condição. 3,33%, constituída de 2 mulheres (6,67% do total feminino) iniciou no trabalho com idade superior a 20 anos. 1,67%, constituída por 1 mulher (3,33% do total feminino) refere nunca ter trabalhado fora de casa, não havendo nenhum homem nestas duas últimas condições.

Verificamos que na população total do GC, 48,33%, constituída de 16 homens (53,33% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) iniciou o trabalho com idade entre 11 e 15 anos. 33,33% constituída de 12 homens (40% do total masculino) e 8 mulheres (26,67% do total feminino) refere ter iniciado o trabalho com idade entre 6 e 10 anos de idade. 13,33%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 6 mulheres (20% do total feminino), iniciou no trabalho com idade compreendida entre os 16 e 20 anos de idade. 3,33%, constituída de 2 mulheres (6,67% do total feminino), refere nunca ter trabalhado. 1,67%, sendo 1 mulher (3,33% do total feminino) iniciou o trabalho com idade superior a 20 anos, não havendo nas duas últimas categorias, nenhum homem.

Comparando os resultados da tabela, observa-se que a grande maioria de indivíduos nos dois grupos, iniciaram precocemente no trabalho. Contudo, entre os indivíduos do GE, são comuns os relatos da "dureza" da vida, do trabalho duro na lavoura e viagens à escola distante, sendo que muitos nem terminaram o curso básico; falam também da falta de infância e brincadeiras e folguedos típicos e necessários à idade. "Na roça, a machadinha é o brinquedo da criançada" (caso 20); "não tive infância de brincar" (caso 4); "nunca tive infância, sou infantil até hoje" (caso 6), são algumas frases ouvidas nas entrevistas.

É possível que os indivíduos do GC, embora também tenham iniciado precocemente no trabalho, tenham sentido da parte de seus pais ou responsáveis, uma maior preservação em relação aos filhos, ao "sentimento" de infância; uma capacidade maior em proporcionar segurança, proteção, apesar de todos os problemas econômicos e familiares pelos quais eles também passaram, como veremos nas próximas tabelas.

Tabela 8 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem satisfação com o trabalho atual, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Satisfação	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	18 (60%)	13 (43,33%)	31 (51,67%)	18 (60%)	9 (30%)	27 (45%)
Não	8 (26,67%)	5 (16,67%)	13 (21,67%)	9 (30%)	4 (13,33%)	13 (21,67%)
Não Trabalha	4 (13,33%)	12 (40%)	16 (26,67%)	3 (10%)	17 (56,67%)	20 (33,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 8

Verificando os dados da tabela 8, observamos que entre a população do GE, 51,67%, constituída de 18 homens (60% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) se diz satisfeito com o trabalho atual, enquanto 21,67% do total da população, constituída de 8 homens (26,67% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino), relata não estar satisfeito com o trabalho atual. 20% dessa população, constituída de 12 mulheres (40% do total feminino) é dona-de-casa e 6,67%, constituída de 4 homens (13,33% do total masculino) não está trabalhando atualmente, sendo 2 aposentados e 2 desempregados, não havendo mulheres nesta condição.

No GC, 45% do total da população, constituída de 18 homens (60% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino) se diz satisfeito com o trabalho atual, enquanto 21,67%, sendo 9 homens (30% do total masculino) e 4 mulheres (13,33% do total feminino) se diz insatisfeito com o trabalho atual. 28,33%, constituída de 17 mulheres (56,67% do total feminino) não exerce função fora do lar e 5%, constituída de 3 homens (10% do total masculino) não está trabalhando atualmente, sendo 2 aposentados e 1 desempregado, não havendo nenhuma mulher nesta condição.

Comparando os resultados entre os dois grupos, observamos que o número de indivíduos que se dizem satisfeitos e insatisfeitos com o trabalho desenvolvido à época das entrevistas, é bastante próximo. Esses números não nos permitem concluir que existe associação entre insatisfação no trabalho e agressão ao cônjuge.

Contudo, alguns indivíduos do GE, referem estar "trabalhando demais" ou "trabalhar enquanto tiver serviço" (casos 1, 2, 12, 14, 15, 17, 24 e 26), sendo que dentre esses, dois relatam trabalhar 16 e 24 horas por dia. Algumas mulheres relatam que o marido "descarrega" na família, problemas não resolvidos no trabalho. Muitos reclamam do baixo salário, embora gostem da profissão. Outros relatam que os problemas familiares estão interferindo no trabalho. Notamos que há uma conjunção de fatores psico-sociais, interferindo no desempenho em ambos os espaços: público e privado, trazendo sérias consequências para o casal e para os filhos: maior irritabilidade, menor tolerância aos problemas do dia-a-dia, menos paciência e dedicação aos filhos, etc.

No Fórum de Debates promovido pelo DIESAT (26) em setembro de 1981, sobre "Horas Extras, Turnos e Ritmos de Trabalho", dirigentes e bases sindicais debateram sobre o desgaste para a saúde, advindo do trabalho excessivo: "a perda de horas de repouso, a alteração do horário de refeições, aliada à própria tensão inerente ao trabalho em excesso, têm reflexos no comportamento, com o aparecimento de irritabilidade fácil, nervosismo, consequentes do desgaste mental, responsável por muitos casos de internações em hospitais psiquiátricos".

Tabela 9 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a naturalidade (local de nascimento), o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Naturalidade	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Outros Estados	8 (26,67%)	12 (40%)	20 (33,33%)	15 (50%)	16 (53,33%)	31 (51,67%)
Estado de São Paulo	14 (46,67%)	13 (43,33%)	27 (45%)	10 (33,33%)	8 (26,67%)	18 (30%)
Campinas	8 (26,67%)	5 (16,67%)	13 (21,67%)	5 (16,67%)	5 (16,67%)	10 (16,67%)
Outro País	-	-	-	-	1 (3,33%)	1 (1,67%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 9

Verificando os dados da tabela 9, observamos que 45% da população do GE, sendo 14 homens (46,67% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) é natural de outras cidades do interior de São Paulo, enquanto 33,33%, constituída de 8 homens (26,67% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) nasceu em outros Estados do Brasil, como Paraná, Minas Gerais, etc.; 21,67%, constituída de 8 homens (26,67% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) é nascida em Campinas, não existindo estrangeiros neste grupo. Portanto, 78,33% do total do GE, é nascida em localidades fora de Campinas. Este total aproxima-se muito daquele encontrado no GC, isto é, a maioria da população é constituída de migrantes, nascidos em outras regiões do Estado de São Paulo, e mesmo fora dele.

Na população do GC, 51,67% constituída de 15 homens (50% do total masculino) e 16 mulheres (53,33% do total feminino) é oriunda de outros Estados brasileiros, que não o Estado de São Paulo; 30% constituída de 10 homens (33,33% do total masculino) e 8 mulheres (26,67% do total feminino) é natural de outras cidades do interior do Estado de São Paulo, enquanto 16,67% sendo 5 homens (16,67% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) é de Campinas. Apenas um indivíduo deste grupo, 1,67% do total da população (3,33% do total feminino) refere outra nacionalidade: Iugoslávia. Logo, 83,33% deste grupo, é nascido fora da cidade de Campinas.

Contudo, observamos que entre os indivíduos do GE, um número maior deles, quando comparado ao GC, demonstram vários graus de instabilidade e insatisfação em suas vidas: mudanças constantes de empregos e de ocupações, baixos salários, queixas em relação a falta de estudos, consequência do início precoce no trabalho na lavoura, que por sua vez, pouco qualificou-os para exercerem atividades fora de áreas rurais; índice elevado de alcoolismo entre eles (casos 4, 6, 7, 10, 12, 13, 17, 20, 22, 23, 24, 26, 28 e 30).

Janice Perlman, (61) em seu livro "O Mito da Marginalidade", afirma que a saída do campo, em geral, é motivada pelo esgotamento dos solos, por condições climáticas adversas, em particular, secas ou inundações, por divisões cada vez menores de lotes para a agricultura de subsistência ou, pelos latifúndios e pela mecanização da lavoura.

Cabral (18) faz referência as consequências desse grave quadro social de que é vítima o migrante: "o resultado da evasão do campo para as grandes cidades é a miséria, a desordem, a segregação e os preconceitos, os vícios, a violência, o trabalho escasso e mal remunerado e, particularmente, a frustração dos sonhos dos migrantes".

Veremos nas tabelas seguintes, que esses fatores, embora muito importantes, não são os únicos determinantes para a eclosão da violência entre o casal.

Tabela 10 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a religião que pratica, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Religião	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Católica	20 (66,67%)	15 (50%)	35 (58,33%)	22 (73,33%)	17 (56,67%)	39 (65%)
Crente	2 (6,67%)	3 (10%)	5 (8,33%)	6 (20%)	8 (26,67%)	14 (23,33%)
Espírita	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)	1 (3,33%)	-	1 (1,67%)
Testemunha de Jeová	-	2 (6,67%)	2 (3,33%)	1 (3,33%)	-	1 (1,67%)
Católica e Outros	3 (10%)	6 (20%)	9 (15%)	-	2 (6,67%)	2 (3,33%)
Sem Religião	4 (13,33%)	3 (10%)	7 (11,67%)	1 (3,33%)	2 (6,67%)	3 (5%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 10

Nos dados da tabela 10, observamos que entre a população total do GE, 58,33% do total da população, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) se diz católica (embora mais de 70% dentre esses, afirme não ser praticante). 15%, constituída de 3 homens (10% do total masculino) e 6 mulheres (20% do total feminino) relata ser católica, mas eventualmente, busca outros preceitos religiosos. 11,67% sendo 4 homens (13,33% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino) relata não professar religião alguma; 8,33%, constituída de 2 homens (6,67% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino) se diz crente. 3,33%, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) refere ser espírita. 3,33% constituída de 2 mulheres (6,67% do total feminino) é testemunha de Jeová, não havendo homens nesta condição.

Na população total do GC, 65%, constituída de 22 homens (73,33% do total masculino) e 17 mulheres (56,67% do total feminino) se diz católica; 23,33%, sendo 6 homens (20% do total masculino) e 8 mulheres (26,67% do total feminino) afirma ser crente. 5%, constituída de 1 homem (3,33% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) confessa-se sem religião. 3,33%, constituída de 2 mulheres (6,67% do total feminino) é católica e, eventualmente, busca outras práticas religiosas, não existindo homens nesta condição. 1,67%, constituída de 1 homem (3,33% do total masculino) se diz testemunha de Jeová e 1,67% constituída de 1 única mulher (3,33% do total feminino) se declara espírita.

Analisando os dados da tabela, verificamos que entre os indivíduos do GC há uma maior observância dos preceitos religiosos e muitos entre eles, participam juntos em sua comunidade, de atividades relacionadas à igreja ou cultos, como campanhas de caridade, cursilhos, participação nos coros e cânticos, etc. No GE, ao contrário, um único casal relata frequentar regularmente a igreja e o vem fazendo recentemente, como tentativa de aliviar as tensões conjugais, pois, segundo afirmam "crente não permite brigas, nem vícios". Em outros casos, em que a mulher afirma frequentar regularmente uma religião, esta frequência parece ser mais um motivo de desunião ou desavença entre eles, seja porque o marido critica a escolha da religião ou, então, porque a mulher lamenta e critica o fato de o marido não acompanhá-la.

As igrejas, em sua maioria, têm um discurso moralizante em termos de casamento, vida casta, adultério e sexo fora ou antes da casamento.(49) (71) As igrejas pentecostais, que vem conseguindo atualmente, mais e mais adeptos, reforçam este moralismo, aumentando a culpa em relação ao desejo sexual entre aqueles indivíduos que, devido a suas histórias de vida, se acham mais predispostos, aumentando a tensão reinante no lar e inibindo o casal em suas demonstrações de afeto.

Tabela 11 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a renda pessoal mensal (expressa em salários-mínimos), o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Renda Pessoal	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
1 A 3	15 (50%)	16 (53,33%)	31 (51,67%)	12 (40%)	12 (40%)	24 (40%)
3 e 1/2 A 5	6 (20%)	1 (3,33%)	7 (11,67%)	9 (30%)	1 (3,33%)	10 (16,67%)
5 e 1/2 A 8	4 (13,33%)	1 (3,33%)	5 (8,33%)	6 (20%)	-	6 (10%)
8 e 1/2 A 10	3 (10%)	-	3 (5%)	2 (6,67%)	-	2 (3,33%)
Desempregado	2 (6,67%)	-	2 (3,33%)	1 (3,33%)	-	1 (1,67%)
Dona-de-casa	-	12 (40%)	12 (20%)	-	17 (56,67%)	17 (28,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 11

Verificando os dados da tabela 11, observamos que entre os indivíduos do GE, 51,67%, constituída de 15 homens (50% do total masculino) e 16 mulheres (53,33% do total feminino) recebe mensalmente entre 1 e 3 salários mínimos. 20% do total da população, constituída apenas de mulheres (40% do total feminino) é dona-de-casa e não possui renda. 11,67%, sendo 6 homens (20% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) percebe entre 5 e 1/2 a 8 salários mínimos. 5% dessa população, sendo 3 homens (10% do total masculino) recebe entre 8 e 1/2 a 10 salários mínimos, não havendo mulheres nesta condição. 3,33% constituída de 2 homens (6,67% do total masculino) está desempregada, também não havendo, nesta condição, nenhuma mulher.

Entre a população do GC, 40%, sendo 12 homens (40% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) percebe entre 1 a 3 Salários Mínimos mensais. 28,33% da população, constituída de 17 mulheres (56,67% do total feminino) é dona-de-casa e não possui renda mensal. 16,67%, sendo 9 homens (30% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) recebe entre 3 e 1/2 a 5 salários mínimos; 10%, constituída de 6 homens (20% do total masculino) percebe de 5 e 1/2 a 8 salários mínimos. 3,33%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) recebe entre 8 e 1/2 a 10 salários mínimos. 1,67% dessa população, constituída de apenas 1 homem (3,33% do total masculino) encontra-se desempregada.

Comparando os resultados entre as populações masculina e feminina dos dois grupos, observamos um declínio no número de mulheres, à medida que o nível salarial aumenta, embora como já tenhamos visto em outra tabela, o nível escolar entre os gêneros seja bastante equilibrado.

Verificamos também que o número de mulheres no GC que se ocupa exclusivamente dos serviços domésticos e do cuidado com os filhos é discretamente maior que o número de mulheres com tal ocupação no GE. Neste último grupo, 2 mulheres relatam exercer atividades para aumentar a renda familiar na própria casa; outras relatam desejo de procurar um trabalho para conseguirem maior independência ou melhoria da renda familiar. Tais relatos e desejos não foram verificados entre as donas-de-casa do GC, que pareceram mais realizadas em suas ocupações.

Os trabalhos de pesquisadoras e estudiosas da condição feminina, como por exemplo: Saffioti (66), Whitaker (79), Studart (74), Nunes (55), Prado (63) e Beloti (11) têm enfatizado a pouca importância que os homens e a sociedade em geral, denotam aos trabalhos domésticos, relegando-os à mulher, que até há poucas décadas atrás, tinha pouca ou nenhuma participação na esfera pública.

Com as mudanças havidas nos últimos anos, um número maior de casais, têm procurado alternativas para a realização das tarefas no lar, uma vez que as mulheres vêm ocupando espaços cada vez maiores no mercado de trabalho, se tornando economicamente independentes e/ou contribuindo com a renda familiar. Contudo, observa-se que tais avanços são mais frequentes entre as classes média e alta, possivelmente porque estas pessoas possuem maior acesso às inovações e informações em vários campos e níveis de vida.

Entre as classes menos favorecidas, observa-se ainda uma nítida divisão entre as tarefas e espaços destinados ao homem e a mulher e, ainda que ela exerça uma função remunerada fora do lar, ela será responsável pelo serviço da casa e os cuidados com os filhos. (39) "Quem voce pensa que é? Volte para o tanque e a cozinha! É lá o seu lugar!" (1); "Minha mulher não está cuidando adequadamente da casa e de nossa filha". (5); "Minha mulher não tem

qualidades: não lava, não passa, não cozinha; prefere pagar prá que façam isso prá ela!" (23); são essas algumas das falas dos discursos desses homens que, se não revela exatamente o que pensam, demonstram ao menos, uma tentativa de diminuir a mulher, frente aos seus próprios olhos e aos olhos de outros, utilizando-se do velho chavão: "lugar de mulher é na cozinha!"

Tabela 12 - Distribuição dos 60 casais que participaram desta pesquisa, *segundo o número de pessoas residentes na casa, na época da entrevista e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC)*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total que é de 100%.

Número de Pessoas	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
2	3 (10%)	2 (6,67%)
3	6 (20%)	7 (23,33%)
4	13 (43,33%)	12 (40%)
5	4 (13,33%)	3 (10%)
6	2 (6,67%)	3 (10%)
7	2 (6,67%)	3 (10%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 12

Verificando os dados da tabela 12, observamos que entre a população do GE, 43,33% constituída de 13 casais, tem a família composta por 4 membros; 20% sendo 6 pares, a família se compõe de 3 membros. 13,33% constituída de 4 deles, a família é composta por 5 membros, enquanto 10% dessa população, constituída por 3 casais, tem apenas dois membros na família, isto é, o casal nuclear. 6,67% sendo 2 pares, possui família constituída por 6 membros. 6,67% (2 casais) tem a família composta por 7 membros.

Entre a população do GC, 40%, constituída de 12 casais, tem a família composta por 4 membros; 7 deles, constituindo 23,33% da amostra, é composta de 3 membros. 10%, sendo 3 casais, têm 5 pessoas na casa. 10% relativo a 3 pares, a família se compõe de 6 membros; 10% (3 casais) tem a família constituída por 7 membros. 6,67% do total da população, (2 pares) a família se constitui de apenas 2 membros, isto é, marido e mulher.

Comparando os dados, verificamos que os dois grupos (E e C) se compõe basicamente de famílias nucleares, isto é, marido, mulher e filhos. O número de filhos se equipara entre os dois grupos, sendo que no GE, existe 1 único caso (8) onde, junto com o casal, residem dois irmãos da agredida, sendo este fato, motivo para conflitos entre o casal.

Observamos também que o número de filhos do casal, na sua grande maioria, não ultrapassa o número de 3, tanto no GC quanto no GE, havendo no segundo grupo (C), número ligeiramente maior de casais com mais filhos, quando comparados aos casais do GE.

Observa-se que entre as mulheres do GE, algumas relatam o desejo de terem mais filhos, mas devido aos problemas com o marido, evitam a gravidez, pois no caso de uma separação, muitos filhos dificultariam ainda mais a situação (casos 6, 9, 13 e 20).

Tabela 13 - Distribuição dos 60 casais que participaram desta pesquisa, segundo o número de cômodos existente na casa e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Número de Cômodos	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
1	1 (3,33%)	- -
2	1 (3,33%)	2 (6,67%)
3	15 (50%)	3 (10%)
4	9 (30%)	18 (60%)
5	1 (3,33%)	3 (10%)
6	1 (3,33%)	3 (10%)
7	2 (6,67%)	- -
8	- -	1 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 13

Analisando os dados da tabela 13, verificamos que entre a população do GE, 50% dos casais (em número de 15) reside em casa de 3 cômodos, enquanto 30% constituída de 9 casais reside em casa de 4 cômodos. 6,67% sendo 2 casais, reside em casa de 7 cômodos; 3,33% sendo 1 casal, reside em casa de 5 cômodos. 3,33% constituída de 1 casal reside em domicílio de 6 cômodos. Outros 3,33% constituído de 1 casal, reside em casa de 2 cômodos, enquanto 3,33% (1 casal) reside em casa de 1 único cômodo.

Entre a população do GC, 60% constituída de 18 casais, reside em casa de 4 cômodos; 10% constituída de 3 casais reside em domicílio de 6 cômodos e 10% sendo 3 casais, reside em casa de 3 cômodos. 6,67% constituída de 2 casais, reside em casa de apenas 2 cômodos, enquanto 3,33% (1 casal), reside em casa de 8 cômodos.

Observando os dados da tabela, verificamos que metade do número de casais do GE, reside em domicílios de apenas 3 cômodos, enquanto mais de 50% de casais do GC, habita em casas de 4 cômodos. Deduzimos disso que, um maior número de indivíduos no GE, se encontram "oprimidos e espremidos" em espaços exíguos, quando comparados aos indivíduos do GC e, ainda que essa diferença seja pequena, ela existe. Tal diferença aliada a outros fatores psico-sociais mais sérios e profundos entre os indivíduos do GE, quando comparados aos indivíduos do outro grupo, produz como veremos nas tabelas seguintes, um coquetel explosivo, campo propício para a violência. A falta de privacidade, o "amontoadado" de pessoas em poucos e pequenos espaços, impossibilita ao casal, um espaço reservado apenas para eles, para um momento deles. Ao invés disso, eles se dividem em 2, 3 cômodos, com filhos e, as vezes, parentes. Num dos casos (8), o casal, 3 filhos e 2 jovens cunhados vivem em uma pequena casa com 3 cômodos. Ela relata se sentir "fria" em relação ao marido; ele fala do "nervosismo" dele e dela como precipitantes das agressões. Mas é de se questionar, se se pode manter a sanidade numa situação destas.

A este respeito, Knobel (45) cita Morie Langer: "mas quem se dedica a desmascarar a miséria sexual do proletariado? Como pode se sentir o operário com sua companheira exausta, em sua habitação precária, em plena promiscuidade? Isso adocece o pai, a mãe, os filhos. É uma realidade que exige então uma confrontação que, se bem possa fazer-se do ponto de vista psicológico, passa pelo sociopolítico. É necessário fazer algo a esse nível e dessa perspectiva".

Knobel (45) acrescenta que a injustiça social obriga a um nível miserável onde, aparentemente, o psicológico pouco importa. É mentira, diz ele: "importa sim e deve ser objeto de preocupação do governo, que está obrigado a proteger o povo. O problema de moradia não é só social. Tem sua repercussão psicológica, na saúde geral e na saúde mental, em especial".

Tabela 14 - Distribuição dos 60 casais que participaram desta pesquisa, *segundo o tipo de moradia e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC)*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Tipo de Moradia	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
Apartamento	3 (10%)	3 (10%)
Casa Térrea	19 (63,33%)	19 (63,33%)
Casa de Fundos	5 (16,67%)	6 (20%)
Barraco	1 (3,33%)	1 (3,33%)
Cortiço	2 (6,67%)	1 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 14

Observando os dados da tabela 14, verificamos que entre a população do GE, 63,33%, constituída de 19 casais, habita em casa térrea; 16,67% sendo 5 casais, reside em casa térrea de fundos. 10% constituída de 3 casais reside em apartamento. 6,67% constituída de 2 casais, reside em cortiço. 3,33% sendo 1 único casal, mora em barraco.

Entre a população do GC, 63,33% constituída de 19 casais, habita em casa térrea; 20% sendo 6 casais, reside em casa térrea de fundos. 10%, constituída de 3 casais, reside em apartamento. 3,33% sendo 1 casal, mora em barraco; outros 3,33% constituída de 1 casal, habita em cortiço.

Os sociólogos Rodney Stark e James McEvoy III (apud Langley & Levy) afirmam que o baixo padrão habitacional das classes populares tende a diminuir a privacidade da vida do casal, sendo que muitas de suas disputas, ocorrem em bares da vizinhança, nas calçadas e em apartamentos de paredes finas.(46) Em alguns casos de nosso trabalho, verificamos que realmente ocorreu dessa forma (casos 1, 9, 17, 18, 20 e 27).

Tabela 15 - Distribuição dos 60 casais participantes desta pesquisa, *segundo as condições de propriedade e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC)*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da coluna, que é de 100%.

Condições de Propriedade	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
Casa Própria	17 (56,67%)	20 (66,67%)
Casa Alugada	9 (30%)	3 (10%)
Casa Cedida	4 (13,33%)	7 (23,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 15

Verificando os dados da tabela 15, observamos que entre a população do GE, 56,67%, constituída de 17 casais, refere ter casa própria. 30% dessa população, constituída de 9 casais, habita em casa alugada. 13,33%, sendo 4 casais, reside em casa cedida por outros.

Entre a população do GC, 66,67%, constituída de 20 casais, refere ter casa própria. 23,33%, sendo 7 casais, habita em casa cedida, enquanto 10%, constituída de 3 casais, reside em casa alugada.

Comparando os resultados entre os dois grupos, observamos uma pequena diferença para maior, entre os indivíduos do GC que referem possuir casa própria, quando comparados aos indivíduos do GE.

A segurança de ter um teto para morar, a despreocupação em não pagar aluguel "dinheiro que vai e não volta mais" - são fatores sem dúvida, importantes.

É interessante notar que parece haver uma relação entre esses casais psicologicamente estruturados e casa própria, cuja aquisição está associada a maior estabilidade psico-social, profissional e financeira.

Tabela 16 - Distribuição dos 30 indivíduos participantes desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudo, *segundo a história da agressão e o fato de pertencerem ao sexo feminino*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da coluna, que é de 100%.

História da Agressão	Sim	Não	Não Respondeu
Primeira Queixa	22 (73,33%)	8 (26,67%)	-
Veio por Iniciativa Própria	21 (70%)	9 (30%)	-
Prosseguirá com o Processo	11 (36,67%)	17 (56,67%)	2 (6,67%)
Reagiu a Primeira Agressão	16 (53,33%)	12 (40%)	2 (6,67%)
Reage as Agressões Atualmente	22 (73,33%)	4 (13,33%)	4 (13,33%)

Tabela 16

Observando os dados da tabela 26, verificamos que, 73,33% da população feminina do GE (22 mulheres) refere ser esta a primeira vez que notificaram a agressão sofrida; 26,67% constituída de 8 mulheres, relata notificação (ões) anterior (es) a esta, porém, não deram prosseguimento. É importante notar que na população feminina total desse grupo, apenas uma mulher refere ser esta a primeira vez que ocorre agressão física entre o casal (o marido afirma que já aconteceram outras).

Com relação a iniciativa da notificação, 70% dessa população (21 mulheres) relata ter ido à Delegacia por iniciativa própria, enquanto 30% (9 mulheres) foram a conselho de outras pessoas (pais, irmãos, advogados, policiais, etc.). Verificamos assim que:

- é bastante significativo nessa população, o número de mulheres que procuram a delegacia por iniciativa própria, o que nos leva a deduzir um maior interesse dessas mulheres em conhecer e fazer respeitar seus direitos de cidadã e ser humano;

- sobre as mulheres que lá foram, incentivadas por outras pessoas, podemos deduzir, em consonância com o primeiro item, que o isolamento a que se confinam, a vergonha e o medo de represálias do próprio marido, também vem sendo lenta e sistematicamente quebrados.

Sobre o prosseguimento com o processo, 56,66% (17 mulheres) relatam que não darão continuidade ao mesmo. Os motivos alegados são: separação e/ou reconciliação do casal, bons resultados obtidos com a notificação da agressão (apenas uma mulher relata que a notificação "não adiantou nada" e, por isso, "não vale a pena sofrer mais"). 36,67% (11 mulheres) pretende prosseguir com o processo, abrindo inquérito, seja porque o marido continua a beber, seja porque assim o deseja, ou devido a lesão corporal sofrida. 6,67% da população, constituída de 2 mulheres, relata que só dará continuidade no caso de haver novas agressões.

Com relação a reação à primeira agressão física sofrida, 53,33% (16 mulheres) refere ter reagido; 40% constituída de 12 mulheres, relata não ter reagido a primeira agressão física perpetrada pelo marido atual. 6,67% (2 mulheres) relata não se lembrar se reagiu ou não a agressão. Deduzimos, portanto, que nesta população, mais da metade do número de mulheres reagiram e reagem às agressões sofridas. O mito da mulher que apanha calada e aceita sua "sina de mulher", queremos acreditar, está se desfazendo, em função de uma não mais aceitação deste suposto "destino". Para isto tem colaborado os meios de comunicação e os movimentos feministas.

Atualmente, 73,34% da população, constituída de 22 mulheres, relata reagir às agressões físicas do marido, enquanto 13,33% (4 mulheres) relata reagir "as vezes"; apenas 13,33% (4 mulheres) afirma não reagir a elas. Verificamos assim, que com o tempo e a repetição das agressões, a mulher aprende a reagir e a se defender e, inclusive, a solicitar ajuda aos órgãos competentes nessas questões; o fato também das agressões repetidas se tornarem cada vez mais violentas e afetarem tanto a mulher como os filhos, leva-as a tomarem uma decisão.

Tabela 17 - Distribuição dos 60 indivíduos participantes desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudo, *segundo o motivo da agressão física e o sexo*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da coluna, que é de 100%.

Motivo do Conflito	Masculino	Feminino	Total
Uso Abusivo do álcool	11 (36,67%)	11 (36,67%)	22 (36,67%)
Relacionamento Sexual	2 (6,67%)	2 (6,67%)	4 (6,67%)
Ciúmes	1 (3,33%)	5 (16,67%)	6 (10%)
Família Dele/Dela	5 (16,67%)	5 (16,67%)	10 (16,67%)
Filhos	3 (10%)	1 (3,33%)	4 (6,67%)
Ofensas Pessoais	7 (23,33%)	5 (16,67%)	12 (20%)
Outros	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 17

Observando os dados da tabela 17, verificamos que 36,67% da população do GE, constituída de 11 homens (36,67% do total masculino) e 11 mulheres (36,67% do total feminino) relata ser o uso abusivo do álcool por parte do homem, o motivador do conflito entre o casal; 16,67% constituída de 5 homens (16,67% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) relata que a agressão foi causada devido às famílias dele/dela (seja interferências da família ou ofensas às figuras parentais do (a) parceiro (a). 10% dessa população, constituída de 1 homem (3,33% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) relata que a agressão ocorreu devido ao ciúme (do parceiro ou da própria agredida). 6,67%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) relata que a recusa de relações sexuais por parte da mulher, foi o causador do conflito. 6,67% da população, sendo 3 homens (10% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) relata que as agressões foram motivadas por discordâncias do casal em relação aos filhos. 20%, constituída de 7 homens (23,33% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) relata que o precipitador da agressão foi ofensa pessoal e/ou à pessoa do (a) parceiro (a). Apenas um casal, dentre essa população, relata que não houve agressão para a notificação: ela foi feita a conselho de advogados como medida de prevenção. A mulher deixou o lar conjugal em companhia dos filhos e temia represálias da parte do marido, conforme ocorrido em situação anterior. O marido confirmou as afirmações da mulher.

Observamos que os motivos alegados para o conflito, como: ciúme, filhos, família, relacionamento sexual, mascaram na realidade, uma dificuldade do casal em lidar com questões relativas ao próprio relacionamento deles, o que pode ser observado nos relatos das histórias de vida de cada casal. Tais problemas, antes de serem discutidos de maneira madura, leva-os inapelavelmente a ofender a pessoa ou a família do outro, precipitando a agressão física.

Cabe lembrar aqui a crítica de Rosen (65) às teorias que afirmam que o motivo comum dado para a agressão da esposa é a necessidade do marido manter a dominação masculina. Para esse autor, no entanto, "um exame mais detalhado, demonstra que tais maridos tornam-se violentos quando seu senso de auto-estima é ameaçado e, frequentemente, isso ocorre por ações aparentemente triviais, tais como: a esposa servir primeiro as crianças, ou a reação da esposa ao ser forçada a adotar um papel humilhante.

Com relação ao alto índice de indivíduos que relatam ser o álcool o precipitador das agressões, observamos que seu uso abusivo tende a provocar inicialmente, a agressividade verbal entre os parceiros (seja porque a mulher "não consegue ficar quieta", seja porque o homem embriagado já chega em casa com o comportamento alterado, xingando e brandindo.(73)

Aliás, os estudos e trabalhos sobre mulheres agredidas, casais violentos e profissionais da área, indicam a presença mais ou menos regular da intoxicação alcoólica (Carlson, B. E., 1977; Flynn, J. P., 1977; Kann, M. W., 1980; Coleman, K. H., 1980; Mott-McDonald 1981, Berdeaux, F., 1983; Vifl/Villeurbanne 1984; Grossi, M. P., 1988; Kaczmarek, S., 1988; citados por Silva, 1989). (67)

Sobre o alcoolismo muito se tem escrito. Ele é um dos grandes problemas médico-psico-sociais da atualidade.

Usado para os mais diversos fins, o álcool é encontrado nos combustíveis, perfumes, material de limpeza, alimento, etc. "Os indígenas o chamam de fogo selvagem e os civilizados chamam a embriaguês que ele produz de estar no fogo. Os místicos se valem do álcool para liberar a mente e poder contatar as divindades. Os pobres dizem que bebem para matar o bicho. Muitos bebem para matar a fome. Outros, para matar o amor e ainda outros para estimular o amor. Enfim, o álcool é remédio, é panacéia, é aditivo, é substrativo. Nas religiões mais primitivas, ele é usado para atrair o mal, igualmente como pode ser usado para afastar o mal". (17)

Nos Estados Unidos, estima-se que existam cerca de 13 milhões de pessoas diagnosticadas como alcoolistas. Depois das doenças cardíacas e do câncer, o alcoolismo é o terceiro maior problema de saúde neste país atualmente. (43)

No Brasil, é a segunda causa de internação em hospitais psiquiátricos, uma das principais causas de aposentadoria por invalidez, de acidentes automobilísticos e atropelamentos, e acidentes de trabalho e absenteísmo e o amplo espectro de traumatismos e doenças orgânicas associadas. (3)

Enquanto nos Estados Unidos, o início do alcoolismo nos homens ocorre no final da adolescência ou por volta dos 20 anos,(43) no Brasil, uma pesquisa citada por Azevedo,(8) realizada pela prefeitura de São Paulo, em 1981, com aproximadamente 7 mil alunos de escolas municipais na faixa etária de 12 a 17 anos, demonstrou que 42,8% dos jovens pesquisados, ingeriam álcool regularmente e 18,38%, além do álcool, utilizavam também outra droga; do total, 47% eram rapazes e 40% eram moças. Esses resultados demonstram a precocidade do início de muitos jovens no vício, que acarretará mais tarde, sérios riscos a saúde, a família e a comunidade.

Entre os participantes da pesquisa, podemos observar indivíduos com idade inferior a 30 anos, com história de longo uso da bebida, em que um pouco que bebem, já lhes altera o comportamento. Todos negam o fato, referindo-se a implicância ou persistência da mulher para que parem definitivamente com a bebida, que apenas os "deixa alegres".

Mayer-Gross (51) afirma que a ação do álcool no sistema nervoso é depressora, aparecendo seus efeitos primeiramente nos centros mais elevados. Como a função desses centros é, em grande parte, de inibição e controle dos inferiores, quando sua ação inibitória é reduzida, o comportamento total do indivíduo fica mais instintivo, mais primitivo e mais espontâneo. A liberação temporária das inibições causa a experiência subjetiva de maior autoconfiança, injustificada de um ponto de vista realístico, já que a eficiência das funções mentais mais elevadas, fica reduzida. O alívio das preocupações, da tensão ou da timidez acontece às custas da vigilância, do julgamento e da autocrítica. O consumo de álcool tornou-se um aspecto tão proeminente das relações sociais porque ele transforma homens tímidos e inibidos em sociáveis, pessoas caladas em desembaraçadas e aquelas carregadas de sentimentos de inferioridade, em mais positivas. No entanto, não há dúvida de que em certos indivíduos ocorre uma mudança de humor para a depressão, as vezes grave na profundidade, e que tais indivíduos figuram, proeminentemente, entre aqueles que tentam o suicídio em estado de embriaguez. Outros, regularmente, se tornam agressivos ou violentos em grau perigoso. Os supostos efeitos afrodisíacos do álcool são ilusórios, mas ele diminui a inibição sexual.

Isso pode ser observado nos relatos de algumas mulheres entrevistadas, cujos maridos ingerem bebida alcoólica (casos 6, 10, 20 e 30). Dizem elas que os maridos pedem beijo, sexo, carinhos, quando alcoolizados (casos 6 e 20); outros pedem um tipo de sexo com o qual elas não concordam (casos 10 e 30). Um desses homens, quando embriagado, tira toda a roupa diante das filhas do casal, evacua e suja toda a casa... (caso 30).

Sobre a ação do álcool no organismo, Kaplan & Sadock (43) informam que imediatamente após a absorção, inicia-se a destruição e eliminação. Os rins e pulmões excretam cerca de um décimo do álcool ingerido de forma inalterada; o restante sofre oxidação. A taxa de oxidação do álcool é razoavelmente constante e independente das necessidades energéticas do corpo. Ela proporciona calor e energia de trabalho. Entretanto, uma vez que os consumidores excessivos recebem tantas calorias de sua ingestão alcoólica, tendem a negligenciar outras fontes de alimento e ignorar necessidades nutricionais, o que pode ocasionar doenças por deficiências vitamínicas e outros distúrbios nutricionais (por exemplo: pelagra, beribéri, etc).

Muitos homens contam que seus pais eram alcoolistas (casos 1, 3, 5, 12, 15, 19, 20, 22, 27, 28 e 30); algumas mulheres relatam o mesmo (casos 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 15, 17, 19, 20, 22, 26 e 29). Um dos entrevistados lembra-se que ia procurar o pai a noite e o encontrava caído na rua... Outro conta que o pai bebia duas garrafas de pinga por dia... Uma das entrevistadas relata que a embriaguez era o estado normal do pai...

Em um estudo com 100 pacientes alcoolistas no município de Rio de Janeiro, Cardim e Azevedo (20) sugeriram que parece haver uma semelhança entre a situação da família de origem do alcoolista e a sua família atual, como se houvesse uma repetição de histórias, que vistas através de significados psicodinâmicos, levam à interpretações psicanalíticas que vão desde a identificação do paciente com um dos pais que bebe muito, ou identificações com alguma figura importante em sua infância, passando a viver não mais sua vida e sim, a vida do outro, tentando resolver algo que ficou no passado, até a busca de uma punição ou mesmo a destruição através da bebida por se ver (ele/pai) merecedor de tal castigo.

Nem todos os entrevistados relatam que bebem nos bares: alguns afirmam fazê-lo em casa (casos 10, 12, 23, 24 e 26); dizem também que conseguem ficar vários dias sem beber; outros relatam que bebem socialmente com amigos no bar, em bate-papos e apenas nos finais de semana, sem perderem o controle. No entanto, segundo o relato da maioria das mulheres desses alcoolistas, eles só as agredem quando estão alcoolizados, caso contrário, não.

Edwards (apud Cardim e Azevedo) (20) afirmam que a dependência ao álcool deve ser vista como algo flexível e plástico e não como algo rígido, mas a medida que a dependência avança, os padrões tendem a se enrijecer progressivamente. O comportamento de beber torna-se preponderante na vida do indivíduo, levando-o a dar prioridade à manutenção de sua ingestão alcoólica. O relacionamento com a esposa torna-se difícil, pois o alcoolista a vê como incompreensível, quando ela reclama de sua forma de beber, quando o orçamento doméstico dirige-se prioritariamente para o vício, os filhos e a casa deixam de ter a importância de antes, não havendo mais disponibilidade de tempo para eles.

Segundo comentário de dois entrevistados, não é necessário ter dinheiro para beber, pois sempre tem um amigo na porta do bar que paga a bebida (casos 17 e 28). A esposa de um alcoolista, entretanto, diz que espera que o marido pare de beber, para que eles consigam reformar a casa, pois quando o homem bebe, todo dinheiro que entra, sai. (caso 13)

Mayer-Gross (51) afirma que o desemprego tende a exacerbar o problema através da ociosidade, seguindo-se o declínio para bebidas mais baratas ou metiladas, devido a falta de dinheiro. Um dos entrevistados, que se encontra desempregado e é alcoolista, disse à pesquisadora que nada vai mudar com relação as agressões e a sua vida, enquanto não arranjar trabalho, mas sua mulher conta que ele bebe e a espanca também quando está empregado.

Cabral (18) considera que apesar das evidências associando o alcoolismo à violência doméstica, parece haver outros fatores associados, como: uma personalidade agressiva

predisponente para que os atos violentos ocorram no seio da família. O uso abusivo de álcool, isoladamente, não explica estas ocorrências, visto haver numerosos casos de alcoolistas que não agridem seus familiares.

Lembramos também que existem inúmeros casos de homicídios de esposas e/ou companheiras e outras agressões contra mulheres e crianças, cometidas por indivíduos não consumidores de álcool.

Tabela 18 - Distribuição dos 60 indivíduos participantes desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudo, *segundo a época da primeira agressão física e o sexo*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Época	Masculino	Feminino	Total
Namoro	5 (16,67%)	6 (20%)	11 (18,33%)
Primeiro Ano de Convivência	6 (20%)	9 (30%)	15 (25%)
Datas Posteriores	12 (40%)	12 (40%)	24 (40%)
Não Lembra	4 (13,33%)	2 (6,67%)	6 (10%)
Nega Agressões	3 (10%)	-	3 (5%)
É a Primeira Vez	-	1 (3,33%)	1 (1,67%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 18

Observando os dados da tabela 18, verificamos que na população do GE, 40% constituída de 12 homens (40% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) relata que a primeira agressão física ocorreu em datas posteriores ao primeiro ano de casamento, enquanto 25% dessa população constituída de 6 homens (20% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino) relata que a primeira agressão física ocorreu dentro do primeiro ano de convivência. 18,33% constituída de 5 homens (16,67% do total masculino) e 6 mulheres (20% do total feminino) relata que a primeira agressão física ocorreu na época de namoro. 10%, sendo 4 homens (13,33% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) refere não se lembrar da data da primeira agressão física. 5% constituída de 3 homens nega quaisquer agressões físicas passadas ou atual, não se encontrando mulheres nesta condição. Apenas 1,67% do total dessa população, constituída de uma única mulher (3,33% do total feminino) relata ser esta a primeira vez que ocorre agressão física entre o casal (o marido entretanto, afirma que ocorreram outras).

Analisando os resultados, verificamos que as agressões físicas ocorrem em maior número após o casamento. Encontramos assim, semelhança com os trabalhos de Strothman, citado por Rosen (65), onde afirma que a agressão à esposa se inicia em um desses 3 estágios críticos de intimidade no casamento, a saber:

- a primeira ocorre pouco tempo após o casamento, onde a literatura de violência doméstica refere-se à certidão de casamento como "licença para bater";
- a segunda fase é durante a primeira gravidez que potencializaria as agressões em função da frustração sexual, da atitude indefesa da mulher e da disposição do abuso contra a criança e
- a terceira fase é após o nascimento da criança. A presença de uma criança, os cuidados e atenções que suscita, seria uma fonte a mais de conflitos para casais com problemas de ajustamento.

Dentre os entrevistados, alguns relatam que a primeira agressão física ocorreu na época de namoro. Os motivos alegados para tal, foram ciúmes dele ou dela. As agressões eram, em sua maioria, de natureza leve: tapas, empurrões, as vezes, trocas de tapas, sem deixar marcas visíveis, tanto no homem como na mulher. O relato agora, depois de anos, revela o quanto uma agressão deixa marcas profundas e duradouras nos envolvidos.

Tabela 19 - Distribuição dos 120 indivíduos participantes desta pesquisa, segundo o hábito do casal conversar sobre seus assuntos, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC) . Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Costumam Conversar	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	21 (70%)	18 (60%)	39 (65%)	28 (93,33%)	27 (90%)	55 (91,67%)
Não	9 (30%)	12 (40%)	21 (35%)	2 (6,67%)	3 (10%)	5 (8,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 19

Analisando os dados da tabela 19, observamos que entre a população do GE, a porcentagem de indivíduos que refere conversar habitualmente com o (a) parceiro (a) é de 65%, sendo 21 homens (70% do total masculino) e 18 mulheres (60% do total feminino). 35% dessa população, constituída de 9 homens (30% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino), relata que o casal nunca, ou quase nunca, conversa sobre seus problemas ou outros temas.

Observamos que entre a população do GC, 91,67%, constituída de 28 homens (93,33% do total masculino) e 27 mulheres (90% do total feminino) relata que o casal tem por hábito conversar sobre seus assuntos, enquanto que 8,33%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino), relata que o casal dificilmente conversa.

Verificamos pelo Teste Exato de Fischer que, ao cruzarmos as variáveis agressão física do homem contra a esposa e hábito de conversação entre o casal, há uma associação estatística significativa ao nível de 5%. No GE, um número menor de indivíduos relata tal hábito, e relatam (os homens, especialmente) que, mesmo após as brigas e/ou agressões, não conversam com suas mulheres sobre os motivos que os levaram a brigar. Para muitos, retornarem ao tema, seria voltarem a brigar... Os homens contam também que após as brigas, procuram pela mulher, para fazer as pazes, se desculpar, "adular"...

Tabela 20 - Distribuição dos 120 indivíduos participantes desta pesquisa, segundo o hábito da família sair junto, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Família Sai Junto	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	16 (53,33%)	12 (40%)	28 (46,67%)	27 (90%)	27 (90%)	54 (90%)
Não	14 (46,67%)	18 (60%)	32 (53,33%)	3 (10%)	3 (10%)	6 (10%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 20

Observando os dados da tabela 20, constatamos que entre a população do GE, a porcentagem de indivíduos que relata que a família não sai junta é de 53,33%, sendo 14 homens (46,67% do total masculino) e 18 mulheres (60% do total feminino). 46,67%, constituída de 16 homens (53,33% do total masculino) e 12 mulheres (40% do total feminino) relata que a família costuma sair junta.

No GC, 90% da população total, constituída de 27 homens (90% do total masculino) e 27 mulheres (90% do total feminino) relata que a família (casal e/ou filhos) costuma sair e passear juntos, enquanto apenas 10%, sendo 3 homens (10% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino), relata não ter tal hábito.

Observando os resultados dos dois grupos (C e E), vemos que é bastante nítida a diferença entre o número de casais que relatam sair juntos. Ao cruzarmos as variáveis: violência do homem contra a mulher com a qual convive e hábito da família sair e/ou passear junto, verificamos pelo Teste Exato de Fischer que há uma associação estatística significativa, ao nível de 5%. No GC, os motivos alegados para a família não sair junta é excesso de trabalho do marido, ou falta de hábito da família para o lazer. No GE, nota-se nos relatos, seja do homem ou da mulher, muitas queixas com relação ao fato. Muitas mulheres queixam-se que seus maridos tem "vergonha" de sair com elas e/ou filhos, ou alegam alcoolismo do marido e o medo de um possível "vexame" da parte dele. Os homens também lamentam que a família não saia junto. Algumas mulheres admitem "falta de jeito e/ou de costume" para passear. Observa-se, como já vimos, maiores dificuldades no grupo de estudo, em reforçar os laços de união existentes, em comparação ao GC, maior dificuldade em compartilhar momentos de lazer, que poderiam servir como refrigério para os conflitos e tensões do dia-a-dia.

Stanley Parker afirma que a recreação pode e deveria favorecer o fortalecimento e a união das famílias: através de interesses comuns nas horas de lazer, a família se mantém solidária. Este autor cita trabalhos de West e Merrian que apoiam a proposição de que a união familiar é influenciada pela recreação ao ar livre. Como medida da união, os autores utilizaram-se da proporção de comunicação íntima quanto a problemas, segredos e estados de espírito entre os membros da família. Concluíram que a recreação ao ar livre ajuda a manter e a incrementar a união familiar, especialmente para aqueles que se encontram nos estágios iniciais do ciclo vital. (57)

Tabela 21 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o local onde foram obtidas as primeiras informações sexuais, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Local	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Casa	4 (13,33%)	9 (30%)	13 (21,67%)	3 (10%)	13 (43,33%)	16 (26,67%)
Escola	5 (16,67%)	5 (16,67%)	10 (16,67%)	4 (13,33%)	5 (16,67%)	9 (15%)
Não Teve Informação	7 (23,33%)	7 (23,33%)	14 (23,33%)	2 (6,67%)	3 (10%)	5 (8,33%)
Outros	14 (46,67%)	9 (30%)	23 (38,33%)	21 (70%)	9 (30%)	30 (50%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 21

Analisando os resultados da tabela 21, verificamos que entre a população do GE, 38,33%, constituída de 14 homens (46,67% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino) refere que obteve informações sobre sexo em situações outras que não em casa ou na escola. 23,33%, sendo 7 homens (23,33% do total masculino) e 7 mulheres (23,33% do total feminino), refere não ter recebido qualquer informação a respeito, enquanto 21,67%, constituída de 4 homens (13,33% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino) relata ter obtido informações em casa. 16,67%, sendo 5 homens (16,67% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) obteve informações na escola.

Verificamos que no total da amostra do GC, 50%, constituída de 21 homens (70% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino), refere que obteve conhecimento sobre sexo em lugares que não a casa ou a escola; 26,67%, sendo 3 homens (10% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) obteve informações em casa. 15%, constituída de 4 homens (13,33% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino), obteve na escola, informações referentes ao sexo. 8,33%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino), relata não ter tido informação alguma sobre o assunto.

Comparando-se os resultados, observamos que nos dois grupos é muito pequeno o número de indivíduos que obtiveram informações sobre sexo em casa ou na escola, através de pais ou responsáveis, que seriam as pessoas mais indicadas a passarem esses conhecimentos ao longo de todo desenvolvimento do filho, formando-o e possibilitando um crescimento bio-psico-social saudável.

É importante notar que a própria atitude dos pais em relação a sexualidade (naturalidade, vergonha, censura, constrangimento, ignorância, desinteresse, etc.), interferem na maneira como os filhos aprendem e apreendem sobre este complexo tema e o experimentam na idade adulta. Em "Análise de Uma Fobia em um Menino de Cinco Anos", Freud nos mostra como as dificuldades dos pais em relação a vivência de sua própria sexualidade, começou a interferir negativamente no desenvolvimento físico, social e emocional do filho, o pequeno Hans, gerando nele uma fobia e medo de sair à rua. (23)

Nos relatos de história de muitos de nossos entrevistados, tomamos conhecimento de como muitos pais se omitiram nessas informações, delegando as vezes, para os filhos e filhas mais velhas, a tarefa de esclarecê-los, orientá-los, na época da adolescência. Boa parte dos entrevistados não tiveram nem isto: adquiriram seus conhecimentos através do interesse pessoal, lendo livros, revistas ou através de amigos, colegas mais velhos e até mesmo prostitutas, arcando com isso, com muitos vícios, as vezes doenças e ensinamentos incorretos sobre tão importante e delicado assunto.

Tabela 22 - Distribuição dos 60 casais participantes desta pesquisa, *segundo o tempo (expresso em anos) de namoro e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Tempo de Namoro	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
Menos de 1 Ano	16 (53,33%)	7 (23,33%)
1 A 2	9 (30%)	13 (43,33%)
Mais de 2 Anos	5 (16,67%)	10 (33,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 22

Observando os dados da tabela 22, verificamos que entre a população do GE, 53,33%, constituída de 16 casais, afirma ter namorado por um período inferior a 1 ano e 30%, constituída de 9 casais, refere um período de namoro entre 1 e 2 anos. 16,67%, sendo 5 casais, relata tempo de namoro superior a 2 anos.

Entre a população do GC, 43,33%, constituída de 13 casais, refere um período de namoro entre 1 e 2 anos, enquanto 33,33%, sendo 10 casais, relata que o período de namoro foi superior a 2 anos. 23,33%, constituída de 7 casais, afirma que o período de namoro foi inferior a 1 ano.

Analisando os resultados dos dois grupos, verificamos que os indivíduos do GE tendem mais do que os do GC, a contraírem união com pouco tempo de conhecimento entre os parceiros (menos de um ano) e, as vezes, por período inferior a 6 meses (casos 5, 8, 12, 15, 21, 27, 28, 29 e 30). Em alguns casos, as mulheres desse grupo citam a severidade dos costumes, a rigidez dos pais que não permitiam que o namoro se estendesse, que os namorados estivessem a sós, passeassem. Alguns pais mais rígidos não permitiam nem mesmo o namoro, levando os apaixonados a fugirem ou "aprontarem" (casos 3, 6, 8, 28 e 29), fosse para estarem juntos, fosse para fugirem da "prisão" que era o lar, segundo relato de várias mulheres.

Tabela 23 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem experiência sexual pré-matrimonial, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Experiência	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	20 (66,67%)	16 (53,33%)	36 (60%)	16 (53,33%)	15 (50%)	31 (51,67%)
Não	10 (33,33%)	14 (46,67%)	24 (40%)	14 (46,67%)	15 (50%)	29 (48,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 23

Verificando os dados da tabela 23, observamos que entre a população total do GE, 60%, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 16 mulheres (53,33% do total feminino) afirma ter tido experiência sexual pré-matrimonial com o (a) parceiro (a). 40%, sendo 10 homens (33,33% do total masculino) e 14 mulheres (46,67% do total feminino), nega relações sexuais pré-matrimoniais

Do total da população do GC, 51,67%, constituída de 16 homens (53,33% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) refere experiência sexual pré-matrimonial com o cônjuge, enquanto 48,33%, sendo 14 homens (46,67% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino), nega experiência sexual pré-matrimonial.

Observando os resultados entre os dois grupos, é interessante notar que um número menor de mulheres, refere relações pré-matrimoniais, quando comparado ao número de homens. Esta diferença parece existir devido a repressão sexual de que é vítima mais comumente a mulher.

Beauvoir afirma que o destino anatômico, a situação moral e social diferem do homem para a mulher. Sob o ponto de vista dessa autora, "a civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais, ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela, o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração".(8)

A existência das negativas por parte de algumas mulheres entrevistadas, nos leva a acreditar que ainda hoje, o sexo antes do casamento, ainda que com o futuro companheiro, é vivido com bastante conflito.

Tabela 24 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a idade (expressa em anos) ao se unir a (o) parceira (o) atual, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Idade	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Menos de 20 Anos	2 (6,67%)	16 (53,33%)	18 (30%)	1 (3,33%)	10 (33,33%)	11 (18,33%)
20 A 25	17 (56,67%)	9 (30%)	26 (43,33%)	20 (66,67%)	17 (56,67%)	37 (61,67%)
26 A 30	7 (23,33%)	3 (10%)	10 (16,67%)	8 (26,67%)	2 (6,67%)	10 (16,67%)
Mais de 30 Anos	4 (13,33%)	2 (6,67%)	6 (10%)	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 24

Analisando os dados da tabela 24, verificamos que na população do GE, 43,33% do total da amostra, constituída de 17 homens (56,67% do total masculino) e 9 mulheres (30% do total feminino) apresentava à época dessa união, idade entre 20 e 25 anos, enquanto 30% sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 16 mulheres (53,33% do total feminino) possuía menos de 20 anos de idade. 16,67%, constituída de 7 homens (23,33% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino), apresentava idade compreendida entre 26 e 30 anos e 10%, sendo 4 homens (13,33% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino), apresentava mais de 30 anos de idade quando se uniu ao parceiro atual. Logo, deduzimos que nesse grupo, 73,33% do total da população apresentava à época dessa união, idade não superior à 25 anos.

Entre a população do GC, 61,67%, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 17 mulheres (56,67% do total feminino) apresentava, à época da união atual, entre 20 e 25 anos; 18,33%, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) e 10 mulheres (33,33% do total feminino) tinha menos de 20 anos. 16,67% constituída de 8 homens (26,67% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) apresentava idade entre 26 e 30 anos, enquanto 3,33% do total da amostra, constituída de 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) tinha mais de 30 anos. Logo, concluímos que 80% do total dessa população apresentava à época dessa união, idade não superior à 25 anos.

Ao compararmos os resultados das duas tabelas, verificamos que as idades à época da união (legalizada ou não) são bastante próximas nos dois grupos, havendo uma discreta tendência entre as mulheres do GE, a contraírem união mais precocemente (antes dos 20 anos). E, em ambos os grupos, em relação aos homens, as mulheres unem-se mais precocemente.

Tabela 25 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, *segundo o fato de ser esta a primeira experiência conjugal, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC)*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Primeira Experiência Conjugal	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	23 (76,67%)	24 (80%)	47 (78,33%)	27 (90%)	27 (90%)	54 (90%)
Não	7 (23,33%)	6 (20%)	13 (21,67%)	3 (10%)	3 (10%)	6 (10%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 25

Ao observarmos os dados da tabela 25, verificamos que entre os indivíduos do GE, 78,33% do total da amostra, constituída de 23 homens (76,67% do total masculino) e 24 mulheres (80% do total feminino) relata ser esta sua primeira união, enquanto 21,67% constituída de 7 homens (23,33% do total masculino) e 6 mulheres (20% do total feminino) relata experiência (s) anterior (es).

Entre a população do GC, 90% constituída de 27 homens (90% do total masculino) e 27 mulheres (90% do total feminino) refere ser esta sua primeira experiência conjugal, enquanto apenas 10% constituída de 3 homens (10% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino) relata união (ões) anterior (es).

Ao compararmos os resultados, verificamos uma discreta tendência em relação aos homens do GE, em contrair mais de uma união em suas vidas, que pode ser consequência de uma tendência cultural que permite ao homem poder ter várias uniões.

Tabela 26 - Distribuição dos 60 casais que participaram desta pesquisa, segundo o tempo (expresso em anos) de casados e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Tempo de Casados	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
Menos de 1 Ano	1 (3,33%)	1 (3,33%)
1 A 5	7 (23,33%)	7 (23,33%)
6 A 10	12 (40%)	7 (23,33%)
Mais de 10 Anos	10 (33,33%)	15 (50%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 26

Com relação aos dados da tabela 26, observamos que entre a população do GE, 40%, constituída de 12 casais, relata estar casada por período entre 6 e 10 anos; 33,33%, sendo 10 casais, afirma estar casada há mais de 10 anos. 23,33% constituída de 7 casais, se encontra casada por período entre 1 e 5 anos e apenas 1 casal, 3,33% do total da amostra, está casada há menos de 1 ano.

Na população total do GC, 50%, constituída de 15 casais, refere estar casada há mais de 10 anos, enquanto 23,33%, sendo 7 casais, relata que estão casados por período entre 6 e 10 anos. 7 casais, isto é, 23,33% da amostra, afirma estar casada por período compreendido entre 1 e 5 anos e apenas 1 casal, 3,33% do total da amostra, se diz casada por período inferior a 1 ano.

Verificamos que há certa diversidade entre o tempo de união de cada casal entrevistado. Como temos visto em outras tabelas, as agressões podem ocorrer na época de namoro ou começar após a convivência. O que parece haver é que quando elas ocorrem no namoro, apresentam um caráter menos severo (tapas, as vezes trocas de tapas), ao passo que após o casamento, assumem uma dimensão e gravidade maiores.

É possível que tal ocorra porque com a convivência, a intimidade entre o casal aumenta, assim como os conflitos entre eles (compartilhar espaços e opiniões, problemas de ordem doméstica, etc.), o casal se assuta ante as responsabilidades, principalmente se não têm bem estabelecido os direitos e deveres de cada um no lar conjugal.

Tabela 27 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, *segundo o fato de relatarem aventuras extra-conjugais , o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC)*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Aventuras Extra-Conjugais	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	10 (33,33%)	3 (10%)	13 (21,67%)	- -	- -	- -
Não	20 (66,67%)	27 (90%)	47 (78,33%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 27

Segundo os dados da tabela 27, verificamos que entre a população do GE, 78,33%, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 27 mulheres (90% do total feminino) nega aventuras extra-conjugais, enquanto 21,67%, sendo 10 homens (33,33% do total masculino), afirmam já ter tido aventura (s) extra-conjugal (ais).

Entre a população do GC, os indivíduos (tanto os homens como as mulheres) negam, em sua totalidade, aventuras extra-conjugais.

Em suas reflexões sobre sexualidade e civilização, Freud (29) (30) evidenciou e censurou a moral sexual vigente em sua época, que mantinha a mulher na ignorância dos assuntos relacionados à sua própria sexualidade, não tolerando qualquer impulso amoroso que não conduzisse ao casamento. Para ele, o resultado dessa repressão massiva é que, quando a mulher recebe dos pais, a autorização para se apaixonar, "não está apta à esta realização psíquica" e chega ao matrimônio insegura de seus sentimentos que permanecem ligados aos seus genitores, cuja autoridade acarretou a supressão de sua sexualidade. Quando mais tarde esse atraso do desenvolvimento é superado, e sua capacidade de amar é despertada, há muito se deteriorou sua relação com o marido; e como recompensa da docilidade anterior, resta-lhe a escolha entre o desejo insatisfeito, a infidelidade ou uma neurose.

Neste trabalho, verificamos que muitas mulheres sucumbiram à doença, desenvolvendo uma depressão ou somatizando (casos 5, 8, 9, 12, 14, 22, 26 e 28). E mesmo entre as que admitem namoros ou casos extra-conjugais (casos 21, 29 e 30), dado o grau de censura que essas mulheres recebem e/ou se fazem, não estão livres de uma neurose.

Com relação ao comportamento amoroso dos homens, Freud (32) afirmou que apenas para um pequeno número de pessoas educadas, as duas correntes: de afeição e sensualidade, originadas na infância e puberdade respectivamente, se fundiram adequadamente. Segundo ele, o homem quase sempre sente respeito pela mulher, o que atua como restrição à sua atividade sexual, e só desenvolve potência completa quando se acha com um objeto sexual depreciado; e isto, por sua vez, é causado em parte, pela entrada de componentes perversos em seus objetivos sexuais, os quais ele não ousa satisfazer com a mulher que respeita. Assegura-se de prazer sexual completo apenas quando se pode dedicar sem reserva a obter satisfação, o que, com sua mulher bem educada, por exemplo, não se atreve a realizar. Para Freud, é esta a origem da necessidade que têm muitos homens, de um objeto sexual depreciado, de uma mulher éticamente inferior, que não os conheça e que não os possa julgar. É a esta mulher que preferem dedicar sua potência sexual, mesmo quando sua afeição pertença a uma mulher de natureza superior.

Embora as mulheres se refiram a um único caso, os homens não fazem referência ao número.

Tabela 28 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem satisfação no relacionamento afetivo/sexual, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Relação Afetiva/ Sexual	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Satisfação	14 (46,67%)	11 (36,67%)	25 (41,67%)	27 (90%)	26 (86,67%)	53 (88,33%)
Insatisfação	10 (33,33%)	13 (43,33%)	23 (38,33%)	3 (10%)	4 (13,33%)	7 (11,67%)
Camas Separadas	5 (16,67%)	5 (16,67%)	10 (16,67%)	-	-	-
Não Respondeu	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)	-	-	-
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 28

Com relação aos dados da tabela 28, verificamos que na população do GE, 41,67%, constituída de 14 homens (46,67% do total masculino) e 11 mulheres (36,67% do total feminino) refere estar satisfeito quanto ao relacionamento afetivo do casal, enquanto 38,33% sendo 10 homens (33,33% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) afirma estar insatisfeito com o relacionamento com o cônjuge. 5 casais, sendo 16,67% do total da amostra, referem dormir em quartos/camas separadas. 3,33%, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino) não respondeu à esta questão.

Observamos que dentre a população do GC, 88,33%, constituída de 27 homens (90% do total masculino) e 26 mulheres (86,67% do total feminino) afirma satisfação quanto ao relacionamento sexual/afetivo do casal, enquanto 11,67%, constituída de 3 homens (10% do total masculino) e 4 mulheres (13,33% do total feminino), refere estar insatisfeito quanto ao relacionamento do casal.

Ao compararmos os resultados entre os dois grupos, os números são eloquentes: falam por si sós. Menos da metade da população do GE refere estar satisfeito com relação à parte afetiva/sexual do casamento, enquanto que os indivíduos do GC nessa condição, é maioria. Verificamos pelo Teste Exato de Fischer que ao cruzarmos as variáveis agressão física do homem contra a mulher e dificuldades de ordem afetiva/sexual, existe uma associação estatística significativa ao nível de 5%.

Aliás, queixas relacionadas às dificuldades de ordem afetiva/sexual com o (a) parceiro (a) são uma constante nos relatos de histórias de vida. As mulheres se queixam normalmente, da falta de carinho do parceiro, das agressões físicas e verbais. Os homens se lamentam da "frieza" da mulher, da pouca receptividade delas em relação ao sexo, e, as vezes, até em falar sobre o assunto (casos 6, 9, 12, 17, 20, 21 e 26). Alguns homens dizem, inclusive, que "as brigas ocorrem mais por esse motivo".

Desmistifica-se também, de certa forma, o senso comum que diz que "mulher quanto mais apanha, mais apaixonada fica". Ao contrário, "muitos pesquisadores que tem entrevistado mulheres agredidas, indicam que a relação de violência, destrói o desejo sexual entre as mulheres". (Kaczmarek, S. 1988; Grossi, M. P. 1988; Nigar, E. V. 1986; apud Silva) (68)

Em muitos casos, verificamos que o exercício da convivência diária e conseqüente aumento da intimidade entre eles, gera muita culpa. É possível que, por experimentarem junto da pessoa amada, sensações boas e prazerosas, homem e mulher sintam-se como se estivessem traindo a mãe ou o pai bons da infância. Alguns desses pais, é verdade, dificultam sobremaneira, o início da convivência, se introduzindo na relação, ou tentando, inconscientemente, separá-los. Uma das entrevistadas comenta: "meu marido é o filho predileto para minha sogra pegar no pé; até hoje ela aconselha prá ele separar" (caso 6); "quando engravidei, fomos morar com minha sogra, mas nós não dormíamos juntos nem no mesmo quarto: ela não permitia" (caso 10); "quando meu marido demora, meu pai diz que ele foi farrear com mulheres; se ele viaja, meu pai diz que provavelmente, ele não foi sozinho; assim quando meu marido volta, eu já pensei mil e uma coisas e, então, a gente briga" (caso 16); "eu e meu marido discutíamos e minha sogra entrou no meio e disse que eu precisava apanhar" (caso 3).

Em outros casos, onde a relação dos pais era conflituosa, essa culpa pode ser devida ao fato de o homem ou a mulher sentirem que estariam superando os pais (e, nas suas fantasias, destruindo-os), caso seu relacionamento fosse mais satisfatório que aquele que seus pais mantiveram. Isto pode ser observado nos relatos de algumas mulheres: "minha mãe falou que eu tenho dois caminhos: ou fico com ele apanhando, ou separo" (caso 8); "minha mãe diz que meu relacionamento com o J., é igual ao que ela mantinha com meu pai. Eles se separaram quando eu tinha 10 meses" (caso 11); "minha mãe falou: filha, voce está vivendo o que eu vivi, só que eu não apanhava" (caso 20).

Em nenhum momento é mostrado para essas mulheres, um terceiro caminho: ficar junto com o homem escolhido, se essa for a vontade de ambos, e não ser agredida.

Tabela 29 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem planejamento familiar, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Planejamento	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	8 (26,67%)	8 (26,67%)	16 (26,67%)	16 (53,33%)	13 (43,33%)	29 (48,33%)
Não	18 (60%)	20 (66,67%)	38 (63,33%)	13 (43,33%)	16 (53,33%)	29 (48,33%)
Não Tem Filhos	4 (13,33%)	2 (6,67%)	6 (10%)	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 29

Observando os dados da tabela 29, verificamos que entre a população do GE, 63,33%, constituída de 18 homens (60% do total masculino) e 20 mulheres (66,67% do total feminino) afirma não ter planejado o número de filhos, enquanto 26,67%, sendo 8 homens (26,67% do total masculino) e 8 mulheres (26,67% do total feminino) afirma que houve planejamento familiar. 10% do total da amostra, isto é, 4 homens (13,33% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) não têm filhos.

Entre a população do GC, 48,33% sendo 16 homens (53,33% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) relata que o número de filhos foi planejado, enquanto 48,33%, constituída de 13 homens (43,33% do total masculino) e 16 mulheres (53,33% do total feminino), refere que não houve planejamento quanto ao número de filhos. 3,33%, constituída de 1 casal, não têm filhos.

Analisando os resultados dos dois grupos, verificamos que parece haver uma associação positiva entre planejamento familiar e agressão do marido contra a mulher.

A vinda de um filho é sempre um motivo - além de grande alegria, em muitos casos - de maiores responsabilidades e preocupações, sobretudo entre os casais economicamente menos favorecidos e psicologicamente menos ajustados. Para alguns dos casais entrevistados, a vinda do filho trouxe novos motivos para conflitos: várias mulheres relatam que o marido duvidava da paternidade em relação a criança (casos 4, 21, 25 e 30). Noutros casos, a vinda de um segundo filho não era esperada nem desejada, causando problemas psicológicos e físicos à mulher (casos 1, 7, 9, 11, 15, 16, 25 e 29). Logo, constatamos que, embora esteja amplamente disseminada a existência de métodos contraceptivos, muitas mulheres não fazem uso deles, as vezes, por desconhecer a variedade de opções que ele oferecem. Aliás, a prática de planejamento familiar é muito pouco difundida e utilizada em nosso país, em função de uma política (ou da falta de uma) médico-social e restrições religiosas, particularmente da igreja católica que condena qualquer método artificial de controle de natalidade. A este respeito, cabem aqui uma das indagações que Leers (47) se faz, em seu trabalho "Filosofia, Moral, Ética, Família e Sociedade no Brasil": "bispos propagam o método Billings, mas como se pode esperar fidelidade matrimonial de maridos, iniciados sexualmente na zona, para os quais mulher não é muito mais do que objeto de cama e mesa?"

Tabela 30 - Distribuição dos 60 casais que participaram desta pesquisa, segundo o número de filhos residindo com o casal na época da entrevista e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Número de Filhos	Grupo de Estudo	Grupo Comparativo
Nenhum	3 (10%)	2 (6,67%)
1	7 (23,33%)	11 (36,67%)
2	12 (40%)	11 (36,67%)
3	5 (16,67%)	1 (3,33%)
4	3 (10%)	4 (13,33%)
5	-	1 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)

Tabela 30

Com relação aos dados da tabela 30, observamos que entre a população do GE, 40%, constituída de 12 casais, possui 2 filhos, enquanto 23,33% (7 casais) possui 1 único filho. 16,67%, sendo 5 casais, possui 3 filhos. 10% do total da amostra, isto é, 3 casais, possui 4 filhos, enquanto outros 10% (3 casais) não possuem filhos.

Na população do GC, 36,67%, constituída de 11 casais, possui 1 filho, enquanto 36,67% (11 casais) possui 2 filhos. 13,33% sendo 4 casais, possui 4 filhos; 6,67% (2 casais) não possui filhos. 3,33%, isto é, 1 casal, possui 3 filhos, enquanto outros 3,33% (1 casal) possui 5 filhos. Concluimos, portanto, 73,33% (22 casais) possui entre 1 e 2 filhos residindo com o casal.

Através dos resultados, observamos que entre os dois grupos, o número de casais que possui entre 1 e 2 filhos é bastante próxima e elas ficam distantes da imagem do casal pobre, com grande número de filhos, que provocaria um "stress" maior no dia-a-dia do casal.

Tabela 31 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem utilizar castigos físicos em relação aos filhos, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Castigos Físicos	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	7 (23,33%)	21 (70%)	28 (46,67%)	14 (46,67%)	15 (50%)	29 (48,33%)
Não	19 (63,33%)	7 (23,33%)	26 (43,33%)	15 (50%)	14 (46,67%)	29 (48,33%)
Não Tem Filhos	4 (13,33%)	2 (6,67%)	6 (10%)	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 31

Com relação aos dados da tabela 31, constatamos que na população do GE, 46,67%, constituída de 7 homens (23,33% do total masculino) e 21 mulheres (70% do total feminino), afirma utilizar castigos físicos na educação dos filhos, enquanto 43,33%, sendo 19 homens (63,33% do total masculino) e 7 mulheres (23,33% do total feminino) negam utilizar tais métodos. 10% do total da amostra, sendo 4 homens (13,33% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) não têm filhos.

Entre os indivíduos do GC, 48,33%, constituída de 14 homens (46,67% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) refere utilizar castigos físicos na educação dos filhos, enquanto 48,33%, sendo 15 homens (50% do total masculino) e 14 mulheres (46,67% do total feminino) afirma não utilizar castigos físicos em relação aos filhos. 3,33% do total da amostra (1 casal) não têm filhos.

Observando os resultados dos dois grupos, não encontramos associação entre maridos agressores e pais que espancam filhos. Parece haver uma associação entre esposa espancada e mãe que castiga fisicamente os filhos, embora a porcentagem de esposas que não são agredidas (GC) e que castigam fisicamente seus filhos, seja bastante alta (50%).

Este maior número de mulheres que refere utilizar castigos físicos em relação aos filhos, parece estar relacionado ao fato de que são as mulheres, tradicionalmente, as responsáveis pela educação dos filhos. As palavras de uma das entrevistadas (13) traduz bem isto: "fico o dia todo com ele e de vez em quando, precisa".

A respeito desse método de educação utilizado por muitos pais, Grossi (apud Silva) (68) afirma que o homem tende a espancar os filhos mais frequentemente quando são adolescentes do que durante a infância, o que leva, muitas vezes, a mulher a se separar, pois tolera mal tal atitude. Neste trabalho, contudo, não temos dados suficientes para afirmar ou refutar tais afirmações, visto que os casais entrevistados em sua maioria, não têm filhos nessa fase de idade.

Tabela 32 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo a saúde psíquica dos pais, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Saúde Psíquica	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Alcoolismo Pai e/ou Mãe	9 (30%)	13 (43,33%)	22 (36,67%)	14 (46,67%)	10 (33,33%)	24 (40%)
D. Mental Pai e/ou Mãe	-	1 (3,33%)	1 (1,67%)	1 (3,33%)	1 (3,33%)	2 (3,33%)
Alcoolismo e D. Mental Pai e/ou Mãe	2 (6,67%)	2 (6,67%)	4 (6,67%)	-	1 (3,33%)	1 (1,67%)
Sadios	19 (63,33%)	14 (46,67%)	33 (55%)	15 (50%)	18 (60%)	33 (55%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 32

Observando os dados da tabela 32, verificamos que entre a população do GE, 55% do total da amostra, sendo 19 homens (63,33% do total masculino) e 14 mulheres (46,67% do total feminino) refere ter pais psiquicamente sadios, enquanto 36,66%, constituída de 9 homens (30% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) relata ter pai e/ou mãe alcoolista (s) (também nesta amostra, maioritariamente, alcoolismo paterno). 6,66%, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) afirma ter pai e/ou mãe doente (s) mental (ais) e alcoolista (s). 1,67%, sendo 1 mulher (3,33% do total feminino) refere doença mental de pai e/ou mãe.

Na população do GC, 55% do total da amostra, constituída de 15 homens (50% do total masculino) e 18 mulheres (60% do total feminino), refere ter pais psiquicamente sadios, enquanto 40%, constituída de 14 homens (46,67% do total masculino) e 10 mulheres (33,33% do total feminino) relata ter pai e/ou mãe alcoolista (maioritariamente alcoolismo paterno). 3,33%, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino), refere doença mental de pai e/ou mãe e 1,67%, sendo 1 mulher (3,33% do total feminino), refere doença mental de pai e/ou mãe associada com alcoolismo.

Analisando os resultados próximos entre os dois grupos, verificamos não haver associação entre agressão física à esposa e doença mental de pai e/ou mãe dos cônjuges.

Tabela 33 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem terem assistido enquanto crianças, agressões físicas entre os pais, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Agressões Físicas	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	4 (13,33%)	13 (43,33%)	17 (28,33%)	7 (23,33%)	11 (36,67%)	18 (30%)
Não	26 (86,67%)	17 (56,67%)	43 (71,67%)	23 (76,67%)	19 (63,33%)	42 (70%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 33

Analisando os dados da tabela 33, verificamos que entre a população do GE, 71,67%, sendo 26 homens (86,67% do total masculino) e 17 mulheres (56,67% do total feminino) afirma que não havia agressões físicas entre os pais, enquanto 28,33%, constituída de 4 homens (13,33% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) afirma a ocorrência de agressões físicas entre os pais (maioritariamente, o pai agredia a mãe).

Entre a população do GC, 70% constituída de 23 homens (76,67% do total masculino) e 19 mulheres (63,33% do total feminino) nega agressões físicas entre os pais, enquanto 30%, sendo 7 homens (23,33% do total masculino) e 11 mulheres (36,67% do total feminino) afirma que havia agressões físicas entre os pais (também neste grupo, em mais de 90% dos casos, o pai agredia a mãe).

Observamos que alguns estudos (23) (25) (46) (68) sobre violência do marido contra a mulher, apontam para uma associação positiva entre ter assistido enquanto criança, situações de agressão física do pai contra a mãe e agressividade atual entre o casal. Em nosso trabalho, verificamos que o número de indivíduos que presenciaram tal cena, é próximo nos 2 grupos (E e C), onde concluímos que existem outros fatores associados que interagem para a ocorrência desse brutal comportamento da parte do homem.

Em outras tabelas, verificaremos que a violência contra a esposa, parece estar associada aos maus tratos sofridos na infância, principalmente em criança do sexo feminino.

Tabela 34 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o fato de relatarem terem tido pais agressivos, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Pais Agressivos	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	14 (46,67%)	15 (50%)	29 (48,33%)	10 (33,33%)	5 (16,67%)	15 (25%)
Não	16 (53,33%)	15 (50%)	31 (51,67%)	20 (66,67%)	25 (83,33%)	45 (75%)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 34

Verificando os dados da tabela 34, observamos que entre a população do GE, 51,67% do total da amostra, constituída de 16 homens (53,33% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) refere não ter sido espancado e/ou agredido pelos pais quando criança, enquanto 48,33%, constituída de 14 homens (46,67% do total masculino) e 15 mulheres (50% do total feminino) afirma que foi espancado/agredido pelos pais quando crianças.

Entre a população do GC, 73,33%, constituída de 20 homens (66,67% do total masculino) e 25 mulheres (83,33% do total feminino) nega ter sido espancado e/ou agredido por pais enquanto crianças; 26,67%, sendo 10 homens (33,33% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) afirma ter sido espancado quando criança.

Comparando os resultados, chama-nos a atenção principalmente a alta porcentagem de mulheres no GE que refere ter sofrido maus tratos quando criança: os números são 3 vezes maior que os números de mulheres do GC com a mesma queixa. Parece haver uma correlação entre agressão à esposa e criança espancada; principalmente, criança do sexo feminino.

Tais resultados se assemelham aos achados de Cabral, em seu "Estudo Descritivo de 62 Histórias de Vida de Presidiários Confinados em Cárceres Superpopulosos na Região de Campinas". Essa psiquiatra encontrou entre as presidiárias, um número elevado de mulheres cujo ódio era dirigido à figura materna: mães sentidas como autoritárias, por vezes agressivas e violentas. (18)

Ao cruzarmos as variáveis agressões físicas sofridas na infância e violência do homem contra a esposa, verificamos que existe uma associação estatística significativa ao nível de 5%. Verifica-se que o espancamento durante a infância, tende a predispor a condutas agressivas e/ou violentas, dirigidas contra o outro ou contra si mesmo.

Tabela 35 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, *segundo a idade (expressa em anos) na época de falecimento de pai e/ou mãe, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC)*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Idade	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
0 A 12	4 (13,33 %)	5 (16,67 %)	9 (15 %)	3 (10 %)	2 (6,67 %)	5 (8,33 %)
13 A 20	2 (6,67 %)	4 (13,33 %)	6 (10 %)	2 (6,67 %)	3 (10 %)	5 (8,33 %)
21 Anos ou Mais	11 (36,67 %)	3 (10 %)	14 (23,33 %)	11 (36,67 %)	7 (23,33 %)	18 (30 %)
Vivos	13 (43,33 %)	18 (60 %)	31 (51,67 %)	14 (46,67 %)	18 (60 %)	32 (53,33 %)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 35

Com relação aos dados da tabela 35, verificamos que entre a população do GE, 51,67% do total da amostra, constituída de 13 homens (43,33% do total masculino) e 18 mulheres (60% do total feminino), refere que ambos os pais vivem, enquanto que 23,33% sendo 11 homens (36,67% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino), relata o falecimento de 1 ou ambos os pais quando contavam 21 anos de idade. 15%, constituída de 4 homens (13,33% do total masculino) e 5 mulheres (16,67% do total feminino) refere o falecimento de pai e/ou mãe até os 12 anos de idade e 10% dessa população, sendo 2 homens (6,67% do total masculino) e 4 mulheres (13,33% do total feminino) declara ter falecido 1 ou ambos os pais quando contavam entre 13 e 20 anos de idade.

Entre a população do GC, 53,34% do total da amostra, constituída de 14 homens (46,67% do total masculino) e 18 mulheres (60% do total feminino) relata serem ambos os pais vivos. 30%, constituída de 11 homens (36,67% do total masculino) e 7 mulheres (23,33% do total feminino) refere falecimento de 1 ou ambos os pais quando contavam 21 anos de idade ou mais. 8,33%, sendo 3 homens (10% do total masculino) e 2 mulheres (6,67% do total feminino) refere perda de 1 ou ambos os pais por morte até os 12 anos de idade; 8,33%, constituída de 2 homens (6,67% do total masculino) e 3 mulheres (10% do total feminino) relata falecimento de 1 ou ambos os pais dos 13 aos 20 anos.

Comparando os resultados dos dois grupos, observamos que o número de indivíduos que refere morte de um ou ambos os pais em períodos considerados críticos (0 aos 12 anos de idade) por vários autores (Bowlby, Winnicott, Spitz) é bastante próximo.

No entanto, ao aprofundarmos o estudo, veremos que entre os indivíduos do GE, é maior o número de relatos em que nesse mesmo período crítico, ocorreram separações dos pais, doenças, crises econômicas, fatores estes que desestruturaram a organização familiar temporária ou permanentemente.

Em todos os casos de separação, foi a figura paterna, a grande ausente (fosse devido a morte ou separação do casal), ficando os filhos e sua criação, a cargo da mãe.

Caberiam aqui, as observações de Bowlby, (15) sobre o papel do pai e sua importância em relação a mulher e os filhos: "eles não apenas dão condições materiais para que suas esposas possam dedicar-se aos cuidados da criança, como também, através de seu amor e companheirismo, dão apoio emocional à mãe ajudando-a a manter um clima de harmonia e satisfação, no qual a criança se desenvolve. Nos relatos de histórias de vida, podemos verificar o quanto esses pais se distanciaram dos filhos e da mulher, e a falta que fez para elas, o apoio do companheiro: um dos entrevistados relata que o pai morreu quando ele contava 12 anos de idade e, para ajudar a família, teve que começar a trabalhar, o que acarretou o afastamento da escola, dado os constantes atrasos e cansaço (caso 2). Noutro caso, a entrevistada relata que após seu nascimento, o pai faleceu e ela foi dada em adoção pela mãe, que não tinha condições de criá-la. A mãe adotiva, por sua vez, após a morte do marido, expulsou-a de casa. (caso 14) Outro entrevistado, após a separação dos pais, foi colocado num internato, onde ficou dos 7 aos 17 anos. Nem a mãe, nem o pai, ficaram com ele (caso 19). Uma outra entrevistada conta que após a separação dos pais, a mãe começou a beber, o que agravou seu quadro de epilepsia, levando o juiz a tirar as crianças sob sua guarda (as crises assustavam as crianças) (caso 19).

Tabela 36 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, *segundo o fato de relatarem insônia, o sexo e pertencerem ao Grupo de Estudo ou ao Grupo Comparativo*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Insônia	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Sim	6 (20 %)	13 (43,33 %)	19 (31,67 %)	5 (16,67 %)	6 (20 %)	11 (18,33 %)
Não	24 (80 %)	17 (56,67 %)	41 (68,33 %)	25 (83,33 %)	24 (80 %)	49 (81,67 %)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 36

Analisando os dados da tabela 36, verificamos que 68,33% da população do GE, constituída de 24 homens (80% do total masculino) e 17 mulheres (56,67% do total feminino) nega insônia, enquanto 31,67%, constituída de 6 homens (20% do total masculino) e 13 mulheres (43,33% do total feminino) afirma problemas de sono.

Na população do GC, 81,67%, sendo 25 homens (83,33% do total masculino) e 24 mulheres (80% do total feminino) nega insônia, enquanto 18,33%, constituída de 5 homens (16,67% do total masculino) e 6 mulheres (20% do total feminino) confirma problemas de insônia.

Comparando os resultados das duas tabelas, verificamos que um número maior de mulheres no GE, quando comparadas as mulheres e aos homens do GC, refere problemas de insônia. Preocupação, tensão, dificuldades em "se desligar" das atividades diárias, etc., são alguns motivos enumerados por essas mulheres para a ocorrência de insônia; havendo algumas que relatam necessitar de remédios para dormir (casos 21 e 29); outra relata ficar as vezes, a noite toda fumando e bebendo café, preocupada, com medo do futuro (caso 27). Em outro caso, a mulher relata que ultimamente, não tem conseguido dormir direito: mesmo quando passa para o sono, continua ouvindo barulhos e ruídos externos (caso 26). "Em épocas de tensão, passo a noite ruminando", diz outra entrevistada (caso 18).

A insônia pode ser considerada um sintoma ligado à depressão e/ou ansiedade, por parte destas mulheres.

Tabela 37 - Distribuição dos 120 indivíduos que participaram desta pesquisa, segundo o número de internações psíquicas, o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo de Estudo (GE) ou ao Grupo Comparativo (GC). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

Internações Psíquicas	Grupo de Estudo			Grupo Comparativo		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Nenhuma	29 (96,67 %)	29 (96,67 %)	58 (96,67 %)	29 (96,67 %)	28 (93,33 %)	57 (95 %)
1	-	1 (3,33 %)	1 (1,67 %)	-	1 (3,33 %)	1 (1,67 %)
2 ou Mais	1 (3,33 %)	-	1 (1,67 %)	1 (3,33 %)	1 (3,33 %)	2 (3,33 %)
Total	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	60 (100%)

Tabela 37

Com relação aos dados da tabela 37, observamos que no GE, 96,67% do total da amostra, sendo 29 homens (96,67% do total masculino) e 29 mulheres (96,67% do total feminino) nega internações psiquiátricas, enquanto 1,67%, sendo 1 mulher (3,33% do total feminino) refere 1 internação e 1,67%, constituída de 1 único homem (3,33% do total masculino) relata mais de 2 internações.

Entre a população do GC, 95%, constituída de 29 homens (96,67% do total masculino) e 28 mulheres (93,33% do total feminino) nega internações psiquiátricas, enquanto 3,33%, sendo que 1 homem (3,33% do total masculino) e 1 mulher (3,33% do total feminino), refere mais de 2 internações psiquiátricas. 1,67%, sendo 1 homem (3,33% do total masculino) relata haver passado por 1 internação psiquiátrica.

Analisando os resultados entre os dois grupos, não encontramos concomitância entre doença mental e agressão física do marido contra a mulher. É interessante ressaltar que as internações ocorridas na população masculina dos dois grupos, foram motivadas por alcoolismo e/ou drogas, enquanto que entre a população feminina, o motivo da internação foi, segundo relatos, depressão.

Embora possam existir diferenças entre o uso popular e clínico do termo, os sintomas típicos associados com depressão, incluem afetividade rebaixada, diminuição da disposição física ou emocional e mudanças nos padrões de sono e alimentação. Thorne-Finch afirma que é comum entre as mulheres, particularmente, aquelas que têm uma prolongada história de abusos, não conectar seus sentimentos negativos com o fato de ter sido abusada. Quer associem ou não, diz, muitas sofrem episódios depressivos de curto ou longo termo. Isso ocorre entre aquelas que têm sido vítimas de violência física ou emocional. Infelizmente, a depressão é frequentemente tratada como sendo o problema e não como sintoma de uma outra questão. Muitas mulheres têm sido desnecessariamente tratadas com antidepressivos e em consultórios psicológicos porque seu terapeuta falha em descobrir que a cliente foi agredida ou violentada em casa.(75)

Em nosso trabalho, temos ocasião de verificar que muitas mulheres realmente se queixam de tais sintomas, porém não podemos concluir que os sinais de depressão apresentados por elas, sejam unicamente consequência das agressões, levando-se em conta, suas histórias de vida.

5.2 - Aspectos Mais Relevantes das Histórias de Vida

Fator Sócio-econômico

A maioria dos casais entrevistados, provém de extratos social e econômicamente menos favorecidos da população. O subemprego, o desemprego, o desejo de melhorar o nível de vida da família, foram muito salientados nas entrevistas: "quero conseguir uma casinha, um ranchinho para a família morar" (caso 17); "um emprego com registro em carteira" (caso 10); "um caminhão nem que seja velho, para eu recomeçar do zero" (caso 29).

Gilberto Velho, a respeito disso, afirma que o Brasil é um país de desenvolvimento desequilibrado, de grandes desigualdades entre grupos sociais, não existindo aqui as garantias mínimas de sobrevivência para a maior parte da população, que está longe de ter seus problemas de alimentação, habitação, terra, saúde e educação satisfeitos.(76)

Os entrevistados são em grande número, oriundos de famílias pobres, filhos de lavradores e que, em idade precoce, começaram a trabalhar arduamente, na maioria das vezes, abandonando o estudo, que poderia hoje, colocá-los em melhor situação.

Contudo, não são em todos os lares com problemas sócio-econômicos que o homem agride fisicamente a companheira. Observamos a existência de outros fatores incidentes sobre estes casais, como por exemplo: a formação da personalidade do homem e da mulher, baixa auto-estima, fortes sentimentos de culpa, ciúmes exagerados e desconfiança em relação ao outro, agressividade manifesta, etc. Muitos falam das dificuldades do casal em se entenderem afetiva e sexualmente; mais da metade do número de mulheres se referem ao alcoolismo do marido, e estes dois fatores precipitantes, têm relação com as carências infantis já relatadas.

Após as agressões, muitos homens contam que sentem culpa, se arrependem, pedem perdão, "chance". As mulheres em sua maioria, reagem atualmente às agressões sofridas e, embora tenham feito notificação, poucas entre elas referem pretender dar continuidade ao processo, ou se separar do marido agressor.

Sobre a complexidade dos sentimentos que unem os membros de uma família, Goode (apud Silva)(67) comenta que as relações familiares, mesmo aquelas que não são harmoniosas, contém momentos agradáveis, o que torna difícil decidir-se pela separação, mas é igualmente difícil se submeter às agressões.

A nosso ver, a maioria desses homens e mulheres entrevistados, parece buscar um terceiro caminho: ficarem juntos, sem a ocorrência de agressões físicas entre eles, mas em função de seus profundos conflitos psico-sociais, têm dificuldades em atingir seus objetivos.

Desestruturação e Desagregação Familiar

Em inúmeros casos, há o relato da perda do pai (por morte ou separação do casal) em épocas que eles contavam poucos anos de vida, ficando a carga exclusivamente da mãe, não

só a educação dos filhos, mas também sua manutenção. Em alguns casos, a perda do pai ocasionou a desagregação da família, pelo menos para o entrevistado, que foi entregue aos cuidados de familiares, instituição ou famílias adotivas (casos 1, 14, 15, 19, 26), enquanto seus irmãos permaneceram junto à mãe.

Em seu livro *Apego e Perda*, Bowlby (14) comenta das consequências desse tipo de experiência sobre a criança: "enquanto a maioria dos adultos sabem que podem sobreviver sem a presença mais ou menos constante de uma figura de apego (como é o caso dos pais), as crianças não têm essa experiência. Por isso, é evidentemente muito mais devastador para a criança do que para o adulto ver-se sozinho num mundo estranho, situação que pode ocorrer facilmente se a criança tiver a infelicidade de perder os dois pais, ou se o genitor sobrevivente resolver transferir para outras pessoas, o cuidado do filho".

Também foi bastante comentado, o clima de agressividade reinante em muitos lares, fosse dos pais entre si, fosse deles em relação aos filhos: "meu pai bebia, batia em todos nós e nos colocava prá fora de casa" (caso 8); "lembro de uma surra que levei de meu pai porque quebrei um copo" (caso 9); "minha mãe batia na gente com pedaço de borracha; um dia fiquei sabendo que se beliscasse o umbigo morreria e era isso que eu fazia. Sempre me revoltei por apanhar" (caso 11); "minha mãe batia tanto, que até esquecia que estava batendo" (caso 30).

Em outros casos, os entrevistados relatam a desestruturação e instabilidade familiar devido a doença de um dos pais (doença mental, alcoolismo): uma das entrevistadas comenta que após a separação dos pais, a mãe começou a beber, o que agravou seu quadro de epilepsia, fazendo com que o juiz tirasse os filhos sob sua guarda, pois as crises assustavam as crianças, que eram pequenas (caso 19). Noutro caso, a entrevistada se recorda das constantes internações do pai em hospitais psiquiátricos, após cada tentativa de suicídio; a mãe era sentida como pessoa bastante agressiva e exigente (caso 21).

As histórias dramáticas se sucedem, testemunhando as duras condições de vida enquanto crianças: além da falta de dinheiro: "a gente passava até fome" (caso 20) e da falta de brinquedos que trouxessem um pouco de colorido à infância, o distanciamento afetivo entre os membros da família: "minha casa era uma tragédia", diz uma das entrevistadas (caso 22), parece que resumindo numa frase, o sentimento de todas essas pessoas.

Educação Diferenciada para Homens e Mulheres

As diferenças na criação e educação da menina e do menino, são flagrantes nos relatos de histórias de vida. Embora um número equivalente de homens e mulheres tenham iniciado precocemente no trabalho, como meio de contribuir com a renda familiar e/ou fazer face às suas despesas pessoais, observa-se que, em relação às mulheres, a medida que iam crescendo e se desenvolvendo, os pais ou responsáveis exerciam um controle maior sobre seus comportamentos, amizades, passios, namoros, etc. (casos 3, 6, 8, 9, 12, 13, 21, 26, 29 e 30). Algumas mulheres relatam que se casaram para fugir da prisão que era o lar (casos 3, 6, 9 e 29). Outras afirmam que se casaram com o primeiro namorado, dada a preocupação da família para que não ficassem "faladas" (casos 12, 13, 21 e 30). A maioria refere um período curto de namoro, com poucas chances de conhecimento mútuo: "só fui uma vez na casa dele, na época do namoro" (caso 13); "namoramos por 4 meses: na sala de minha casa, cada um de um lado e a minha família no meio" (caso 21); "namorávamos a cada 15 dias" (caso 30).

Observa-se que embora estes preconceitos estejam atualmente sendo postos de lado, com a ênfase dada à igualdade de direitos entre o homem e a mulher, nas classes social e economicamente menos favorecidas, eles ainda estão presentes, assim como é mais marcante a pressão sobre a criança para que se conforme aos papéis tradicionais de homem e mulher. "Os adultos da classe baixa tendem a oferecer modelos mais rigidamente estereotipados. Os pais têm mais probabilidade de trabalhar em uma ocupação tradicionalmente masculina envolvendo trabalho pesado, e as mães em ocupações tradicionalmente femininas, orientadas para serviços tais como limpar e cozinhar. Os pais raramente auxiliam nas tarefas caseiras ou cuidam dos filhos, em comparação com os da classe média, que têm mais probabilidade de trocar fraldas, fazer compras ou enxugar a louça. As mães da classe média usualmente são mais afirmativas e propendem mais a participar de uma variedade de atividades ou ter uma profissão nem sempre considerada como feminina". (59)

Assim, esses jovens pouco contato têm com situações e formas alternativas de pensar e existir; a escola que poderia suprir em parte esta deficiência, é abandonada logo cedo, dada a necessidade de trabalhar para sobreviver. Essas diferentes expectativas e papéis internalizados tanto pelo homem quanto pela mulher, tornam difícil a convivência e sua adaptação num mundo em constante mudança.

Relacionamento Afetivo/Sexual

Nas leituras de histórias de vida, sobressaem os problemas de ordem afetiva/sexual do casal. Alguns dentre os entrevistados chegam inclusive a afirmar que este é geralmente, o motivo maior das brigas, isto é, o desentendimento e/ou falta de entrosamento afetivo/sexual entre o par.

As mulheres relatam em sua maioria, que a lembrança das agressões contínuas, nos momentos em que o casal está se relacionando, as deixa "frias", quando não com ódio ou nojo do parceiro (casos 1, 6, 9 e 15).

Muitos homens se queixam da frieza e pouca afetividade da mulher, mas é interessante notar que entre as entrevistadas, apenas 2 (casos 12 e 26) relatam que se sentiam "frias" ou pouco receptivas ao relacionamento sexual, em período anterior ao início das agressões. Algumas mulheres (casos 4, 5, 13, 19, 20 e 24) pouca referência fazem a este aspecto da vida do casal, ainda quando questionadas.

Na maioria dos casos, as agressões se iniciaram após o casamento ou início da convivência. Percebe-se que naqueles casos onde a agressão ocorria já na época do namoro, após o casamento e/ou convivência, houve um agravamento das mesmas.

A situação do casamento e/ou a vinda dos filhos, tendem a reviver para o casal, conflitos da situação edípica: o homem passando a ver na mulher, a mãe outrora idealizada e proibida fazendo aflorar sentimentos como a raiva, culpa, inveja, hostilidade, etc. A mulher, também em função de seus conflitos internos e toda uma cultura que associa a maternidade à pureza, e o sexo e o prazer dele auferido como condenáveis, se afasta afetivamente do marido, acreditando que deve se aproximar da imagem da santa (assexuada), afastando-se da imagem da prostituta (que gosta e se interessa por sexo). É importante ressaltar que essas normas e preceitos culturais e religiosos, influenciam tanto o homem quanto a mulher, o que significa que também ele pode vir a sentir inconscientemente, que o casamento ou a vinda dos filhos, deve necessariamente, significar uma mudança no relacionamento do casal, o que

o levaria a afastar-se da mulher e, usando das prerrogativas que a cultura lhe confere, pode buscar a companhia de outras mulheres para conseguir um prazer que acredita proibido obter com sua mulher e mãe de seus filhos.

CONCLUSÕES

6. CONCLUSÕES

Através deste estudo psico-social de homens agressores, podemos concluir que:

- o uso abusivo do álcool, presente em 53,33% da população masculina do GE, aparece associado as eclosões de violência do homem contra a mulher, mas não podemos concluir que é o fator causal;
- há uma associação francamente positiva entre as queixas de dificuldades de ordem sexual/afetiva entre o casal e a ocorrência de agressões físicas: no GE, 55% da população refere insatisfação dessa ordem; no GC, a porcentagem de insatisfeitos é de 11,67%;
- verificamos que 28,33% da amostra total do GE refere ter presenciado agressão física entre os pais, durante a infância, sendo que no GC, a porcentagem de indivíduos que relatam o mesmo é de 30%. Nos dois grupos, em mais de 90% dos casos, o pai agredia a mãe, fornecendo para filhos e filhas, um modelo de relacionamento conjugal para o futuro, mas nem todos o adotaram;
- da população do GE refere ter sido espancada pelos pais ou responsáveis na infância, enquanto que 26,67% da população do GC refere o mesmo. Um número 3 vezes maior de mulheres no GE (50%), refere espancamento e maus tratos sofridos na infância quando comparado ao número de mulheres do GC que referem o mesmo (16,67%). Encontramos assim, uma associação entre agressão física à esposa e maus tratos na infância, particularmente, à criança do sexo feminino;
- a população estudada de casais com notificação de agressão física na Delegacia da Mulher (GE) apresenta renda pessoal mensal entre 1 e 3 salários mínimos. A maioria dos indivíduos apresenta grau de escolaridade que vai do primário incompleto ao ginásio incompleto;
- as dificuldades em resolver seus conflitos internos e externos, em expor e acatar a opinião do (a) parceiro (a), evidenciado nas agressões físicas e verbais (ofensas à pessoa do cônjuge ou à família dele (a) tem como consequência um distanciamento afetivo, observado no número elevado de casais do GE que referem não ter o hábito de saírem juntos ou conversarem sobre assuntos variados e/ou de interesse comum.

HISTÓRIAS DE VIDA

CASO 1

HOMEM : C.A., 31 Anos, Solteiro, Superior Completo, Professor do Estado, Natural de Aimorés, MG, Sem Religião, Renda Pessoal: 6 S.M.

Nota: Enquanto a pesquisadora iniciava a entrevista com a mulher, C.A. veio até a sala e disse que achava tudo isso "uma bobagem", uma vez que ela já havia se decidido pela separação. Ela lhe respondeu que a pesquisa não tinha "nada a ver" com a separação deles, pois as entrevistas eram para a pesquisadora; faziam parte de um estudo. Ele nada respondeu e saiu da sala. Minutos depois, retornou e disse que tinha um compromisso e que não poderia ficar por mais do que quinze minutos. A pesquisadora interrompeu a entrevista com a mulher e iniciou a entrevista com ele, que permaneceu até o final da mesma.

Questionado sobre o motivo que levou o casal até a Delegacia da Mulher, C.A. diz: "a meu ver, foi a imprudência de minha mulher. Ela deu a "maior baixaria" na casa do cunhado porque me viu lá". Esta é a primeira intimação que recebe. O casal não briga constantemente; quando o faz, o motivo geralmente é a família dela.

Acha que sua mulher é muito radical; não aceita dialogar, começa sempre gritando, querendo falar mais alto: "muito desafortada": primeiro briga, para depois conversar. Conta que existe interferência da família dela na relação deles.

Sobre a primeira vez em que a agrediu fisicamente, C.A. diz que estavam na praia, junto com amigos e ela o agrediu frente a todos: "a situação ficou chata e eu também lhe bati" Sua reação a esta primeira agressão, lembra-se que disse à ela que se fosse assim, não seria possível continuar.

Esta situação de agressões, C.A. diz que é uma questão de adaptação: "é difícil porque a pessoa tem uma determinada formação, de repente muda este estágio; há uma dificuldade maior, ela não está acostumada a ter a responsabilidade toda. Fica quase que encurralada. No caso de minha mulher, ela explode".

Acha que a situação pode ser modificada, mas não está disposto: "a situação familiar vem interferindo na minha vida profissional". Diz que sua mulher é pessoa bastante carinhosa, amorosa. O defeito "é não saber trabalhar a cabeça, o "eu", o psicológico, e ser explosiva".

O casal conversa bastante: "é isso que me deixa sem esperança, pois nem sempre esse diálogo está valendo na vida prática".

C.A. começou a trabalhar aos 15 anos de idade. Atualmente, trabalha 16 horas diárias: é professor do Estado e tem um "trailer" de lanches em sociedade com o cunhado de sua mulher. Está insatisfeito "não porque trabalhe muito, mas chega uma fase em que voce fica meio desgastado, stressado".

Sobre as primeiras informações sobre sexo, diz que sua primeira experiência sexual foi aos 8 anos com uma mulher casada. Lembra-se pois ficou marcado: "ela me violentou", diz. Teve medo de contar para outras pessoas, pois a mulher lhe falou que se contasse para alguém, "iria para o inferno". Na adolescência, namorou bastante; geralmente com mulheres mais velhas.

Sobre a relação com sua mulher, diz que a conheceu quando ela tinha 15 anos: "ela estava saindo de uma relação frustrante, de gravidez. Eu tive que funcionar um pouco com minha experiência de vida e também como "consultor sexual".

A segunda gravidez dela, diz que não aceitou, não queria filhos. A menina mais velha (filha de sua mulher com um ex-namorado) estava com dois anos. Queria que a mulher estudasse, e com filhos ficaria difícil. Mas veio e ficou feliz: "mas não queria não". Sobre a educação dos filhos, C.A. diz que conversa, mas também utiliza castigo físico.

Questionado quanto a saúde, C.A. diz que é boa. Fuma cigarros comuns e maconha, que iniciou aos 26 anos.

Quanto a família de origem, conta que seus pais se separaram quando ele tinha 1 ano de idade. Viu poucas vezes o pai biológico: "se a gente se encontrasse hoje, eu não o reconheceria".

Sua mãe se uniu a outro homem, quando ele estava com 8 anos: considera-o seu pai. C.A. comentou dessa nova união de sua mãe instado pela mulher, pois inicialmente, à pergunta da pesquisadora sobre o relacionamento dos pais, respondeu que era bom, sem fazer menção a separação. Quando a mulher o "lembrou" que era padrasto, ele a olhou e perguntou: "e daí? Eu o considero meu pai". O relacionamento do padrasto com a mãe é bom, sem agressões físicas. O padrasto é alcoolista. Não soube dizer da relação de sua mãe com seu pai biológico.

Acha que sua mulher confunde a relação profissional dele com outras coisas: "ela não gosta do cunhado, mas quando surgiu a oportunidade para a sociedade, foi consultada e concordou. Não admito misturar relacionamentos, comercial com outros".

Indagado, nega relações extra-conjugais.

Conta à pesquisadora que pretende estudar mais, desenvolver uma tese sobre periferia; já tem quase todo o material pronto. Hoje trabalha só com o primeiro grau.

MULHER: C. 18 Anos, Solteira, Ginásio Incompleto, Dona de Casa, Natural de Rio Claro, SP, Católica, Sem Renda Pessoal.

Questionada sobre o que a levou à D.M., diz que foram: "palavras de baixo calão e bofetões". É a primeira vez que faz queixa: "enquanto a gente brigava, os vizinhos chamaram a polícia e os policiais vieram e disseram que não podiam fazer nada, mas falaram da delegacia da mulher, e no dia seguinte, fui lá".

O casal não briga constantemente, mas quando acontece o motivo é quase sempre o mesmo: "ele não quer que eu tenha contato com a minha família, mas ele frequenta a casa de um cunhado meu com o qual eu não me dou". O motivo desta última briga foi que ela havia saído para ir à casa da mãe e, ao voltar, viu o carro do marido estacionado em frente a casa do cunhado. Foi então com a mãe até lá, chamou-o e xingou, pois "já que ele não quer que eu vá até lá, ele também não deve ir, não tem o direito", diz.

A primeira agressão física entre eles ocorreu na época do namoro. Antes de ele agredir-la, C. lembra-se que havia lhe dado um tapa por ele querer beijá-la a força. Ele não reagiu. Quando ele a agrediu, estavam no carro e ele lhe deu um tapa no rosto: disse que ela estava olhando para outro homem. Ela não reagiu; não sabe porquê. Diz que hoje, quando ele "pega prá bater", bate tanto que não dá tempo de reagir: "quando eu sinto bastante mágoa,

muita mesmo, aí eu vou encima, senão não vou. Nessa última vez, ele puxou meu cabelo, deu pontapé, tapa..."

Acha esta situação "super chata". Acredita que de sua parte, pode ser modificada. Mas da parte dele não: "é muito difícil, ele acredita muito nos outros; eu não: se alguém fala dele, eu defendo, ele não".

Segundo ela conta, o casal conversa bastante: sobre a família, sobre eles: "a gente conversa, depois briga e ele fala que não acredita em mim, que tudo que eu falo é mentira. Eu não gosto disso; uma pessoa não fala coisas sem sentir".

C. não pretende dar continuidade ao processo.

Sobre a família de origem, conta que o pai era sífilítico. Foi assassinado quando ela contava 4 anos de idade: "meu pai saía com mulheres casadas, tinha caminhão e um dos maridos matou ele". O relacionamento entre seus pais era conflituoso: havia muitas brigas, a mãe apanhava muito do marido. Com os filhos, o pai não era agressivo; a mãe, as vezes, bafia. Após a morte de seu pai, sua mãe mudou-se para Campinas e se juntou com outro homem. Este não aceitava os filhos da mulher e os agredia bastante.

C. morou com a mãe até a idade de 7 anos. Depois voltou à sua cidade para morar com a avó. As vezes vinha para Campinas, matar as saudades da mãe: "isto atrapalhou meus estudos, essas idas e vindas".

Sobre as primeiras informações sobre sexo, diz que aprendeu na rua, com colegas. Na família, nunca ensinaram nada: como se cuidar, como fazer. "Tive bastante namorados, mas "com relação", só dois. Antes de ter minha filha, não evitava: sentia vergonha de perguntar pras colegas, prá vizinha. Em casa ninguém falava nada".

Sobre a primeira gravidez, conta que nunca mais viu o pai de sua filha, embora ele a tenha procurado por tres vezes. Grávida, veio para Campinas e conheceu seu atual marido: "ele me aceitou como eu era".

C. conta que não "transaram" de início, mas após dois meses de namoro, eles estavam passeando de carro e ele a levou para um motel. Segundo conta, ela não queria descer, não se sentia preparada. Ele lhe disse: "tudo bem, então voce fica por aqui; eu não vou levar voce de volta". Então ela pensou e achou que talvez estivesse sendo pura demais, muito preservada. E aceitou que transassem. A medida que foi engordando e já no final da gravidez, ele foi se afastando. Chegou inclusive a namorar uma de suas irmãs: saiam juntos, viajavam a passeio: "ele não sai comigo, em lugar nenhum; então fico pensando que ele deu uma porção de coisas para ela e para mim ele não faz nada. Nem deu nome prá minha filha. Ela só foi registrada no meu nome. Uma vez dei "um toque" mas ele não falou nada. Ele trata bem, não sinto diferença no tratamento das duas. Mas na delegacia, quando a advogada disse: "voce têm duas filhas", ele respondeu: "esta não é minha filha!", e ele nunca havia renegado antes!".

Diante disso, C. diz que vem pensando muito na situação de sua primeira filha. Pergunta para si mesma, se não deveria procurar pelo pai verdadeiro da menina e pedir o reconhecimento da paternidade, para que ela tenha um pai, inclusive no registro. Após a gravidez, ela e a filha foram morar com seu atual marido e logo engravidou de novo: "Foi tudo bem, a menina tem saúde. Mas eu quero estudar. Fiz inscrição no supletivo, mas ele caçoa quando eu conto; joga na minha cara que eu não trabalho e o supletivo é pago".

Quando brigam, seu marido lhe diz: "quem voce pensa que é? Voce não é nada! Volte para o tanque e a cozinha, é lá o seu lugar!" Ela lhe responde: "e voce? Quem pensa que é? Um professorzinho medíocre! Ele lhe retruca: "voce não tem estudo, não tem cultura, nem cidadã voce é!"

C. diz que por sua vida atribulada, só tem registro de nascimento; nunca tirou R.G., CIC ou T.E., então fica muito nervosa e se sentindo "lá embaixo".

"Ele não me leva passear, não me apresenta para os amigos. Só conheço um casal de amigos dele. A mulher gosta de mim e "dá baixaria" maior que eu. Quando eu falo isto prá ele, ele diz: "ela pode, ela tem estudo".

C. relata que quando nasceu a segunda filha, ele as deixava sozinhas em casa, as vezes sem terem o que comer. Os vizinhos ajudavam e ela ficou sabendo que ele gastava o dinheiro com outras mulheres.

Sobre o relacionamento sexual/afetivo, ela diz: "ele quer sexo todo dia; eu gosto de "dar um tempo", então quando ele procura, as vezes eu finjo. Será que eu posso recusar? Mas também tenho medo de recusar e ele procurar outra".

Conta que ultimamente, não tem mais gostado da relação deles: "me sobe um negócio do estômago, dá nojo. Sinto nojo da pele dele, da minha; fico pensando em tudo que ele já fez, não consigo esquecer".

Acredita que a solução para eles dois, é a separação: "minha família aceita eu e as meninas. Eu coloco elas na creche e vou trabalhar. E quero estudar também. Quero receber pensão da segunda, que tive com ele". Pensa em procurar o pai da primeira filha. Diz que vai modificar sua atitude e mudar sua vida: "quero realizar meus sonhos".

CASO 2

HOMEM: A. 25 Anos, Casado, Superior Incompleto Aux.de Custos, Natural de Campinas, SP, Católico, Renda Pessoal: 10 S.M.

Nota: Sua mulher P., foi quem se prontificou a iniciar a entrevista. A medida que ela respondia as questões sobre as agressões, ele, presente na sala, censurava: "como voce é mentirosa, P.! Que mentira!" Ela mantinha as respostas, ele continuava discordando; o ambiente foi ficando tenso. A pesquisadora esclareceu então que lhe seriam feitas as mesmas perguntas, para que ele pudesse dar a versão dele. Os questionários eram idênticos. Ele pediu para vê-los; a pesquisadora os mostrou.

Depois disso, ele aparentemente se acalmou: ficou um pouco mais na sala e logo saiu e só retornou quando a mulher foi chamá-lo.

A. conta que foi até a D.M. porque foi pedido seu comparecimento para prestar esclarecimentos sobre uma briga. Nunca havia ido antes a uma delegacia. Ficou bastante complexo (sic), quando recebeu a intimação.

Diz que no dia da briga, feriado, trabalhou até as 14 horas, e chegando em casa, ia sair para assistir um torceio. Sua mulher começou a colocar impecilhos e disse que se ele saísse,

ela sairia também. Colocou um vestido curto que ele já a havia proibido de usar: "quando senta, o vestido sobe. Nunca permiti isso; vai contra os bons costumes". A. não entra em maiores detalhes de como se deu a agressão, mas nega ameaças com faca e espingarda.

Acha que sua esposa é muito exigente: "ela quer que quando chegue do serviço, já coloque a roupa usada encima do cesto. Se está limpando a casa, não pode pisar antes de secar; se usar uma louça, já lavá-la depois. Tem mania de limpeza, briga por coisas que poderiam ser contornadas".

A primeira agressão física diz que aconteceu na época do namoro. Estavam num churrasco em casa da tia dela, quando chegaram uns colegas e sua mulher foi correndo atendê-los, deixando-o sózinho um tempão. Quando ela voltou, ele comentou sobre isso e ela deu-lhe um tapa, chamando-o de "bobo". Mais tarde, o pessoal insistiu para que sua mulher bebesse e ela não bebe. Ela empurrou o copo e ele lhe deu um tapa. Mas diz que o tapa na realidade foi por tê-lo largado sózinho e ficar conversando com os colegas.

Hoje costumam conversar sobre as brigas, mas não procuram as causas, apenas comentam as consequências. Tem se questionado quanto a validade disto.

A. tem lábio leporino e conta que fez duas operações plásticas para correção. Diz que isto lhe trouxe muitos problemas na infância: as crianças caçoavam dele, colocavam apelido.

Relata que começou a trabalhar aos 12 anos, em função da morte do pai, que não deixou pensão, pois não pagava aposentadoria. Afastou-se então da escola por seis anos, pois não conseguia estudar e trabalhar: perdia aulas, saía tarde do serviço.

As informações sobre sexo, obteve em grupos de amigos. Diz que em casa, os pais não passam a verdade: colocam de um jeito figurado. Namorou sua mulher por dois anos. Quando casaram, "eu sabia que ela era virgem, que tinha que ter calma com ela; "essas coisas".

Quanto ao relacionamento de seus pais, diz que pelo que via, eles pouco conversavam. Mas não havia agressões físicas. Com relação aos filhos, a mãe tratava a todos de maneira igual. Já o pai, fazia diferença: dava muita proteção à uma das filhas e A. se sentia preterido, não se sentia aceito pelo pai. Conta que a irmã podia fazer o que quisesse; ele já não tinha essa liberdade.

Diz que via essas coisas e sempre ficou calado: nunca exigiu nada. Até hoje vê injustiça e fica calado. No trabalho, por exemplo, a divisão de tarefas é injusta: faz o trabalho do chefe de seção e do pessoal mais velho da casa. Já comentou sobre isso, mas não tem jeito: "alguém deveria ver isso". Já quis sair da firma, mas seu chefe não deixou: disse que ele é muito importante para a empresa e lhe prometeu uma progressão muito boa. Até agora não aconteceu.

Com relação ao casamento, diz que sua mulher quer ter um filho. Por ele esperaria mais, devido à faculdade, aos custos de um filho, aos cuidados. Seu tempo para se dedicar seria escasso, mas a mulher não entende seu ponto de vista: "ela quer, então o que eu vou fazer? Vou fazer o que ela quer!"

MULHER: P. 20 Anos, Fem., Casada, Ginásial Completo, Operadora de Caixa, Natural de Campinas, SP, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

P. conta que foi até a D.M. seguindo orientação de seu advogado. Sobre a última briga que tiveram, diz que estava em sua casa, fazendo limpeza e o marido, que estava vestido para sair, lhe disse que estava feia. Ela concordou, disse que estava fazendo limpeza, ao que ele informou que ia sair; ela disse que sairia também. Ele desaprovou o vestido que ela escolheu para sair, discutiram, mas pararam com a chegada de uma amiga do casal. O marido saiu e a noite, quando voltou, ao ver sair da casa sua cunhada, perguntou sobre o que tinham falado: "ele perguntou com indelicadeza, foi grosseiro e eu me recusei a responder", conta ela. Ele então a agrediu com o espeto da churrasqueira. Ela conseguiu tirá-lo de sua mão, e ele a ameaçou com a faca e depois apontou a espingarda para sua cabeça.

Diz que as brigas começam porque: "coloco muito as coisas na cabeça, tudo o que falam. Detesto que me falem coisas tipo: voce é feia, é isto, é aquilo. As vezes, ele diz: "voce é feia, voce parece uma macaca, e quando a gente discute, eu joga na cara dele as coisas que ele fala, e ele, que já é nervoso, fica mais ainda"

Ele já a agrediu com chineladas na cabeça e com a tampa do cesto de roupas. Diz à ela que agora que já conseguiu o que queria, "casar com ela que era virgem, não se importa mais".

A primeira vez em que a agrediu, foi logo no começo de namoro, num churrasco em casa de sua tia. Ele e suas primas insistiam para que ela bebesse e ela não queria, ele a forçou, discutiram; ele se aborreceu e lhe deu um tapa. P. conta que não reagiu porque começou a chorar. Não sabe o que pensar destas agressões. As vezes pensa que o marido é muito nervoso, ou que tem algum problema. Sua sogra lhe diz que ele ficou muito revoltado com a morte do pai.

P. é filha de mãe solteira. Seu pai verdadeiro engravidou na mesma época, a sua mãe e uma outra mulher. Acabou se casando com a outra. Sua mãe se casou mais tarde com outro homem e teve mais dois filhos, mas o casamento não deu certo: o padrasto não gostava de trabalhar. P. pouco se lembra dele: "era indiferente", diz. A mãe se separou e foi com os filhos morar com a avó de P.

Enquanto sua mãe trabalhava fora, ela tinha a incumbência de cuidar da casa e dos dois irmãos menores. Diz que não estudava. Quando chegava em casa, "esquecia" seus deveres de escola e ia cuidar da casa; tinha medo da mãe, de tudo, era muito medrosa. A mãe batia bastante. Acha que por ser a filha mais velha, "sobrava tudo prá ela".

Há 4 anos a sua mãe mora com seu pai verdadeiro (o casamento dele também não deu certo). P. diz que os dois "se adoram" e estão felizes juntos.

As primeiras informações sobre sexo ela obteve na escola e em casa. Mas, informações mais completas, teve com uma prima que se casou e quando voltou da lua-de-mel, "deu o relatório completo" às primas.

Sobre o relacionamento com o marido hoje, P. diz: "estou satisfeítíssima com meu marido". Conta que antes dessa última briga, ele a havia questionado sobre a pílula. Quando aconteceu a briga, deu "graças a Deus" por não ter parado e não estar grávida.

Agora estão juntos novamente. Prometeram um ao outro que não haverá mais agressões físicas entre eles. Se houver, será cada um para o seu lado. Mas, ele lhe diz que deseja um filho e ela esta pretendendo atendê-lo: "quero agora ser feliz e quero muito. O único problema é esse: as brigas".

CASO 3

HOMEM: O. 25 Anos, Casado, Gin. Incompleto, Motorista-Cobrador, Natural de Campinas, SP, Católico, Renda Pessoal 3 S.M.

Questionado sobre o motivo que os levou à D.M., O. conta que foi devido ao fato de chegar tarde em casa e ter tomado "umas coisinhas". Sua mulher ficou brava com o atraso e com a bebida. Diz que não são comuns as agressões físicas; discussões sempre ocorrem, motivadas por ciúmes de sua mulher. Ela começa com agressão verbal, ele fica nervoso e discutem. As vezes discutem por causa das crianças: "eu mimo muito o menino mais velho". Relata que as agressões físicas ocorriam já na época do namoro e eram também devido aos ciúmes de sua mulher.

A primeira vez em que a agrediu foi porque ela ameaçava se jogar na frente dos carros, se matar: "ela sempre falava em suicídio". O. relata que sente que o relacionamento deles melhorou depois da "última confusão". Diz que as vezes pensa em se separar, mas pensa nos filhos, "na mulher que tirou criança da casa dos pais..."

Sobre a bebida, diz que bebe apenas nos finais de semana e que nunca perde o controle quando bebe, pelo contrário, fica mais alegre. Conta que seu pai foi alcoolista, não dava dinheiro em casa, tinha amante. Lembra-se que passaram fome. O pai ameaçava bater na mãe e ele e os outros irmãos "não deixavam". Pai batia muito nos filhos, colocava de castigo. Hoje o pai não bebe mais. As vezes discute com sua mãe, pois o pai é muito antigo: "gosta das coisas tudo certas". Sua mãe é coruja com os filhos até hoje. Quando criança, O. apresentou enurese noturna e encoprese até os dez anos. E até hoje fala enquanto dorme. Tem tique nervoso.

Aos doze anos começou a trabalhar de faxineiro. Quando adolescente, "era muito caseiro, isolado dos outros rapazes. Sempre fui uma pessoa muito envergonhada, tive namoros passageiros; namoro sério só com minha mulher". Conta que os dois planejaram a gravidez dela: "era louco para ter um filho, era meu sonho. Acho que era o de minha mulher também". Planejaram tudo para se casarem.

Considera satisfatória sua vida sexual atual. Ele e a mulher conversam sobre isso de vez em quando.

"As vezes penso que deveria ter curtido mais a vida antes de casar, outras vezes penso que o casamento foi a melhor coisa de minha vida; consegui os filhos que eu tanto queria, uma mulher que gosta de mim..."

Para o futuro, pensa em comprar um terreno e construir uma casinha para não depender de pais ou sogros. Quer também ver os filhos crescerem, serem honestos e trabalhadores como ele: "poder criar eles direitinho, ver eles chegarem aonde eu cheguei: casado, com filhos que vão ser meus netos. Quero ver tudo isto antes de qualquer coisa, antes de morrer".

MULHER: L. 20 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Dona de Casa, Natural de Vinhedo, SP, Católica, Sem Renda Pessoal.

L. conta que ela e o marido já "estavam de briga" antes do dia em que ocorreu a agressão física. Fizeram excursão até a praia e ele a deixou sozinha e saiu com um casal amigo. Quando voltaram, ela discutiu com o casal. Ele não gostou da atitude dela.

No feriado seguinte, ele saiu de casa de manhã e voltou à noite, bastante bêbado. Ela foi "tomar satisfação" e ele lhe disse que se falasse muito, sairia de novo. Ela tirou a chave da mão do marido, ele foi tentar reavê-la e a agrediu: quase a enforcou. L. conta que se assustou, seu irmão teve que intervir para que o marido a soltasse.

L. diz que não fez nada para se defender, pois acha que é preferível "ser a vítima do que a acusada". Chamou a polícia "na hora do nervoso", pois não queria "deixar barato".

Mas na hora de registrar queixa, quis desistir e seu marido não deixou: "veio até aqui, agora voce vai fazer". Então ela registrou o B.O.

Conta que desde a época do namoro já "se pegavam"; mas era ela que começava, que "ia por cima". Se acha muito nervosa e se se controlasse mais, "ia saber levar ele", mas que ele também é muito nervoso.

O motivo das brigas é geralmente o fato de o marido sair para tomar cerveja. Acha-o muito bom e bobo para os outros e aí ela se intromete e ele não gosta: "é homem, já viu".

Relata sua surpresa quando recebeu a intimação para comparecer à D.M., pois diz que sua mãe apanhou de seu pai a vida toda, reclamou em delegacias e nunca aconteceu nada. Achou muito bom haver essa continuidade. Acha que isto a tem feito pensar melhor: "há tempos atrás não contava com nada, tanto fazia viver como morrer. Falava e pensava em suicídio". Depois da intimação, sente-se melhor em relação a si mesma e sente o relacionamento com o marido mais amadurecido.

L. conta que seu pai sempre foi muito agressivo, é meio revoltada com isto. Acha que seu irmão teve tratamento melhor. Seu pai dizia que "filho homem é melhor que filha mulher". Lembra-se que fazia tudo o que o pai pedia, pois tinha medo de desobedecê-lo.

Quando criança, a mãe saía e pedia à L. que cuidasse da casa e do irmão pequeno. Acha que sua mãe saía com amigos, acredita que "ela não tem juízo normal", pois tem muitas e estranhas manias: ao passar a roupa, passa várias vezes a mesma peça; para guardá-las, dobra e desdobra outras tantas vezes, etc.

L. começou a trabalhar fora aos 9 anos de idade. Foi pessoalmente se oferecer no primeiro emprego.

Seu marido foi seu primeiro namorado. Foi com ele que obteve informações sobre sexo, orgasmo. Tinha vergonha de falar sobre isto com a mãe; quase não tinha tempo para colegas. Seu pai não a deixava sair, nem sózinha e muito menos com o namorado: "resolvi aprontar para casar. Queria casar para sair de casa, mas eu gostava e gosto do meu marido. Meu pai dizia que filha dele não casava". L. tinha nessa época, 16 anos incompletos; foi necessário os pais assinarem para emancipá-la. Seu pai assinou na última semana e após o casamento, disse-lhe que faria por ela tudo que não havia feito antes do casamento: "agora não adianta, poderia ter feito antes; confiado em mim, talvez eu não tivesse aprontado, as coisas fossem diferentes", desabafa.

Sobre a vida sexual do casal, diz que "não fazem relação direto". Uma vez por semana, uma vez a cada duas semanas, as vezes mais: "a gente se entende, eu gosto de carinho, ele não é muito carinhoso. No primeiro ano de casamento, ele foi muito carinhoso, apesar das brigas".

Diz que sempre foi muito sozinha: nunca comentou sobre seus problemas com a mãe ou o pai: "digo que é meu marido mesmo que me ouve. Eu costumo dizer que ele é meu pai, meu amigo, namorado, conselheiro, tudo. Devo muito à ele. É ele que me dá carinho, proteção".

CASO 4

HOMEM: A. 33 Anos, Primário Completo, Encanador-Eletricista, Natural de Santa Maria do Suaçuí, MG, Batista, Renda Pessoal: 4 S.M.

NOTA: Entre o início e o término da entrevista, o casal se separou. Ela se mudou para a casa dos pais, levando a filha do casal. Ele ficou na casa onde moravam, que já era de sua propriedade antes de se casarem.

A. diz que esta é a primeira vez que foi intimado. Que sua mulher deu queixa depois que ele havia "enjoado de falar" para o sogro que não havia possibilidade de convivência. Essa briga aconteceu porque a mulher foi no baile e quando chegou, ficou batendo na janela e ele teve de levantar para ir abrir a porta. Havia pedido para ela levar a chave, mas ela sempre que sai, nunca leva: "faz isto para provocar e aí, sai no tapa mesmo". Diz que não gosta de bailes; casou para sossegar: foi muito bagunceiro. Quando se casaram, não gostavam um do outro: tinham gênios e gostos diferentes: "foi uma tentativa e não deu certo".

Sobre as agressões, acha "uma baixaria". Sempre pensou em casar e respeitar os direitos da mulher: na cozinha, nas vontades de programas de televisão; mas a mulher não respeitava seus direitos.

A. conta que quando criança, odiava a escola: a professora mandava os alunos buscarem bambú na beira do rio, para bater-lhes durante a aula.

Apresentou enurese noturna até depois de casado: "sumiu depois de uma hora para outra", diz. Tinha problema de saliva: sua boca enchia de água. Vivia com o lenço no bolso e as vezes não era suficiente: "ficava encharcado"; procurou o médico, fez exames, não deu em nada. Atualmente sofre de insônia; tem doença de Chagas. Perdeu um irmão aos 37 anos de idade, também chagásico.

Começou a trabalhar aos 7 anos de idade, na roça com a família. Quando vieram para Campinas, tinha 15 anos e trabalhou como bóia-fria. Conta que em casa de seus pais nunca se comentava sobre sexo. Suas informações a respeito foram obtidas na rua, com amigos: "fui criado no interior, numa fazenda, em regime de interior, atrasado. Era retardado mesmo, diferente do meu irmão nascido aqui: desde pequenininho, já sabe tudo".

Sua primeira namorada foi aos 21 anos. Ficaram juntos apenas um dia, numa festa de quermesse; depois não quis mais saber dela. Com sua mulher, namorou por um ano. Tiveram conflitos desde o começo de casados. A. diz que chegou a ir até o sogro para devolver a mulher, mas ele não aceitou, dizendo que também brigava com a mulher "de rolar no chão" (ambos bebiam).

Relacionamento afetivo/sexual, hoje é zero, diz. Dormem em camas separadas. Há meses o casal não se relaciona sexualmente.

Sobre o relacionamento de seus pais, diz que é bom, sem agressões físicas. Pai é chagásico, tinha problema de intestino (ficava 30 dias sem evacuar), depois operou e melhorou.

A. conta que foi ele próprio quem construiu a casa onde moram; ganhou o terreno da prefeitura: "quando era mais novo, tinha muita vontade de progredir, construir; agora cai prá caramba".

Com relação à filha, está fazendo o máximo possível por ela: "nem deixo andar quando ela sai comigo, levo no colo; compro doce, bala, já que não posso dar outras coisas".

A. diz que quando estava casado, pouco contato tinha com a menina. Hoje, o relacionamento é melhor: "não gostava de ninguém, nem de mim".

OBSERVAÇÃO: Após o término da entrevista, a pesquisadora se dirigiu à casa em frente a de A., onde a moradora também participa da pesquisa.

Ela relata que depois da separação, A. "enche" a casa com amigos e lá ficam bebendo e ouvindo música até tarde da noite. Os homens "caem de bêbados", ele inclusive.

No último final de semana, sua ex-mulher esteve procurando por ele, pois a filha estava doente e precisava de remédio. Ele se recusou a lhe dar dinheiro; paga-lhe uma pensão de 30% de um salário mínimo.

MULHER: R. 22 anos, Casada, Gin. Incompleto, Desempregada, Natural de Guaravera, PR, Sem Religião, Sem Renda Pessoal.

R. conta que o motivo da última briga foi o fato de seu marido querer a separação e ela não: "ele brigava muito comigo e agredia, corria atrás de mim com enxada, as vezes com pedaço de pau". Segundo conta, as brigas ocorrem sempre quando o marido está bêbado: "ele é calmo, não mexe com ninguém, mas quando bebe é outra pessoa". Foi logo após o casamento que as agressões físicas começaram, mas ele já bebia antes de se casarem.

Começou a trabalhar aos 14 anos em casas de família: "hoje não encontro mais casas para trabalhar por isto mudei de profissão; trabalhei até um mes atrás como auxiliar de produção, agora estou desempregada".

Sobre as primeiras informações sexuais, diz que obteve na escola, mas já sabia sobre menstruação.

Casou-se aos 17 anos e questionada sobre experiências pré-matrimoniais, diz: "não casei grávida, não".

Quando engravidou, conta que teve problemas, pois seu marido não aceitava a gravidez; dizia que o filho não era dele. Depois dessa gravidez, sofreu um aborto: "por causa de muito nervoso com ele".

Comenta que seu pai foi alcoolista e que havia muitas brigas e agressões físicas entre os pais devido a este problema. Pai parou de beber depois que começou a desmaiar. Sobre o relacionamento com os filhos, R. mostra-se evasiva: "as vezes conversavam, as vezes batiam".

Diz que seu sonho é conseguir um terreno da prefeitura e construir dois comôdos para morar com a filha. No momento não está trabalhando e não tem namorado, ainda: "quero arrumar um homem que não faça eu sofrer tanto como o A. Mas tem que aceitar a menina, senão eu não quero".

CASO 5

HOMEM: O. 30 Anos, Casado, Primário Incompleto, Motorista Particular, Natural de Vera Cruz, SP, Sem Religião, Renda Pessoal: 2 e 1/2 S.M.

NOTA: Para a entrevista, ambos permaneceram na sala, um interferindo nas respostas do outro. O ambiente esteve tenso, com trocas de acusações, de ambas as partes, mágoas e ressentimentos antigos e não resolvidos eram trazidos à tona, sem chegarem a um consenso.

O. relata que esta é a primeira intimação que recebe. Acha que a esposa abandonou a casa e não está educando a filha adequadamente.

A última briga aconteceu porque ela falou algo que não devia sobre a mãe dele. Diz que o casal briga constantemente: é só se falarem. "Começa sempre quando eu tento corrigir alguma coisa em casa".

A primeira vez em que ele a agrediu fisicamente foi porque ela o agrediu verbalmente. Estavam casados há um ano. Acha esta situação de agressões bem ruim: "não se deseja pra ninguém, mas se é agredido de tal forma, que se perde o controle", diz.

Sobre a infância relata que começou a trabalhar aos 7 anos de idade. Cuidava da casa para a mãe: lavava, fazia comida, cuidava dos irmãos menores (eram em 10 filhos), trocava-os, lavava fraldas, etc. A escola distava 8 km de sua casa.

Informações sobre sexo, sexualidade, não obteve nem em casa, nem na escola: "nunca fui instruído". Quando solteiro, namorou bastante, passeava.

Atualmente a vida sexual/afetiva do casal está péssima: "nós apenas vivemos sob o mesmo teto, não falamos, não existe relação". Admite ter relações extra-conjugais.

Sobre a gravidez da mulher, relata que foi ótima; a mulher não teve problemas: "se ela teve problemas foram psicológicos; ela ficava preocupada, com medo que a criança nascesse com problemas". O. diz que educa a filha através de diálogo, castigo físico e outros castigos também.

Sobre seus pais, lembra-se que brigavam muito, devido ao alcoolismo paterno. Havia agressões físicas entre eles. Após a morte do pai, sua mãe começou a beber e já esteve internada em hospitais psiquiátricos, devido ao problema. O relacionamento dos pais com os filhos era bom: pais pouco conversavam, mas também não batiam.

O. conta que uma de suas características é preferir que outros tomem a iniciativa; não sabe se faz assim por não ter muita instrução: "mas prefiro dar um tempo".

Diz que gostaria que nada disso estivesse acontecendo. Acha que agora, 8 anos de casados, o próximo passo é a separação: "chegamos ao ponto da separação e agora, só o tempo vai empurrando a gente: ela para o lado dela e eu para o meu".

Conta que ultimamente, a mulher só quer saber de religião: "antes era vaidosa, se pintava, cuidava direitinho da menina; a casa era "um brinco"; hoje, ela veste a menina de qualquer jeito. Até mesmo minhas calças e camisas ela já não cuida como antes. Se falo sobre isto, ela responde que essas coisas não tem importancia, que tudo é passageiro".

O. diz que gosta de andar bem arrumado e que sua filha também esteja arrumada; que as vezes ele mesmo tem que lavar suas roupas: "não me queixo, mas gostaria que ela voltasse ao que era antes".

OBSERVAÇÃO: Ao final da entrevista, instado pela mulher, comentou do alcoolismo de uma bisavó e do suicídio de uma avó. Suicídio este, motivado por brigas com o marido. A mulher o lembrou desses fatos após ele ter comentado sobre uma tentativa de suicídio dela, antes de conhece-lo.

MULHER: V. 24 Anos, Casada, Ginásio Completo, Empregada Doméstica, Natural de Campinas, SP, Evangélica, Renda Pessoal: 1 S.M.

V. conta que esta é a segunda vez que vai à D.M.: " Dessa última vez, enquanto a gente discutia, disse o que não deveria dizer e, embora eu não estivesse mentindo, ele me espancou".

A primeira vez em que ele a agrediu, não tinham um ano de casados. Não se lembra o que falou e ele lhe deu um bofetão. Não reagiu: "fiquei assim meio abobada pelo pouco tempo de casada".

Acha essas agressões uma covardia, que nada resolvem: "ele é muito provocante, provoca muito. Estamos vivendo assim como dois estranhos, se retorna junto, volta tudo outra vez".

V. relata que entre seus pais não havia agressões físicas, embora houvessem muitas discussões, devido ao alcoolismo do pai. Relacionamento dos pais com os filhos era bom.

V. começou a trabalhar aos 13 anos em casas de família. Trabalhava apenas meio período. Atualmente trabalha o dia todo mas se diz cansada deste serviço.

Namorou seu marido por um período de 3 meses. Casou-se aos 16 anos. O casal tem uma filha de 7 anos, a qual ela diz educar com diálogo e, as vezes, castigo físico. V. acha que casou muito nova e até hoje se pergunta se foi bom ou não. Diz que a única experiência boa foi sua filha. Atualmente a vida afetiva do casal não está boa: dormem em quartos separados e mal se falam.

Sobre a gravidez, diz que foi um período terrível. Fisicamente bem, mas psicologicamente ruim. A fase que atravessavam no casamento estava muito difícil.

Sobre a vida atual e planos para o futuro, diz que no momento, está bem: "apesar de tudo que está ocorrendo, de estar na pior fase do meu casamento. Já pensei em ir embora, mas isso já passou: estou me sentindo mais calma. Penso agora só no bem estar de minha

filha. Chega um ponto em que voce estaciona, cansa de lutar, não recua, nem vai em frente: pára. Não sei como chegamos a este ponto de não conversar e quando conversa, brigar, agredir. Se um fala com o outro, é apenas para criticar, censurar ou ofender".

V. relata que sua distração é a leitura, ir à igreja, ficar com a filha. Há dois anos mudou de religião e tem procurado seguir corretamente seus ensinamentos.

CASO 6

HOMEM: N. 30 Anos, Casado, Gin. Incompleto, Construtor de Obras, Natural de Dracena, SP, Católico, Renda Pessoal: 7 S.M.

NOTA: Antes de iniciar a entrevista, N. disse à pesquisadora que "se sentia mais perdido que cego em tiroteio". Que era bom "isso de psicóloga"; que ele e a mulher não estavam conseguindo se entender e que em trinta anos de vida, nunca teve um conselho.

Contou que sua mulher estava querendo se separar, diz que não gosta mais dele. Mas que ele acha que "isso de separar não é bom", que era melhor eles tentarem, procurarem ajuda: "ela pensa que vai ser melhor separar, mas ela sozinha com a menina..."

Disse que desde a última briga (há quarenta dias), não têm conversado, nem se relacionado afetiva/sexualmente com a mulher, que recusa qualquer contato. Pediu à pesquisadora que aconselhasse a mulher pois ele, desde então não vem bebendo mais e nem vai beber: "eu prometi e estou cumprindo".

N. diz que todo casal briga, "mas briga de sair no tapa são bem poucos". Que a briga maior deles é pelo fato de sua mulher ser fria; que "ela promete e não cumpre".

"Eu trabalho o dia inteiro, chego em casa e encontro uma mulher de cara feia. Eu reconheço quando ela está nervosa e aí fico quieto no meu canto".

Sobre a última briga, diz: "eu gosto de levá-la passear; não acho que mulher tenha que ficar presa em casa o tempo todo cuidando de criança. Nós fomos numa lanchonete e bebemos. E quando a gente bebe, nós dois ficamos alegres. Eu "cantei ela" e ela disse que em casa... E quando chegou em casa, ela negou. Fiquei nervoso e disse para ela enfiar naquele lugar, que eu não precisava porque na rua tinha aos montes. Falei isso mas não vou. Falei na hora do nervoso; em 9 anos de casado nunca procurei outra. Tenho medo de pegar doença. Mas ela "voou" em cima de mim e tirou "um tufo" de cabelo meu. Eu empurrei e ela foi na cozinha e voltou com uma faca. Eu falei para ela largar a faca que isso era violência. Tirei a faca e empurrei ela no banheiro, ela passou o box e bateu o rosto eu não sei onde. É isso que eu lembro, não sei se fiz mais coisas. Ela estava brigando, eu só estava me defendendo".

N. diz que há muita interferência de terceiros na relação dos dois. Parentes tanto da parte dele, quanto da parte dela, fazem muitas críticas.

A primeira agressão física ocorreu quando tinham mais ou menos 3 anos de casados. Eles discutiam e sua mãe chegou e pediu para que não brigassem. Ela respondeu: "saia daqui, sua velha biscate". N. disse à mulher que se repetisse isso, ela apanharia. Ela repetiu e ele então a agrediu. Acha que foi violento demais, mas que "mãe é sangue do sangue" e ele jamais falou ou falaria isto para a mãe dela. Acha que errou mas que se fosse uma pessoa

com a "cabeça esquentada", teria largado tudo e ido morar com a mãe. "Mas como eu casei, tenho que manter a palavra e a responsabilidade como venho fazendo até hoje".

Quando se conheceram, disse à ela que não haveria "chance para eles", pois ela era rica e ele pobre, e então sumiu. Uma semana mais tarde, ela foi procurá-lo em sua casa e então começaram a namorar. "Ela era moça, eu aprontei e assumi a responsabilidade. O único defeito que vejo nela é que ela "desfaz de mim".

Após as brigas, eles não conversam. Ficam uma, duas semanas de "cara virada". Depois surge algum contratempo e voltam a se falar, mas não comentam sobre as brigas.

Sobre a infância, N. diz que não teve brincadeiras. Aos 6 anos de idade, ajudava o pai na lavoura, colhendo café. Depois almoçava e ia para a escola. Quando se irmão mais velho saiu de casa, ficou sendo ele, aos 12 anos, o braço direito do pai.

Quando terminou o serviço militar, disse ao pai que queria se mudar para a cidade. A família resolveu acompanhá-lo.

Sobre o início da vida sexual, N. diz: "Disse para mim mesmo que enquanto não completasse 18 anos, não faria sexo. Nunca tive nenhuma informação sobre isso, nem em casa, nem em lugar nenhum, mas eu achava que não era certo sair por aí com mocinhas de 16, 17 anos. E até hoje não acho certo quando vejo meninas novas assim grávidas e os homens depois não assumirem. Tinha medo também de doenças, embora há 12 anos atrás, não tivesse tantas como hoje".

Quando a mulher engravidou, diz que ficou muito feliz. Não tinha e não tem preferência por sexo: "eu queria mesmo é que ela tivesse filho". A educação da filha é com diálogo e, de vez em quando, uns tapinhas.

Sobre o relacionamento de seus pais, diz que sempre foi bom, sem agressões físicas.

Sobre si mesmo, diz que infância não teve. Até hoje se acha infantil. Mas sobre isso não reclama. Diz que já passou muito desespero em relação às coisas da vida. Sempre foi pessoa alegre; enfrentou muitas dificuldades no casamento, mas se acha feliz: "dou valor à tudo que eu tenho, principalmente à família".

MULHER: S. 25 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Dona de Casa, Natural de Adamantina, SP, Católica, Sem Renda Pessoal.

S. relata que foi aconselhada por parentes a ir até a D.M., fazer queixa das agressões. Diz que não foi antes por vergonha. As pessoas a aconselharam a ir "para dar um susto nele", pois diziam que ele já estava acostumado.

O casal briga constantemente. Acha que é incompatibilidade de gênios: "ele é o oposto de mim". Diz que ele só a agride quando bebe, que fica irreconhecível: "parece que encarna o diabo; ele bate, depois se arrepende e pede chance. Tenho esperanças que ele páre, por isso dou chances e também porque quando ele não bebe, é outra pessoa".

Conta que esta última briga ocorreu quando voltaram da lanchonete e começaram a discutir: "ele tem a mania de por o dedo no meu nariz e então eu empurrei e ele veio por cima. Quando ele está bêbado, me bate por qualquer coisinha. Chegamos "super tarde": eram

2 horas da manhã. Ele veio me procurar, eu não queria, aí começou. O que mais me revolta é ele me bater por motivos mais bobos. Só porque eu não queria, ele me bate. Não tinha motivo. Aliás acho que homem não deve bater em mulher por motivo nenhum. Estou muito revoltada, até hoje. Já tínhamos feito na outra noite e agora porque eu não queria... É por isto que não gosto mais dele, que eu acho que não dá mais... Ele é muito ciumento, me trata como se eu fosse propriedade dele".

S. diz que antes de ir à D.M., o marido bebia todo dia: "ele se reunia com os amigos no bar e chegava 9 horas da noite. Não que ele "encha a cara": não precisa beber muito. Uma pinga ou uma cerveja é suficiente. Ele é fraco para bebida. Quando ele bebe, eu não quero conversa, nem que chegue perto, argh! Se pelo menos ele bebesse e ficasse quieto!"

Conta que a primeira vez em que a agrediu, estava grávida. Não se lembra do motivo. Diz que no início de casados, o marido era muito influenciado pelos pais. E o pai dele lhe dizia que era para bater. Os pais dela também entravam no meio e dava a maior confusão! S. relata que seu marido é o filho preferido de sua sogra para ela "pegar no pé". Que a sogra nunca quis o casamento. Ainda hoje lhe dá conselhos para que se separem.

Questionada se reagiu à primeira agressão, diz que sim, que sempre enfrentou o marido, mas odeia este tipo de situação: "se ele tem vontade de bater, porque não vai procurar um homem? Odeio isto principalmente por causa de minha filha".

Lembra-se que seu pai sempre foi contra o namoro. Ele trancava o portão para que ela não saísse, mas ela mandava recado para ele através de empregados da firma de seu pai, até que fugiram. Quando voltaram, o marido a levou para a casa da mãe dele. O pai de S. lhe disse que ela não sabia o que estava fazendo: "que ela se arrependeria até o último fio de cabelo".

Sobre sexo, sexualidade, diz que "sua vida sexual ativa" começou com o marido. Não tomou anticoncepcional. Mesmo depois de casados, ficaram tres anos sem ter filhos. Teve que fazer tratamento para engravidar. Gostaria de ter mais 2 filhos, mas tem medo de engravidar por causa dos problemas com o marido. Hoje, apesar das dificuldades para engravidar, toma pilula.

S. diz que não gosta de sexo. Fazem 3 vezes por semana e acha que está normal. Mas diz que faz por obrigação. Acha que é porque não gosta mais do marido, que não consegue esquecer as coisas que ele faz para ela, e na hora, começa a se lembrar de tudo e fica fria com ele. Aí ele acha ruim, discutem. Acha que as brigas ocorrem mais por esse motivo. Mas que sempre acontecem quando ele está alcoolizado.

Sobre seus pais, S. diz que são separados. Sua mãe se casou novamente quando S. tinha 9 meses. Ela nunca viu o pai biológico. Considera pai a seu padrasto. Este sempre bebeu e agrediu sua mãe. Mas nunca bateu em nenhum dos filhos. A mãe batia quando faziam algo errado. S. diz: "meu padrasto é muito explosivo e nervoso e minha mãe também, mas minha mãe sempre reagiu às agressões".

Sobre a adolescência, S. diz que sua mãe não a deixava sair. E quando saía tinha que levar as irmãs: "acho que casei para sair da prisão. Mas apesar das brigas, gosto mais da minha vida atual. Quero guardar dinheiro para construir. Ele é tão gastador! Eu quero trabalhar e, para evitar briga, não vou mais falar para ele guardar: vou eu mesma guardar o meu quando ganhar, assim quem sabe ele "caia na real".

S. conta que ultimamente não estão brigando; seu marido não tem ido ao bar: compram cerveja e bebem juntos em casa e, como estão conversando, não têm brigado: "quero ver até quando dura isto!"

OBSERVAÇÃO: A entrevista foi feita em duas vezes. Na segunda e última vez em que a pesquisadora lá esteve, o casal parecia mais tranquilo. Segundo palavras dos dois, estavam bem, haviam feito as pazes e queriam continuar assim: em paz.

CASO 7

HOMEM: J. 29 Anos, Casado, Gin. Incompleto, Ajudante de Produção, Natural de São José das Piranhas, PB, Católico, Renda Pessoal: 3 S.M.

NOTA: Quando a pesquisadora esteve com o casal para entrevista, o homem estava visivelmente alcoolizado. Era final de semana. Ele negou as agressões, censurou a mulher pela presença da pesquisadora na casa, que julgava ter relação com a D.M.

Ela se desculpou com a pesquisadora. Esta colocou para ambos da espontaneidade e desobrigatoriedade da entrevista. O casal conversou entre si e ele concordou em responder as perguntas.

No final de semana seguinte em que a pesquisadora lá esteve para concluir a entrevista com a mulher, ele dormia na sala, que rescendia a álcool. A entrevista foi feita na cozinha e ela respondeu as perguntas em voz baixa para não acordá-lo. Segundo suas palavras, ele havia bebido e ela temia que ele acordasse e se irritasse com a presença da pesquisadora na casa.

Sobre os motivos que levaram sua mulher até a D.M., J. diz que foi precipitação dela. Acha que todo casal briga. Esta última briga diz, foi uma série de contradições: estavam morando com o irmão dela e ele não gostava dessa situação, se sentia constrangido, sem liberdade. Seu filho era maltratado pelo cunhado que "batia a porta em sua cara". Então ele bebeu um pouco além da conta e brigaram.

J. diz que não gosta de pessoas que "dão coices". Se bebe, sua mulher, ao invés de chegar até ele, fica resmungando, jogando as coisas: isso o irrita, até virar discussão.

Diz que as brigas ocorrem sempre devido à persistência dela em querer que ele páre definitivamente com a bebida. Não é alcoólatra: bebe nos finais de semana.

J. nega que haja agressões físicas entre os dois. Com relação a isto, diz: "precisa pensar em quem é mais forte e quem é mais fraco. As vezes acontece de empurrar e machucar sem querer. É isso que precisa mudar: as atitudes agressivas. Se um está com a cabeça quente, parar prá pensar".

J. diz que sua mulher é boa em tudo: é uma pessoa completa, mas que tem horas que poderia ter mais paciência e ela explode: "é o sangue dela que agita muito". Não conversam após as brigas: "as vezes conversando, um acusa o outro e acaba machucando e magoando sem querer".

J. relata que foi criado no interior; seus pais eram donos de sítio e quando tinha 5, 6 anos já o levavam para trabalhar. Não teve infância de brincar. Aos 10 anos de idade, foi para a Capital para estudar e trabalhar: "só tive proteção até esta idade".

Foi na escola e com amigos que obteve as primeiras informações sobre sexo. Conta que a primeira experiência sexual foi com uma namorada e foi ótima: "ela gostava mais de mim do que eu dela, ela persistiu e então aconteceu". Namorou poucas garotas. Sempre gostou de ficar tempo com uma pessoa: "se a mulher se dedica ao homem, ele não precisa procurar fora do lar, outra mulher. Entre quatro paredes, pode-se fazer o que quiser e eu tenho tudo o que quero em casa".

Quando a mulher engravidou pela primeira vez, diz que foi muita emoção. A família vibrou: "foi um choque, um choque bom", diz. Com relação a segunda, não estava bem preparado: a mulher corria risco com os anticoncepcionais. Parou com eles e aconteceu o segundo filho: "mas gosto dos dois é claro, acho "demais". Sobre a educação, diz que nunca bateu: prefere conversar.

Fala que enquanto conviveu com os pais, nunca presenciou agressões físicas entre eles. Com os filhos, o relacionamento era bom: pai só deixava ir nos lugares que achava bom.

Sobre a vida, J. diz que da infância não tem o que falar. Na adolescência, conheceu a "donzela" que é sua mulher. Hoje, diz que se sua mulher fala, reclama, é por causa do nervosismo dela, pois só em pensar que ele vai tomar "água mineral"... "As dificuldades da vida são muitas, mas está tudo bem".

MULHER: D. 27 Anos, Casada, Colegial Incompleto, Tecelã, Natural de Monte Alegre, PB, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

D. relata que procurou a D.M. devido à confusão entre ela e o marido, causada pelo álcool. Diz que sempre discutem, mas na maioria das vezes, sem agressões físicas. "É difícil dizer como as brigas começam: ele bebe, eu chego em casa do serviço e vou xingar, não consigo ficar quieta. Mesmo que ele não queira brigar, eu provoço, bato nas coisas, nas panelas, na mesa, nas crianças: aí ele fica nervoso e brigamos" Na sua opinião, a bebida é o único defeito do marido, "que de resto é tudo bom, é um excelente pai".

Sobre a infância, D. diz que foi "dada" aos 4 dias de vida para os avós paternos criarem. Foi a primeira filha e a primeira neta. Foi criada com um tio 8 anos mais velho: hoje tratam-se por irmãos. Ele lhe quer muito bem e não concorda com as chances que dá ao marido. Sobre o motivo de seus pais "a darem" para seus avós, D. diz que não sabe: sua mãe lhe disse que seus avós pediram e que seu pai concordou: "não gosto muito de falar sobre isto".

Sobre o relacionamento dos pais, diz que ao que saiba, era regular, sem agressões físicas. Também não haviam agressões físicas entre os avós que a criaram. Seus pais são agricultores. D. tem três irmãos casados que vivem com os pais. Ela conta que o pai paga estudo para os três. Para ela, o pai nunca perguntou se precisa de ajuda, embora ele saiba que precisa. Não quer pedir nada à ele.

Quando solteira, diz que passeou bastante, namorou. Hoje quase não sai, devido ao alcoolismo do marido. Mas a relação afetiva dos dois é boa, tirando o álcool.

É operada para não ter mais filhos. Antes tomava pílula mas lhe faziam mal. Lembra-se que ficou doente nas duas gravidezes: pressão baixa, anemia, enjôos. Psicologicamente ficou contente: queria filhos, adora os dois.

D. diz que tinha 17 anos quando a avó faleceu. Só depois disso é que teve um contato mais regular com a mãe. Gosta muito da mãe. Gosta do pai também, mas não tem "muito papo". Só tem um irmão com quem se dá bem. Por isso, se sente uma pessoa número um, sozinha.

Embora seus tios demonstrem que lhe querem bem, acha que eles não têm o direito (sic) de ficarem preocupados com ela; têm a vida deles, os filhos.

Nunca perguntou porque foi dada: "história complicada: minha mãe diz que nunca me deu; minha avó que tomou. Foi meu pai quem deu. Muitas pessoas dizem que meu pai era tonto, que naquele tempo a mãe queria alguma coisa, tinha que dar. Não quero saber".

D. diz que gosta muito da vida, de viver com seu marido. Tanto que está com ele até hoje. Seu marido continua bebendo, por isso não vai retirar a queixa. Tem chorado quando o marido bebe. Ele tem bebido inclusive durante a semana: "chega a cair de bêbado, e nos finais de semana, bebe de manhã à noite: não pára". O casal conversa, ele chora; promete que não vai mais beber e no dia seguinte, vai para o bar.

Ela conta que ele é muito inteligente e trabalhador, que já foi muito elogiado pelos chefes, pois não tem preguiça para o trabalho. Mas em seu penúltimo emprego, foi mandado embora porque chegou bêbado e discutiu com o patrão. Este em conversa com ela, disse que sentia muito o fato, mas que não poderia ficar com ele depois do que houve: abria precedentes. Seu marido discutiu em frente a todos os funcionários e estava visivelmente embriagado. Ele estava muito bem na firma; era funcionário antigo. Hoje percebe um salário bem menor.

CASO 8

HOMEM: A. 30 Anos, Casado, Gin. Completo, Vendedor Desempregado, Natural de Campo Mourão, PR, Católico, Renda Pessoal:

A. diz que não sabe porque sua mulher foi até a D.M.: "não mandei ela ir; esta foi a primeira vez e eu espero que seja a última. Se ela for outra vez, aí a gente separa". O casal não discute sempre, mas "as vezes briga por alguma coisa que eu não gosto e a gente começa a discutir". O motivo desta última briga foi uma discussão entre o irmão e a irmã de sua mulher: ambos moram com o casal. Sua mulher tomou as dores da irmã, ele chamou a atenção da mulher: "ela é muito nervosa e mesmo quando está errada, acha que está certa; no fim "sobrou prá mim".

Antes dessa briga, A. diz que houve uma outra: "mas faz muito tempo; nós discutimos e ela jogou um vaso em mim e aí eu bati". A. diz que depois que agride, se arrepende, mas na hora "não pensa em nada". Não conversam depois das brigas: "tento esquecer".

Quando criança, lembra-se que foi muito mimado. Por ser fisicamente mais magro e menor que os outros irmãos, sua mãe o mimava mais. Ela não gostava que os irmãos brigassem com ele e, quando mocinho, se saía e demorava, ela se preocupava mais.

Começou a trabalhar aos 7 anos de idade, na roça com os pais. Aos 10 anos já trabalhava com máquinas agrícolas (trator, colhedeira, etc.).

Quando solteiro, teve várias namoradas. Sobre sexo, namoros, comentava com os irmãos, mas com seus pais não: "fui criado nun sistema mais rigoroso, diferente de agora, que se comenta e orienta os filhos". Sobre o relacionamento afetivo com a mulher, diz que é bom, conversam a respeito.

Sobre as gravidezes da mulher, diz: "fiquei feliz toda vida, gosto de crianças. Quanto à educação, diz que não gosta de bater, tem "dó"; prefere conversar e, as vezes, para não bater, coloca de castigo.

Sobre o relacionamento dos pais, diz que é bom; nunca houve agressões físicas entre eles. Pai era "seco"; só conversava com os filhos depois que eles se casavam. A mãe conversava mais, mas batia mais também.

A. diz que quando está trabalhando, acorda sempre bem. Quando não está, como agora, já acorda "pensando". Conta que pensa e age muito rápido. As vezes faz coisa errada, mas quando pára prá pensar, já fez. "dificilmente me abro; muita coisa, guardo prá mim".

MULHER: M. 27 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Aux. Produção, Natural de Campo Mourão, PR, Católica, Renda Pessoal: 2 1/2 S.M.

M. conta que a briga com seu marido começou porque ela entrou na briga de seus irmãos. Seu marido chegou e mandou que ela parasse de se meter na briga. Ela mandou o marido calar a boca e ele lhe deu um tapa; ela "foi por cima" e lhe rasgou a camisa. O marido a pegou, bateu sua cabeça na parede, machucou sua testa, os dedos da mão.

Conta que a primeira vez em que ele a agrediu foi aos tres meses de casados. Estava grávida de 2 meses e ele "tirava sarro" dela que pedia para que ele parasse. Discutiram e, a certa altura, ela lhe disse que estava falando demais. Ele a pegou pelos pulsos e a fez sentar na cadeira. Ela lhe deu um tapa e ele a agrediu.

"De lá para cá, tem sido sempre assim: por qualquer coisa, ele bate. Antigamente era porque ele jogava baralho e as vezes perdia quase o salário, outras vezes porque eu ia na quermesse e ele não gostava. Hoje, por causa das crianças, ou porque vou na vizinha, por uma calça que não está passada..." M. diz que sempre reagiu às agressões.

Conta que o marido sempre a ameaça: "vou lhe dar um tapa, vou te bater", ao que ela retruca: "bate se voce for homem" e, antes que ele lhe bata, ela o acerta. "Não sei quem está errado: eu ou ele. Ele tem um punhal e por 3 vezes já ele puxou e disse que "ia me furar de punhal".

Ela diz que não sabe quanto ele ganha: ele nunca lhe contou ou mostrou o pagamento. Já o pagamento dela, as vezes ele mesmo vai buscar. Ela dá todo o dinheiro para as despesas da casa, que ele gasta jogando baralho a dinheiro. Diz entretanto, que ele é muito trabalhador.

Conta que há quase um ano, as pessoas comentam que ele tem uma amante. Ele nega o fato. M. diz que não seria esta a primeira vez. Na sua última gravidez, sua irmã o viu com outra mulher e nada lhe contou porque ele lhe disse que tinha pena dela, que sofreria muito.

M. diz que não é "uma mulher fogosa". Há mais ou menos 3 anos, vem se sentindo fria. Certa vez, procurou um médico e lhe contou de sua vida com o marido. O médico lhe disse que não existe mulher fria e sim, mulher cansada. Que ela se sente assim em relação ao marido, devido à maneira como ele a trata.

Conta que sempre teve problema de bexiga e, quando veio a primeira menstruação, pensou que fosse a bexiga. Foi se benzer e a benzedeira lhe disse que "havia ficado moça". Informações sobre sexo, relação sexual, obteve de seu marido, que foi seu primeiro e único namorado. Seu pai não deixava namorar. Ela e o marido se encontraram por duas vezes, fugiram e depois se casaram.

Ela diz que já falou com o marido o que sente sobre o relacionamento sexual deles, mas ele diz que não tem problema, que ele gosta assim, pois tem certeza da honestidade dela. Se ela fosse mais "fogosa", quando saísse ou fosse trabalhar, ficaria desconfiado.

Já fez operação da perínea por duas vezes, mas o problema continua (urina solta). Se acha muito nervosa e isto "lhe ataca a cabeça". Já tentou o suicídio, tomando um vidro de Opillium e ficou dois dias internada.

Sobre os pais, diz que eram lavradores e quando o pai bebia, ficava agressivo, batia na esposa, nos filhos, expulsava-os de casa e eles tinham que dormir fora.

M. diz que não teve infância: começou a trabalhar muito nova. "Ficou mocinha", arrumou namorado que hoje é seu marido: "a juventude foi melhor que a infância". Casou aos 17 anos. Nos três primeiros meses, viveram bem. Depois começaram a brigar e até hoje é assim: brigam e dão uma parada. Teve 3 filhos homens e, embora preferisse filha mulher, não tem de quê reclamar: "os três sabem fazer de tudo um pouco; o mais velho sabe cozinhar melhor do que eu". Com o marido atualmente está bem: "se ele falar alguma coisa e eu ficar quieta, não tem briga. Mas eu não fico, não consigo".

CASO 9

HOMEM: J. 29 Anos, Casado, Gin. Completo, Eletricista de Autos, Natural de Campinas, SP, Católico, Renda Pessoal: 10 S.M.

J. conta que esta é a segunda vez que foi intimado por agredir a mulher. Na primeira vez, ele a agrediu, ela revidou e foram "parar os dois na delegacia". O motivo na maioria das vezes é o ciúme da parte da mulher: "as vezes eu quero sair, ou então chego tarde do serviço e, quando eu chego, ela está nervosa. Tem muito vizinho "falando no ouvido dela" e eu fico em segundo plano".

Um dia antes da última briga, já vinham trocando agressões verbais. No dia da briga, xingaram-se de manhã e, à noite quando chegou, foi colocar uma fita no vídeo. "Ela tirou, eu coloquei de novo. Ela queria assistir outro filme, mas tinha ficado o dia inteiro em casa e queira assistir justo na hora em que eu cheguei.

J. relata que as brigas geralmente começam assim: "eu ou ela faz alguma coisa que o outro não gosta; só que ela guarda rancor por muito tempo, então fica provocando, provocando... Meu nervoso é na hora, dali há 10 minutos já esqueci. Mas depois que tudo acaba, fico pensando porque fiz, porque não fiz; fico arrependido".

Acha que sua mulher tem muitas qualidades e só um defeito: não entendê-lo. Conversam bastante no dia a dia ou mesmo depois das brigas: "só que no fim das contas, prá viver bem, eu é que estou errado, que tenho que me rebaixar".

Sobre o relacionamento dos pais, diz que era ruim. Seu pai não deixava faltar nada em casa, mas vivia na farra com mulheres. Havia agressões físicas entre eles. J. era o filho mais velho e o pai surrava-o bastante; proibia-o de sair, trancava-o no porão da casa. J. acredita que o pai tinha medo que ele descobrisse seus casos. Seus pais hoje são separados.

Quanto ao relacionamento sexual/afetivo com a mulher, inicialmente diz que é bom, para pouco depois falar que "faz tudo pela mulher, tudo que ela lhe pede. Acha que falta compreensão da parte dela.

J. conta que trabalha como eletricitista por conta própria: "e o comércio é muito incerto. Tenho muitas despesas. Se eu falo sobre isto, ela diz que não quer saber: eu que dê um jeito. Se dou um presente num mês, ela quer outro mais caro no outro mês e não quer saber se tenho condições. No sexo, acho que ela faz chantagem: se eu procuro, ela nunca quer. Passa as vezes uma semana e aí ela diz que se eu comprar tal coisa, ela "fica boazinha". Ela sempre me evita: se eu vou beijar, ela vira o rosto. Se chego do trabalho, ela sai prá casa dos vizinhos. Se vou fazer um carinho, ela não quer. Estou cansado de me sentir rejeitado; já disse prá ela que está "me jogando nos braços de outra mulher". Ela me desafia prá que faça isto".

Deixou de fazer várias coisas que gosta: soltar balão, jogar futebol e pescar com amigos. Sua mulher estava sempre reclamando que a deixava sozinha e que alguns dos seus amigos não são "boa companhia" (um deles é desquitado e, segundo sua mulher, é "mulherengo").

J. conta que quando fica em casa, no final de semana, ela lhe dá pouca atenção: "não capricha no almoço, as vezes não faz nem o jantar, tenho eu mesmo que preparar. Sai conversar com as vizinhas. Outro problema é que usa roupa muito curta e eu já pedi para evitar: ela mesma disse que os homens mexem com ela. Uma mulher casada não pode andar como moça solteira".

J. diz que acredita que a desculpa dos filhos não consegue prender alguém num casamento: "então, se ela gosta de mim, porque não tenta viver bem? Eu não sou complicado, quero só que ela me entenda. Acho que homem é diferente da mulher: é mais possessivo e ela vive dizendo que vai arrumar outro, que tem condições prá isso. Tudo que ela fala, fica martelando na minha cabeça".

MULHER: E. 27 Anos, Casada, Gin. Completo, Comerciária, Natural de Lucélia, SP, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

E. relata que esta é a segunda vez que faz queixa por ter sido agredida pelo marido. Esta última briga ocorreu à noite, quando estava vendo um filme no vídeo. Seu marido chegou com outra fita e, sem lhe falar nada, tirou e colocou a dele. Ela levantou e colocou sua fita, ele tirou novamente, etc. Ela então pegou a fita que ele havia trazido e foi até a casa da vizinha, mas antes, xingou-o e saiu correndo. E. diz que levou a fita com o intuito de que ele não assistisse, já que ela não assistiria a dela. Seu marido foi até a vizinha, xingou-a e começou a agredi-la em frente a todos. A vizinha chamou a polícia e E. foi até sua casa, pegou a filha e foi para a casa da mãe.

Lembra-se que na manhã desse dia, já haviam discutido: ela queria o carro no final de semana para visitar uma amiga e ele ficaria com a moto. Não entraram num acordo. Conta que o casal sempre discute. Sempre tem um motivo: a casa, os filhos; as vezes ele quer sair e ela não. E. diz que nunca estão em sintonia.

A primeira vez que ele a agrediu, estavam casados há um ano e meio. Ela estava vendo novela e ele queria jantar. Ela pediu para ele esperar. Quando terminou a novela, ela foi até a cozinha e o jantar estava pronto e a cozinha que ela havia acabado de limpar, estava uma sujeira. Ela não falou nada. Quando foram dormir, ele puxou-lhe as cobertas; ela fez o mesmo e ele foi por cima dela aos socos. Lembra-se que saiu muito sangue do nariz. Moravam em apartamento e ela jogou um papel com nome e telefone do sogro para um senhor que estava passando na rua. Lembra-se que gritava e chorava e seu marido dizia que se não parasse, ia jogá-la do quarto andar onde estavam. Pouco depois seu sogro chegou, ela pegou roupas e a filha e foi para a casa da mãe.

E. relata que após essa primeira agressão, seu marido foi atrás, arrependido. Levava presentes e frutas para seus pais e a filha: "ele acaba comprando meus pais e pensa que pode me comprar também". Contudo, ela acabou voltando: "mais por insistência de meus pais. Não prossegui com o processo, mas disse à ele que sim e até hoje ele está chateado". Dessa vez também ele pede que não dê prosseguimento, pois isso seria ruim para ele, ruim para seus negócios, ruim para eles.

E. diz que hoje, com seu salário, não teria condições de sustentar as filhas. Seus pais são rígidos e sua mãe, agora que mudou de religião, não aceitaria vê-la desquitada ou separada.

Conta que o marido lhe pergunta se ainda sente muito ódio dele. Ela responde que quando se lembra, sente sim: "é por isso também que trabalho: para me distrair; se começo a pensar, me dá uma depressão... Não gosto de lembrar".

Sempre reagiu às agressões. Acha que elas ocorrem quando a pessoa não conseguindo uma coisa por bem, quer conseguir à força. Diz que não é acostumada a isso.

Sobre a infância e adolescência, lembra-se que antes da primeira menstruação, sentia muita dor de cabeça e sua mãe a levava continuamente em médicos, mas não falava nada a respeito de mudanças da idade. Obteve informações em revistas: lia muito. Seus pais são muito rígidos. Seu marido foi seu primeiro e único namorado. Tiveram relações antes de se casarem. E. diz que no início era bom, depois ficou médio e agora tanto faz. O casal discute muito sobre isso.

"Eu não procuro, não faço questão. Depois de tudo que aconteceu, fiquei estranha, não tenho "aquela coisa" da maioria. Sei que ele fica magoado. Só fazemos sexo uma vez por semana. Eu tomo pílulas, mas quero operar no ano que vem". E. conta que queria apenas uma filha; a segunda veio "de bobeira". Depois da primeira briga, nem pensava em ter outra, mas apareceu e está aí.

Sobre seus pais, E. diz que nunca houve brigas de agressões físicas entre eles. Com os filhos entretanto, os pais usavam de bastante castigo físico. Ela acha que foi a que mais apanhou: lembra-se de uma surra que levou do pai, porque quebrou um copo. Ficou toda marcada e roxa: "meus pais são nortistas e nortista é muito esquentado e revoltado. Eles criticam a educação que dou para minhas filhas, dizem que elas são muito mimadas. Jamais vou dar à elas a educação que eu tive. Acho que se eu tivesse sido educada diferente, não teria me casado tão cedo, não veria no casamento, um escape. Acho que muitas moças fazem isso".

Quanto as expectativas para o futuro, espera que melhore, que o marido "abra a cabeça para que as coisas melhorem prá nós".

CASO 10

HOMEM: R., 29 Anos, Solteiro, Gin. Incompleto, Encanador-Eletricista, Natural de Piracicaba, SP, Espírita, Renda Pessoal: 3 S.M.

NOTA: informado da pesquisa e questionado quanto à participar, fez bastante perguntas, mostrando-se relutante em participar.

A pesquisadoraAo scra foi por duas vezes em sua casa, sem sucesso: ele transferia para outro dia. Na terceira tentativa, concordou em responder as perguntas. Foi se mostrando depois, pouco a pouco, mais a vontade.

Sobre o motivo que levou sua mulher à D.M., R. diz que ela é muito nervosa: "não tem jeito de conversar com ela "numa boa"; é agressiva, começa a quebrar tudo, parte prá ignorância". Ela lhe disse que iria até a D.M. por ele tê-la agredido: "ela que vem por cima, "quer bater em homem..."; quando um fala o outro fica quieto". R. diz que as agressões físicas não são comuns entre eles: "mas discussão é "direto e reto". Parece que ela tem inveja do vizinho: quer luxo, não sabe sofrer". Dinheiro, segundo ele, é o motivo mais frequente das brigas. Normalmente quando estão sós, ela só discute, mas quando perto de outras pessoas, ela humilha.

Esta última briga aconteceu porque acordaram tarde e a filha perdeu hora de escola: "ela começou a falar "um monte", eu estava deitado. Chegou meu sobrinho e ela o chamou de vagabundo. Eu levantei e dei no braço dela e um pontapé. Ela foi no quintal, pegou um pau e começou a quebrar as coisas dentro de casa".

A primeira vez em que a agrediu fisicamente, foi logo no começo de namoro. Eles haviam marcado encontro e ela apareceu com um boné com o nome de outro rapaz. Ele atcou fogo no boné, ela ficou brava e ele a agrediu. Estavam na rua.

Não conversam após as brigas: "se conversar, a briga recomeça", diz.

Sobre o trabalho, R. diz que começou a trabalhar aos 13 anos, após abandonar os estudos. Era jardineiro. Hoje trabalha sem registro em carteira. Pega empreitadas com o irmão em prédios em construção. Pretende conversar com o irmão para que lhe aumente o salário: "senão, vou procurar um com registro".

Sua adolescência foi boa, diz. Obteve em casa informações sobre sexo. Saía com amigos em turmas: "cada um pegava uma mina, a gente namorava e transava".

Na primeira gravidez de sua mulher, lembra-se que ficou preocupado, pois não tinha condições para nada; foi inesperado. Estão juntos há oito anos, desde que ela engravidou a primeira vez. Sobre a educação das crianças, diz que nunca bateu nas filhas: "puxo elas, coloco de castigo. Foi minha mulher que quis elas, mas tá bom".

Relata aventuras extra-conjugais. Já fez uso de maconha: iniciou aos quinze anos, mas diz que parou já há quatro anos. Com relação a bebida, diz que nos finais de semana "atravessa um pouco". Durante a semana, bebe "2 pingas" para almoçar e jantar.

Seus pais são separados há 15 anos. Lembra-se que brigavam muito, mas não sabe dizer se havia agressões físicas entre eles: nunca presenciou. O pai costumava puxar-lhe as orelhas, dar "coque" na cabeça. Faleceu há 3 anos, vítima de enfarte: "era bom o meu pai", diz. Conta que era tido como modelo, quando criança, era superprotegido pela mãe: "até hoje, meu passeio é ir na casa de minha mãe".

MULHER: M., 28 Anos, Solteira, Gin. Incompleto, Natural de Lins, SP, Dona de Casa, Crente, Sem Renda Pessoal.

M. conta que esta foi a primeira vez que apresentou queixa na D.M. Sobre a briga, diz: "ele ficou enchendo o saco de madrugada, não deixou eu dormir, "procurando". Perdemos hora e eu disse que ele era o culpado, a menina perdeu hora de escola. Aí ele me deu um chute no braço, bateu, fiquei com o braço roxo. Fiquei tão nervosa na hora, que quebrei um jogo de xícaras novinho!"

Ela diz que as brigas começam sempre por causa de bebida, falta de dinheiro, trabalho. "Ele não gosta que fale nada, parte prá agressão. As vezes eu fico quieta e ele sempre dando uma de "machão".

Estão juntos há oito anos, entre "idas e vindas". Na primeira vez em que ele a agrediu, estavam separados. Ele a chamou para ir à casa deles. Ela foi com a irmã e o cunhado e no caminho, pararam numa festa do bairro e o dono da festa pediu para que se retirassem, pois não haviam sido convidados. Quando seu marido soube do fato, ele chutou-lhe a barriga (estava grávida da segunda filha). M. diz que não reagiu, não sabe porque: acha que não quis.

Hoje acha que a mulher não foi feita para ser espancada: "se o marido não tem condições de tratar, dar o que é necessário, tem que largar, não ficar batendo".

Antes, até na hora de dormir, brigavam: "ele não é amoroso, queria fazer sexo que eu não queria. Por medo, as vezes, eu concordava, outras vezes tinha que sair de noite com as crianças e ir prá casa da minha mãe. As vezes ele dava bebida prá mim, prá poder se aproveitar. Se voce perguntar, ele fala que eu fiz porque quis. Hoje, depois de tudo que já passei, não tenho mais medo, não aceito mais".

Ela se lembra de que quando deu a notícia da primeira filha ao marido, este lhe disse "prá se virar". Entretanto, entraram em entendimento e foram morar juntos. Moraram por um mês na casa de sua sogra. Não dormiam juntos: sua sogra não permitia. M. voltou para a casa dos pais. Quando a criança nasceu, foi morar com o marido numa casa cedida pelo irmão deste, onde estão até hoje.

Sobre a adolescência, M. não se lembra se lhe falaram sobre menstruação ou sexo. Sua mãe nunca lhe falou nada. Quando começou a "transar" com o marido, não sabia que remédio tomar. Sabia que existia remédio para evitar filhos, mas tinha medo de tomar, vergonha de perguntar na farmácia. Quando engravidou, mostrou para a mãe os papéis do pré-natal. Ela lhe disse: "nossa! Você está grávida!" Mas ninguém lhe xingou ou bateu. Hoje evita filhos através do DIU.

Conta que entre ela e o marido não tem acordo: "ele sempre promete que vai arrumar um serviço bom, registrado, mas depois não dá nada certo. Acho que ele não vai mudar, a não ser que "vire crente" e páre de beber. Aliás, acho que ainda fuma maconha, embora ele negue".

Sobre o relacionamento dos pais diz que era bom. Pai era alcoolista, faleceu vítima de derrame cerebral. Quando o pai chegava bêbado, falava "umas coisas" e ia dormir. Nunca bateu na mulher ou nos filhos. Censurava-os quando chegavam tarde.

M. conta que começou a trabalhar aos oito anos: era empregada na casa de uma senhora de idade e fazia serviços leves. Atualmente fazem dois meses que não está trabalhando. O marido pediu para parar porque chegava em casa cansada. Mas M. quer voltar porque o dinheiro do marido não é suficiente, e quando ela lhe pede, ele "lhe joga na cara" que não trabalha.

Sobre as brigas e agressões, diz que gostaria de mudar esta situação: as filhas presenciam as brigas e M. acha que isto não lhes faz bem.

Diz que de todas as suas irmãs, ela é a mais boba e com menos sorte. Todas estão bem. Nenhuma apanha do marido. Só ela que além de não ter nada, ainda apanha.

CASO 11

HOMEM: J. 38 Anos, Divorciado, Gin. Incompleto, Natural de Campinas, SP, Católico, Renda Pessoal: 3 S.M.

NOTA: Quando a pesquisadora chegou à casa, J. solicitou que fosse o primeiro a ser entrevistado, pois iria sair depois. A mulher concordou e foi para o quarto. E, de lá, em algumas respostas do marido, gritava que ele mentia, xingava-o. Em certo momento, veio até a sala e então o casal discutiu frente a pesquisadora. Pouco depois, ela retornou ao quarto e a pesquisadora deu continuidade a entrevista, a pedido de J.

Numa questão sobre família, J. disse que os irmãos de sua mulher eram todos ladrões pé-de-chinelo, drogados. Ela lhe gritou do quarto que iria "jogar os irmãos" contra ele. Ele lhe respondeu que poderia fazê-lo, pois não tinha medo.

Após isto, ela saiu do quarto e disse à pesquisadora que sentia muito, mas não ia mais poder ficar para responder ao questionário: ia sair. O marido lhe disse que ia responder sim, e comentou com a pesquisadora: "está vendo como ela é? Arruma as coisas e depois foge". E, voltando-se para a mulher: "voce vai responder sim, eu faço voce responder". Ao término da entrevista dele, a pesquisadora conversou com ela que, mais calma, concordou em participar.

J. conta que recebeu uma intimação devido a discussão que teve com a esposa. Não é a primeira que recebe, já houve outra, mas por motivo diverso: briga com sua mãe por questões de herança. Sobre agressões à outras mulheres, diz que não se lembra: "mas pode ter ocorrido".

Os motivos mais frequentes das brigas entre eles são: dinheiro e o fato de sua mulher ir constantemente à casa da mãe: "isso é conversa fiada; sabe como é: macaco velho não pula em galho seco".

Sobre esta última briga, diz que já haviam discutido de manhã: ele a convidara para ir a um casamento e ela não aceitou. Quando retornou à noite, ela estava sentada na cama, assistindo TV com o filho: "fui mexer com ela sobre relação, ela não quis, saiu do quarto e começou a xingar minha família. A discussão cresceu, eu empurrei ela e ela me deu unhas. Eu lhe dei uns empurrões".

Conta que quando a conheceu, namorava uma colega dela: "ela forçou a barra até que estragou meu namoro. Ela enchia a cabeça da outra e nós acabamos terminando. Então fomos morar juntos: ela havia feito toda a trapalhada, então agora ia me aguentar".

A primeira gressão física ocorreu logo no início da convivência. O motivo foi ciúmes da parte dela. J. diz que depois que bate, se arrepende: "a gente sabe que dói, mas fazer o quê? Para eu agredir tem que fazer muito e ela sempre consegue".

Ele diz que sente pelo filho, que presencia toda esta situação. Acredita que sózinha, sua mulher não vai "ter peito" para manter a si e ao filho. Acha que esta situação pode ser modificada. O maior defeito dela é o "bate-boca". Não costumam conversar, e quando o fazem, não chegam a um acordo.

Sobre sua vida passada, conta que começou a trabalhar aos 13 anos. Não gosta de sua profissão: serralheiro artístico e industrial. Prefere atividades com mais liberdade; motorista, por exemplo.

Conta que serviu na força aérea por quatro anos. Saiu porque tem dificuldade em dar ordens, liderar. E, segundo seus superiores, se quisesse progredir, teria que liderar seus companheiros.

Na juventude, teve bastante namoradas. A primeira experiência sexual foi com prostitutas. Diz que sempre foi muito "mulherengo". Depois que pintou o clima da AIDS, "reprimi, larguei mão desse negócio, minha mulher é apenas a S."

É divorciado da primeira mulher, com quem tem três filhas. Vai vê-las uma vez por ano. Conta que quando nasceu sua primeira filha, sua ex-mulher escondeu dele, não queria que ele visse a criança; o casal brigava bastante até que se separaram.

Sobre o relacionamento dos pais, diz que dificilmente brigavam. Não havia agressões físicas entre eles. Com os filhos, o pai pouco batia, fazia o impossível por um filho, ao contrário da mãe: "bater nos filhos era o prazer dela".

Sobre a vida, J. diz que foi adquirir responsabilidade aos trinta anos. Antes "não esquentava a cabeça". Se dá bem com todos os filhos: "família é o que se vê, mas eu não quero me separar".

MULHER: S., 28 Anos, Solteira, Primário Incompleto, Empregada Doméstica, Natural de Adamantina, SP, Católica, Renda Pessoal: 1 S.M.

S. relata que esta é a primeira vez que dá queixa na D.M. Conta que o marido chegou em casa no sábado, vindo de um casamento e procurou-a para ter relações sexuais e ela se recusou (fazia uma semana que não tinham relação). Diz que mesmo com a situação meio ruim entre eles, ela não tinha se recusado antes. Então pensou que se ele não lhe dá dinheiro, não a ajuda, então vai negar. Ele lhe falou: "saia da minha cama!" Ela respondeu que não sairia. "Então vai me servir", disse ele. Ela novamente recusou: "e aí começou o bate-boca e a agressão. Eu morro mas não saio de baixo, apanho mas não deixo barato".

Não queria ir até a D.M.: achava que isso tornaria a situação ainda mais desagradável. Foi uma de suas cunhadas que a aconselhou a ir. Os tres irmãos de seu marido batem nas mulheres e esta cunhada foi até a D.M. e "adiantou". Mas para ela não "adiantou" nada. Fazia um ano que ele não lhe batia. Diz que não brigam constantemente, mas quando começam "as crises", ele começa a negar muita coisa e aí ela começa a falar e a reclamar.

Conta que há tempos atrás, brigavam por ele viver atrás de mulheres. Hoje as brigas ocorrem porque ele não ajuda nas despesas. Não dá nada para o filho (o casal tem um filho em comum). Ela arca com todas as despesas. Ele nunca faz compras, não paga a creche do menino. Se ela vai conversar, ele diz que não tem obrigação de pôr nada em casa. Quando foram morar juntos, combinaram que ele pagaria o aluguel, água e luz e ela pagaria as outras despesas. "Só que agora, diz, está tudo muito caro e ele não quer saber, fala para eu "me virar"; praticamente, me manda ir atrás de alguém que dê dinheiro". S. no entanto, diz que por consideração a si própria não vai, "não é disso".

S. o conheceu através de uma amiga que o namorava. Mas um dia ele a convidou para ir à Foz do Iguaçu e ela aceitou. Ele lhe disse que havia terminado com a namorada. Quando voltaram da viagem, ela soube que ele mentira; que ele e a namorada estavam morando juntos. "Começou uma guerra entre eu e minha colega para ver quem ficava com ele e eu acabei gostando dele. A outra acabou se cansando porque ele não trabalhava: "antes eu não tivesse ganho a guerra; fazem 5 anos que estamos juntos; as outras nunca aguentaram tanto tempo".

Conta que o marido só pensa nele, ninguém tem direito ao que é dele: principalmente ao dinheiro. "Qualidades ele não tem: é agressivo, estúpido, não é carinhoso. Depois de tudo que aconteceu, que tem acontecido, ele ainda vem procurar para ter relação. Esquece tudo com facilidade".

Não pretende dar continuidade ao processo: acha que não vale a pena, vai sofrer mais.

Sobre seus pais, diz que se separaram quando ela contava dez meses de idade. Diz que os pais brigavam muito. Era "parecido" com seu relacionamento com J.: se agrediam fisicamente. Seu pai faleceu há 8 anos: morreu de tanto beber. Pouco contato teve com o pai. Da mãe lembra-se que apanhou bastante, assim como seus irmãos.

S. diz que quando fica nervosa, "judia" do filho; mas não gosta disso. Deseja retirar suas coisas da casa "numa boa", quer se separar, não quer nem pensão.

Esta não é sua primeira experiência em comum com um homem. Teve uma filha com seu primeiro namorado, mas não moravam juntos na época. Continuaram porém, o relacionamento e engravidou novamente. Foram morar juntos então. Conviveram por um ano e se separaram. Como o namorado tinha melhores condições financeiras, ficou com as duas filhas. Sobre essa época, S. diz: "eu era muito criança, me arrependo de não ter tentado, me esforçado mais para viver junto com ele".

S. diz que sua mãe nunca conversou com os filhos sobre adolescência, menstruação, sexo. Sobre relacionamento sexual, diz que é bom quando se gosta. Quando se faz por obrigação, não. As palavras do marido, esfria tudo, diz. "Mesmo depois que fui na delegacia, depois de todas as brigas, ele vem procurar para ter relação. Há dois dias atrás, prá não fazer escândalo, eu cedi".

Conta que tem insônia em épocas de tensão como agora. Tem anemia desde os 10 meses de vida.

Pensando em sua vida e no que viveu até agora, S. diz que não sabe se a infância foi boa. Ficava sempre muito sentida quando a mãe lhe batia (apanhava com pedaço de borracha). Chorava e se escondia no mato. Naquela época, ouviu dizer que "se beliscasse o umbigo, morreria", e era isso que fazia. Sempre se revoltou por apanhar.

Quando ficou moça, saía, se divertia bastante. Agora, depois que teve as filhas, nunca mais foi feliz: teve que deixá-las. Acha que com seu atual marido nunca foi feliz: mentia para si mesma. Agora deseja se ver livre dele. Viver sua vida em paz, "por a cabeça no lugar". Trabalhar e cuidar do filho.

OBSERVAÇÃO: Alguns dias depois, a pesquisadora se encontrava na D.M., e S. ligou e pediu para falar-lhe. Questionou quanto ao que a pesquisadora "achava de sua situação"; pois o marido estava pedindo uma chance: o que a pesquisadora faria se estivesse no lugar dela? Daria chance? Ele estava pedindo tanto...

CASO 12

HOMEM: P., 36 Anos, Divorciado, Gin. Incompleto, Eletricista de Autos, Natural de São João do Pau D'Alho, SP, Católico, Renda Pessoal: 8 S.M.

NOTA: Foi tocante neste caso, a situação das crianças: pareciam abandonadas e tristes. Quando a pesquisadora chegou, a garota mais nova varria a calçada: pequenina, a vassoura parecia enorme na sua mão. A casa com piso de cimento, estava limpinha. Os garotos contaram que não estão frequentando escola. Um deles ficou na sala durante a entrevista com a mãe e só saiu a pedido dela, quando começou a responder as perguntas sobre sexo e relacionamento afetivo com o marido.

P. relata que sua mulher já foi várias vezes à delegacia, devido às brigas entre eles. Esta é a primeira vez que ele é intimado. Segundo ele, a briga começou porque eles fizeram um trato: ela ficaria em casa deles durante a semana e, nos finais de semana, iria para a casa dos pais. Ele concordou. Só que há quinze dias atrás, ele "invocou" e disse: "hoje voce não sai". Ela respondeu: "voce não vai respeitar o trato?" Começaram a discutir e ele a agrediu.

P. conta que anteriormente já agredira sua primeira mulher, quando moravam juntos.

Com sua atual mulher, o motivo mais comum das brigas é o ciúme de ambas as partes. Acha que deve haver entendimento entre o casal e com ela, diz, não há entendimento: "tudo que eu falo ou peço, ela diz não, não. Eu insisto, porque sou um "cara" insistente e aí começam as brigas".

A primeira agressão física ocorreu logo no início da convivência. Após esta primeira briga, ficaram duas semanas separados. Não acha correta esta situação; gostaria de modificá-la. Diz que depende dela. "Ela tem todas as virtudes, quando não tá com este negócio. Quando ela tá normal, é dócil. Eu peço prá ela voltar ao que era há tempos atrás. Mas ela é muito nervosa, ignorante". Diz que após as brigas, procura conversar, mas ela fica 4, 5 dias sem falar com ele.

Questionado quanto a infância, diz que sua mãe lhe conta que mamou no peito até a idade de 7 anos. Conta que sua infância foi muito sofrida: sua mãe saía trabalhar e ele tinha que dar conta de todo serviço em casa.

Sempre gostou de jogar bola, até hoje. Mas depois que conheceu sua atual mulher, ela "cortou" isto, pois queria-o só ao lado dela: "agora mudou tudo", diz.

Diz que sempre foi uma pessoa tímida, trancada em seu próprio mundo. As primeiras informações sobre sexo, obteve com sua primeira namorada, com quem se casou mais tarde. Em casa os pais eram pessoas idosas e P. "tinha pavor" de falar sobre isso. Ia ao cinema com a namorada e ela queria que ele ficasse "grudado" com ela e ele não fazia isso. Ela ficava irritada. Ele tinha impressão que todos estavam olhando prá eles. Ela perguntava: "prá que viemos no cinema? "Prá ver o filme", ele respondia.

Quando se casaram, ela era mãe solteira e o filho dela contava 2 meses de idade. P. conta que enfrentou toda sua família, que não queria o casamento. Mas ele gostava dela e rompeu com a família. Ele assumiu o filho, registrando-o em seu nome. Mas ela "pisou na bola" com ele, traindo-o com seu melhor amigo.

Quando se separaram, tinham um filho juntos, além do filho dela. A mulher exigiu pensão apenas para o filho dela. P. diz que se pergunta até hoje porquê ela fez isso. Acha que foi "pirraça, vingança".

Trouxe então consigo para Campinas, o filho de ambos. Paga pensão para o outro até hoje, mas esse filho não o reconhece como pai e quase nunca se vêem. P. diz que sua família "enche muito a sua cabeça" por causa da pensão e, as vezes, até sua atual mulher lhe fala.

Sobre o relacionamento atual, diz que sua mulher sempre foi fria. Nunca gostou de sexo: "ela é de um jeito e eu de outro, e isso cria atrito. As brigas eram mais por causa disso. Ela chegou a marcar dia para o sexo. É um absurdo, mas eu tive que concordar: ela disse que se quiser é assim, se não quiser é assim mesmo..." Admite entretanto, que já teve aventuras extra-conjugais.

Com relação aos filhos, diz que não utiliza castigo físico. Toda vez que sai para o trabalho, dá uma ordem para cada um. Não gosta de voltar e encontrar bagunça. Quando isso ocorre, chama os filhos e manda que façam o serviço enquanto ele prepara o jantar.

Diz que até a semana passada, "bebia direto". Sua mulher sempre soube disso. Mas não bebe nos bares, só em casa. De uma semana para cá não tem bebido; quando nervoso, lê a bíblia. Diz que todo mundo que "vira crente", consegue largar a bebida e, se for preciso "virar crente" para a mulher voltar, ele o fará.

Conta que seu pai também foi alcoolista. P. ia buscá-lo nas ruas, caído. Depois seu pai "virou crente" e largou a bebida e o cigarro. Diz que nunca houve agressão física entre os pais. Com relação aos filhos, entretanto, o pai "judiava" bastante. Lembra-se de uma ocasião em que ficou dois dias fora de casa porque o pai queria lhe bater. Mãe sempre foi mais calma: apoiava os filhos.

Sobre a fase atual, conta que está sendo pai e mãe das crianças. Sente que elas estão revoltadas com ele: culpando-o. E ele está se sentindo um pouco culpado. Em partes: um pouco ele, um pouco ela. Mostra à pesquisadora, as marcas e arranhões que leva da mulher nas brigas. Diz que ela o enfrenta com faca.

P. diz que agora que conseguiram construir uma casa grande como queriam, estão separados. Conta que a casa tem sete cômodos, tem espaço para as crianças. "Tenho carro, mas nos finais de semana, nunca passamos juntos. Eu poderia passear com ela e as crianças, mas ela não quer, não vai".

Conta início em segredo que a mulher telefonou-lhe no serviço, com medo de estar grávida novamente. Sorri e diz que está "torcendo" para que seja verdade, pois assim, ela voltará.

MULHER: R. 28 Anos, Desquitada, Primário Incompleto, Empregada Doméstica, Natural de Pacaembú, SP, Católica, Renda Pessoal: 1 1/2 S. M.

R. conta que esta é a segunda vez que dá queixa. Na primeira vez não mandaram intimação. Diz que o casal briga constantemente. O motivo é ciúmes e alcoolismo da parte dele.

Estava presente na sala, durante a entrevista, um dos filhos do casal que disse: "mãe, ele tá parando. Desde aquele domingo lá, ele não bebe mais. Até tá comendo mais. Agora só tá fumando".

R. conta que estão separados e que as brigas ocorrem quando ele vai até sua casa e sempre de "cara cheia" e lhe pede para voltar. Ela diz que não (já fizeram outra tentativa antes) e então ele lhe bate ou quebra suas coisas. Está cansada disso.

O garoto diz à pesquisadora: "ele pede prá ela voltar prá cuidar de nós". R. diz que vem vê-los sempre, que quando se separaram, decidiram que as crianças ficariam com ele, que não fica sem elas. E o marido lhe havia dito que se ficassem com ela, ele não lhe daria pensão. R. diz que com o que ganha, não teria condições de sustentar as quatro crianças.

A primeira agressão física ocorreu algum tempo depois que estavam morando juntos. Não se lembra do motivo, lembra-se que não reagia, tinha medo dele; não sabe dizer.

Acredita que para essa situação ser modificada, só depende dele. Quando ele não bebe, é uma boa pessoa. Mas diz que se continuarem as agressões, dará continuidade ao processo. Na primeira vez não prosseguiu porque decidiram tentar novamente, mas não deu certo.

Com relação a seus pais, diz que são separados, brigavam muito: o pai batia muito em sua mãe. Com relação aos filhos, os pais eram de pouca conversa, mas também não "judiavam" muito. Conta que desde os 10 anos de idade, já acompanhava os pais no trabalho na lavoura. Não tinha tempo para brincar.

As primeiras informações sobre sexo, obteve na rua. Em casa sua mãe não comentava o assunto. Quando veio a primeira menstruação, ficou contente. Dizia: "já sou moça, já sou moçal" Seu pai era muito ruim: não deixava sair. Teve dois namorados, casou-se com o segundo. Numa ocasião, ele lhe deu um tapa.

Sobre sexo, diz: "sinceramente falando, não gosto disso. Com nenhum dos dois maridos. Sou fria mesmo! Já fui até em psiquiatra. Ele disse que era problema de cabeça, prá eu ler bastante revistas pornográficas. Eu deixei prá lá. Ele falou também prá eu me concentrar, mas eu não consigo. De vez em quando, sinto alguma coisa, uma vez por mes, mais ou menos".

Conheceu seu atual marido, em Campinas. Moravam próximos um do outro. Quando foram morar juntos, tanto ele como ela, tinha um filho de casamento anterior.

Com relação à educação dos filhos, diz que conversa, mas que usa castigo físico também. O garoto presente na sala, diz: "mas demora prá bater".

R. conta que nesta última vez que se separaram, ele não deixou móvel algum prá ela. Estavam construindo a casa em que atualmente ele mora com os filhos. Ela comprou alguns móveis e de vez em quando, ele vai até sua casa e quebra tudo.

Espera que de hoje em diante, vá viver feliz, pois até agora não foi possível. Se acha "meio acanhadona". A vida foi dura: desde pequena trabalhando na roça. Casou-se muito cedo: aos 14 anos. Separou-se e um ano depois conheceu seu atual marido. A vida não foi muito melhor com ele.

Agora espera melhora. No trabalho está bem (trabalha em casa de família). Gostaria de ganhar mais, mas seu patrão não aumenta: está desempregado.

CASO 13

HOMEM: S., 32 Anos, Casado, Primário Completo, Funilheiro, Natural de Campestre, MG, Católico, Renda Pessoal: 5 S.M.

NOTA: Durante as entrevistas, S. mostrou-se bastante tenso, se justificando a cada pergunta: "sabe, é como te falei...", ou: "isto aconteceu porque..."

S. relata ser esta a primeira vez que foi chamado na D.M. Sobre o motivo, diz: "A oficina está me deixando insatisfeito, irritado. Há muitas pessoas me devendo e as contas vencendo. Não sou de falar muito, sou calado. E assim, um dia é uma conta, noutro dia, outra coisa, chega uma hora, a gente estoura. Então resolvi tomar umas cervejas e aí cheguei em casa, a mulher reclamou da cerveja e de outras coisas. Com razão, pois ela não sabia o que se passava. E aí né... Mas foi só dessa vez, nunca devi nada. Ela resolveu ir lá, não foi eu. Mas já resolvemos tudo, tanto que depois ela quis retirar a queixa, mas não deixaram".

Conta que no dia desta última briga, foi cobrar um dinheiro que um freguês lhe devia e não recebeu. Aí com a "cabeça cheia", qualquer coisa é motivo. Tomou uma cerveja também.

Sua mulher presente na sala, diz que a delegada falou para ele, que se todas as pessoas com problemas forem ao bar beber, vai formar uma fila enorme. S. diz que a delegada que não é certo descontar em outras pessoas e ela tem razão: "o certo seria ir brigar com a pessoa que me devia", diz.

Sobre influências de terceiros na relação dos dois, diz que de certa forma, palpites sempre ocorrem, embora não goste disso.

Sobre a primeira agressão física, diz que "séria mesmo", foi só essa que os levou à D.M. A mulher sentada a seu lado, lhe recorda que foi logo após o nascimento do filho. Ele retruca: "mas séria mesmo como ela está perguntando..." Mas começa a falar: "é como eu já contei prá voce, esse negócio de a gente trabalhar e a mulher não. A gente tem que trabalhar um pouquinho mais então. É o menino com problema, eu achava que ela tinha "obrigação de sarar" o menino, de dar um jeito, sei lá. É o negócio da interferência que eu já te falei. A gente morava no fundo da casa dos meus pais. E um dizia: "não põe tanta roupa", outro dizia: "põe bastante roupa para não tomar friagem". A gente ficava perdido, não sabia o que fazer".

Eu achava que era incompetência da minha mulher, falta de responsabilidade. Depois cheguei à conclusão que não era e o problema acabou. Hoje estamos fazendo tratamento com o menino na UNICAMP. É aquilo que te falei: se voce faz tal coisa que alguém lhe diz, alguém em quem voce confia, então faz a coisa direito. Não ficar perdido entre duas ou tres opiniões contrárias. Ou então faz o que sua cabeça manda e assume. Não ficar sem fazer nada e depois ter que sair correndo com o menino".

Sobre as situações de agressões, S. diz: "qualquer coisa que afeta qualquer setor, teria que ser eliminada, mas problemas de fora existem e, as vezes, não pode ser eliminado e influi. Eu tenho procurado fazer o que te falei: saio e vou dar uma volta. Porque eu sou mais calado, quando tenho algum problema, guardo prá mim. Porque se eu falo, eu sei que vou ouvir: "se eu fosse voce, faria assim, se fosse eu, isso não aconteceria". E então eu não falo; procuro resolver sózinho os problemas. Porque na realidade, todos têm problemas, mas todos querem resolver os problemas dos outros e ninguém olha os próprios".

Sobre como se conheceram, diz que "por incrível que pareça", foi num encontro de jovens na igreja: "eu me interessava por isso; pelo menos o encontro foi dos melhores, né? Dizem que o encontro sendo na igreja, vai ser bom. A gente dava instrução para os jovens, mas a gente não sabia também".

Questionado quanto ao diálogo entre os dois, diz: "é aquilo que te falei: sou mais fechado; a gente conversa mais a respeito do moleque. É estranho, tem gente que costuma conversar a respeito de fulano, sicrano, eu não gosto. Então a gente conversa só o necessário mesmo. Se eu vou conversar com ela e o menino interfere, eu prefiro dar atenção à ele. As vezes assisto TV com o menino, a mulher vai dormir. Acho que tudo influi: se tivesse uma condição financeira boa, as coisas seriam diferentes. Gosto de pescar mas não posso: a última vez que deu certo, foi no ano passado".

S. diz que depois que brigam, no dia seguinte, "meio sem tempo", por causa do serviço, ele pede desculpas. "É o tal negócio, as vezes a mulher aceita, outras vezes não e fala: "voce vem encher o saco de novo?" S. diz que se voltam a conversar sobre o assunto, voltam a brigar também, porisso não comentam sobre os motivos que os levaram a brigar.

Sobre a infância, S. lembra-se de um problema que o afligia: urina solta. Tinha medo de dormir na casa dos avós, tios, por causa disso. Diz que até hoje, se se distrai, urina durante o dia ou à noite. Quando criança, quando ficava nervoso, quebrava o que tinha na mão. Esse costume persiste até hoje.

Iniciou no trabalho aos 8 anos. Já começou como funileiro. Diz que hoje só está na profissão por falta de opção. É habilitado, mas acha que, como motorista, ganharia muito pouco.

Conta que combinou com a mulher ao se casarem, que só arrumariam filho depois que construíssem, o que efetivamente fizeram. Com o filho não usa castigo físico. Se acontece

alguma coisa, "deixa quieto", deixa para "a mãe se virar"; tanto que nunca bateu no filho, Não gosta.

Sobre o relacionamento dos pais, S. conta que era normal, sem agressões físicas. Dos pais em relação aos filhos, também era bom: dificilmente ocorriam castigos físicos.

Comentando sobre a vida, S. conta que no início de casado, ele e a mulher moraram em Porto Velho. Diz que foi uma fase muito boa, com relação a situação financeira. Teve que voltar, pois foram juntos com outro casal: a irmã e o cunhado de sua mulher. Com o retorno deles, sua mulher começou a fazer pressão par que também voltassem. E as vezes, ele fica "danado" quando se lembra: acha que devia ter feito "pé firme" e ficado lá por mais tempo; sua mulher, hoje, também reconhece que não foi uma boa idéia terem voltado. As vezes, fica desanimado devido às poucas perspectivas que vê hoje com relação à sua profissão.

Conta que a mulher quer trabalhar e, embora ache que ela devia ficar em casa e cuidar do menino, não fala nada para "não dar confusão". S. desconfia que ele mesmo perdeu o cartão de inscrição do concurso de merendeira que a mulher ia participar.

Diz que desde que ficou adulto, tem ficado "esperto" com relação a parentes. É muito desconfiado: "são poucos aqueles em quem se pode confiar".

MULHER: T. 29 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Dona da Casa, Natural de Paulicéia, SP, Católica, Sem Renda Pessoal.

T. relata ser esta a primeira vez que prestou queixa na D. M. Diz que foi a conselho de sua mãe, que "quer morrer por causa do menino" (filho do casal).

Diz que o problema de seu marido é apenas a bebida, pois é trabalhador, nunca faltou nada em casa. Quando bebe porém, já chega agressivo. Casou-se quase sem conhecê-lo: namoraram um ano e oito meses e ela foi apenas uma única vez em casa dele.

T. diz: "já fui criada presa e depois vem o marido e xinga? Ah! Eu não aceito mesmo! Ele não tem motivo para beber: tem casa, boa profissão; eu cuido direitinho da casa, comida na hora certa, roupa sempre cuidada e lavada. Então se ele ainda xinga, bebe, é porque não dá valor para o que tem! Mas ele é muito bom quando não bebe".

Depois da última briga, o casal está morando com a mãe de T.: "eu me sinto melhor agora. Antes na nossa casa, eu me sentia sózinha quando ele ia trabalhar. Agora é diferente: aqui perto, moram meus irmãos, sempre tem alguém me fazendo companhia". T. conta que sua mãe trabalha o dia todo e ela cuida da casa.

Segundo conta, a primeira agressão física entre eles ocorreu há dois anos atrás e o motivo foi a bebida também. Lembra-se que no começo de casados ele bebia também, mas nunca havia xingado, nem se alterado. Acha que hoje, depois de tanta bebida, uma pinga já o altera. "Mas ele sempre brigou comigo em casa, nunca na rua ou na frente de outras pessoas; pelo menos nisso, é educado", diz.

Reagiu desde a primeira agressão: "eu nunca fico quieta. Não sou cachorro. Aliás, nem em cachorro se deve bater. Tem mulher que o marido bate e ela fica lá, que nem sonsa. Ah, sei! Vem!", e ela mostra o punho fechado.

Acha ruim essa situação por causa do filho: "não tem como a gente viver em paz". Quer modificar isso. Primeiro porque o filho gosta muito do pai mesmo quando ele está bêbado, ou eles estão brigando, ele nunca foi agressivo com o filho. Dá atenção, é carinhoso.

Sobre antes do casamento, conta que começou a trabalhar aos 14 anos, embora desde os 9 anos cuidasse da casa, enquanto a mãe e os irmãos trabalhavam. Eles lhe compravam o que precisava. Aos 14 anos brigou com o irmão e a mãe para que a deixassem trabalhar fora. Arrumou trabalho de balconista durante o dia e, à noite, estudava. Saiu da escola porque ficava muito cansada.

Pretende voltar a trabalhar, pois ser dona de casa "é um tédio". Mas não quer trabalhar como balconista, que também acha "um tédio". Conta que fez inscrição para merendeira escolar, mas perdeu o protocolo e não pôde fazer as provas. Acha que esse serviço deve ser bom. Quando houver inscrição novamente, vai fazer, pois não se acha burra, se acha inteligente e se fizesse o exame, passaria. Tem boa caligrafia e todos os seus sobrinhos, vêm perguntar para ela, as lições de casa e raciocina que, se sabe ensinar, não é burra.

Sobre a adolescência, diz que foi criada assim: não podia ter colegas. Era da casa para o serviço e deste para casa. Nunca saía para bailes, festas ou em casa de colegas. O primeiro namorado foi seu marido. Conta que "paquerava", mas namorar, só ele: "voce vê, diz à pesquisadora, minha mãe prendia tanto a gente e minha irmã assim mesmo, arrumou filho. A gente não faz idéia de quem seja o pai. Hoje ela tem um apartamento e vive com um homem desquitado. Mas ele não frequenta nossa casa: tem cisma da minha mãe".

Diz que sua mãe nunca conversou sobre "essas coisas". E, mesmo ela, com dez anos de casada, pouca experiência tem e que seu marido sabia que não tinha experiência. Conta que é muito difícil falarem a respeito disso, quase não conversam. O marido é muito quieto. Ou então falam sobre outras coisas e não sobre isso.

Sobre a educação do filho, diz que o marido nunca bateu. Ela, as vezes, dá uma chinelada: "fico o dia todo com ele e de vez em quando, precisa".

Gostaria de ter mais filhos. Seu marido, entretanto, não concorda, pois diz que em sua família eram em muitos irmãos e os pais nunca puderam dar muita coisa. Ela não arruma outro filho devido aos problemas com o marido: acha que com um filho, é mais fácil "se virar", se não viver bem com o marido. Com dois filhos ou mais, ficaria mais difícil.

CASO 14

HOMEM: L. R., 39 Anos, Casado, Primário Completo, Operador de Pneus, Natural de Pitangueiras, SP, Católico, Renda Pessoal: 4 S.M.

NOTA: A caminho da casa, os filhos do casal, vieram ao encontro da pesquisadora e disseram: "ele quase bateu nela, outra vez!" Assim que a pesquisadora se apresentou e o marido concordou em participar, houve uma discussão entre o casal:

Ela dizia que não queria prejudicá-lo em nada; só queria para si e os filhos, uma casa para morar e a pensão. Que o marido poderia ficar com o carro e a outra casa que eles têm. E se a Justiça achar que ela tem competência para ficar com os filhos, ela ficará. Ele

respondeu que nunca deixará os filhos com ela, pois não tem confiança nela como mãe. Disse que havia ido à escola das crianças hoje e que o mais velho não havia comparecido. Foi encontrá-lo jogando videogame na casa de um colega. É que o menino está ficando "malandrinho": respondeu ao pai.

Ela concordou que isto realmente está ocorrendo, mas disse que o pai pouco liga para os filhos, e por isso e por toda a situação que eles estão passando, o menino está ficando "respondão". Ele diz que conversou com a professora e esta disse que há dois meses eles não vão à escola e que o livro escolar, o filho do meio ainda não recebeu porque a mãe não foi assinar o recebimento. Ela diz que não é verdade; que ele só agora está interessado na escola dos filhos. E só deu certo de ele ir porque está de férias e procurando motivos para acusá-la, que ela tem que cuidar de tudo sózinha. Ele responde que está com a "cabeça cheia": não sabe mais o que pensar.

Conta à pesquisadora que até no serviço está tendo problemas, devido aos conflitos em casa. Teve que conversar com a Assistente Social da firma: queria pedir a conta e seus chefes não aceitaram. Está na firma há 13 anos. Diz que vai brigar e fazer o que puder para ficar com a guarda das crianças. Ela diz que os filhos não estão querendo ir à escola com medo das ameaças que ele faz à ela. As crianças temem pela segurança da mãe.

Sobre o motivo da intimação, L.R. diz que é devido às discussões: eles discutem e ela vai à delegacia. Mas nunca teve outras consequências, além da abertura do B.O. O casal briga constantemente e o motivo mais comum é as companhias da mulher, que segundo diz, "são todas tranqueiras". Essa última briga ocorreu porque a mulher já teve problemas com a bebida e nesses dias, voltou a beber e ele lhe lembrou: "cuidado, senão..." A mulher presente na sala, disse que não era nada disso e o casal voltou a discutir.

Retornando às perguntas, ele conta que a primeira agressão física entre eles ocorreu depois do nascimento do primeiro filho. Estavam juntos mas não eram casados legalmente.

Quando a conheceu, ela não morava com a mãe. Vivia na rua: "morava com a irmã e a mãe não "estava nem aí com ela".

Sobre a infância L. R. diz que ocorreu sem problemas. Era muito ligado à mãe e essa ligação persiste até hoje. Seu pai faleceu quando ele contava 5 anos de idade. Não se lembra de ter presenciado agressões físicas entre os pais.

Começou a trabalhar aos 16 anos e, na firma onde trabalha atualmente tem vários amigos e muitas vezes eles passavam no bar e viam sua mulher lá. Por isso não tem mais "ambiente" na firma. Tem vergonha de tudo que vem acontecendo.

Sobre a vida sexual/afetiva do casal, diz que não é nada boa. Acha que ela nunca gostou dele, embora ela lhe diga que não tem outro. Depois que foram nascendo os filhos, ela foi abandonando mais e mais. Ele ao contrário, foi se esforçando mais para ajudá-la.

Ela bebia e "sumia" por vários dias, deixando as crianças com ele ou com sua mãe. E ele ia procurá-la; não sabe o que ela fazia ou onde ficava. Não conversam sobre eles, sobre a relação dos dois. Não dormem juntos: "nem dormir juntos, nós dormimos!" Estão juntos há 13 anos, mas só estão casados legalmente há 4 anos.

Sente-se numa situação difícil: "pelos problemas com as crianças, com ela... Ponho tanta coisa na cabeça... Fico preocupado com o futuro das crianças. Se eu sair daqui, vai ser bem pior. Largando as crianças, minha vida vai ser um tormento. Não confio nela: o que já fiz por essa mulher! Nem um pai faria!"

Admite já ter tido outra mulher, mas diz que largou porque deseja ficar com S. Não tem mais nada com a outra.

MULHER: S., 30 Anos, Casada, Primário Completo, Dona de Casa, Natural de São Paulo, SP, Evangélica, Sem Renda Pessoal.

S. relata que o motivo que a levou à D.M. esta vez, foi o mesmo que a levou outras vezes: falta de diálogo. "Se existe algum problema que o está preocupando, ele não fala". Diz que brigam constantemente: "ele "joga na minha cara" que meus amigos são todos "maloqueiros", não prestam; eu tenho evitado a companhia deles para não ter briga em casa".

S. diz que o marido fala constantemente que a mãe e a família dela "não estão nem aí com ela"; isso dói muito, diz. Diz que se conversassem e brigassem pelo motivo que está ocorrendo na hora, dava para entender, mas muitas vezes ele mal chega em casa e "malha" o portão, já vem brigando.

"Ele diz que não tem mulher dentro de casa, briga e quer se separar, mas não vai atrás de nada. Quer que eu saia e deixe as crianças. Diz que sou alcoólatra, não aguento mais ouvir isso. Aí brigamos, eu fui na D.M. e depois procurei um advogado para ver meus direitos. As palavras que ele usa na frente das crianças...Nunca sei quando ele está bom ou não. Quando vou poder dormir. Ele ameaça dizendo que vai me matar enquanto eu durmo".

Conta que a primeira agressão física entre eles ocorreu na época em que ela bebia. Há cinco anos atrás, foi alcoolista: "não sei porque eu bebia. Quando ficava sózinha, tinha uma perturbação que me puxava prá bebida...Se bebia prá esquecer, todas as coisas ficavam na minha cabeça. Vi que não resolvia nada, prejudicava mais". Diz que reagiu à esta primeira agressão de forma a evitar a situação: "reagi me defendendo!"

Sobre a família de origem, diz que não conhece seus pais verdadeiros: foi adotada aos sete dias de vida. Soube através de terceiros, que seu pai verdadeiro faleceu logo após seu nascimento. Com a morte do pai, sua mãe que era doente, ficou sem condições de criá-la e a deu para adoção, mas se arrependeu e foi pedi-la de volta. Seu pai adotivo não quis devolvê-la e então perderam o contato.

Sobre o relacionamento dos pais adotivos, diz que a mãe tem um "gênio" difícil: queria estar sempre certa. Os filhos se afastaram dela. Tem um irmão que é drogado: a mãe nunca deu orientação. Seu pai nunca "encostou a mão" nos filhos. Teve três enfartes e ficou cinco anos na cama. S. é que cuidava dele, servindo-lhe de enfermeira. A mãe se aborrecia, reclamava do trabalho que ele dava e, as vezes, agredia-o. Agredia os filhos também, e bastante.

Algum tempo depois da morte do pai, sua mãe adotiva tocou-a de casa, dizendo-lhe que fosse "procurar homem". S. tinha na época, mais ou menos, 12 anos.

Foi morar com a irmã e, algum tempo depois, conheceu seu marido: "ele sim me deu assistência; passou por cima de todos e me levou prá casa dele. Minha sogra também me ajudou muito: me orientou com relação à gravidez, como evitar, mas mesmo evitando, não tinha muito efeito. Tenho quatro filhos e só parei de engravidar depois que opere".

Lembra-se que antes de engravidar do primeiro filho, quis ir embora da casa do marido, mas ele não deixou. Ela ficou porque "havia sentimento", mas mesmo assim, diz, nunca se entenderam.

Ela e o marido não dormem juntos desde a gravidez do segundo filho. Já tentou conversar com ele, mas não houve acôrdo. Ela já lhe falou que isso não faz bem para as crianças: "quando acontece uma relação, depois do ato, é como se nada tivesse acontecido; é cada um para o seu lado".

Acha que o problema de seu marido é que ele não consegue deixar os problemas da firma, na firma: traz para casa, briga, tenta "descarregar" em nós, não conversa, não pede opinião "para eu poder dar uma força".

S. diz que tem problema de pressão baixa e depressão. Já esteve internada por esse motivo. Também já esteve internada por ingerir uma dose excessiva de remédios (tomou todo remédio que encontrou em casa).

Já foi alcoolista: bebia de "cair", agora superei bastante. Antes tinha medo que se bebesse o primeiro gole, ia começar de novo. Antigamente se tivesse um problema como esse, já estaria bebendo sem controle". Diz que quando o marido a vê bebendo uma cerveja, lhe diz que vai começar a beber novamente.

Hoje sente que não tem amigos com quem conversar. Gostaria de ter um trabalho registrado. Não gosta de ficar parada, mas não pode trabalhar, porque o marido não deixa. Visitar parentes ele também não deixa, pois alega que não sabe se ela vai cuidar direito das crianças ou se vai parar nos bares e beber.

Conta que não tem documentos. Só tem a certidão de casamento: "tirando a certidão, é como se eu não existisse, não fosse gente. Não tenho dinheiro para tirar RG, pois preciso tirar foto. Com o dinheiro que ganho lavando e passando roupa prá fora, pago o vício do cigarro. É engraçado, mas quando eu bebia, nunca faltava dinheiro. Ele dava para eu manter a casa".

Roupas só tem as que lhe dão. O marido reclama, diz que tem vergonha de sair com ela, que não sabe se vestir e nem as crianças, mas não lhe dá dinheiro para se vestir melhor.

Conta que há tempos atrás já estiveram separados; quando voltaram a conviver, ele lhe passou doença venérea. Hoje, acha difícil uma reconciliação. Podem ficar bem 4, 5 meses, depois os problemas voltam. Não consegue dar um voto de confiança: "as palavras dele machucam bastante. No sentimento, sinceramente, ele me matou. Ontem à noite estava tudo bem, mas não consigo confiar, fico com "um pé atrás".

OBSERVAÇÃO: Quando a pesquisadora voltou ao bairro, meses depois, para a entrevista com o casal do grupo comparativo, esteve em casa deles. O casal não estava presente. A pesquisadora soube através dos filhos, que eles efetivamente, haviam se separado. Ela ficou com os filhos, a casa e uma pensão para viverem. Mas há pouco tempo atrás, o casal voltou a conviver, a pedido dele. Ela aceitou e, segundo os filhos, a família está bem. Legalmente estão desquitados.

CASO 15

HOMEM: A., 23 Anos, Solteiro, Primário Incompleto, Tapeceiro, Natural de Cardoso, SP, Sem Religião, Renda Pessoal: 3 S.M.

A. diz que o motivo da intimação foi uma discussão devido aos ciúmes por parte de sua mulher: "uma ex-namorada minha veio junto com um amigo pedir um serviço, minha mulher estava perto; tinha tomado uma cerveja e estava alterada. Começou a falar e reclamar e aí nós discutimos". A. conta que a mulher "avançou" nele, que não "lhe deu bola". Ela então quebrou o aparelho de som e derrubou a máquina de costura da tapeçaria onde ele trabalha: "eu não podia ficar olhando e dando risada". A. diz que discutem quase todo dia. Ela começa as brigas, sempre por ciúmes: "ela interpreta mal tudo que eu falo, pensa que eu não gosto mais dela, que estou desprezando".

Conta que a primeira vez em que a agrediu fisicamente, estavam separados: "ela veio na tapeçaria pedir dinheiro e eu estava de "ressaca". Pedi para ela esperar porque precisava receber de freguês. Ela não entendeu e "veio por cima". Então a gente trocou tapas e murros".

A. acha essa situação péssima: "ou a gente acerta ou separa de vez. Todo casal briga, mas não é necessário "grudar"; precisa conversar".

Diz que depois desta última briga, pensou seriamente em se separar. Falou com a mulher sobre continuarem juntos, mas como amigos: "ela não tem para onde ir, só se dá bem com um irmão, não tem amizade com a mãe. Ela é muito ruim". A mulher entretanto, não gostou do arranjo e, no final de semana, depois de umas cervejas, fizeram as pazes.

A. diz que tem dúvidas: "acho que quando as coisas não são programadas, é difícil darem certo. Num casamento, por exemplo: primeiro as pessoas tem que se conhecer, namorar, ver se combinam, para depois morar junto, arrumar filho". Conta que quando sua mulher soube que estava grávida, foi lhe pedir dinheiro para abortar. Ele ia ajudar, mas ela mudou de idéia.

Diz que o casal conversa bastante sobre o futuro: "a gente pretende melhorar, ter um negócio próprio, carro. Sobre os motivos das brigas, conversam também mas não chegam a uma conclusão.

Sobre a infância, A. lembra-se que aos dez anos fez uma aposta com um amigo e bebeu tres copos de pinga. Ficou em coma e foi desenganado pelos médicos. Na escola sempre ficou mais sózinho, não era de "turma". Seus pais não gostavam que fosse na casa de amigos e nem estes à sua casa; se desobedecia, apanhava.

Frequentou escola dos 10 aos 14 anos; parou na terceira série. Aos 13 anos, já ajudava o pai, trabalhando como servente de pedreiro. Teve várias profissões: feirante, mecânico de bicicleta, funileiro, borracheiro e hoje é tapeceiro. Faz seis anos que exerce a profissão.

Quando estava com 14, 15 anos, arrumou sua primeira namorada: "mas era namorinho de criança, nem beijar sabia". Depois arrumou outra que era mais "avançadinha": "com ela tive mais informação, ela sabia mais e a gente transava". Conta que nessa época, começou a melhorar financeiramente. Comprou carro e saía com 2, 3 mulheres por noite: "não escolhia, saía com meninas de 16 anos, mulheres de 30, desde que achasse bonita, servia".

Sobre os pais, conta que seu pai foi alcoolista por 20 anos. Depois "virou crente" e parou de beber. Os pais discutiam muito, mas não se agrediam fisicamente. As vezes seu pai chegava bêbado e começava a discutir com sua mãe e, como dormiam todos juntos na mesma cama (pai, mãe e filhos), A. dava chutes ou pancadinhas com o pé no pai para que ele parasse.

Com relação aos filhos, A. diz que o pai falava alto e ele chorava, não precisava bater. Contudo, depois que A. cresceu, pai batia: com vara, com tapas na orelha que chegavam a derrubar. A mãe só defendia; escondia as artes dos filhos.

Sobre si mesmo, diz que desiste facilmente das coisas, se começar as dificuldades: "embauana minha cabeça". E, se não faz as coisas na hora, não faz mais.

Lembra-se que quando saiu da escola, andou com "más companhias" (trombadinhas). Diz que enquanto era pequeno, passava; depois foi crescendo e a policia ia procurar. Só esteve na delegacia uma vez e jurou que se conseguisse escapar, nunca mais ia "entrar nessa". Começou então a "trabalhar pesado", arrumou outras companhias. Saiu da casa dos pais porque não gostava que mandassem nele. Encontrou seu patrão atual e aprendeu tapeçaria. Hoje é profissional. mas já fez muita coisa errada na vida. Há tempos atrás morou com uma mulher que se envolvia com roubos de carros. Largou e voltou com sua mulher, pois viu que trocou "o certo pelo duvidoso". O que quer agora, é trabalhar, progredir, comprar casa, carro, telefone, sem roubar: trabalhando.

MULHER: N. 30 Anos, Solteira, Gin. Completo, Comerciária, Natural de Jataízinho, PR, Sem Religião, Renda Pessoal: 1 1/2 S.M.

N. conta que foi até a D.M., para consultar médico e conseguir atestado médico para apresentar no trabalho, pois ficou a semana toda de cama, devido à surra que levou do marido. Não sabia que não tinha médico na D.M. Lá a informaram que o hospital onde havia feito os curativos, havia lavrado um B.O.

Diz que ela e o marido não brigam constantemente. mas quando acontece, o motivo é sempre o mesmo: ciúmes da parte dela. O casal reside nos fundos da oficina onde o marido trabalha; e essa última briga ocorreu porque ela viu uma antiga namorada dele vir procurá-lo. Ela não acreditou nas explicações dele e "partiu prá cima".

"É sempre eu que começo. Se boto alguma coisa na cabeça, a gente pode até estar bem, não há quem tire. O motivo é sempre ciúme, ciúme que ele está olhando prá outra mulher. Se eu não começasse, ele não me agrediria nunca. Ele é assim: se chega em casa e tem janta, ele janta, senão ele mesmo prepara alguma coisa; se tem roupa passada, ele usa, senão, veste sem passar. Eu cuido da casa, acho que é minha obrigação, mas ele não cobra nada. Se vou trabalhar e chego mais tarde, ele não pergunta nada. Gostaria que ele se preocupasse mais. As vezes, quando ele demora, nem penso que está com outra mulher: fico preocupada mesmo".

A primeira agressão física entre eles, ocorreu quando a filha de ambos estava com quatro meses. A menina estava com pneumonia e desidratação e ela foi até o serviço dele para pedir-lhe dinheiro. Ele disse que não tinha dinheiro, estava bêbado e não lhe deu atenção. Começaram a discutir e ela "voou em cima dele" e ele lhe deu um murro; ela pegou uma pedra e lhe acertou a cabeça.

Sobre seus pais, N. diz que o relacionamento entre eles era péssimo. Havia agressão física entre os dois. Ambos eram alcoolistas. Mãe chegou a trair o pai. N. lembra-se que o pai sempre foi uma pessoa agressiva, mas era agressivo com sua mãe e com seus irmãos. As filhas mulheres ele poupava: era carinhoso. N. conta que gostava "demais" do pai. Com a mãe não se entende até hoje.

Após o falecimento do pai, sua mãe foi morar com outro homem e levou os filhos. N. não quis ir junto. Ficou na casa de uma tia, onde trabalhava para pagar os estudos: queria fazer o ginásio. Tinha na época, 12 anos. Na escola, havia comentários de que sua mãe era "safadona". As mães de suas amigas pediam à elas para que evitassem a companhia de N., porque sua mãe "não prestava".

Teve um namorado que foi seu primeiro amor. Iam se casar, mas um mês antes do casamento, ele desmanchou por causa de outra mulher. Tempos depois, N. diz que teve um relacionamento com um cunhado desse namorado para "se vingar". Tem uma filha desse relacionamento.

Com relação à sua vida afetiva/sexual com o marido diz que é ótima. É o único momento sem problemas. As vezes, entretanto, pensa e comenta com o companheiro, se ele não estaria com ela apenas porque se entendem muito bem na cama. Ele nega, embora diga que "esse lado" também é muito importante.

N. conta que já teve bar, apartamento, mas vendeu tudo. Pediu uma vez aos irmãos e à mãe para que cuidassem do bar, enquanto ela viajava a passeio e, quando voltou, eles haviam liquidado o bar. Não tinha dinheiro para repor mercadorias. Vendeu o apartamento porque seu irmão tinha uma pequena parte e começou a pressioná-la querendo o dinheiro e, para que ele parasse de agredí-la fisicamente, deu-lhe metade do dinheiro da venda.

Diz que seu relacionamento com o companheiro é cheio de "idas e vindas" e, numa dessas brigas, saiu sem deixar endereço. Seu companheiro foi até a casa de sua mãe para saber notícias e esta ofereceu-lhe cerveja, agradou-o e chegaram "a transar". Depois disso, N. diz que as vezes, quando estão "transando", ela se lembra do fato e interrompe o ato. Sente ódio do marido.

Sobre a filha de ambos, diz que pensou em "dá-la" quando nasceu, pois na época estava separada do marido. Hoje, procura lhe dar o máximo de carinho, pois "sente remorso".

Sobre sua vida, diz: "minha infância foi uma "merda": pai brigando com mãe e pai e mãe bebendo. Não sei como hoje não sou alcoólatra; sempre vivi no meio de gente que bebe. Minha mãe tem dois irmãos que bebem: um já esteve internado. Meu pai também tem um irmão alcoólatra. Na adolescência, sempre trabalhando para os outros, na casa dos outros; nunca é como na casa da gente. Não posso dizer que hoje minha vida está ruim. Acho mesmo que é a melhor fase de minha vida: longe da família, por pior que seja, tenho minha casa, minhas coisas".

N. diz que se preocupa as vezes, com a diferença de idade entre ele e o marido: ela tem 30 anos e ele 23: "tenho medo que, mais tarde, ele largue de mim e procure uma mais nova".

CASO 16

HOMEM: J.L., 31 Anos, Casado, Colegial Completo, Emissor de Passagens, Natural de Campinas, SP, Católico, Renda Pessoal: 5 S.M.

Sobre o motivo que levou sua mulher à D.M., J.L. diz que foi "exagero" da parte dela. A mulher chamou o pai e este gosta de falar demais. J.L. disse ao sogro que se quisesse falar, que fosse falar fora de sua casa. Diz que embora sua mulher concorde que o pai fala demais, lhe dá "muita trela".

Foi essa a primeira intimação que recebeu. Diz que o casal não briga constantemente: "não é briga, é um diálogo, uma discussão; acho que se não tiver isso, o casal não gosta um do outro". As brigas e discussões não ocorrem sempre pelo mesmo motivo. Essa última briga ocorreu em função de discordâncias sobre a educação dos filhos. Ela o contraria quando está "reprimindo os filhos" e J.L. acha que isto tira sua autoridade e as crianças não sabem a quem atender.

Questionado sobre interferências de outras pessoas na relação do casal, ele diz que o sogro interfere demais e sua mulher "vai muito" pelo que o pai fala.

J.L. nega quaisquer ocorrências de outras possíveis agressões físicas entre o casal e diz que mesmo esta ocorreu sem intenção: "eu peguei a cinta para o menino ir para o quarto e ela entrou na frente. Fiquei chateado com o que aconteceu, porque "não tinha nada a ver" ela ficar como ficou. É uma situação desagradável".

Conta que o casal conversa bastante, principalmente sobre a educação das crianças: "digo à ela para não discordar de mim em frente às crianças. Eu tenho que reprimir, senão vai crescer como? Quando ela estiver reprimindo eu também não vou entrar no meio. Quando elas estiverem dormindo, então a gente conversa".

Diz que o maior defeito de sua mulher é "que tudo o que acontece dentro de casa, ela comenta com todo mundo; ninguém vai dar conselho de graça e vão ficar sabendo tudo que aconteceu".

Sobre a infância, J.L. diz que foi tudo normal, nega quaisquer intercorrências como doenças, ou algum sintoma neurótico (gagueira, sonambulismo, sonilóquio, roer unhas, etc.), nem naquela época, nem hoje.

Aos 17 anos começou a jogar futebol profissionalmente. Parou aos 24 anos e hoje se dedica à carreira atual e à família. Gosta de seu trabalho atual e do setor em que está que lhe possibilita contatos e muitos relacionamentos com pessoas interessantes.

Sobre sexo, sexualidade, as primeiras informações obteve na escola e com amigos mais velhos, que tinham mais "experiência". Teve outras namoradas antes de namorar a mulher. Com ela, namorou por sete anos e mantiveram relações pré-matrimoniais. O relacionamento afetivo/sexual do casal é bom até hoje, diz.

Quanta às gravidezes, adorou: "reproduzindo uma coisa nossa, uma sementinha dos dois... Por isso é necessário saber educar, para mais tarde, ter uma boa formação". Não usa castigo físico com os filhos, e quando vai repreender, conversa e deixa no quarto.

Sobre o relacionamento de seus pais, diz que era bom; havia discussões normais entre casal. Dos pais em relação aos filhos, diz que é o mesmo que mantém hoje com seus próprios filhos.

Sobre a vida e planos para o futuro, J.L. diz que eles vivem bem e que o único problema é a interferência do sogro: "ele fala muita besteira. Quando eu estava construindo esta casa, ele vinha e dava palpite; ajudar, não ajudava. Um dia eu perguntei à ele se queria ajudar, ele não falou mais, mas falava prá minha mulher e ela vinha me falar. Até minha sogra, as vezes, repreende ele e me apóia".

J.L. acredita que as pessoas têm sempre que querer mais; sempre crescer. E acha que está conseguindo isto: "parentes têm muita conversa fiada, não gosto de fazer visitas, prefiro ficar em casa".

Com relação aos filhos, diz que faz de tudo por eles: leva-os passear, conversa: "embora os reprima, faço tudo por eles". Sobre a mulher diz que "ela não sabe o potencial que tem".

OBSERVAÇÃO: Após a entrevista, J.L. saiu com os filhos e sobrinhos a passeio.

S., esposa dele, sentou-se para a entrevista e comentou que as respostas do marido foram todas mentirosas: que a mãe dele faleceu aos 38 anos com problemas de coração, de desgosto, pois seu marido (pai de J.L.) tinha outras mulheres, jogava dinheiro fora, batia na mulher, bebia. Os filhos, hoje casados (são em 3 homens e 1 mulher) moram todos próximos um do outro e os 3 homens batem nas mulheres e estas não reagem, nem dão queixa. Se espantaram com a atitude dela de ir até a D.M. Um de seus cunhados lhe disse que, por ser policial, está imune de represálias, pois tem amigos nas delegacias e que toda queixa nunca "dá em nada"; que, na maioria das vezes, a mulher "passa carão" nas delegacias.

Atualmente, S. diz que seu sogro vive com uma mulher e tem mais dois filhos dessa união e também hoje, não ajuda financeiramente em casa, não cuida das crianças e bate na mulher.

MULHER: S. 30 Anos, Casada, Colegial Completo, Dona de Casa, Natural de Campinas, SP, Sem Religião, Sem Renda Pessoal.

S. conta que seu marido lhe deu "uma cintada". Ela ligou para os pais e eles lhe indicaram a D. M. Ela não queria ir, mas seus pais insistiram. Na delegacia, solicitaram exame de corpo delito e ela relatou, achava que era "humilhação demais", mas depois pensou que mais humilhação era ser agredida pelo marido e então, passou pelo exame.

Conta que no dia da briga, esteve em São Paulo, fazendo um curso, pois vai voltar a trabalhar em seu emprego anterior. Quando chegou, começou a conversar com o filho, dizendo que em São Paulo a trataram "como gente". O marido ouviu, pegou a cinta e acertou-lhe o olho. Para seus pais, ele disse que ia bater no filho, mas seu pai retrucou, dizendo-lhe que ele não costuma bater no filho. Para ela, o marido disse que se sentiu "provocado", "chateado" com o que ela falou.

S. diz que o casal briga por qualquer coisa. As brigas começam, segundo ela, porque o marido é "muito grosso, em tudo acha que está certo. Se eu concordasse com tudo que ele

fala, não sairia briga nunca, mas eu não sou de concordar e aí saem as brigas. Eu tenho opinião e falo. Ele aprendeu muito comigo, mas não admite isso".

Conta que seu pai "enche muito sua cabeça". Se o marido viaja a trabalho, o pai lhe diz que levou mulher junto. Se o marido demora para chegar no final de semana, o pai lhe diz que está "na farra" com mulheres, que saiu e foi passear com outra. Quando o marido chega, ela já está "estourando", já pensou "mil e uma coisas" e então briga com o marido.

A primeira agressão física entre eles ocorreu ainda na época de namoro. Ela diz que ele tinha e tem um ciúme doentio. Eles estavam numa lanchonete e ele "cismou" que ela estava olhando para outro rapaz e lhe deu "uma mordida". S. conta que a mordida sangrou e então ela largou dele. Conta que começaram a namorar ainda crianças: ela com 13 anos e ele com 14 anos: "eu nem sabia se gostava dele ou não".

S. fala a respeito do relacionamento difícil dos seus avós paternos: o avô era verdureiro e quando voltava para casa com o carrinho de verduras vazio, a avó reclamava que ele havia "dado" para as mulheres; se ele voltava sem vender as verduras, ela também reclamava porque ele não havia vendido; e só parava de falar quando o marido lhe batia.

S. diz que esta história é bastante conhecida em sua família. Seu pai comenta que S. é igual a essa avó. Inclusive, entre seus parentes, ela é chamada pelo nome dessa avó. S. diz que seus parentes "a paparicam" bastante por essa "semelhança" com sua avó.

S. diz que sempre reagiu às agressões, mas atualmente não tem reagido mais. Um de seus irmãos a questiona, pois antes de se casarem, era ela que batia nele; mas deseja que esta situação mude, pois "quem gosta de apanhar?"

Diz que desde que foi até a D.M., o relacionamento do casal vem melhorando. Quando seu marido foi intimado, ele não compareceu. Foi aconselhado por amigos e patrões, "que são muito ricos" a falar com ela para que retirasse a queixa, para que ele não precisasse comparecer à D.M. S. diz que os amigos "não tiravam sua razão", mas que era "levar muito adiante" fazer seu marido depor. Na delegacia, no entanto, não foi possível retirar a queixa.

S. acha que se fossem "muito ricos", seu marido a trataria melhor. Lembra-se de certa ocasião em que passaram um mês no Guarujá, em casa de amigos de seu marido. Diz que foi tratada "como rainha" por ele, como se estivessem "em lua-de-mel". Por isso acha que se tivessem dinheiro, as coisas seriam diferentes.

Diz que o defeito maior de seu marido é a "boca-suja": os palavrões que ele lhe fala: "dói mais que pancada". A qualidade é ele não lhes deixa faltar nada, se preocupa com o bem estar da família. Tudo o que ela quer, ele quer comprar, para lhe dar.

Não pretende dar continuidade ao processo, a não ser que aconteça alguma coisa, outra agressão, por exemplo. Se o marido se altera hoje, ela lhe diz: "olha que eu vou na delegacia".

Sobre o relacionamento de seus pais, diz que sempre foi muito bom, nunca houve agressão física, nem palavrões. Ambos são crentes e a religião não permite violência. S. diz que com os filhos, o pai é muito exigente: "exige muito da gente, tem que ser do jeito dele e não como a gente acha que é".

Começou a trabalhar aos 13 anos. Foi aprender datilografia e foi tão bem que o dono da escola a contratou para dar aulas aos outros alunos. Foi lá que conheceu seu marido: ele era aluno e ela a professora.

Sobre as primeiras informações sobre sexo, sexualidade, diz que obteve em casa, foi tudo normal, a mãe é pessoa bastante "liberal". Com relação à vida sexual/afetiva do casal, diz que é o melhor do casamento: se dão maravilhosamente bem. Antes de se casarem, já haviam iniciado as relações sexuais: "íamos para motéis, conheço quase todos perto de Campinas". Conta que ficaram um ano separados, na época do namoro, em função de compromissos profissionais do marido, mas que mesmo assim, nunca teve outro namorado.

Sobre a gravidez, diz que a primeira foi tudo bem. Era o primeiro filho depois de dois anos de casamento. A segunda gravidez, entretanto, não aceitou: ficou dois dias internada porque o médico a achou muito "abalada". S. diz que ficou internada para repouso. Nunca vomitou, a pressão subiu, embora não sentisse nada. Trabalhou os nove meses, engordou 30 quilos. Quando soube que era uma menina, ficou muito feliz.

S. conta que quando estava grávida, era mais bem tratada no serviço do que em casa. Acha que mulher quando está grávida, fica sensível, gosta de ser "paparicada", mas o marido nunca foi carinhoso: se ela reclamava, ele dizia que era "frescura". "Ele é assim mesmo; é da criação. E eu me sinto muito carente: se alguém me dá atenção, "ganha eu". E meu marido é muito ciumento: se algum amigo chega e me dá um beijo, ele já quer partir prá briga".

Lembra-se de uma ocasião em que foi jantar com seu chefe, e o marido a viu no restaurante: "foi a maior briga, ele me bateu em casa, e não havia nada, ele só me convidou para jantar".

Sobre a saúde, S. diz que fuma "que nem uma condenada". Não tem "o vício" de beber água, não urina, tem que tomar diuréticos frequentemente. Já esteve internada devido a problemas de rim.

Sobre si e a vida, S. fala que se dá bem com todo mundo, e o marido é mais "seco". Seu círculo de amizades é maior do que o dele. "Ele acha que se não precisa das pessoas prá que cumprimentá-las?" S. diz que conversa bastante, e tudo que acontece com ela em casa, conta para os outros. Não consegue ficar calada. O marido a censura por isto, pois gostaria que ela fosse mais reservada.

Sobre a infância, diz que foi boa. Foi criada num ambiente bom. Seus pais são crentes. Não tinham televisão em casa. Sempre houve harmonia, nunca houve brigas entre pai e mãe; não havia palavrões.

A juventude diz que foi uma "merda". Começou a namorar muito cedo. Seu apelido era Sete e Meia, pois às sete e meia ele chegava e aí se ela não estivesse em casa! Para ele, nenhuma amiga dela prestava: "então, que juventude eu tive? Sempre ao lado dele. Porisso, gostaria que ele valorizasse isso. Ninguém obrigou a ficar com ele; fiquei porque eu quis. Mas agora não quero jogar tudo isso fora". Por isso, S. deseja agora voltar a trabalhar. Acha que a relação com o marido vai melhorar então, pois era bom na época que trabalhava: saíam mais, passeavam. "Não vou ter tanto tempo também para ficar ouvindo o meu pai".

Ao final da entrevista, conta à pesquisadora que hesitou em participar da entrevista. Falou com a assistente social da delegacia e disse que não tinha "problemas para falar com uma psicóloga". A assistente social argumentou que talvez essa situação de agressões, brigas, seja um problema para se falar com uma psicóloga. S. diz: "as vezes, a gente tem um problema sem saber que tem". Questionou quanto ao trabalho do psicólogo, terapia; a pesquisadora forneceu as informações solicitadas.

HOMEM: J.O. 43 Anos, Casado, Primário Incompleto, Ajudante Geral, Natural de Piquete Carneiro, CE, Católico, Renda Pessoal: 2 S.M.

J.O. conta que estava há 3 meses parado, sem trabalho. E, no dia da briga, tinha ido à Jaguariúna, "caçar serviço". Na volta com o amigo, parou para beber no bar. Quando chegou em casa, fez coisas que não acredita, mas que sua mulher e outras pessoas, confirmam. Acha que a mulher agiu certo indo até a D.M.

Estava com a "cabeça quente". Diz que para beber, não precisa dinheiro, sempre encontra quem pague. Nesse dia chegou em casa com fome, passou o dia todo com fome, sem comer e aí, esquentou a cabeça. Esta é a segunda intimação que recebe: "mas atendi as duas", diz. Na primeira vez, houve uma discussão, "um esquentou a cabeça do outro e aí um pegou no braço do outro prá parar".

Não brigam constantemente. Mas quando acontece, é sempre por motivos da casa mesmo. Chegava do serviço, discutia com a mulher, saía e ia para o bar beber: "aí queria tomar todas". As brigas começam porque ela as vezes quer falar na frente dele e ele quer falar na frente, é assim. "Pelo direito, se tem algo errado, o marido fala e a mulher ouve. Acho que tem que haver um acerto. Se tá errado, é para consertar; ela teima, diz que tá certa. Discordâncias de opinião".

Conta que conheceu a mulher quando era um rapazinho e ela era pequena. Depois não se viram mais. São primos e ele voltou a vê-la quando ela contava 17 anos e se "engraçou dela".

Acha que a mulher é boa dona de casa, zelosa com as coisas e as pessoas, trabalhadora. O defeito é que gasta demais, compra tudo o que vê. Se ele reclama, ela diz que o dinheiro é dela, faz o que quer. Mas após as brigas, costumam conversar: "depois a gente combina e as vezes, dá uma namoradinha".

Sobre a infância, J.O. diz que tinha "ataque de vermes": ficava nos braços do pai se esperneando. Aos 28 anos, passou. Hoje tem "passagens", principalmente se o serviço é em alturas. Sente vertigens, se abaixa a cabeça e fecha os olhos, a tontura passa.

J.O. conta que seu irmão mais velho é deficiente mental: "não tem força física, não segura as coisas, é "relaxado dos nervos".

Conta que as vezes, sonha que tem gente entrando em sua casa, ou que está brigando com alguém; então levanta-se rápido e vai reagir conforme o sonho. Sua mulher se assusta.

Sobre a escola, J. O. conta que sua primeira professora era também sua prima e "judiava" dele. Uma vez ela o deixou de castigo no final das aulas: de joelhos nos grãos de milho. Doeu, ele não gostou, pulou a janela e foi embora. Não queria mais voltar para a escola. Depois mudou de professora. Hoje, lê pouca coisa. Conhece as letras mas não sabe juntá-las. Sabe escrever o nome. Fez Mobral no Paraná.

Começou a trabalhar na roça aos 8 anos de idade. Atualmente está há uma semana trabalhando: ficou 3 meses parado. Sobre a adolescência e juventude, ele diz: "a gente vai se pondo rapaz e o pai segura enquanto pode. Depois que fiz barba pela primeira vez, queria carregar o mundo nas costas. Meu pai ficou bravo porque usei a gilete e não pedi para ele para fazer a barba. Eu pedi desculpas. Antigamente era diferente. Fui criado como no tempo de meu pai. Havia mais consideração".

Sobre namoros, diz: "tinha bastante amigos quando era moço e poucas namoradas. Não fui muito namorador. Mesmo em casas de tolerância, fui poucas vezes: não gostava. Chegava lá e via homens bêbados, as mulheres quebrando garrafa na cabeça dos homens".

Sobre a vida sexual/afetiva atual, diz que gosta de carinho; que a mulher demonstrasse mais o amor que tem por ele. Ela não gosta que "a agarre" nem quando vão ter relação sexual. Se vai abraçá-la durante o dia, ela reclama, pede para se afastar. "É o jeito dela", diz.

Gostou quando a mulher ficou grávida, principalmente na primeira vez, em "que se tem aquele amor", mas tratou e gostou de todas.

J.O. acha que a mulher tem mais liberdade que o homem: "o perigo sempre ronda o homem. Se você chega num bar, um amigo vem e oferece um gole. Não oferece um doce, uma lata de óleo. Meu pai sempre dizia: boa romaria faz, quem sua casa está em paz".

Conta que estão casados há 13 anos e tem 3 filhos. Esposa casou-se grávida. Não costuma usar de agressão física com os filhos: procura conversar.

Sobre o relacionamento dos pais, diz que era bom. Não havia agressões físicas entre eles. Mãe teve 16 filhos; 8 morreram, ficaram 8. Relacionamento com os filhos era bom: "tratavam dos filhos direitinho, eram pobres, mas quando eu pedi para ir trabalhar fora, meu pai deixou; meu paizinho".

Sobre a vida, diz que espera que se Deus quiser, tudo vai dar certo com sua família. Espera dar conta do recado. Se Deus permitir à eles chegarem aonde querem: trabalhar e ter o prazer de morar "num ranchinho" que seja deles mesmo. Quer trabalhar para chegar ao ponto de conseguir isto, com seu trabalho e o da mulher. Pretende ficar em Campinas mesmo. Não quer passar no Ceará: "nem que eu tivesse condição, eu ia; só se fosse para ficar e morar lá de novo". Não se esquece do seu lugar natural: "sempre se é mais liberto no lugar de origem. Aqui me sinto meio estranho, sem liberdade. Saio para trabalhar, fico pensando na mulher, nos filhos, em casa. Lá não é assim; saio deixo mulher e filhos sem preocupar. A vida aqui é difícil: me sinto parado; pouco dinheiro. Imagino que a gente é mortal, amanhã pode morrer, deixar a mulher e os filhos sem nada. Precisa a gente imaginar e esperar o melhor".

Apesar das dificuldades, acha que ficar em Campinas ainda é melhor: tem escolas, hospital; aqui tem mais possibilidades para a família do que se estivesse no Ceará.

"Meu menino faz contas muito bem, mas só estudou dois anos; a mãe o tirou da escola, porque não tinha quem olhasse as meninas no horário de estudo dele. Ela não conseguiu creche para as meninas. Então, ela tirou os três da escola".

MULHER: F. 32 Anos, Casada, Primário Incompleto, Serviços Gerais, Natural de Acopiara, CE, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

F. conta que o que a levou até a D.M. foi o problema que teve em casa: "ele tomou bebida e ficou fora de si". Esta foi a segunda vez que deu queixa na D.M. Diz que o casal briga constantemente, mas "só de boca". Brigam sempre pelo mesmo motivo: alcoolismo do marido. Na sua opinião, as brigas começam porque um fala, o outro responde e aí vira discussão".

Não sabe o que dizer desta situação: quer que mude, que as coisas voltem a ser como antes. Antes da mudança para Campinas, combinavam bem. Depois que chegou aqui, ele começou a beber e a disculirem demais. Acha que a bebida é o único defeito do marido, que tem amor por ela e pelas crianças.

F. diz que não pretende dar continuidade ao processo. Na primeira vez em que deu queixa, ambos foram intimados e quando lá chegaram, foram aconselhados. Dessa vez, ela entrou também com pedido de separação, mas ele pediu chance e disse que vai parar de beber. Foi informada na D.M. que tem prazo de 6 meses para decidir sobre o processo. Se ficarem bem nesse tempo, não vai se separar.

Sobre os pais, F. diz que entre eles não havia agressões físicas. Mas havia e há muita discussão devido ao problema da mãe (é doente mental). F. diz que a mãe não ouve ninguém. Já esteve internada; passa as vezes um ano sem problemas, depois começa a falar, falar; não come e aí tem de ser internada porque fica muito fraca. Seu pai é alcoólatra.

Com os filhos, o relacionamento era bom. Não eram agressivos, embora batessem as vezes. F. lembra-se que apanhou muito, porque mentia que estava com dor de cabeça para não ir à roça e poder ficar em casa e dar "papa" para os nenês das vizinhas, e jogar baralho.

Começou a trabalhar com 10 anos na roça. Hoje trabalha no setor de produção de uma fábrica: "trabalho demais; quanto mais se trabalha, mais produção eles exigem".

Sobre adolescência, sexo, diz que se fosse perguntar à mãe sobre esses assuntos, ela não falava, embora tenha contado sobre menstruação. F. teve vários namorados, mas "nunca teve gosto de levá-los em sua casa" por causa da loucura da mãe: falava palavrões, fazia passar vergonha. Com relação à vida afetiva/sexual atual, ela diz que "graças a Deus, é normal, sem problemas". Ela e o marido são primos em segundo grau; os avós eram irmãos. F. conta que não gosta que a abracem, não suporta que a toquem no braço, nem quando "está com o marido" gosta que ele a abrace.

Teve 9 filhos, mas apenas 3 sobreviveram. Nasceram antes do tempo (7 meses). Ela desmaiava muitas vezes, enquanto grávida. Fez laqueadura para não ter mais filhos.

Quanto à educação das crianças, diz que usa também de castigo físico. Ela bate, o marido não. F. diz que o marido "manda ela bater", pois se ele fala, o filho mais velho atende, já quando ela fala, o filho leva na brincadeira; então o marido "manda ela bater".

F. relata que logo que chegou à Campinas, talvez devido à "frieza" do lugar, sentia um "ardor" na cabeça, as vezes não podia nem ouvir as vozes das crianças. Procurou por um senhor espírita e este lhe disse que largasse os médicos, pois seu problema não era médico que ia resolver. Ele lhe passou chá de alecrim e, até hoje, se sente dor de cabeça, F. bebe o chá e se sente melhor.

F. diz que tem um problema periódico na virilha, que endurece de um lado. Os médicos dizem que é tensão pré menstrual, mas ela não concorda: acha que é excesso de trabalho, ou hérnia. As vezes não consegue nem ir trabalhar: sente dor e ânsia de vômito.

Conta que o que gostaria de conseguir agora é uma casinha. Essa onde moram atualmente é sua, mas "o chão" não é. Queria conseguir um chão para eles. Já esteve na prefeitura, mas o "chão" que eles dão é sempre muito longe, perto de esgoto e isto é ruim para as crianças.

F. diz que gosta de conversar, assistir televisão (atualmente estão sem). O casal vêm frequentando ultimamente, a igreja do Evangelho Quadrangular, para ver se melhora o relacionamento entre eles.

CASO 18

HOMEM: M. 55 Anos, Ginásio Incompleto, Pintor de Automóveis, Natural de São Simão, SP, Sem Religião, Renda Pessoal: 5 S.M.

Questionado sobre o que o levou até a D.M., ele diz que a mulher é louca, doente. Que ele está cheio de B.Os. na delegacia do bairro onde moram. Nunca deram em nada. O delegado o conhece e conhece à ela. Não há o que fazer, é impossível um acôrdo. M. diz que já ofereceu um quarto para ela ficar, mas ela não quis: "quer me atormentar, a gente não vive mais como marido e mulher. Acho que qualquer dia vou ter um enfarte. Ela joga meu filho contra mim e eu nunca deixo faltar nada para o menino. Sou conhecido no bairro há mais de 40 anos. Prá ela dou o básico e ainda assim, ela reclama, ofende, humilha. Acho que se ela quer luxo, ela mesma pode trabalhar e comprar".

O motivo desta última briga é segundo ele, devido ao fato que queria levar o filho numa festa e ela não concordou: "ela avança, agride, joga qualquer coisa que tenha na mão. Queria quebrar o vidro do carro, com as crianças dentro; eu dei uns tapas nela, ela pegou uma pedra enorme e queria me acertar".

M. diz que não conseguiu levar o filho para a festa. Mais tarde, ela o levou para um bar de "pinguços". Ele conta que quando ela quer sair, larga o menino em casa, posa na rua, vai para os bailes, não faz questão de deixar o filho com ele.

M. relata que na primeira vez em que esteve na D.M., a própria delegada disse à ela para procurar pela família e deixar de atormentá-lo.

Ele diz que quando vê que a situação está ficando ruim, sai de casa, vem até sua oficina. A mulher vem atrás, xingando, fazendo escândalo. Segundo conta, ela já agrediu inclusive sua mãe, que é pessoa de idade: "ela não tem respeito com nada, fala palavrões, joga comida fora, os mantimentos que eu compro. Se ela não conversa comigo, eu também não falo. Se eu limpo a casa, ela suja. Xinga a casa, desfaz das coisas, ofende a mim e a toda minha família. É mal agradecida e assim, está sempre começando brigas".

Conta que já faz muito tempo que ocorreu a primeira agressão física: "hoje tem poucas porque a maior parte do tempo eu passo fora de casa".

Diz que as agressões físicas começaram por causa do procedimento dela: "antes de ela ter o menino, nós não morávamos juntos e ela era totalmente diferente: humilde, quieta". Depois que o nenê nasceu e passaram a morar juntos, ela começou a mexer em suas coisas, quebrar, rasgar fotos de antigas namoradas e amigas. Pôs fogo nos materiais de construção que tinha em casa: deu-lhe grande prejuízo.

Não acredita que essa situação possa ser modificada: quer que ela "dê um jeito na vida". Viver juntos não tem condição. "Se ela pelo menos não perturbasse, mas quando está

em casa, fica querendo agredir; peguei "implicância" dela. Só aguento tudo por causa do menino. Quero aumentar a casa, fazer dois cômodos para ela, prá separar de vez".

Indagado sobre como se conheceram, diz que foi no carnaval. Namorava uma colega dela e brincaram todos juntos o carnaval. Dias depois sua namorada lhe contou que ela estava interessada nele. Depois disso, ela começou a vir até sua oficina constantemente e um dia, pediu para ficar até que arrumasse um outro lugar. Ele concordou, mas falou que não queria compromisso, não queria filhos. Comprou-lhe "remédios": "quando assustei, ela estava grávida e disse que queria o filho para fazer companhia". M. diz que registrou a criança e cuida dos dois até hoje.

M. acredita que ela queira se apossar da casa e trazer toda a família: "são "pinguços"; um irmão dela já morou com a gente e andou sumindo coisas da casa. Ela mesmo vende mantimentos e leite do menino para comprar cigarros".

Ele diz que participa da comunidade do bairro, onde desenvolvem atividades e trabalhos em prol da cidade. Sua mulher sempre cria problemas com relação à sua frequência e participação nas reuniões.

Sobre a infância, M. conta que fugiu de casa aos 14 anos. O pai lhe batia demais; ele era muito arteiro: saía à noite, brigava, mexia nas coisas dos outros. A situação era difícil: "se tinha vontade de comer alguma coisa, roubava". O pai lhe batia com chicote. Tinha que disputar coisas, comida, por exemplo. Na escola entretanto, o relacionamento com professores era bom. Sempre se sentiu querido. Conseguia lanches das professoras: "sempre fui meio carente de carinho".

Uma lembrança triste que guarda da infância é a perda de 2 amigos: costumavam sair em turmas de 8, 10 meninos para nadar no rio Paraíba e uma vez, dois deles caíram no rio e se afogaram. Ele e os amigos fizeram tudo para salvá-los, mas não foi possível.

Após as aulas, trabalhava na roça. Hoje é autônomo. Trabalha diariamente 10, 12 horas. Não está muito bem: ninguém tem dinheiro, tudo está muito caro. É a pior situação que já passou. Cortou seu padrão de vida em 80%. Tem recebido muitos "calotes". Pensa no filho, em lhe dar coisas; já esteve bem melhor.

Sobre as primeiras informações sobre sexo, obteve com colegas. A primeira experiência foi com prostitutas. Levaram-no quando ainda era "de menor". E assim começou. Os primeiros namoros foram com coleguinhas, coisas de crianças. "Namorei bastante, para ser sincero. Tinha 5, 6 namoradas aos mesmo tempo: era "disputado". Tive muitas amantes. Vivi 12 anos com uma mulher; tive uma filha com ela que mora hoje na casa em frente à minha.

Com relação às gravidezes, acredita ter feito sua obrigação de pai: registrou os dois no seu nome. Cuida até hoje, adora os netos.

M. se diz um homem sem vícios: não fuma, de vez em quando bebe no final de semana. Depois que conheceu sua mulher tem dormido mal: tem medo, pois ela ameaça matá-lo.

Sobre o relacionamento dos pais, conta que eram separados: brigavam muito mas sem se agredirem fisicamente.

Sobre a vida, M. diz que problemas todos tem. Expectativas não sabe: "o mundo, o país da gente tá muito ruim". Já esteve no garimpo; foi "pirangueiro" (pescador). Conhece bem o Brasil, já viajou bastante. Com 28 anos saiu de barco a remo com um amigo até a

Argentina. Saiu até na TV. O barco hoje está exposto num museu da Argentina e M. escreveu um livro sobre a viagem. Sempre gostou de aventuras com relação à natureza, mato, água. Não gosta de ver ninguém depredar nada, deve-se ensinar a guardar, cuidar. Não gosta de agressão contra nada: natureza, criança, contra ninguém. Sacrificou-se por causa de outros, defendendo causas de amigos, sempre teve boas amizades.

No bairro onde mora, é conhecido como "o Homem dos cachorros": pega todos os cachorros sarnentos que vê, cuida e cura. Não gosta que maltratem criação.

MULHER: R. 32 Anos, Divorciada, Primário Completo, Serviços Gerais, Natural de Montalvânia, MG, Católica, Renda Pessoal: 3 S. M.

R. relata que o que a levou até a D.M. foi a revolta de tanta pancadaria. Não é a primeira vez que faz queixa. Conta que não brigam constantemente, pois quando ele começa a falar, ela sai de perto. O motivo das brigas é sempre o mesmo: ele não lhe dá dinheiro para compras.

Questionada quanto ao motivo desta última briga, conta que o filho estava gripado e o marido queria levá-lo à uma festa à noite. "Ele compra sorvete para o menino; não queria que ele pegasse pneumonia ou outra doença grave. Ele teimou, eu também, aí ele pegou um pau perto da rua e bateu em mim. Vou falar uma coisa: aqui perto é cheio de "bacanas", viram ele bater, mas ninguém faz nada: é pobre, eles nem ligam".

Segundo ela, as brigas começam porque ela fala e ele finge que não ouve e ela pergunta: "oh! rapaz, voce tá me ouvindo?" Então fica nervosa, se lamenta, chora.

R. diz que as pancadarias começaram depois que a filha e o genro dele se mudaram para a casa em frente à deles; que os dois interferem muito em seu casamento.

A primeira vez em que ele a agrediu, estava grávida de 4 meses. Estava "com desejos" de comer galinha caipira. Comprou uma, mas não sabia "matar direito": a galinha não ficou nem viva nem morta. Seu marido lhe falou: "eu vou torcer seu pescoço que nem voce torceu o da galinha". Ela pediu socorro para a vizinha, ele a pegou pelo pescoço e a jogou longe. R. diz que machucou a cabeça, teve hemorragia. Foi levada para o hospital onde tomou injeção para dor e para segurar o nenê. Quando voltou para casa, depenou a galinha, fez com polenta e a comeu inteirinha. R. conta o fato e ri. Diz que não reagiu à agressão porque desmaiou: "era muito boba, tinha medo até de policia".

Acha que essa situação de agressões não é uma vida normal: "é como se fosse um cão". Para ela só pode ser modificada depois que comprar seu local, ir-se embora. Quer se mudar para morar só com o filho.

Indagada sobre como o conheceu, ela diz que estava com uns amigos num baile de carnaval. Ele pediu para falar com ela e ela respondeu às amigas que não, que não gostava de "velhos". Mas depois não sabe o que aconteceu que, meses depois, se não fosse morar com ele "dava fim à própria vida". Sobre as qualidades dele diz: "não fala palavrão na rua, mesmo que esteja bêbado; é calado, se eu falo palavrão prá ele, fica remoendo que nem bode".

Sobre os defeitos, diz que quando ele vai para a cozinha, ninguém pode chegar perto: "vassoura na mão, varrendo a casa, o tempo todo".

Quase não se falam; ele lhe diz que não tem assuntos legais para falar com ela.

Pretende dar continuidade ao processo. De outra vez que registrou B.O., diz que sentiu a delegada "pender" para o lado dele e então, desanimou.

Sobre o relacionamento de seus pais, diz que era ótimo. Quando discutiam, era dentro do quarto e as brigas eram de ciúmes, pois os dois eram bonitos "demais da conta". Pai era fazendeiro, perdeu tudo e tornou-se lavrador. O relacionamento com os filhos era "muitíssimo bom". O pai não chamava a atenção dos filhos na frente de estranhos. Não deixava filha mulher trabalhar na roça: ficavam em casa, ajudando a mãe.

Começou a trabalhar aos 8 anos de idade. Cuidava de crianças, embora segundo conte, a família não aprovasse que trabalhasse fora. R. conta que "não gostava" do lugar onde seus pais moravam e assim, juntou seus pagamentos e comprou uma passagem para Belo Horizonte (segundo conta, foi sua vizinha quem comprou a passagem, uma vez que era de menor).

Em Belo Horizonte, morou com uma tia que tinha 3 filhos homens: "assim, não tinha irmãs para mexer nas minhas coisas". Escreveu uma carta, avisando seu pai que estava em casa da tia. Tinha 10 anos então e ajudava a tia nos serviços domésticos e era vendedora autônoma da Avon.

Sobre a adolescência, diz que foi boa: "comecei a namorar com 12 anos, quer dizer, namorava com os meninos no pensamento, eles nem sabiam". Informações sobre sexo, diz que sempre foi muito curiosa. Sua mãe ficava brava, achava-a muito inquieta para a época. Perguntava para as professoras; houve uma que quis lhe bater porque disse que sabia por onde nasciam os bebês (havia visto seu irmão nascer).

Aos 13 anos já era formada: "tinha corpo de moça. Meu primeiro namorado foi quando eu tinha 15 anos e o primeiro beijo que ele deu no meu rosto, não me deixou dormir à noite. Pensava que se casar era tão bom assim, queria me casar o mais rápido possível. Foi meu namoro mais lindo".

Casou-se aos 17 anos e seu marido era "muito bonito" e ela muito ciumenta e não tinha juízo, por isso se largaram. Ficaram juntos por 3 anos. Teve 3 filhos, 2 faleceram e apenas um sobreviveu. O garoto mora com o pai e a avó paterna. "Não quis ficar com o menino: não sabia cuidar, só queria dançar, namorar, nadar, não queria responsabilidade, só queria ir pros bailes com os amigos".

Segundo R. relata, seu primeiro marido era muito bom. Quando estava "gorda de gravidez", ele lhe dava banho, comida na boca. A vida afetiva/sexual do casal era ótima; ela se casou virgem e ele foi muito paciente.

Hoje, diz que a vida afetiva com seu atual marido é "um inferno". Dormem em quartos separados. "Quando ele quer, chama, transa, depois cada um pro seu lado, como se fosse bicho. Depois que esgotou seu prazer, tchau".

Não pode evitar filhos. Passa mal com remédios. Não queria também esse filho, fruto da união com seu atual marido, mas aceita-o, gosta dele. As vezes vai ver seu filho em Belo Horizonte. Financeiramente, diz que seu ex-marido está muito bem e até hoje não se casou novamente, esperando que ela retorne ao seu convívio, assumindo inclusive, este seu filho.

R. conta à pesquisadora que seu ex-marido é funcionário antigo do Banco do Brasil de Belo Horizonte: tem 29 anos de casa. A pesquisadora pergunta a idade dele, ela responde que ele é muito novo, bonitão e tem 36 anos de idade (sic).

Sobre as gravidezes, diz que desmaiava em todas elas. Sentia enjoos, nojo de animais. Sempre gostou de crianças, mas nas primeiras gravidezes não tinha "juízo". Perdeu um filho aos 3 meses de gravidez. Perdeu outro que nasceu aos 7 meses (tinha ido nadar e bateu a barriga numa pedra). A criança nasceu, sobreviveu um dia e morreu. Sentiu, pois queria que sobrevivesse.

R. relata que antes de morar com seu atual marido, morava com seus patrões, donos de uma "boutique" onde trabalhava. Na casa era uma espécie de governanta para os filhos deles. Era segundo conta, tratada como pessoa da casa, almoçava com eles.

Quando se mudou com seu atual marido, foram visitá-la e "não acreditaram" quando viram "o estado" da casa para onde havia se mudado: "a nossa rainha se mudou para o lixo!", comentaram. Deram-lhe todo o enxoval do bebê. R. diz que até hoje, quando está em dificuldades, vai até eles e pede dinheiro emprestado: "eles não emprestam, eles dão".

Conta que está grávida de um mês e tem dormido bem, mas as vezes tem insônia: "fico remoendo os problemas, cansa o cérebro e não consigo dormir, fico andando pela casa". R. fala que não pede ajuda para ninguém. Se tem, tem, se não tem, fica sem, não pede.

Sobre a vida, diz que a infância foi muito boa, adolescência também. Se primeiro marido foi muito bom; nunca lhe bateu. Foi aqui em Campinas que sua vida mudou para pior. Desde que conheceu seu atual marido: "ele desfaz muito de mim". R. diz que se sente discriminada pelos parentes dele, por ser mineira: "paulista não gosta de mineiro; também não gostam de baiano, né?" Conta que o marido não a incentiva em nada; é como se fosse nada para ele.

Está agora juntando dinheiro para comprar um terreno e construir um cômodo para morar com o filho. Não quer voltar com o ex-marido, nem com sua mãe. Diz que quando conseguir sua casinha, não vai mais querer saber de seu marido.

Conta que sempre gostou de cremes e perfumes (mostra à pesquisadora, vários potes e vidros sobre a penteadeira): "à noite quando ele sai, pula a janela de meu quarto para pegar e passar meus perfumes. Ele gosta de moças, faz sucesso com aqueles cabelos grisalhos..."

Diz que o marido tem vários terrenos em bons lugares na cidade e que já se informou com o advogado e este lhe disse que tem direito à metade de tudo que o marido tem. Seu filho também tem direitos: "e eu vou querer tudo, tudo a que eu tenho direito. Pelo menino", diz rindo.

OBSERVAÇÃO: Ao fim da entrevista, R. leva a pesquisadora até o quintal da casa, para mostrar "as tranqueiras" que o marido acumula: fogão velho, pedaços de cadeiras, tábuas, etc. "Eu falo prá ele jogar tudo fora, que junta escorpião, ele não joga, fica amontoando. No quarto dele tem outro tanto; ele põe até o cachorro prá dormir na cama com ele.

CASO 19

HOMEM: J. 38 Anos, Casado, Primário Completo, Pintor Desempregado, Natural de Campinas, SP, Católico, Sem Renda Pessoal

NOTA: Na D.M. a pesquisadora questionou o casal quanto ao interesse em participar da pesquisa. Ambos concordaram e foi então marcados dia e horário.

No dia e horário marcados, a pesquisadora se dirigiu à casa e a encontrou fechada e aparentemente, vazia.

A pesquisadora retornou à casa num outro dia da semana e encontrou J. Este ao atender, questionou novamente quanto à pesquisa e o porquê. Perguntou da ligação da pesquisadora com a D.M. Explicou-se com relação a ausência do casal no dia anteriormente marcado e concordou em participar, marcando novo dia e horário.

Questionado quanto ao motivo que os levou à D.M., J. diz que chegou bêbado e ameaçou "tacar fogo" na casa e xingou a mulher. Essa não é a primeira vez que recebe intimidação, mas nunca tinha ido até a D.M. antes. "Dessa vez tive que ir, não teve jeito".

Questionado se o casal briga constantemente, ele diz que brigavam, agora pararam. Os motivos são sempre os mesmos: nervosismo, dinheiro: "isso mexe com a cabeça da gente".

Nesta última briga diz que chegou em casa "chapado" e gritando, e que isso acontece de momento, de uma hora para outra lhe dá um "estalo". Consegue ficar vários dias sem beber, mas quando "invoca", bebe. "Tirando o álcool, não tem confusão", diz.

Conta que a primeira agressão física à mulher ocorreu há 10 anos. No namoro isto não acontecia. Na sua opinião, isto não deveria acontecer "mas num momento de fraqueza, acabo fazendo o que não devo".

Acha que a situação pode ser mudada, mas o que atrapalha é o emprego; diz que enquanto não arrumar um emprego bom, vai ficar "mais atacado". Questionado, diz que sua mulher não tem defeitos e a qualidade que mais aprecia nela é a honestidade.

Conta que quando está "são", costuma conversar com a mulher, mas não é sempre; as vezes conversam sobre os motivos que os levaram a brigar, outras vezes ficam dias sem se falarem.

Sobre a infância, conta que seus pais se separaram quando contava mais ou menos 7 anos de idade. Puseram-no então num colégio interno. Nesse colégio, conviveu com aproximadamente, 82 alunos (crianças de pais separados, pais que não podiam cuidar, orfãos, etc). J. diz que quem tomava conta era a Força Pública (hoje PM). Nesse instituto tinha hora para tudo: estudar, almoçar, brincar, etc. Aos domingos, saíam passear. Viveu lá dos 7 aos 17 anos. Saiu porque houve um incidente: "enquanto tava lá eu e os outros meninos, fazia trabalho com madeira. Um dia eu tava brincando de fazer "caminho de rato" e acabou pegando fogo no fogareiro elétrico "não sei como", e daí foi prá mesa e pegou fogo nas instalações de lá do colégio".

O pessoal do colégio conversou com a família de J. e o dispensaram. J. foi então morar com uma tia, mas não ficou por muito tempo por não se adaptar ao regime da casa. Foi morar em seguida com o pai, mas também não combinou, pois diz que quando uma

pessoa é criada longe da família, não cria assim "aquele amor". Foi morar sózinho e assim ficou até formar sua própria família.

Relata que foi ainda no instituto que obteve as primeiras informações sobre sexo, com os colegas de lá. Mas só foi namorar depois dos 18 anos.

Sobre o relacionamento com a família de origem, lembra-se que o pai chegava bêbado e batia nos filhos; a mãe não reagia "senão apanhava também", diz rindo. Os parentes que moravam próximos também não interferiam.

Com relação aos seus próprios filhos, diz que quando acontece alguma coisa, dá castigo de não deixar sair na rua, mas as vezes, bate.

Instado ao final da entrevista para que falasse um pouco sobre si mesmo e a vida, ele diz que não tem muito o que falar, não gosta muito de falar. Não tem "cabeça muito boa" para responder perguntas.

OBSERVAÇÃO: Durante a entrevista, falou várias vezes que "sua cabeça não é muito boa"; que faz as coisas de estalo, sem ninguém esperar.

Parecia se divertir com o ocorrido, com a entrevista, respondendo as vezes de maneira pouco coerente, vaga; começava a falar e parava no meio da frase. Num desses momentos, a pesquisadora interrompeu a entrevista e achou necessário reafirmar da desobrigatoriedade da mesma. Ele respondeu que não, que queria continuar respondendo e, a partir de então, portou-se um pouco melhor. Sua esposa pediu à pesquisadora para "não ligar", que o marido é muito "brincalhão".

Apenas no final da entrevista, contou que estava desempregado e que "enquanto esta situação continuar, não vejo condição "das coisas melhorar", não vai mudar".

MULHER: A. 33 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Varredora de Rua, Natural de São Vicente, SP, Católica, Renda Pessoal: 1 e 1/2 S.M.

A. conta que o que a levou até a D.M. foram as brigas. Ele bebe e a agride. Ela faz tudo para ficarem bem, mas ele não se encaixa. Já "deu parte" várias vezes, mas nunca haviam chamado o casal. Já foi várias vezes até a delegacia do bairro. As brigas ocorrem geralmente à noite; depois que ele dorme ela chama a polícia. A polícia vem e o levam. Várias vezes ele chegou a enfrentar os policiais e apanhou na frente dela. Essa é a primeira vez que foram intimados.

Relata que brigam sempre: procura evitar, mas ele mesmo procura briga. Acha que as vezes ele não está tão bêbado e mesmo assim, briga e a espanca. As vezes o motivo é alguma coisa na casa que ela mudou de lugar, outras vezes ele está bastante bêbado: "mas não existe motivo, não tem motivo para brigar". Conta que desde o começo, "ele judia". Enjoou de apanhar, há 14 anos que isso ocorre.

O motivo dessa última briga foi que ele chegou meio alcoolizado e reclamou porque não tinha mais guaraná na geladeira. Ela disse que ia buscar no bar, ele disse que não, queria aquele. "Quería encrenca", ela diz.

A. conta que o marido ficou sabendo que o cunhado tentou por fogo na casa e quis fazer o mesmo. Fechou a casa e ameaçou. Ela ajoelhou e implorou para ele não fazer isso. Diz que ele é assim mesmo: ameaça para fazê-la ficar com medo. Já a ameaçou com faca. "É ruim mesmo. Tudo o que sabe que outros fizeram de ruim, ele quer fazer com a família".

Em sua opinião, as brigas começam devido à bebida dele. Já chega com a "cara fechada". Ninguém fala nada, aí ele fica falando sózinho. Ela e os filhos vão dormir, ele começa a chamar e faz confusão. "Se falar, ele briga, se não falar ele briga do mesmo jeito".

A primeira vez que ocorreu agressão física entre eles, foi no período de namoro. Estavam no cinema. Ela dormiu durante o filme e depois perguntou à ele, algo sobre o filme; ele ficou com raiva porque ela havia dormido e bateu-lhe dentro do cinema. Ela reagiu e eles "se agarraram" lá mesmo.

Não sabe o que dizer destas agressões: "é tanta coisa...Acho que depois que a pessoa começa a bater, não pára mais. Pode diminuir, mas depois que deu a primeira vez, dá sempre. O bom é não deixar bater a primeira vez".

Diz que a situação melhorou um pouco desde a última vez. Mas acha que é por pouco tempo: os dois não têm "concerto"; daqui há um tempo, volta tudo: "como a gente pode acreditar? Dá até medo".

Questionada quanto aos defeitos da marido, diz que ele tem todos: bebe, briga... A qualidade é que ele "não enche o saco", por exemplo: pouco se incomoda para onde ela vai, deixa-a pular carnaval, sair nas escolas, o que poucos maridos consentem.

Conta que costumam conversar, brincam muito, comentam coisas acontecidas no seu serviço, riem muito.

Sobre o processo, pretende dar prosseguimento. De outra vez que deu queixa, iam se separar mesmo, mas ele ficou doente e ela achou que ele precisava dela (ele teve intoxicação). A. diz que o marido quase morreu. Depois ele sarou e voltou a aprontar. Agora vai até o fim, não queria isso, mas vai.

Sobre sua família de origem, conta que a mãe era epiléptica e alcoolista; o pai contava que também havia sido alcoolista. A. contava 2 anos de idade quando os pais se separaram. Mãe passou então a beber e tinha constantes crises, devido à epilepsia. Os filhos ficaram com a mãe e depois de um tempo, o juiz tirou-os da guarda da mãe, por causa dos ataques que assustavam as crianças. Estas foram morar com o avô paterno.

A. diz que o motivo da separação dos pais, segundo sabe, foi traição da parte de seu pai: a mãe o pegou com a vizinha. Após a separação, seu pai "aprontou" bastante: de tempos em tempos, levava uma mulher na casa do avô de A. (pai dele) e o avô ia criando os filhos. A. conta que tem vários irmãos.

Sua mãe não conseguia parar com a bebida e por isso, não seguia o tratamento para epilepsia. Faleceu devido a uma crise que teve e não voltou mais.

A. começou a trabalhar aos 9 anos como pagem: trabalhava e estudava. Gosta do trabalho atual: se dá bem com todas as colegas, o trabalho é livre, sem problemas.

Conta que sempre foi muito curiosa com relação à sexo, sexualidade. As primeiras informações, obteve na escola, mas ficava olhando livrinhos, revistas sobre o assunto. Quando solteira, teve vários namorados.

Sobre as duas gravidezes, conta que passou muito nervoso: o marido brigava muito com ela. Fisicamente sempre foi muito saudável. Não fuma, não bebe, só esteve internada para ter os filhos.

Diz que ultimamente, o marido ficou carinhoso, desde que começou a mexer com os papéis da separação. Acha que é porque já foi marcada uma audiência. Sobre a vida e expectativas para o futuro, diz que sua dificuldade maior no momento é a casa. Só ela está trabalhando e seu salário não é suficiente para mantê-los e pagar as prestações: tem 2 atrasadas.

"Não sei mais o que comentar: meu marido é assim; a gente tá vendo se separa ou não. O juiz deu um mês prá gente ver "se encaixa". Passando isto, a gente vai lá. O único problema mesmo é arrumar dinheiro prá pagar a casa".

CASO 20

HOMEM: J. 37 Anos, Casado, Gin. Incompleto, Vigilante, Natural de Pirapózinho, SP, Católico, Renda Pessoal: 7 S.M.

J. conta que o que levou o casal até a D.M. foi "problema conjugal": "eu tomei uns goles, quebrei o vidro da janela, umas plantas da mulher, rasguei o shorts dela com a "peixeira"; xinguei ela". Esta é a primeira intimação que recebe. O casal briga de vez em quando: "ela é muito ciumenta demais, não quer que vá tomar cerveja, que converse com os amigos; é um "clicete": pega muito no pé".

Segundo ele conta, as brigas começam "porque ela não quer que eu saia. Quer que trabalhe e fique em casa que nem "maria-chiquinha". E quando eu chego em casa, vindo do bar, ela fica de "cara virada" aí pronto: fico nervoso". J. diz que nunca agrediu fisicamente a mulher: "não bato nela; homem que bate em mulher é covarde, é ou não é? Eu quebro as coisas, depois compro outras".

Para essa situação ser modificada, só vê um jeito: parar de beber. Diz que é só não começar, porque depois só vai para quando está "chapado".

Na sua opinião, o defeito da mulher é que "enche muito o saco", "tem muito ciúmes de mim". A virtude é que como mulher é "nota dez": "não é gastadeira, é o que se ouve por aí: tem que ter respeito. Vai no supermercado e só compra arroz e feijão", diz e ri.

Questionado quanto às doenças da infância, aproxima-se da pesquisadora e conta em voz quase sussurrada que "pegou gonorréia só, mas antes de casar". A pesquisadora explicou a pergunta novamente.

Na escola diz que o pessoal ficava com muita "bronca" porque ele era muito sabido e as vezes ensinava na lousa para a classe, inclusive no catecismo. Saiu da escola devido a constantes mudanças da família de uma fazenda à outra. Era, segundo conta, o melhor aluno da escola. O relacionamento com os colegas era cheio de "altos e baixos": "briga encima de briga; a gente também é muito ignorante demais, não pode levar desaforo prá casa".

Começou a trabalhar aos 7 anos, na roça. Hoje trabalha 12 horas diárias, como vigilante: "tá bom, dá prá pagar "o rango" da molecada, pagar as contas e sobra prá cachaça".

As primeiras informações sobre sexo obteve numa escola. Namoros foram poucos: "mais bagunçava, namoro firme só com minha mulher: gostei dessa aí e casei. Namorava até as 10 horas e depois saía com os colegas bagunçar um pouco: tomar cerveja, jogar "snooker".

Questionado quanto à vida afetiva/sexual do casal, diz que é tudo "normal", evitam filhos através de pílulas. Quando a mulher engravidou, ficou muito contente, emocionado. De vez em quando, chegava tarde em casa, saía tomar umas cervejas para festejar. Diz que por ele, teriam 5 filhos "pois com 2, logo o mais velho casa, fica só a menina, depois a menina casa e fica o casal. Se tivesse 5 filhos, teria 3 "na reserva". Mas ela quer ficar nesses dois". Sobre o relacionamento com os filhos, diz que trabalha à noite e dorme durante o dia: quase não tem contato com os filhos, "é mais a mulher que controla".

Com relação à bebida: "tomo 3 doses de pinga, antes de tomar duas cervejas. Quando tô nervoso, não sei a quantia não: sobe um negócio "nimim" e eu fico doidinho, não conto com nada".

Sobre seus pais, conta que o pai foi alcoolista, mas parou há algum tempo. A mãe é cheia de problemas de saúde. Não havia agressões físicas entre eles. Conversavam muito pouco com os filhos. Até hoje não são de muita conversa. Lembra-se que só levou uma surra do pai: a mãe batia na cabeça: "dava coques". J. conta que também não é de conversar: "se começar a conversar, eu "apelo" logo".

Instado para falar um pouco sobre si e a vida, diz que primariamente quer conseguir uma casa. Uma casa e um carro. Para os filhos, procura dar um estudo para eles não ficarem "burros" como o pai.

Não teve infância: "que infância é essa, no meio do mato, carpindo, a gente passava até fome? Roupas só tinha uma: se molhasse, não podia sair, se brincava, era de bolinha de gude. A gente morava na colônia e em roça, um ano dá, outro ano não. Sempre muita dificuldade".

Sobre a vida com a mulher, abaixa a voz e diz: "ela não é muito chegada a sexo. Por ela poderia ficar anos e anos... Por mim tem que ter pelo menos todo dia ou, pelo menos a cada dois dias. Tenho que conversar muito com ela para ela... Por isso eu falo que ela não gosta de mim. Acho que a relação sexual é o principal do casal. Por esse motivo, já pensei em separar e ir embora, sumir no mundo".

Fora isso, sabe do sentimento dela por ele. Diz que já conversou com ela, mas ficou quase a mesma coisa. A mulher diz que não sente vontade por causa da bebida: "agora vou parar de beber prá ver se é verdade".

MULHER: R. 34 Anos, Casada, Primário Incompleto, Dona de Casa, Natural de Cidade da Barra, BH, Católica, Sem Renda Pessoal.

R. conta que esta é a primeira vez que dá queixa. Desde que se casou, há muita discussão: ele chega tarde, e se está bêbado, manda-a embora e ela as vezes, tem que dormir fora de casa. Antes, não havia agressão física; há mais ou menos 8 anos, está acontecendo. "Então achei que tem que haver um basta, chegar com esta situação".

Sua vontade mesmo era sumir, sem deixar nome e endereço: "sei que se eu fizer as coisas como manda a lei, levar as crianças, quando ele beber, ele vai procurar e fazer bagunça; resolvi dar mais uma chance".

R. relata que os próprios parentes de seu marido lhe dizem que aguenta demais e, as vezes, ela imagina se eles não sabem alguma coisa que ela desconhece por exemplo, se ele tem outra mulher. Diz que já chegou a segui-lo, mas nunca dá certo pegá-lo.

Segundo conta, o casal só briga quando ele bebe. Não tem um período certo para isso: "as vezes ele passa 15 dias sem beber, em outras vezes, bebe todo dia. Bêbado, ele já chega "invocado": "vou te quebrar a cara" sem eu falar nada. É claro que eu também não fico com cara alegre, quando ele chega bêbado".

O motivo da última briga foi porque ela e os filhos iam passar o final de ano na casa de uma sobrinha do casal. R. diz que ele não gosta que ela saia, nem com os filhos, nem com ninguém. Ele acha que ela deve ficar em casa, ele esteja ou não. Ela conta que deixou as aulas de pintura em tecido e as atividades que desenvolvia na comunidade religiosa do bairro para evitar problemas.

No dia em questão, chegou a perguntar para ele se não queria faltar do serviço para ir junto. Ele não quis, mas também não foi trabalhar. Parou no bar e gastou o dinheiro que estavam economizando para comprar um terreno. R. diz que chegou a ir até o bar e lhe falar, dizendo para pensar bem, pois se o gastasse, ela iria embora. Ele lhe respondeu para ir, "que não estava nem aí", não queria mais mesmo vê-la.

Mais tarde, ao buscá-la na casa da sobrinha, já chegou "invocado". Quando ela quis ir embora, pois todos estavam se retirando, ele lhe falou para que ficasse mais e a empurrou. Quando chegaram em casa, discutiram e ele a agrediu.

A primeira vez em que ele a agrediu fisicamente foi após o casamento. Ela foi com uma vizinha até a Paróquia dos Desenganados e levou uma roupa dele para ser benzida e contou depois para ele. Muito bravo, ele ficou o dia todo reclamando, falando que ela estava "fazendo feitiço" e, à noite, a agrediu. E desde esse dia para cá, ele a agride, inclusive mandando-a embora. R. acha até que ele tem "outra mulher". Chegou a faltar dinheiro para compras e ela ficou sabendo que ele havia feito um empréstimo na firma.

R. conta que quando brigam e estão a sós, ele xinga mas não tanto. Se tem alguém por perto assistindo, ele quer dar uma de "machão", por exemplo, lhe diz: "só não meto a mão na sua cara por causa que tô perto de Fulano". E mesmo perto das crianças, ele aumenta o escarcéu. R. acha que ele faz isso para se "engrandecer".

Acha péssima esta situação: "acho que com conversa, a gente resolve tudo. Não sou criança. Ém criança que se bate. A gente que é adulto pode conversar e se entender".

Ultimamente acha que a situação não pode mais ser modificada: só se ele parar de beber. Conta que depois que foi à D.M., a situação parece que piorou: que o marido acha que está tudo perdido mesmo, então que vá como vá, tanto faz. Beber é o "hobby" dele e que ele não sabe conversar com os amigos: tem que ficar "enchendo a cara". Indagada se gostaria que a situação se modificasse, diz que "é o que mais quero, já tentei de tudo. O fim eu sei qual é: separação".

Lembra-se que se conheceram no serviço: trabalhavam na mesma seção. Ele falava para os colegas que gostava dela mas na época tinha uma namorada que olhava e beijava outros homens na frente dele e ele não reagia. R. começou a ficar com pena, pois ele parecia

um coitado, até "meio bobo". Quando ele largou da namorada, ela começou a considerar a possibilidade de namorá-lo.

Ela diz que durante todo o tempo de namoro dos dois, ele ia à sua casa todo dia. Ela o achava muito apaixonado e imaginava que ele seria um bom marido, pois ele gostava mais dela do que o contrário. Só que aos poucos, a situação se inverteu: ela acabou gostando dele de verdade.

Sobre as qualidades dele, diz que quando não está bêbado, "não tem marido melhor": conversam bastante. As vezes ele não concorda com o que ela diz, então ela fala com ele que volta atrás. Ajuda em casa, não é machista. Mas quando bebe, é o oposto.

No último sábado, eles brigaram, pois ele chegou bêbado e sem ela dizer nada, ele foi lhe batendo (mostra à pesquisadora, as marcas roxas enormes, nas pernas, braços). Ele lhe diz durante as brigas que não vai trabalhar, que não vai dar pensão, que ela vai ter que trabalhar, que vai passar fome. Que ele não vai sustentá-la enquanto ela arruma outro homem. Sobre isso, R. diz que ele teme pagar-lhe pensão e ela arrumar outro homem depois que se separarem. Ele lhe diz que ela quer "fodê-lo".

R. diz que está dando as últimas chances, pois pretende aguardar as casas da COHAB, onde fizeram inscrição e depois vai repensar o assunto; porque agora não teria para onde ir com os filhos. Diz no entanto, que está falando isto para mim, pesquisadora, não fala isto para o marido.

Indagada, responde que conversam após as brigas: "eu chego prá conversar, explicar se está certo, se não está. Ele pede perdão, vê que está errado. Não pretende dar prosseguimento ao processo, pelo menos no momento: "seria ótimo de pudesse agora, mas por enquanto não. Esperei 13 anos, posso esperar mais".

R. conta que quando o marido está bêbado, pede carinho, beijo, sexo. No último sábado, ela chamou a polícia e pediu para eles falarem com o marido, e ela e as crianças foram dormir na vizinha, caso contrário, ele não lhes daria sossego.

Sobre a infância, lembra-se que começou a trabalhar na roça aos 7 anos. Havia a responsabilidade de acordar cedo para ir trabalhar. Os adultos brincavam e diziam que o presente das crianças era a "enxadinha".

Informações sobre sexo, obteve na rua, com colegas. Quando veio a menstruação, tentou esconder e foi para a escola. R. conta que na época, havia uma porção de proibições com relação ao período da menstruação: não podia lavar o cabelo, não podia comer peixe, ovo, linguiça. E, quando foi almoçar e não quis comer ovo, a mãe desconfiou e disse para ela: "agora voce não pode mais "dar" prá ninguém"; as irmãs riram. R. diz que até hoje se lembra disso e que ficou muito chocada com a maneira da mãe falar, pois nunca havia tido nada com ninguém.

Quanto às gravidezes, diz que ficou muito contente. Não teve decepção: queria muito que o primeiro filho fosse homem para olhar pela menina. A segunda filha é uma menina. Mas não deu certo o que queria: R. diz que é mais fácil a menina olhar pelo menino. A menina é mais calma, o filho tem ciúmes da irmã. A menina obedece mais, o menino apanha mais. Queria que o menino "se doesse" pela irmã e isso não acontece. Já chegou a vê-lo ajudar outros meninos a bater na irmã.

No início de casados, evitavam filhos. Planejaram o nascimento dos dois filhos que têm. Agora não quer mais filhos. Conta que sua mãe teve 15 filhos e criou 9, então criar 2 é

pouco. Antes de tê-los, pensava em 4, 6, mas depois "caindo na realidade", acha que dois está bem. Sobre a educação dos filhos, diz que as vezes utiliza castigo físico: "tenho dó de bater, mas quando é preciso, eu bato, sabendo que é prá educar".

Sobre seus pais, conta que o pai era alcoolista e parou há tempos. A mãe é chagásica. Lembra-se que o pai era meio agressivo, não dava carinho. Segundo ela, os pais vivem juntos por causa da mãe, que é daquelas mulheres de antigamente, que aceita tudo. Pai era autoritário, mãe é mais calma.

Sobre o relacionamento com os filhos, R. diz que a mãe era mais próxima a eles. Quando um dos filhos queria pedir algo ao pai, primeiro falava com a mãe e esta falava com o pai. R. diz que notava que com alguns dos filhos, pai era mais próximo, parecia ter preferência. Ela e alguns irmãos tinham mais receio. Acredita que agora, o pai não faz mais diferença. Hoje contudo, a mãe fala mais; antes os filhos a viam "espremer-se" no canto e não abrir a boca. Sua mãe lhe diz: "filha, voce está passando tudo o que eu passei, só que eu não apanhava".

Sobre a vida e expectativas com relação ao futuro, R. fala que não aceita a bebida, nem que existam outras mulheres: "sou egoísta, quero só para mim; como sou mulher de um amor só, não acho que estou errada".

Quer criar os filhos, ser independente. Criar os filhos sem a ajuda de ninguém. Quer trabalhar. Sem ter outro homem, pois acha que um homem nunca permite que a mulher seja independente. Quer trabalhar para, se desejar alguma coisa, poder comprá-la. Pensa em ter seu próprio negócio: um bazar com seus quadros, tricô, crochê. Quer comprar um carro, não precisa ser "chique". Ter um quarto para cada filho. Poder ajudar algum amigo que precisar, a família. Ter o seu negócio, casada ou separada. Diz que ultimamente, tem ajudado os amigos, pois um dia pode precisar. Não quer que isto aconteça, mas se precisar, tem a quem recorrer.

Conta que o marido agora vai tentar o A. A. Na escola, seu filho fez uma redação sobre a situação da casa: o pai batendo na mãe, pedindo-lhe para parar com isso, que a mãe tem 13 anos de sofrimento.

CASO 21

HOMEM: V. 38 Anos, Casado, Primário Incompleto, Pintor de Casas, Natural de Itajubá, MG, Católico, Renda Pessoal: 1 e 1/2 S.M.

Questionado sobre o que os levou à D.M., V. diz: "acho que ela foi... Eu errei, não preciso contar os detalhes, não é? E isso foi passando e fomos vivendo há 18 anos juntos. E "chegou de hora", surgiu um problema com ela há 8 anos atrás".

V. conta que fazem lotação para excursão e numa das viagens houve um desentendimento entre eles. Ele jogou a camiseta na cara dela; havia bebido um pouco e passou mal (vomitou). Sua mulher diz que foi de lá para cá que está chateada "mas também tem os problemas de início de casados, quando eu tive outra mulher. Mas se fosse só eu, minha situação hoje taria pior. Mas aconteceu com ela também e eu deixei "passar batido", então acho que a gente deve tentar".

Segundo ele conta, a mulher diz que não acredita nele, que é mentiroso; "ela foi numa cartomante perto de casa e a mulher disse prá ela que eu tenho uma loira do signo de virgem na minha vida. Eu falo que não, mas a cartomante fala que é verdade. Desde que ela começou a trabalhar, há 1 ano e meio, ela ouve muito as amigas".

V. diz que o casal não briga constantemente: "está tendo um problema por causa das cartas entre a família de um e de outro, embora uma coisa e outra sempre surja". O motivo das brigas entre os dois, é sempre o mesmo: ficam sempre remoendo a mesma coisa: o que aconteceu no passado. Ele fala que isto tem que ser esquecido.

Esta última briga começou com o "negócio" das cartas. V. diz que viu umas cartas na bolsa de sua mulher e que ela estava tentando esconder. Mais tarde, fora da vista dela, ele foi lê-las e nelas, a mulher dizia que a situação em casa, continuava a mesma: ruim. Ele se "chateou", pois estava tentando melhorar. Ela o viu lendo suas cartas e aí começou a briga. Segundo conta, ela foi por cima, rasgou-lhe as calças, pediu à ele que batesse nela: ele deu-lhe um tapa, "mas não sou disso, não".

Recorda-se que a primeira agressão física, ocorreu quando lhe contaram que viram a mulher com outro homem. A pessoa que lhe contou, disse para "esfriar" a cabeça e pensar no quê fazer. Ele esperou passar uns dias, mas estava "agitado" por dentro. Quando ela lhe contou tudo, lembra-se que lhe deu um empurrão. Antes de saber do fato, diz que vinha notando que a mulher estava "mais triste".

Conta que ficou muito chateado depois desse fato e com bastante vergonha. Não sabia como agir: pediu a conta no serviço, ficou uns tempos em casa e ela também estava envergonhada. Os parentes de ambos ficaram contra ela, mas ele a defendeu. Ficou um ano sem ir na casa do irmão.

Voltou ao Paraná, lavrar; sua mulher permaneceu em Campinas. No Paraná, na cidade deles, a sogra deu-lhe uma parte da terra para plantar e ele nem contou nada para ela. Mas não ficou lá por muito tempo: a situação na roça estava difícil, voltou à Campinas e encontrou trabalho numa firma onde trabalhou por 9 anos.

Sobre as agressões, diz: "isto na vida de um casal tem que melhorar, ficam todos irritados, principalmente as crianças. Já que "nós não pode" dar nada que a criança quer, o que a gente pode dar é carinho, transmitir tudo que é bom. Eu estou tentando, da minha parte, mudar a situação. Deixar o passado prá lá, viver uma nova vida com ela. Mas se ela quiser outra coisa, não posso amarrar o pé dela".

Diz que sempre procura conversar depois que brigam: "para tentar melhorar, pelejando prá se entender; um erra, pede desculpas".

Sobre a infância diz que tem vergonha de contar, mas que até os 10 anos de idade, dormiu com a mãe. "Quando se é rico, já nasce com um lugar certinho, mas quando se é pobre... Os irmãos já dormiam em dois nas camas, então eu "fui sair" de dormir com a mãe. Depois passei a dormir com um dos irmãos. Medo a gente não tinha, não passava pela cabeça, porque ficava tudo junto".

Trabalhava na roça. Iniciou aos 10 anos: carpia, plantava, arrancava feijão. Hoje, trabalha 9 horas diárias. Diz que o tipo de trabalho não é legal: é pesado. Trabalha como ajudante geral numa fábrica de correntes. Não tem encontrado trabalho como pintor de casas, então "tem que se virar".

Sobre adolescência, juventude, namoros, diz que sua primeira experiência foi nessas casas de mulher à toa mesmo. Tinha 17 anos na época e ele mesmo foi à procura, ninguém o levou. Em casa não se comentava sobre sexo: "era uma família, mas em casa esse tipo de coisa, num... nunca..."

Sobre o casamento, conta que logo a mulher engravidou e depois passaram a evitar. Ficaram 9 anos sem ter outros filhos. Sobre o relacionamento afetivo/sexual do casal, diz: "as vezes ia conversar com ela, mas não tava legal. Não vou dizer que saía briga, mas as vezes, eu deixava prá lá. Hoje quando ela não quer, deixo prá lá, não falo nada. Acho que as vezes, o fato da companheira ter uma opinião, querer sair mesmo, faz com que ela recuse muitas vezes. Embora eu venha tentando recuperar. Acho que ela não gosta de sexo".

Sobre as gravidezes, diz que a primeira foi complicada, porque moravam no sítio. Todas foram cesareanas. Foi bom pelo fato de ter se tornado pai. Sobre a educação dos filhos, diz que de vez em quando, bate: "uma das meninas é que apanha mais. Parece "meio passada"; não vai bem na escola, é preciso estar sempre ensinando, esquece rápido, só gosta de brincar".

Questionado sobre experiências extra-conjugais, conta que logo depois de casado, houve um caso, mas um dia olhou para a mulher e sentiu "dó" e contou tudo. E passou. Um dia houve um caso desse com a mulher, só que ao contrário do seu, que ficou apenas entre os dois, o dela se "esparramou". Ele ficou "batido". Mas como tinha também um passado, preferiu conversar, refazerem suas vidas e deixar prá lá.

Sobre a saúde, diz que é boa. Não fuma, as vezes bebe com os amigos, mas nunca de ficar "encharcado".

Sobre o relacionamento de seus pais, pouco sabe. Pai faleceu quando V. contava 2 anos de idade. V. ouviu dos irmãos que pai era "meio ruim" para a mãe: gostava de jogar baralho, chegava tarde em casa. Era um homem bravo, embora não agredisse. Não se lembra da mãe batendo nos filhos.

Sobre a vida, V. diz que no serviço, com os colegas está tudo bem. Problemas na família preocupa porque, sai de manhã, à tarde vem querendo ficar com eles. Não pára em bar, vem direto para casa. Dia de pagamento é dia que tem dinheiro para comprar alguma coisa para as crianças: "só dá prá comprar coisas para a casa mesmo, não dá prá pensar em mais nada. E quando está trabalhando fica mais tranquilo, pois pensa na família que tem para tratar. "No plano meu, penso em vender essa casa, comprar um terreno, e fazer outra casa. Vender uma outra casinha que a gente tem prá ajudar na construção. Penso em fazer um bom casamento prá minhas filhas. Tirar da cabeça toda maldade. Quero trabalhar e viver uma vida melhor".

OBSERVAÇÃO: V. dificilmente respondia diretamente a uma pergunta: dava "voltas e voltas" antes de responder, as vezes sendo necessário repetir a pergunta. Parecia muito preocupado com o fato de sua mulher mostrar desejo de separação. Disse que não achava bom para as crianças, que criança quer os pais juntos, ficam chateadas quando os pais brigam, etc.

MULHER: N. 34 Anos. Casada, Primário Incompleto, Serviços Gerais, Natural de Rio Bom, PR, Testemunha de Jcová, Renda Pessoal: 1 e 1/2 S.M.

Questionada sobre o que a levou à D.M., N. diz que "foi tudo". Está cansada de sofrer. Ele vivia xingando, espancando e agora resolveu. Um dia antes haviam brigado e então tomou coragem e foi. Foi esta a primeira vez que prestou queixa. N. conta que o casal briga constantemente. O motivo maior é o ciúme da parte dele: é muito desconfiado. Se ela sai trabalhar, acha que não vai trabalhar.

Sobre esta última briga, ela conta que escreveu uma carta para a mãe. Ele mexeu em suas coisas e leu a carta. Ela não gosta que mexa nas suas coisas e então começaram a discutir e ele a empurrou, pois ela queria avançar nele. N. diz que qualquer coisa é motivo de briga. Não se entendem. Começam a conversar e aí vira briga, pois o marido parte prá ofensa. N. relata que há muitas interferências na relação dos dois: os irmãos dele.

A primeira vez que ele a agrediu fisicamente, faz muito tempo, muitos anos. Não se lembra, sabe que foi depois de casados, pois na época de namoro, quase não se falavam. Ele ia vê-la, sentavam um em cada ponta do sofá, junto com outras pessoas da família. Depois de 4 meses de namoro se casaram.

Diz que nunca reagiu às agressões. A primeira vez foi essa. Ficou até espantada consigo mesma. Não sabe porque não reagia, só chorava. Acha que tinha medo dele, que a matasse, pois ele a ameaçava.

Acha que essa situação é muito ruim, principalmente para as filhas que ficam "super revoltadas". Por isso queria se separar. Mas ele não quer de jeito nenhum. N. acredita que se separassem, seria bem melhor.

Não acredita que a situação possa ser modificada. O marido fala que vai mudar, mas N. diz que não acredita. Desde que se casaram é assim. Questionada se gostaria que a situação se modificasse, ela responde que gostaria mesmo é que ele a deixasse em paz. Não acredita em nenhuma modificação da parte dele. Está pensando em dar prosseguimento ao processo.

Sobre a família de origem, conta que o pai era internado frequentemente em hospital psiquiátrico: tentou várias vezes o suicídio (cortou os pulsos, tomou BHC,) até que ingeriu um pacote com 1 quilo de soda e não teve tempo para salvá-lo. N. tinha 18 anos na época, era casada. Sobre o relacionamento dos pais, lembra-se que brigavam muito; o pai agredia fisicamente a mãe, que não reagia. Com os filhos entretanto, o pai era "uma amor de pessoa". Era bom demais. A mãe era muito enérgica: batia muito e exigia demais dos filhos. Hoje, com as filhas, conversa, mas quando acha que precisa, bate.

Indagada sobre como obteve as primeiras informações sobre sexo, responde que sobre este tipo de coisa, nunca teve informação nenhuma. A primeira vez que ficou menstruada, pensou que ia morrer. sua mãe jamais falou coisa alguma, colegas quase não tinha. Não sabia de nada, não comentou nada com ninguém.

Depois que se casou, as cunhadas por parte do marido comentavam o assunto. Com relação ao ato sexual, diz que imaginava que haveria alguma coisa, mas ninguém nunca falou. Sobre anticoncepção, falava com as cunhadas. Hoje é operada. Com o marido, é difícil conversar sobre o assunto. Hoje não sente nada em relação à ele. No início sim, mas agora depois de tudo que houve, não sente mais nada.

Sobre as gravidezes, conta que nenhuma delas foi boa. Passava mal, tinha falta de ar. Na última, teve que ficar internada por 15 dias. Gostava de estar grávida, pois tinha a

impressão que o marido lhe dava mais atenção. Embora lembre-se de que ele tenha lhe batido certa vez que estava grávida: era também muito estúpido, falava que o filho não era dele; deixava-a "lá embaixo".

Sobre a saúde, diz que não fuma, não bebe. Tem insônia: toma remédios para dormir. As vezes fica até 2, 3 horas da manhã sem dormir.

Falando de si e da vida, N. diz que não teve uma infância como as crianças de hoje: não era livre para brincar, correr. Trabalhou na roça desde a idade de 7 anos. Quanto às escolhas, não teve muitas. Não tinha opção para namorar um, namorar outro. Seu casamento foi um erro, começa aí. Seu marido saía muito, traía-a com outras mulheres. Era muito mulherengo. Chegava tarde em casa. Já o pegou inclusive mantendo relação sexual com uma égua, na época em que moravam no Paraná, quando ele estava sem dinheiro para ir atrás de mulheres. N. diz que isso a fez sentir-se como se fosse nada.

Depois que vieram para Campinas, achou que tudo ia ser diferente. Ela saía para trabalhar e ele também. Só que ele não ia trabalhar: ia atrás de mulheres. Quando chegava à tarde, contava para ela inclusive o que e como tinha feito. E dizia: "aquilo é que é mulher", que N. parecia uma "bananeira". Ela diz: "então tudo isso foi indo... Eu ficava revoltada, dizia que ia embora. Aí ele jurava que ia mudar, que não fazia mais. É por isso que não acredito mais nele hoje: sempre prometeu e nunca cumpriu".

Com relação ao seu caso extra-conjugal, diz que conheceu outro homem e parecia ser diferente: uma pessoa carinhosa. Saíram, conversaram, foram até o bosque; mas foram vistos por uma vizinha que foi correndo contar ao marido de N. Ficaram todos revoltados com ela. Naquela época ia abandonar o marido, mas ele não deixou. N. diz que nunca chegou a "transar" com o rapaz, pois não achava certo. "Ele chegou a ir uma vez ao médico comigo, coisa que o V. nunca fez. Nem quando nasceram as meninas. Eu pegava o ônibus e ia no hospital e ele ia trabalhar".

"Quando conheci este rapaz estava em Campinas havia um ano. Não conhecia nada aqui. Nós saímos juntos 3 vezes. Um dia ele levou no motel... Quando eu vi, não quis entrar. Ele então xingou, ofendeu, perguntou o que eu estava pensando e foi embora. Eu fiquei ali na porta do motel. Nunca mais eu vi, mas até hoje, o V. me culpa por isso. Sinceramente, eu queria separar. Nesta semana, a gente tem horário na D.M. prá sentar e conversar a respeito".

OBSERVAÇÃO: Questionada sobre o número de filhos do casal, ela não incluí a filha adotiva do casal.

Ao final da entrevista, pergunta à pesquisadora o que esta faria se estivesse em seu lugar, e se no dia de sua entrevista na delegacia, a pesquisadora estaria lá. A pesquisadora respondeu que a situação era bastante delicada e qualquer decisão deveria ser bem pensada entre os dois. E com relação a estar ou não na delegacia, a pesquisadora não poderia garantir a presença neste dia, mas deu-lhe outros dias que poderia ligar ou procurar por ela se N. assim desejasse.

Meses depois, ao retornar ao bairro para entrevista do Grupo Comparativo, a pesquisadora soube através de vizinhos que o casal havia se separado e que N. ficou com as filhas e uma das casas que possuíam. Ambos não residiam mais no bairro.

CASO 22

HOMEM: S. 38 Anos, Casado, Primário Completo, Retificador, Natural de Jaborandi, SP, Católico, Renda Pessoal: 5 S.M.

Indagado sobre o que levou o casal até a D.M., S. conta que no domingo, a irmã de sua mulher veio à sua casa, e ela o "obriga" a sair com o filho dela. Ele saiu com o menino e ao voltar, recebeu um recado de sua irmã que seu irmão estava no telefone, querendo lhe falar sobre um serviço. S. diz que sua esposa lhe falou que só permitiria que fosse atender ao telefone, se levasse o sobrinho, o que ele fez, para agradá-la. Ao voltar, encontrou outro irmão e foram até o bar, tomar cerveja. Eram 14:30 horas e o almoço ainda não estava pronto.

Ao voltar do bar, sentou-se no sofá, acendeu o cigarro e jogou as cinzas no vaso. Sua mulher não gostou e o agrediu verbalmente. Ele saiu da sala e foi até a cozinha; ela foi atrás e deu-lhe vários tapas no rosto. Ele saiu, encontrou o irmão e lhe contou o ocorrido. Seu irmão foi até sua mulher perguntar o que estava havendo e ela lhe jogou na cara dois sacos cheios de lixo, e então S. a agrediu.

Segundo conta, o casal não briga, é muito difícil. Mas quando ocorre, o motivo é sempre o mesmo: sua mulher acha que ele gasta muito no bar, que fica lá muito tempo. Se ele chega tarde em casa, pensa que está "farreando", tomando cerveja. Brigam também porque as irmãs dela se metem na vida deles e ela está sempre se metendo e ajudando as irmãs. S. diz que suas cunhadas não gostam muito de sua mulher, pois ela fala muito. Suas cunhadas gostam de se aproveitar de sua mulher.

As brigas começam se ele chega "meio tocado". S. diz que chega quieto, liga a TV baixinho. Sua mulher não gosta de TV e então levanta e vem agredi-lo verbalmente, com palavrões. Ela diz que ele prefere a TV à ela e aí se altera e começa a falar palavrões, xingar todo mundo: seus amigos, suas irmãs. É muito nervosa. S. diz que tem pena dela. Nem as irmãs dela, nem as irmãs dele gostam dela, segundo conta.

Gosta muito dela, mas "ela e a família dela dão baixaria por qualquer porcaria". Acha que há muita interferência na relação dos dois: as irmãs dele e as irmãs dela.

A primeira vez em que a agrediu fisicamente foi no dia da visita do pai dela ao casal. Ele vinha visitá-los bêbado e ela não aceitava o fato, agredia fisicamente ao pai. Um dia S. se revoltou e a agrediu. Estavam casados há 2 anos. Não se lembra o que fez depois da briga: "quando acontece essas coisas, vou prá casa de uma irmã prá esfriar a cabeça, senão ela continua brigando".

Acredita que a situação pode ser modificada: "tem que modificar; já não fui embora de dó dela, nem as irmãs gostam dela. Já falei que se não mudar, tem que separar. Ela não quer separar".

Questionado quanto às qualidades da mulher, diz que tem todas as qualidades boas: sempre foi trabalhadeira, limpinha. O defeito é que "bajula" demais as irmãs; gostaria que ela cuidasse mais deles, já que não têm filhos. Que ela não ficasse se preocupando com os filhos das irmãs e que ela falasse menos também.

Conversam sobre vários assuntos, mas após as brigas não comentam sobre os motivos que os levaram a brigar: "é muito difícil, ela é muito agressiva. Depois da briga, ela chora demais, pede desculpas. Deixa até bilhetes, dizendo que me ama e prá eu perdoar". S. mostra à pesquisadora, um bilhete, "um dos muitos", diz ele, "guardo todos". No bilhete, ela lhe "pede mil desculpas pela discussão, diz que o ama e que não vive sem ele".

S. diz que tem dó dela, pois se sair de casa, ela não terá para onde ir, pois não se dá muito bem com as irmãs. Entretanto, diz que não é apenas por esse motivo que está com ela.

Sobre a infância, lembra-se que era muito apegado à mãe: "todos os meus irmão têm cabelo enrolado e o meu é liso; as pessoas diziam que eu não era filho de minha mãe". Ia para a escola com seu irmão caçula e na saída, havia 3 meninas que o "disputavam", e ele sempre parava na casa da avó delas, que lhes dava lanche. Seu irmão não gostava e o ameaçava de contar à mãe e as vezes contava mesmo e S. chegou a apanhar por isso.

Começou a trabalhar aos 8 anos. Ia para a escola de manhã e à tarde ia ajudar o pai na roça: "todos em casa faziam assim, tinham de fazer". Atualmente trabalha como autônomo: é pintor de casas e prédios e prefere este serviço ao de retificador, embora também trabalhe como tal.

Sobre a adolescência e juventude, diz que sua vivência foi muito boa. Tinha muitos colegas na cidade onde morava. "Em Campinas também, quando era solteiro, era bom demais. Não tive muitas namoradas, tinha muitas amizades". Conheceu sua mulher quando ainda eram bastante jovens: moraram vizinhos. Namoraram por 10 anos, depois foram morar juntos e um ano depois, legalizaram a situação.

Sobre a vida sexual/afetiva do casal, diz: "é muito boa, senão a gente não estaria junto, pois isso é... Ela cobra muito isso. As vezes eu trabalho até tarde e chego cansado, não estou disposto e ela cobra".

Sobre a saúde, S. diz que é boa; está tentando parar com o cigarro. Gosta de ficar no bar, tomando cerveja, mas só faz isto no final de semana.

Seus pais faleceram há 6 anos atrás. A mãe faleceu 3 meses após a morte do marido: eram muito unidos. Pai era epilético e alcoolista. Chegava a beber duas garrafas de pinga por dia, mas dois anos antes de morrer, havia parado com a bebida. O relacionamento com os filhos era bom: pai e mãe nunca bateram nos filhos. S. diz que o pai era muito inteligente: dava aulas à noite no interior; mãe era analfabeta.

Sobre planos para o futuro, seu objetivo é ganhar muito dinheiro para comprar uma casa para eles, para sair do aluguel. Com relação à filhos, diz que é muito difícil terem os deles, pois sua mulher tem um rim só e problemas de útero. Já pensaram em adotar, mas não sabe se o farão.

Sobre a relação com a mulher, sente que depois que foram à D.M. melhorou e acredita que pode melhorar mais ainda. Sua mulher gosta de sair, mas quando saem fica brava porque ele pouco fala. E ela fala muito. S. diz que as vezes passa vergonha porque ela fala bastante e alto.

MULHER: V. 34 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Operadora de Caixa, Natural de Campinas, SP, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

V. relata que esta é a primeira vez que presta queixa de agressão. Segundo conta, o marido só trata bem o pessoal de fora. No domingo em que brigaram, foi comprar "coca" no bar e viu o marido e o cunhado tomando cerveja. Em casa, seu marido a tratou mal. Ela xingou o irmão dele, dizendo que ele tratava bem ao irmão e à ela tratava mal e, então, brigaram.

Sobre o relacionamento com o marido diz que é uma discussão sem fim: problemas familiares sempre. Uma vez ela xinga a família dele, noutras vezes, ele xinga a família dela; outras vezes é por causa de dinheiro. V. diz que não pode fazer nada: tudo o que faz é errado, nunca está certa. Não pode reclamar que está cansada que é para sair do emprego; dor de cabeça é para ir ao médico...

Sobre interferência de outras pessoas na relação dos dois, diz que existe na família dele; já sua mãe a aconselha para que fique quieta.

Sobre a primeira agressão física, conta que foi depois de casados, mas não se lembra o motivo: "foram tantas! Mesmo na época de namoro, ele dava escândalo, arrebatava minha bolsa". Conta que até há pouco tempo atrás, não reagia: "tinha medo de reagir e acontecer pior. Hoje eu não aguento mais".

Gostaria que a situação se modificasse, pois não quer se separar, ir para casa de sua mãe: "vejo a vida lá fora, não consigo sair de minha casa, não tenho filhos prá prender, nem nada, não sei porque". Conta que o marido bebe: "quando ele bebe, tem ódio de mim, ele se transforma". V. diz que o casal raramente conversa: "ele não gosta".

Sobre a família de origem, conta que o pai é alcoolista: já foi várias vezes internado. Relacionamento dos pais era ruim, brigavam muito, pai agredia a mãe; era agressivo com as filhas: "era implicado comigo, não deixava a gente dormir de noite, bagunçava. Era uma tragédia minha casa, quando eu era solteira".

Conta que atualmente, seu pai está muito mal, para ser internado novamente. Seus pais se separaram há poucos anos: "acho que minha mãe não separou antes por a gente ser mulher, queria a companhia do meu pai".

V. diz que começou a trabalhar aos 14 anos com vendas. Hoje é operadora de caixa. Trabalha 10, 11 horas por dia. Gosta do trabalho, mas diz que está muito difícil trabalhar com o público: "mesmo sendo simpática, o povo tem reclamado muito; minhas colegas dizem: "não adianta ficar rindo pro freguês, voce não vai ganhar mais por isto".

Sobre as primeiras informações sobre sexo, obteve na escola. Conta que sua menstruação só veio duas vezes e depois nunca mais. Procurou o médico e este lhe disse que é normal, dado o seu problema de rim: descobriu há 6 anos que nasceu com apenas um rim. Sua pele ressecava muito, foi ao médico, fez ecografia e descobriu. Se acha com a cabeça muito boa: "não fico triste por não ter filhos. Vivo bem com esta situação".

Conta que em casa de seus pais, não havia diálogo para se falar sobre sexo; havia muita vergonha: dela e das irmãs. Mesmo sendo todas mulheres, não comentavam. Ainda hoje, se comentam alguma coisa a respeito, ela é a primeira a sair de perto. Morre de vergonha de suas irmãs e da mãe.

Sobre a vida afetiva com o marido, diz que é um dos raros momentos do casal em que há entrosamento. Seu marido foi o primeiro homem de sua vida: "gosto só com ele; esqueço

tudo na hora, é impressionante". Diz que "morre de medo" de uma relação extra-conjugal, pois seu marido é muito bravo.

Conta que quando era adolescente ainda, chegou a beber muito. Uma vez pegou uma garrafa de pinga e bebeu inteirinha e quase morreu. Quando era solteira, bebia até ficar meio tonta, ultrapassava os limites.

Sobre a vida e planos para o futuro, diz que gostaria de parar de discutir, ter uma vida tranquila, sem tensão. Não sai do serviço porque tem medo de demorar para arrumar outro: foi difícil arrumar este.

Com relação à sua casa, gosta dela, do marido, não quer se separar. Se algum dia acontecer, vai sentir decepção, pois que não valeu tudo que fez por ele: sofreram juntos. Apesar das censuras que sua família lhe faz, por aguentar esta situação, V. acha que tem que aguentar, não vai aguentar se separar. Mas quando ele a xinga, não consegue ficar quieta.

Sobre as agressões físicas quando ocorrem, é sempre o marido que começa. E sempre quando está bêbado. Só que agora ela reage, não aguenta mais ficar quieta. Ele lhe fala tanta coisa: "me deixa no último grau".

OBSERVAÇÃO: Na última vez em que a pesquisadora esteve na casa, para concluir a entrevista com V., ela chorou muito, pareceu à pesquisadora estar muito deprimida. Contou inclusive, que o médico havia aconselhado a que buscasse acompanhamento psicológico. Está com problemas de coluna, devido ao tamanho do seio e acredita que terá que passar por cirurgia.

Contou que o marido vem bebendo mais; antes era só no final de semana, agora bebe durante a semana também. Diz: "são 10 horas da manhã e ele está lá dentro dormindo, chegou bêbado ontem. Eu perguntei prá ele do dinheiro de um freguês e ele xingou, xingou, falou "um monte" e saiu. Depois voltou bêbado e disse que estava assim por minha causa, eu é que era culpada. Eu falei: "cu não pus o copo de bebida na sua boca. Eu não sou culpada, não sou, eu só perguntei quando é que o rapaz ia pagar".

V. diz que não têm filhos que os prendam um ao outro, mas que não gostaria de sair de sua casa, deixar o marido: "apesar de tudo, gostaria de tentar mais um pouco".

CASO 23

HOMEM: J. 52 Anos, Solteiro, Primário Completo, Aposentado, Natural de Nova Odessa, SP, Católico, Renda Pessoal: 3 S.M.

J. relata o motivo que os levou à D.M.: "ela estava fumando e o menino estava doente. O garoto tem alergia a cigarro e ao carpete. Eu bebo um pouco nos fins de semana. Ela foi agredir a mim e bateu com o cigarro no rosto. Eu jamais ia agredir ela, sabendo do jeito que ela é". Não é esta a primeira intimação que recebe. Existem outras: todas motivadas por problemas de relacionamento do casal.

Segundo J. relata, o casal discute constantemente. O motivo é falta de diálogo: "ela não aceita sugestão e nem muita repreensão. Eu quero levar as coisas pelo lado que acho certo e aí vem discordância".

A primeira vez em que a agrediu fisicamente estavam no clube em companhia de um casal amigo. O amigo "cochichou" algo para ele e ela lhe jogou um copo de cerveja e J. a esbofetou. Eram namorados.

Agora acha que a situação está grave. Tem "rezado" bastante para que a situação se modifique. Conta que de tanto aguentar "quieto", ganhou uma gastrite nervosa.

Sobre o defeito da mulher, diz que é o autoritarismo dela, não aceita orientação ou conselho. Qualidade diz: "não estou vendo nenhuma: ela não cozinha, não passa, não limpa o apartamento".

Pouco conversam: "ela não aceita. Nem mesmo após as brigas, conversam sobre os motivos que os levaram a brigar. J. diz que são sempre os mesmos. "ela deixa o gás aceso, eu falo e no dia seguinte é a mesma coisa; tenho medo que se eu chamar a atenção dela, com o nervoso que ela tem, ela taque fogo no carro".

Sobre a infância, diz que começou a trabalhar aos 7 anos de idade: trabalhava com o pai de verdureiro: "num frio de rachar", eu levantava para atrelar os cavalos no carrinho, mas meu pai nunca obrigou".

Na escola lembra-se que não repetiu nenhum ano. Lembra-se que os professores eram enérgicos: chegou a levar tapa no rosto, quebravam régua no braço do aluno: "em compensação, o primário antigo equivale hoje à oitava série".

Aos 15 anos, entrou para a tecelagem: "o normal é duas máquinas de tear para um adulto; eu com 15 anos, tomava conta de 4 máquinas!"

Atualmente, está aposentado. Aposentou-se como um dos melhores torneiros-ferramenteiros de Campinas, orgulha-se. Pretende voltar à ativa, pois se acha muito novo para ficar parado e também porque a aposentadoria diminuiu bastante.

Sobre as primeiras informações sobre sexo, conseguiu através de amigos: brincar de médico, casinha, mas nunca teve colegas para andar em turmas; procurava amizades, mas nunca dava certo: "quer dizer, encontrava os colegas nos banhos, nos bares. A gente dificilmente combinava para sair juntos, passar um na casa do outro, isto não acontecia".

Namorou bastante: "um caderno não é suficiente para escrever os nomes". J. diz que sonhava se casar com moça do sítio, pois tem muitos amigos no sítio. Quando conheceu sua mulher, estava noivo de uma fazendeira: desfez o noivado para ficar com ela. Esta não é entretanto, sua primeira experiência em comum com uma mulher; já teve outras.

Conta que ultimamente está ruim a relação dos dois: "diálogo é raro: ela não aceita e, por causa das brigas, da queixa, ela ameaça ir embora. Sexo então, eu nem tenho tocado nela e ela tá reclamando disto; perguntou se eu estou tomando salitre".

Sobre a gravidez, conta que fizeram planos para ter o bebê. Ele pediu e ela concordou. Fez pré-natal e tudo que precisou. Era para parar principalmente com as "noitadas", as boêmias. J. diz que parou, está contente com o filho; ela não parou.

Sobre a saúde, diz que está fazendo atualmente, tratamento para gastrite. Não bebe diariamente. Seu lazer é passear com o filho. É católico, mas toma "passe" em centro espírita.

Sobre os pais, diz que ambos eram viúvos quando se casaram. Levaram filhos da união anterior e tiveram filhos em comum. O relacionamento era bom, sem agressões físicas. Com relação aos filhos, conta que o pai era bastante enérgico: se necessário, batia. J. lembra-se de duas surras que levou do pai. Mãe não batia.

Solicitado a falar um pouco sobre si e a vida, diz: "a infância foi boa, a vida está boa. Dificuldades todo mundo tem. Não me arrependo de nada. Se tivesse de nascer de novo, faria tudo outra vez. Eu e minha família não temos problemas. Problema é doença, ficar entrevado numa cama. Nós estamos bem".

OBSERVAÇÃO: Ao término da entrevista, J. disse que a mulher não é fácil: quer prejudicá-lo. Conta que ela toma comprimidos para emagrecer, tem "horror" de engordar e toma cerveja também e passa mal. Quando ela fica nervosa, quebra coisas: despertador, telefone, brinquedos do filho, fio da TV, etc. J. ainda conta que a mulher foi expulsa do clube em que são associados, devido às confusões que arrumou lá. Diz que ela já quebrou braço e perna seus e ele não prestou queixa nenhuma vez.

J. diz que tem um apartamento em Santos e numa das viagens, quando voltavam, a mulher ameaçou jogar o filho na estrada, com o carro em movimento, porque o garoto chorava.

Conta também que ela já foi acusada de roubo em várias casas onde trabalhou. Uma vez discutiram num final de semana e ela chamou a polícia, dizendo que ele estava armado e drogado. Os policiais vieram e lhe tomaram o revólver, mesmo ele tendo porte. Não lhe deram uma única chance de se explicar.

Por tudo isso, teme as consequências dos atos de sua mulher. Teme não ter oportunidade de se explicar, se defender. A delegada disse à sua mulher que, para qualquer problema, que acionasse o 190 e apresentasse o B.O., que eles imediatamente tomariam providências. J. acha que isso a fortaleceu, que ela vai se aproveitar ainda mais da situação, se fazendo de vítima.

J. diz que é um homem que "vive para a família", mas que isso não basta para a mulher. Todo final de semana tem que ter uma coisa diferente. Que o pequeno apartamento que tem em Santos já não lhe chega. No almoço de final de semana, tem que ter carne assada. Ela não lava, não passa, não cozinha: paga para fazerem o serviço. Ele não sabe quanto ela ganha. Desconfia que ela teve - e ainda tem - um caso com um amigo seu. J diz que não a prende: deixaria o filho sob sua guarda e o apartamento, se ela tivesse condições físicas e mentais para cuidar do menino. Mas não é o que ocorre. Sua mulher mesmo lhe contou que este amigo de quem ele desconfia, fez um comentário: "se o J. soubesse o que voce faz, lhe daria um tiro na boca". Sua mulher trabalha na faxina da firma dessa pessoa.

Ao ver a pesquisadora anotando, pede que não coloque tudo no papel, pois pareceria mentira, embora não seja. A pesquisadora lhe diz que gostaria de anotar, desde que ele autorizasse. Ele fez um gesto de aquiescência, e assim, foi anotado.

MULHER: M. 36 Anos, Solteira, Ginásio Incompleto, Faxineira, Natural de Centenário do Sul, PR, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

Sobre o que a levou à D.M., M diz que há 2 anos que estava para ir: "as coisas sempre acontecem no final de semana: ele se transforma. A praga da bebida. Ele briga, xinga, fala palavrão. Fica uma pessoa perigosa: ameaça com arma. M. diz que usa os mesmos métodos que ele: agride-o também, não mostra medo, mas por dentro morre de medo por acusa do filho. O marido pega a arma, tira as balas e dá o revólver para o filho. M. acha que o marido faz isto para intimidá-la, para ela calar a boca.

Conta que essa última briga começou no sábado de manhã: ele lhe fez uma grosseria em frente a uma vizinha suas. - noite, bêbado, ele entrou em casa e disse que ia em casa de sua mãe e queria levar o filho. Sua sogra mora noutra cidade. Ela ficou preocupada e pediu que ele ligasse, quando lá chegasse. Mas só conseguiu falar com o filho quando era já mais de meia noite. Ela perguntou ao marido porque não avisou que ia posar na casa da mãe e ele respondeu: "sua vagabunda, manda a polícia vir buscar ele aqui!", e desligou.

Voltaram no domingo e ele desceu com o menino no bosque. Ao subir, encontrou-o perto do elevador e ele começou a xingá-la em frente à outras pessoas. Depois que entraram no apartamento, ela acendeu o cigarro na área de serviço; ele começou a reclamar e ela apagou o cigarro. Ele pegou o cigarro (que não tinha sido bem apagado) e acabou de apagá-lo em seu rosto.

M. diz que as brigas começam com as implicâncias dele: "qualquer coisa, ele se queixa, se faço café e não apago logo o fogo, se encho a banheira para o banho do menino, ou qualquer coisa fora do lugar. Eu vou ficando "bronqueada" e ele percebe, principalmente se já bebeu "umas", e aí, não precisa mais nada".

Interferências de outros na relação dos dois, diz que quase não há: "a não ser a irmã dele, que me odeia".

A primeira vez em que ele a agrediu, eram ainda namorados: "ele estava bêbado, como sempre quando me agride. Foi por ciúmes dele, por causa de um antigo namorado meu". M. diz que não reagiu à esta agressão. Achava "baixaria" apanhar, os vizinhos ouvirem, então ficava bem quietinha. Só há dois anos atrás, começou a reagir. Só vê possibilidade de melhora desta situação, se ele parar de beber. A bebida é o único defeito dele; quando não bebe, faz tudo para agradar.

Ultimamente, por causa dessas brigas feias, têm conversado muito pouco. No final de semana, quando ele bebe, telefona para a polícia vir buscá-la, dizendo que ela está "dopada", alcoolizada e está maltratando ao filho e à ele. Devido a isto, está pensando em prosseguir com o processo.

Sobre a família de origem, M. diz que os pais estão separados há dois anos. Lembra-se que a mãe falava muito, muito: "como o J. faz hoje". Seu pai ficava quieto. Depois ficou sabendo por sua mãe, que o pai era muito "mulherengo", gastava com mulheres e deixava faltar coisas em casa. O pai ficava quieto e a mãe começava a bater nos filhos.

M. diz que começou a trabalhar aos 9 anos de idade. Saiu de casa aos 14 anos para trabalhar: "vi que em casa não tinha condição. Trabalhava a semana toda e nos fins de semana ia para casa". Algum tempo depois, seu patrão foi transferido para Campinas e sua patroa a convidou para vir junto.

As primeiras informações sobre sexo, obteve sózinha: "os antigos não falavam sobre isso". Quando veio a menstruação, achou normal; sua mãe dizia: "ficar de chico".

M. diz que sempre foi de namorar pouco: "rapaz não se interessa por mulher pobre; quando se interessa, só quer sexo. Então tinha amigos, conhecidos. Se namorava, era por 3, 4 meses. Conheceu seu marido numa festa junina: "ele estava saindo de uma relação frustrante, com uma mulher que o havia traído. No final da festa, ele convidou a ela e outro casal para irem até seu apartamento. Quando o casal foi embora, ele pediu à ela que ficasse.

A vida afetiva/sexual do casal, diz que é normal: devido às brigas, não têm tido relação sexual: "faz um mês que a gente não se acasala"; perguntei prá ele se estava tomando "salitre", prá perder a vontade. Ele disse que estava com medo de me tocar depois de tudo que aconteceu. Eu estranhei: ele era e sempre foi muito ativo, estava com "a bola toda".

Sobre a gravidez, relata que tem uma trompa só. Fez tratamento, pois seu marido queria um filho. Disse à ela que arrumaria um filho nem que fosse na "zona". Então ela fez tratamento; seu marido lhe dizia que nem para ter filho ela prestava. Contudo, depois que ela engravidou, ele lhe deu pouca assistência. Ficaram separados a maior parte da gravidez.

Quando o bebê nasceu, sua patroa foi avisá-lo. Ele foi buscá-la na maternidade, mas levou-a de volta à casa da patroa. Somente algum tempo depois, passaram a viver juntos.

Sobre a saúde, diz que fuma, bebe, as vezes, um copo de cerveja, vinho. Neste último mês tem dormido mal: apesar de cansada, levanta, vai comer e fica "louca da vida" porque quer emagrecer.

Instada a falar sobre si e a vida, M. diz que na infância ouvia sua mãe falar, falar, falar no ouvido de seu pai. Seu marido lhe lembra sua mãe. E lhe esquenta a cabeça.

Saiu de casa aos 14 anos e aos 23 anos veio para Campinas. Nunca mais voltou para sua cidade natal. Sua mãe veio para São Paulo há 2 anos, depois que se separou de seu pai.

Espera agora que seu marido pare de beber, pois se ele parar, a vida deles vai melhorar: "ele não se acha alcoólatra, acha que bebe socialmente. Fora a bebida, ele é uma pessoa carinhosa, não tem problema. Quero que melhore por causa do menino. A praga é a pinga. Não quero mais que o menino veja violência entre os pais". A não ser quando vão à praia, não saem juntos e mesmo lá, é cada um para o seu lado.

OBSERVAÇÃO: Ao final da entrevista, M. comenta dos ciúmes do marido. Principalmente depois que começou a fazer faxina na firma de um amigo dele. Xinga-a de todos os nomes. Disse-lhe na portaria do prédio que colocará uma placa na porta do apartamento: "mulher de aluguel, disponível", porque é isto que ela é.

M. diz que ele é extremamente avaro: "faz economia em coisas que não tem cabimento: guarda o telefone novo e bom, para usar um telefone que trouxe do Paraguai, que tem péssima transmissão. Reclama se deixo o fogão ligado; diz que eu penso que o dinheiro dele é água. Que eu quero me ver livre dele prá ficar com tudo que ele tem mais o meu amante. Quase não saímos de casa e não é por causa de dinheiro, porque para dar uma volta na praça, não precisa de dinheiro. Mas se a gente sai, ele bebe e dá vexame".

O marido presente neste final de conversa, diz que eles não saem porque ir à praça com o filho "não serve prá ela", que quer lugares de luxo. Que a mulher exige comida especial no domingo, ao que ela responde: "voce concorda em ir buscar", e diz que é mentira que não passaria em qualquer lugar, só não saem porque ele dá vexame. O marido lhe diz para não ofendê-lo, pois se fosse alcoólatra, não teria tudo o que tem, inclusive 32 anos de registro em carteira. Ela diz que ele não admite, mas que se transforma quando bebe, que precisaria parar. Ele retruca que bebe com ela nos finais de semana.

Ela acompanha a pesquisadora à porta e diz que antes de o marido ter a arma apreendida, guardava-a no cofre existente na cozinha. Contou sobre a manciça como o marido "brincava" com a arma à delegada e esta lhe deu apoio. Hoje ele vive comentando sobre a arma e da apreensão e M. diz que se sente ameaçada com isso.

CASO 24

HOMEM: J.A., 39 Anos, Casado, Gin.Incompleto, Comerciante, Natural de Aguai, SP, Católico, Renda Pessoal: 2 S.M.

Questionado quanto ao motivo que levou sua esposa à D.M., J.A. diz que acha que sua mulher se precipitou, que o que aconteceu poderia ser bem contornado entre os dois. É esta a primeira intimação que recebe. O casal não discute constantemente e quando o fazem, é sempre pelo mesmo motivo: bebida.

As brigas começam por: "persistência dela em coibir meus afazeres, com coisas que faço regradamente. Segundo ela, é para o meu bem e as vezes... Acho que não está me fazendo mal. O álcool me faz alegre por alguns instantes. E isso não é constante: é apenas quando posso. Pois hoje não é cabível no bolso de qualquer um.

A primeira vez que ele a agrediu fisicamente, J. A. diz que foi "por causa das crianças". A irmã de sua mulher morava junto com eles e levou as filhas de J.A. para o carro onde estava namorando. Ele não gostou, a mulher discordou e aí discutiram e aconteceu a agressão.

J.A. diz que tapas, empurrões ocorrem: "o problema é que minha esposa desmaia quando fica nervosa e nesta última briga, eu a acordei com jatos de água e tapas no rosto".

Questionado sobre sua reação após a primeira agressão entre eles, J. A. diz que se sentiu certo em relação ao motivo. Acha natural a situação: existe discussão e se não houvesse a persistência dela, não chegariam a isto. A persistência dela na sua opinião, é o defeito; persiste demais quando quer alguma coisa. De resto, diz ele, tem tudo de bom.

Sobre a infância, conta que apresentava sonolôquio; era tido como criança modelo e era superprotegido. Até hoje fala enquanto dorme e é "xodó da mãe".

Sobre a escola, conta que nunca repetiu um ano. Ficou muito triste por ter que parar com os estudos. Começou a trabalhar aos 14 anos, no comércio. Atualmente não se sente muito satisfeito com o trabalho: o salário é muito baixo.

Sobre a adolescência, juventude, primeiras informações sobre sexo, conta que em sua casa não teve educação sexual. Os pais nada comentavam, não eram abertos ao assunto. Não teve muitas namoradas. Sobre o relacionamento afetivo/sexual com a esposa, diz que é muito bom. Questionado, responde que tiveram relações pré-matrimoniais.

Quanto às gravidezes, diz que foi tudo bem e se sentiu feliz. Diz que não planejaram apenas essas duas filhas, mas a esposa teve que fazer laqueadura, devido a problemas de útero, por causa da pílula. Com as filhas não usa de castigo físico, prefere conversar.

Sobre seus pais, diz que ambos são vivos. O relacionamento dos dois é bom, nunca houve agressões físicas entre eles. A família: pais e filhos são unidos até hoje: "isto não ocorre com a família dela; entre eles sempre existiu muitos problemas".

Solicitado a falar um pouco de si: "relacionamento com amigos é muito bom, com a família também. Situação mais difícil é a financeira. Minha mulher ficou praticamente 15 anos em casa e agora precisou ir trabalhar fora". Fica calado por uns momentos e depois volta a falar: "prá falar a verdade, eu estou bastante chateado com o que minha mulher fez: ir à delegacia! Tenho medo que os vizinhos descubram, e aí onde "vou por a cara"? Como vou ficar perante eles? Fiquei 3 dias sem poder ir trabalhar: estava abalado.

Todos os nossos problemas sempre foram resolvidos dentro de casa. Para mim, não havia necessidade dessa atitude! Não sabia que ela tinha tantos planos! Que ela queria chegar tão longe! Ela é muito persistente! Na minha família todos se dão muito bem; com a família dela não é bem assim... Não sei se ela falou prá você, mas ela teve muitos problemas com a família.

Meu salário de uns tempos prá cá, está muito baixo, embora eu seja gerente de seção. Não posso "banciar" todos os gastos dela... Gosto que ela ajude em casa, mas ela está ficando muito independente! O salário dela já ultrapassou o meu! Mas ela sempre foi muito independente, todas as iniciativas, todas as coisas a serem feitas na casa, reforma, sempre foi por conta dela. E ainda é. ...Conversei com meu chefe e ele me disse que eu não sou o único com problemas deste tipo, na firma".

J.A. conta que na véspera dos feriados (quando ocorreu a briga), teve balanço na firma e discutiu com seu chefe sobre um assunto e voltou aborrecido para casa. Havia trabalhado até tarde da noite. E no feriado quis "relaxar". Fala que sabe o que faz. E agora não sabe o que o espera na D.M. Está bastante preocupado. Sua mulher levantou hipótese de se separarem. Não quer isso. Perder tudo o que já construíram: "acho que o fato dela levantar este comentário, é porque ela já vem pensando na possibilidade de separação".

MULHER: M.C., 37 Anos, Casada, Primário Completo, Doméstica-diarista, Natural de Piranguinha, MG, Católica, Renda Pessoal: 2 S.M.

Sobre o que a levou até a D.M., M. C. diz que foi: "desespêro". Conta que de segunda a sexta-feira, seu marido trabalha e no final de semana, ele bebe. No domingo ele lhe pediu "mais uma caipirinha" e ela negou. Aí começaram a discutir e ele lhe jogou a bebida no rosto. Estavam presentes na casa deles, os parentes e amigos do casal. M.C. diz que quando fica nervosa, desmaia e é necessário socorrê-la. E seu marido se recusou a socorrê-la, dizendo que era "frescura" e não permitiu a ninguém presente que a socorresse, mas eles a levaram a um pronto-socorro, e quando lá chegaram, ela não quis entrar. Na segunda feira foi até a D.M., pedir orientação, pois nos últimos 10 anos ele vem bebendo muito. Ela diz que poderia processá-lo por omissão de socorro, mas não quer complicá-lo.

Segundo conta, o casal não briga constantemente, apenas quando ele bebe. As brigas começam por motivos banais e quando menos se espera, vira discussão; mas isto acontece sempre quando ele está alcoolizado. Esta é a primeira vez que ocorre "uma briga assim", que a levou até a D.M.

Relata que a bebida é o único defeito da marido. Fora isto, é perfeito em tudo. Diz que o casal costuma conversar; geralmente assuntos de casa, "rotina do dia a dia". Não pretende dar prosseguimento ao processo: "pretendo que morra aí".

Sobre a família de origem, conta que seus pais gozam de boa saúde; o relacionamento entre eles é normal, sem agressões físicas, pelo que saiba ou lembre. Com relação aos filhos, foram ótimos, bom exemplo: conversavam bastante, não batiam. Saiu de casa aos 10 anos de idade.

Começou a trabalhar com 15 anos: era babá. Hoje é diarista em casas de família.

Conta que com relação ao seu trabalho, tem aprendido muito: "mas meu marido não vê isso com bons olhos, pois a cabeça, voce sabe, é "deste tamanhinho" (faz o gesto com o dedo polegar e o indicador). Então, quando saio para trabalhar, vou assim mesmo: uma camiseta, calça; não me arrumo muito, pois senão vai começar a pensar que saio por outros motivos".

Informações sobre sexo, obteve em casa. Soube da menstruação pela mãe e irmãs: "assim quando veio, parecia que nunca mais ia acabar". Sobre o casamento: "no início assusta, mas depois vira rotina".

Sobre as gravidezes, diz que foram normais os 9 meses. Fez cesareana na primeira porque o bebê estava "atravessado"; e na segunda, porque era muito grande: nasceu com 5,200kg. Foi operada para não ter mais filhos: "opção minha, pois não queria mais".

Sobre a vida, diz que tem o sonho de ver as filhas se formarem: "com trabalho, realizadas profissionalmente; não digo casadas, pois acho que isto deve partir delas, que elas decidam".

Sobre as brigas com o marido, diz que ele não sabe simplesmente tomar uma bebida. Ele não consegue ou não sabe parar: "se alcoólatra não pode passar sem bebida, então ele não é alcoólatra, porque faz uma semana que ele não bebe. Está preocupado com o que possa acontecer na delegacia".

Para a pesquisadora, conta que no dia marcado para comparecerem à D.M., haverá uma reunião dos Alcoólicos Anônimos. M.C. diz que ainda não se decidiu se vai querer que o marido frequente o A.A., pois ele não é alcoólatra; ela diz que quer apenas que ele páre com a bebida, pois se transforma quando bebe: fica agressivo e não percebe isso.

OBSERVAÇÃO: Quando na D.M., M.C. foi questionada pela pesquisadora, sobre existência de agressão física entre o casal e ela confirmou e foi então convidada a participar da pesquisa. Ela concordou e forneceu o telefone de serviço do marido.

A pesquisadora entrou em contato com o marido e este dizendo que faria "qualquer coisa para salvar o casamento", concordou em participar. A pesquisadora esclareceu para ele, os objetivos da pesquisa.

Durante a entrevista, M.C. negou agressões físicas da parte do marido. J.A., seu marido, quando questionado, confirmou que "tapas, empurrões" acontecem. Por este motivo e pelo fato de haver uma notificação de agressão na D.M., a entrevista foi incluída entre os 30 casais do grupo de estudo.

CASO 25

HOMEM: L., 44 Anos, Casado, Gin. Incompleto, Mecânico Ajustador, Natural de Campinas, SP, Católico, Renda Pessoal: 3 S.M.

NOTA: A ida de L. à D.M., não foi motivada por uma agressão recente. Sua mulher saiu de casa com os filhos e abriu um B.O. por orientação do advogado. Anteriormente, ela já havia saído de casa com os filhos e ele foi até onde ela estava e a espancou. Na D.M. ele foi orientado e alertado.

Questionado sobre o que o levou à D.M., L. diz que não sabe o motivo. No dia em que foi intimado, sua esposa não compareceu: "não sei se foi intimação para ela. Falci com ela e ela disse que não fez queixa alguma".

Relata ser esta a primeira intimação que recebe. Questionado, diz que o casal brigava "um pouco". O motivo era quase sempre o mesmo: "ela achava que eu não arrumava emprego, que eu não queria nada com trabalho e eu não aceitava isso. Naquela época estava muito difícil encontrar trabalho". As brigas começavam quando ele chegava tarde em casa e ela começava a falar que ele chegou tarde, que precisava arrumar emprego e ele com a cabeça "meio quente..."

Conta que há muita interferência na relação deles: "das amigas dela que sempre davam palpites; sempre foram contra meu casamento com ela".

A primeira vez em que a agrediu foi há 8 anos atrás. Eles estavam separados e ela estava morando com uma amiga. L. conta que foi visitá-la e ela não gostou e então ele a agrediu. Lembra-se que chegou a lhe dar um soco, machucou-lhe o olho. Disse-lhe que não queria que ficasse com tal amiga, que segundo achava, não era boa pessoa.

Diz que se arrependeu "no ato". Não acha certo: não se deve agredir, se deve conversar. Dependendo da situação, da pessoa, do momento e se estiver embriagado, acha que pode ocorrer com mais facilidade; "se a pessoa não tiver a "cabeça boa". L. acredita no entanto, que a situação pode ser modificada. Gostaria de modificá-la: "nunca se agride uma pessoa, mesmo que se tenha razão".

Sobre as qualidades da mulher, diz que é muito trabalhadeira e organizada e, para ele, sempre foi honesta. Diz que quando estava com a "cabeça quente", lhe dizia coisas: "que ela era isso, era aquilo e ela sempre respondia que eu era ciumento demais, que tinha que parar com isso. Mas prá mim, ela sempre foi honesta".

L. conta que o casal costumava conversar; geralmente sobre alimentação: faltava isso, faltava aquilo; ou sobre trabalho dele, dela. Assuntos de família em geral.

Diz que não conhece os sogros. Na época do casamento, mandaram convite, mas ninguém apareceu. Conta que as vezes brigavam porque ele falava mal da "raça" dela (os pais dela são baianos e o pai é negro): "e ela não gostava, com razão, como é que eu posso falar de pessoas que nem conheço? As vezes pode até ser gente boa".

Sobre a infância conta que tinha o hábito de roer unhas: "minha família inteira faz isto: tenho um irmão que nem tem unha". Diz que não podia dormir no escuro, era bastante

minado pelo pai, principalmente depois que passou a jogar futebol profissionalmente: o pai gostava de apresentá-lo aos amigos e conhecidos, o que o deixava meio tímido. L. rói unhas até hoje e tem uma mania: quando gosta de alguma coisa, quer ver 2, 3 vezes; filmes por exemplo.

Sobre a escola, lembra-se da formatura no SENAI, aos 14 anos. Outra lembrança é a morte do pai quando tinha 18 anos.

Começou a trabalhar aos 13 anos. Atualmente trabalha 8 horas diárias. Está satisfeito com o emprego atual: tem muitas amizades boas e honestas, viaja bastante e gosta disso.

As primeiras informações sobre sexo, obteve em casa. Teve várias namoradas antes de conhecer a mulher, com uma delas chegou a conviver maritalmente.

L. conta que ele e a mulher antes de se casarem, evitavam filhos, "mas uma vez não deu certo e ela engravidou". Então se casaram no civil; ela estava grávida de seis meses. Sobre a vida afetiva/sexual do casal, diz que era razoável, não era um relacionamento constante.

Sobre o casamento, L. comenta que gostaria de resolver a situação do casamento na igreja, pois seus 3 filhos não são batizados e nem crismados. Há anos atrás, ele e a mulher fizeram cursinho para se casarem, mas no último dia do curso, sua mulher passou mal (estava grávida) e não pôde comparecer à igreja e, por isso, o padre não deu autorização para o casamento.

L. conta que sua mulher chateou-se com a igreja católica e foi aos poucos se afastando. Começou a se aproximar da religião de testemunhas de Jeová: "hoje, parece que ela está voltando para a igreja católica". L. se diz católico praticante, cursilista.

Indagado sobre as gravidezes, relata que todas as 3 foram ótimas: "gostaria de ter muitos filhos, adoro crianças. Gosto tanto que chego a judiar: dou uma mordidinha só para ver chorar. Tem gente que acha que é maldade, mas não é. É o tanto que eu gosto".

Sobre a educação dos filhos, diz que há uns tempos atrás, costumava usar castigo físico, depois chegou à conclusão "que não á por aí". Hoje as vezes, precisa repreender mais duramente o filho mais velho, que gosta de sair e chegar tarde e L. acha que ele ainda é muito novo para ficar tanto tempo na rua. O número de filhos foi planejado: "ela operou no terceiro filho, inclusive. L. conta que completarão 16 anos de casamento neste ano.

Diz que gosta de jogar futebol no final de semana com os amigos, e após o jogo, geralmente abusa um pouco da bebida.

Sobre o relacionamento dos pais, diz que era ótimo. E dos pais com os filhos também era muito bom: "meu pai era mais enérgico, as vezes batia; minha mãe não, era bem mais calma".

Sobre o futuro, gostaria de ter uma boa perspectiva. Melhorar o clima em casa. Gostaria de voltar com a família: é o que mais quer. Diz que é "durão": sua irmã já o convidou para morar com ela, mas ele quer ver se resolve o problema com a família. Acha que a situação não é boa para os filhos também, embora esteja indo visitá-los. Com sua mulher, tem conversado normalmente. Diz que os tem ajudado com o que pode.

OBSERVAÇÃO: A pesquisadora iniciou a entrevista com a mulher de L. Quando marcava horário para a entrevista com L., este perguntou se sua esposa havia demonstrado

interesse em voltar ao convívio dele. A pesquisadora respondeu que não notou. Ele pareceu entusiasmado com o fato de a esposa ter aceitado participar da entrevista. A pesquisadora esclareceu novamente quanto aos objetivos e finalidades da pesquisa e questionou se desejava participar; e que a reconciliação ocorreria se fosse da vontade de ambos. L. respondeu que ainda assim, se sentia animado e marcou horário para o início da entrevista.

Ao término da entrevista, perguntou à pesquisadora se poderíamos nos reunir os 3: ele, a mulher e a pesquisadora para conversar: iria falar com a esposa e se a pesquisadora aceitaria falar com eles.

A pesquisadora colocou que em função da pesquisa, as entrevistas estavam encerradas, mas que se ele e a esposa quisessem, poderíamos marcar um horário para conversarmos. Mas a pesquisadora procurou deixar claro "apenas se sua esposa também concordasse". Disse à ele que percebia e compreendia seu desejo em voltar com eles, mas que precisaria respeitar a vontade dela; não deveria forçar uma situação, pois não seria benéfico para ele, para ela e muito menos para os filhos do casal.

MULHER: L., 38 Anos, Casada, Gin. Incompleto, Atendente de Enfermagem, Natural de Nova Módica, MG, Católica, Renda Pessoal: 4 S.M.

L. conta que ela e o marido há muito tempo viviam brigando: "ele não gosta de trabalho fixo, é muito nervoso e quando trabalhava, era só para o vício: cigarro e alguma bebida". Ela diz que em 15 anos de casamento, ele trabalhou apenas 9 meses seguidos. Então começou a pensar: "só eu trabalho prá sustentar 3 filhos, marido e sogra. De uns tempos prá cá, a situação foi ficando mais difícil; além dele não trabalhar, humilhava, ameaçava com faca, agredia".

L. conta que um dia alugou uma casa, separou algumas coisas suas e para as crianças (roupas, móveis) e se mudou. Antes disso, havia ido na delegacia do bairro e lá informaram que não poderia sair e, muito menos, levar as crianças consigo. E disseram que se o marido batia, devia ter motivos. L. diz que lhe falaram ainda mais "abobrinhas". Ficou desmoteada. Foi para casa e ligou para a Delegacia da Mulher e de lá a orientaram para que não pegasse todas as coisas: que dividisse. L. fez isso e então se mudou: "quer dizer, primeiro eu contei prá eles o que eu queria fazer e perguntei com quem eles queriam ficar; disse que se resolvessem ficar com o pai, eu mandaria um valor para eles se manterem". As crianças quiseram vir junto com ela.

L. conta que após isto, foi até a D.M. abrir um B.O., mas pediu que não o intimassem, apenas se ele começasse a importuná-la; o que até agora não aconteceu.

Diz que o marido tem ido ver as crianças e, as vezes, lhe faz perguntas. Ele não paga pensão para os filhos: ela vem arcando com todas as despesas. L. conta que deseja regularizar a situação entre eles, para ver se consegue a pensão e também porque teme que ele algum dia, cisme de querer voltar, ou agredir-la e, estando separados, ela não terá o que temer, nem ele terá o direito de vir e fazer perguntas e se meter em sua vida.

Esta não foi a primeira vez que prestou queixa. A primeira vez foi numa delegacia comum. O motivo foi uma surta que ele lhe deu. Estavam separados e ele entrou na casa e queria obrigá-la a ter relações sexuais com ele. Ela se negou e ele a agrediu. Conta que a

agressão foi de tal forma, que certa hora perdeu os sentidos. Desfigurou seu rosto e por 3 meses teve que fazer tratamento de joelho.

No dia seguinte ao da surra, teve que telefonar para seus patrões virem buscá-la, pois não tinha condições de pegar ônibus e nem de falar. Eles então a aconselharam a fazer um B.O. L. conta que apesar de registrar queixa, não resolveu grande coisa: nunca o chamaram. Lembra-se que após a surra, o próprio marido foi buscar gelo para colocar no seu rosto.

Conta que o casal brigava constantemente: "o máximo que a gente viveu bem foram os primeiros cinco anos". O motivo mais constante das brigas é que o marido não trabalhava: "e também porque ele tinha ciúmes idiotas; como eu sempre trabalhei, quando saía, ele achava que estava tendo casos".

Diz que ultimamente, ele andava ameaçando-a, tocando-a de casa e então ela resolveu mudar: "é engraçado, ao mesmo tempo que mandava a gente embora, ameaçava se a gente saísse, dizendo que ia procurar e mataria. Ameaçava até a mãe dele que morava com a gente na época".

Relata que o marido não gostava de trabalhar; dormia durante o dia e, à noite quando ela voltava cansada, ele saía e ia no bar. Voltava à noite e "ficava enchendo a paciência".

L. diz que o casal estava dormindo separado, sem se relacionar sexualmente: "eu voltava cansada e ele não fazia nada para mudar meu sentimento em relação à ele. E eu disse prá ele que jamais ia ter relação com ele sem sentir nada". O marido então ficava inquieto e dizia que ela devia ter alguém na rua. Implicava e resmungava com as freguesas dela (L. é manicure nos finais de semana para aumentar a renda mensal).

Conta que não podia sair no portão ou ir em festas de aniversário que ele reclamava.

A primeira vez em que ele a agrediu fisicamente, L. não se lembra muito bem. Acredita que tenha sido na gravidez do segundo filho: "ele cismou com o marido da vizinha e enciumou: veio agredir e eu não sei como fiz com a mão que arranhei ele até sair sangue; eu passei mal e desmaiei, não lembro direito. Nunca admiti cena de ciúme em relação à amigos".

Diz que o que mais a preocupa nesta situação toda são as crianças: "não tem nada a ver, queria dar um jeito por causa delas".

Acha que a situação só se modificaria se ele "tomasse jeito" e decidisse trabalhar e melhorar o gênio: "a gente tinha tudo para viver bem. Mas quando dá prá falta de respeito, brigar, xingar, falar palavrão, aí não dá mais. Hoje, se ele mudasse, não faria diferença: ele já fez tudo prá estragar. Não confio mais: de outras vezes que dei chance, ele começava trabalhar enquanto a gente estava separado e quando voltava, saía do serviço. Parecia "praga"!"

Não gostar de trabalhar é em sua opinião, o maior defeito do marido. A qualidade é que "quando a gente ficava doente, ele ficava atento. Parecia que ele gostava das crianças, ele demonstrava, mas como acreditar que gosta, se voce não dá conforto? Fica uma coisa meio falsa".

Conta que não conversavam de jeito nenhum: "ele não era de conversa. Se eu comentava do trabalho, ele falava: "ih! do hospital não! Não vem com essas galinhagens". Ele nunca assumiu nada; se perguntava se estava trabalhando, ele respondia: "estou!" e não falava mais. Não assumia o aluguel, não ajudava nas despesas".

Não pretende prosseguir com o processo; apenas se ele a perturbar. Das outras vezes, também não prosseguiu; em nenhuma das vezes foram chamados e então "deixou prá lá".

Sobre a infância, diz que toda sua família morava na roça. Começou a trabalhar aos 7 anos ajudando a mãe na cozinha a preparar a comida do pai e dos irmãos que trabalhavam na roça. Sobre o trabalho atual, diz que gosta muito do que faz: o contato com os bebês, com os médicos, as colegas de trabalho.

A Adolescência e juventude diz que foram boas: o pai fazia tudo por ela. Levava-a passear; a mãe não impedia. Ele a levava nos bailes, nas fazendas vizinhas: "o que fiquei presa nos 15 anos de casada, diverti na adolescência. Tive namoradinhos no sítio. Teve um que era fazendeiro e meu pai gostava dele e fazia gosto no namoro, mas eu não quis saber de ficar na roça: as vezes olhava minhas unhas e elas estavam pretas de carvão, porque cozinhava no fogão de lenha".

Namorou o marido por dois anos: um de namoro e um de noivado. Depois de 6 meses de noivado, iniciaram relacionamento sexual. Engravidou então, e conta que tinha muita vergonha: tinha "pavor" de ser barriguda. Queria a criança, mas queria estar casada direitinho. Quando contou ao marido que estava grávida, ele ficou muito revoltado, dizendo que a criança não era dele. L.diz que não chegaram a ter relações sexuais completas. Casaram quando ela estava com seis meses de gravidez: "só depois de 8 dias de casada, é que fui usar vestido de gestante. Minha família não ficou sabendo, mas eu me senti muito mal com esta situação".

Sobre a relação afetiva/sexual com o marido, diz que há 8 meses não se relacionavam sexualmente.

Sobre as gravidezes, conta que na primeira, passou muito mal, mas esteve sempre se cuidando. Não se revoltou, nunca tentou abortar; sempre quis ter filhos. Quando voltou da licença da primeira filha, já estava grávida do segundo: não teve tempo de evitar. Na gravidez do terceiro filho, teve medo de morrer, pois estava tomando muita droga por causa da pressão alta. Tinha medo que o bebê nascesse mal formado, brigava muito com o marido. Certo dia, conversou com a chefe no serviço: "parece que o que ela falou, tirou todos os meus problemas, inclusive parei com os remédios, com os problemas com meu marido. E daí em diante, foi uma ótima gravidez; ele ia me esperar no ponto de ônibus, nós voltávamos juntos prá casa. Quando o nenê nasceu, ele disse que não era dele: vá entender!".

Sobre a educação dos filhos, diz que conversa o máximo que pode, mas se precisar, bate.

L. diz que fez estudo bíblico por 3 anos com as testemunhas de Jeová e isso a ajudou muito. Não gosta de pensar negativo. As vezes tenta fazer "uma limpeza da mente", uma oração.

Quanto à relação com o marido, acredita que não vão voltar, que ele não vai mudar: já está velho. Mas isso não impede que ele venha ver os filhos: "o mais novo, eu percebo, sente falta do pai. Eu falei isso prá ele".

Em relação à vida particular, diz que não é mulher fria: "estou procurando viver a vida; tenho amigos. Sinto que tem alguém que gosta de mim e isso tem animado muito. Acho importante esse lado da vida".

OBSERVAÇÃO: Quase um ano após a entrevista, a pesquisadora encontrou L. Esta disse que estava bem, junto com os filhos. Contou que estava só, mas tranquila. O marido poucas vezes vai ver os filhos.

CASO 26

HOMEM: J., 46 Anos, Casado, Ginásio Completo, Ferroviário, Natural de Olímpia, SP, Católico, Renda Pessoal: 10 S.M.

Questionado sobre o motivo que levou sua esposa à D.M., J. conta que chegou em casa depois da hora combinada e com falta de 3 folhas no talão de cheques, e quando a esposa perguntou o que tinha havido, respondeu-lhe que tinha parado em Itatinga: "infelizmente, fui ludibriado. Passei junto com amigos num bar por onde sempre passo e nunca paro. Era uma casa muito "chique". Mas dessa vez, paramos e fomos convidados a entrar e a consumir uísque. Após o que, fui obrigado a pagar uma conta altíssima; meu amigo estava sem o talão de cheques. Assinei os cheques porque fiquei com medo que os leões de chácara, que eram em tres, me fizessem alguma coisa, mas contei tudo para minha mulher quando cheguei".

É a primeira vez que acontece de sua mulher prestar quicixa na D.M. Conta que o casal não briga constantemente. Ele fica fora de casa a semana toda. Diz que a mulher é muito nervosa e quando ele está em casa e ela começa a falar alguma coisa, ele sai, ou vai procurar algo para fazer.

Acha que o motivo fundamental das brigas é o desejo da mulher de que ele se aposente. E ele lhe pediu um tempo. Está verificando se tem o número de anos necessário para isso, mas seu desejo é se aposentar em Campinas como chefe (começou a trabalhar na Fepasa em Campinas como ajudante geral). Conta que se esperar mais algum tempo, obterá a promoção e se aposentará com melhor salário. E espera também ter mais chances de conseguir melhor cargo para o filho, que está iniciando na firma: "vejo meus colegas que se aposentaram, o quanto é difícil conseguirem alguma coisa para os filhos. Comigo é diferente: é só ligar marcando hora, sou recebido e atendido".

Quanto ao fato de sua mulher ter ido à D.M., "dá graças a Deus" por ela tê-lo feito. Recuperaram os cheques, isto é, sob orientação das profissionais da delegacia, a mulher pediu ao banco que sustasse os cheques. Sobre as brigas, diz que em sua opinião, começam por teimosia de ambas as partes.

Conta que há interferências de parentes na relação do casal. Depois que perdeu o pai, há dois anos, vem notando uma certa divergência na família. Divergências com relação à dinheiro: "meu pai deixou uma boa pensão e também um seguro em dinheiro e eu me prontifiquei a resgatá-lo, mas um irmão meu, por ter faculdade, achou que teria mais condições".

Relata que ocorrem problemas também quando vai visitar os parentes: "enchem minha cabeça por causa de minha mulher e pelo fato dela não trabalhar. Perguntam: "de onde vem tanto dinheiro?" Se vamos juntos, meus parentes não a cumprimentam, fazem desafôro".

A primeira vez em que agrediu fisicamente a mulher, J. diz que foi há 3 anos. O motivo foi o desemprego do filho: "meu filho queria comprar roupas e tinha perdido o emprego na Fepasa que eu havia arrumado. Ai eu disse isso pra ele e a mãe o defendeu". Então começaram a discutir e ele agrediu a mulher. J. relata que após esta agressão, autorizou o filho a comprar tudo o que queria.

Fala que as agressões não acontecem constantemente: "até em Limeira, onde moram alguns parentes meus, eu parei de ir, porque ficavam falando de minha mulher".

J. diz que a qualidade de sua esposa é que é trabalhadeira, honesta, não gosta de mentira. O defeito é que rói unhas: "já prometi anel de brilhantes, relógio para ele parar. Chego a dizer que não saio com ela por causa das unhas; as vezes dá briga".

O casal conversa bastante. Após as brigas, costumam sentar e conversar: "está vendo, por uma coisinha simples, olha só o que deu. Ai fica um culpando o outro. Mas tem uma coisa: a gente se gosta".

Sobre a infância, conta que começou a trabalhar aos 8 anos de idade: "cortava cana, era engraxate e aos domingos, vendia doces feitos por minha mãe, em campo de futebol". Na escola, teve uma repetência na terceira série. Certo dia, jogava bolinha na escola, junto com outros colegas e o diretor suspendeu a ele e aos outros garotos por 5 dias, que coincidiam com os dias das provas. Foi reprovado então. J. lembra-se que, dias depois desse incidente, o diretor ao trocar um pneu do carro, confundiu-se e teve problemas que o obrigaram a amputar a mão esquerda.

Seu primeiro emprego com registro foi aos 16 anos na Fepasa. É o único, está na firma até hoje e sente-se muito satisfeito. Tem 30 anos de firma. Almejava ser chefe da estação e conseguiu. Passou por vários postos dentro da firma. Atualmente, para prestar concurso para o cargo que ocupa, é necessário ter segundo grau completo. J. conta que o cargo lhe foi dado por mérito, pelo trabalho desenvolvido, pois não possui o nível escolar necessário.

Conta que é chefe 24 horas por dia. Tem 3 chefes ajudantes, mas que não dão conta do serviço, nem sabem liderar os funcionários. Dorme tarde e acorda cedo. Seus superiores lhe dizem que não pode trabalhar tanto, e lhe dão como prêmio, a sexta-feira para descansar.

Sobre as primeiras informações sobre sexo, conta que foram obtidas através de um chefe por quem tinha muito carinho e lhe explicou nos mínimos detalhes. Teve poucas namoradas, quando jovem.

A relação afetiva/sexual atual, diz que quando fala em sexo, sua mulher não gosta, fica vermelha, diz que está cansada. Quando toca no assunto, ou fala sobre isso com ela, ela lhe diz: "já falou demais". J. acha que ela fica envergonhada. Conta que ficaram 5 anos reformando a casa e nesse tempo, ele procurava a mulher para terem relação e ela se recusava, pois dizia que estava preocupada com a reforma. Agora a reforma acabou, ele vai procurá-la e ela também se nega!

Sobre as gravidezes, diz que ficou contente, embora tenha sido difícil. Ele queria continuar estudando, mas a escola ficava a uma distância de 12 km. Quando o filho nasceu, J. vendeu uma grande quantidade de garrafas que havia juntado e que foram apanhadas na linha do trem, a caminho do serviço. O dinheiro serviu para comprar leite para o nenê. Por isso, J. diz que não bebe, senão, teria comprado pinga. Lembra-se que durante a gravidez, ocorreram várias internações da mulher. Houve uma vez, em que ela "sentiu desejo" de comer camarão e ele foi solicitar ao gerente de um hotel, próximo à sua casa, que lhe providenciasse um prato. O nenê nasceu dois dias depois.

"Depois do menino, eu queria adotar uma menina, porque minha mulher não queria mais ter filhos. Mas meu sonho era uma menina. Até que ela concordou, onze anos depois do primeiro. Enquanto ela estava grávida, eu tinha certeza que seria uma menina, antes mesmo de ver o resultado dos exames".

Sobre a educação dos filhos, J. diz que conversa com eles. Conta uma situação que diz que ilustra sua conduta: "em 1985, arrumei junto à amigos, uma vaga para meu filho na Fepasa. Era só ele ir na firma e assinar os papéis dos exames. Mas ele não quis ir, começou a chorar. Eu passei a mão na cinta e queria bater, mas minha mulher me desaconselhou: "o escândalo", ela disse. Agora ele está se formando como técnico e há uns tempos atrás, eu fui informado por um amigo dele, que ele está querendo o serviço na Fepasa. Então, eu voltei a falar com meu chefe, e consegui para ele, uma vaga de ajudante geral. Mas até o final do ano, ele se formará e então vai passar a ganhar muito mais que eu".

Sobre a saúde, diz que é boa: nunca esteve internado. Não fuma, dorme bem, bebe socialmente. Trabalha de segunda a sexta feira e não põe bebida na boca: "tomo cerveja em casa; minha mulher mesmo compra".

J. conta que o relacionamento de seus pais, era ótimo. Pai faleceu aos 74 anos: parada cardíaca fulminante. Tinha pressão alta e fazia tratamento; nunca bebeu, nem fumou e nunca entrou em bar. Na época que morreu, era aposentado da Fepasa e trabalhava como servente de pedreiro.

Com os filhos, J. diz que os pais conversavam, embora fossem bravos. Seu pai costumava chamar a atenção de um dos filhos, que saía demais: "alguém vai morrer aqui e voce não vai ver enterrar". J. conta que aconteceu justamente isto: o pai faleceu e o filho estava fora; ficou sabendo da morte depois do enterro.

Solicitado a falar sobre si e a vida, J. diz: "começando do princípio: aos 8 anos de idade, cortava cana, engraxava sapatos e vendia doces. E o dinheiro que recebia, entregava tudo na mão de minha mãe; ela administrava. Com 16 anos, entrei na turma dos empreiteiros na Fepasa. Meu pai também trabalhava lá e naquela época, não podia trabalhar parentes na mesma firma. Então eu fui colocado noutra seção, para saberem se realmente eu conseguiria executar a função. Trabalhava 12 horas e ganhava 8: era o sistema da firma; hoje isto não é mais permitido. Fui promovido pelo meu esforço. E consegui o cargo que desejava. Pelo trabalho. Acho que sendo pobre, e tendo o estudo que tenho, consegui muito. Mas ainda desejo me aposentar um pouquinho melhor, porque me aposentar e depois ter que voltar a trabalhar, não quero".

MULHER: O., 39 Anos, Casada, Primário Incompleto, Dona de Casa, Natural de Ribeirão Preto, SP, Católica, Sem Renda Pessoal.

NOTA: Segundo O. conta, esteve na D.M. para registrar B.O. por perda de 3 folhas do talão de cheque (havia mandado sustar o pagamento dos mesmos no banco). Indagada, disse que o marido havia feito os cheques numa boate, e que ao revistar os bolsos da calça dele, viu a quantia nos canhotos do talão e ficou desesperada.

Sobre agressões físicas entre o casal, disse que ocorrem sim e concordou em participar da pesquisa. O marido, contatado à noite, por telefone, também aceitou participar.

Durante a entrevista, visivelmente mais calma, O. respondeu às questões sobre agressões entre o casal de maneira bastante vaga.

Questionada sobre o que a levou até a D.M., O. diz que teve uma briga feia com o marido, pois as vezes ele sai com os amigos - não sempre - mas bebe e então a ofende, ameaça, agride. Mas diz que foi mais por causa das 3 folhas de cheque que havia perdido. É esta a primeira vez que presta queixa na D.M. Segundo conta, o casal não briga constantemente; apenas quando ele bebe. As brigas começam quando ele chega no final de semana: "eu percebo e aí vou conferir o dinheiro, cheque; vejo que ele fez coisa errada, fico revoltada, não consigo segurar e xingo ele".

Conta que há muita interferência de parentes na relação dos dois.

Diz que não se lembra da primeira agressão física sofrida: nem quando ocorreu e nem os motivos.

Na sua opinião, a bebida é o único defeito de seu marido, que tem como qualidade, ser muito trabalhador.

O. conta que a família conversa bastante: sobre todos os assuntos da casa: o pagamento, as contas a pagar, o que comprar; até os filhos participam do orçamento doméstico.

Não pretende dar continuidade ao processo: "a abertura do B.O. já resolveu".

Sobre a família de origem, O. conta que vem de uma família numerosa: pai, mãe e 8 irmãos. O pai era alcoólatra e sofria de angina (fazia tratamento). Ficou internado por um ano em hospital psiquiátrico, porque abandonou o lar e, sua mãe, para conseguir a pensão, o internou. O. lembra-se que o pai nunca perdoou a mulher por esta atitude.

Nessa época, O. contava sete anos de idade e foi "dada" à uma família para que cuidassem dela: "foi por causa da situação financeira da minha mãe", diz. Conta que a mãe combinou com esta família que O. cuidaria do filho da mulher e que estudaria junto com a filha desta no colégio D. Barreto (pago). Mas isto não ocorreu: ficou por conta da caixa escolar e O. fazia todo o serviço da casa e a mulher ainda lhe batia.

Um vizinho percebeu a situação e procurou seu pai e contou que ela passava até fome. Sua mãe então, mandou buscá-la e não a "deu" para mais ninguém. O. ficou um ano com essa família.

Sobre o relacionamento dos pais, diz que havia muitas brigas, mas só verbais. Com relação aos filhos, o pai era muito exigente: deixava de castigo e chegava a tirar a roupa dos filhos para bater. A mãe batia muito pouco; reprendia apenas.

O. conta que uma sua irmã casada, vivia mal com o marido, que era "mulherengo", não dava dinheiro em casa e a espancava. Mas o pai não permitia que ela voltasse para casa, pois "filha casada tem que ficar com o marido". Quando o pai morreu, ele estava sendo velado, essa irmã veio "de mala e cuia" e disse, olhando para o pai no caixão: "agora o senhor está morto, eu vou morar com minha mãe". E morou com a mãe até o falecimento desta.

O. diz que atualmente é dona de casa. Não trabalha fora: "mas já trabalhei bastante em casa de família; parei quando casei".

Segundo conta, é católica praticante: participa de reuniões da comunidade, desenvolve atividades na paróquia.

Sobre a educação dos filhos, O. diz que procura conversar, bate muito pouco: "só uns tapas na menina, que de vez em quando, responde".

Sobre as primeiras informações sobre sexo, conta que obteve na rua. Em sua casa nunca se falava sobre o assunto. Os pais tinham vergonha e não comentavam. A primeira menstruação veio aos 11 anos. O marido foi o primeiro e único namorado: "tinha paqueras, mas de abraçar, só ele". O. diz que não conversa com o marido sobre o relacionamento sexual/afetivo deles.

Conta que quando se casou achava que era só "dormir juntos". Nunca falaram sobre sexo para ela, ninguém a orientou: "de uma parte, acho o sexo a pior coisa do mundo. Já assisti aula sobre sexo: tinha nojo; aí uma professora explicou muita coisa, agora penso um pouco diferente. A professora disse que isso faz parte do corpo, do organismo; ela falou que não era prá eu sentir assim". O. diz que acredita que se tivesse sido orientada na época, seria melhor, pois poderia ir preparada: tomar pilulas, evitar filhos, não tê-los tão logo.

Nas gravidezes teve muitos problemas, mas foi pior na segunda, porque tomava Gardenal: tinha desmaios. Os médicos ficaram revoltados por ela não ter sido informada para evitar, mas fizeram exame do líquido amniótico e constataram que estava tudo bem. Na primeira gravidez, lembra-se que foi internada mais ou menos, oito vezes.

Conta que logo que se casou, cessou a menstruação e então pensou que estava grávida (mas era anemia). Esperou o nenê para novembro e nasceu em janeiro.

Sobre a saúde, diz que o marido tem plano de saúde principalmente por causa dela. Não bebe, não fuma, mas já teve piolonefrite; o intestino é ressecado demais, já pegou infecção hospitalar, tem pressão alta e já sofreu ameaças de enfarte. Sofreu 18 cirurgias em 8 anos; internações foram mais de 25. Tem insônia; ultimamente, mesmo quando está passando para o sono ou dormindo, continua ouvindo barulhos do exterior: não consegue se desligar. Faz tratamento para tireoide e bronquite.

Sobre a vida e si mesma, diz que acha que é a vida e as dificuldades da vida, que vão tirando a vontade das coisas. Diz que já nasceu com problemas: nasceu de 7 meses. Está atualmente com 39 anos: se acha velha e agora é só esperar os filhos acabarem de crescer, que agora a vida é deles. Ela e o marido pouco contam.

Gosta de cozinhar: faz pratos no final de semana para o marido levar e comer durante a semana que fica fora. Os amigos do marido e colegas de trabalho pedem-lhe que prepare este ou aquele prato: "eu gosto disso; acho comida de restaurante tudo cara. Fica mais em conta e mais gostosa quando se prepara em casa".

OBSERVAÇÃO: Ao final da entrevista, O. diz que as vezes se sente deprimida, mas que nunca procurou tratamento para este problema. A pesquisadora colocou-lhe sobre um tratamento e os benefícios que lhe trariam. Seu marido, presente durante esta conversa, diz que compra para a mulher vestidos caros, que o guarda-roupa está "abarroado" de roupas finas que ela nunca usou. Veste-se sempre do mesmo jeito: calça jeans e camiseta. Convida-a para sair, para irem a restaurante, reunirem-se com amigos: ela nunca aceita. E se vai, porta-

se mesmo como alguém não habituada a tais roupas e ocasiões: "perde até o jeito quando coloca uma roupa nova".

As palavras do marido, O. ficou ouvindo atentamente e ao final, confirmou-as. Questionou com a pesquisadora sobre a depressão; mostrou-se interessada em buscar ajuda e tratamento. Anotou em um caderno de seguro saúde, o nome de alguns profissionais para entrar em contato no início da semana.

O casal convidou a pesquisadora para um lanche e à saída, O. comentou que o marido passou a beber mais frequentemente depois da morte do pai, há dois anos atrás. Contou que o marido lhe diz que depois que o pai morreu, não tem mais família, o que ela acha injusto, pois tem à ela e aos filhos.

Sobre a bebida, diz: "se fosse um pouco, vá lá, mas ele exagera: toma uma caixa de cerveja no final de semana; ao que o marido retruca que ela mesma vai buscar para ele. Ela responde que é "melhor que ele beba em casa do que nos bares".

CASO 27

HOMEM: D., 21 Anos, Solteiro, Primário Incompleto, Coveiro, Natural de Campinas, SP, Evangélico, Renda Pessoal: 2 S.M.

Questionado sobre o que os levou à D.M., D. fala: "discussão, briga, "cabeça quente", agredí ela. Nem sei porque a gente discutiu, aí eu agredí ela. Ela explica melhor. Eu agredí ela e ela deu parte; dei tapa nela. "... comecei a ofender ela com palavrão, ela e a filha dela. Começou porque no supermercado eu tomei um "danone" e não paguei. Começamos a discutir lá e quando chegou em casa, continuou até agredir. Ela disse que não ia mais sair comigo. Ofendí ela, falei "um monte de coisa"; ela não gostou, nem eu gostaria". É esta a primeira vez que é intimado. Segundo conta, o casal discute pouco. Os motivos mais frequentes segundo ele, são ciúmes, fofocas.

As brigas começam porque ela fala demais: "se faço alguma coisa errada, ela não pára de falar, aí eu fico nervoso e sai briga. De agressão, essa é a segunda vez".

Na sua opinião, não existem interferências de terceiros na relação dos dois. Diz que as vezes, sua mãe dá conselhos, mas não interfere.

A primeira agressão física ocorreu num dia em que foram à cavalo, visitar um casal de amigos. Chegando lá, o amigo pediu para montar o cavalo e demorou para voltar. A mulher de D. foi chamá-lo e também demorou a voltar. Enquanto D. esperava-os, a mulher do amigo começou a xingar, chamando a si mesma e ao D. de "cornos". Quando os dois voltaram, saiu briga. Vieram discutindo no caminho, e quando chegaram em casa, ele a agrediu.

Depois da briga, diz que conversaram, ela se explicou e ele concordou com ela "e então ficou tudo certo". Na sua opinião, o defeito da mulher é ser muito brava. A qualidade é que "ela sempre quer o meu bem, tudo o que ela faz, é para o meu bem".

D. diz que o casal costuma conversar: "se eu estiver agindo errado, ela alerta eu; se peço alguma coisa, ela ajuda". Após as brigas, eles dizem que não vão brigar de novo. Quando ela fica com a "cara amarrada", ele vai fazer amizade de novo.

D. lembra-se que quando criança, tinha medo de dormir no escuro, tinha pesadelos: as vezes acordava, chorava e ia para a cama da mãe. Tinha crises de birra; urinou na cama até a idade de 8 anos. Diz que até hoje, quando frustrado ou nervoso, quebra coisas, joga no chão. Conta que até 10, 11 anos falou "enrolado", depois melhorou, mas tem palavras que até hoje, não consegue pronunciar direito, por exemplo: tres, fala tlês, quatro, quatlo, etc. Sente vergonha disso.

Até hoje fala enquanto dorme e até hoje, mãe o defende mais que aos outros irmãos: "ela sempre gostou mais de mim". Na escola sempre gostou muito dos professores: era muito bagunceiro na recreio, mas na classe era muito quieto. Teve várias repetências na segunda série.

Começou a trabalhar aos 14 anos: trabalhava na floricultura do cemitério. Hoje é cozeiro. Gosta do trabalho atual: "as vezes tenho vontade de voltar na floricultura por causa das amizades, mas o trabalho atual é o melhor que já arranjei: tem duas horas de almoço e é tranquilo".

As primeiras informações sobre sexo, obteve na rua com os colegas. Depois dos 14 anos começou a sair com grupos de amigos para ir ao clube "atrás de mulher". Aos 15, arrumou uma namorada e transaram. Acha que teve umas 5 namoradas.

A relação atual com a mulher, acha "legal". Não podem ter filhos, pois a mulher operou para não engravidar. Gostaria de ter filhos, mas já que ela não pode, não vai largá-la por isso. Estão juntos há 1 ano e 4 meses.

D. conta que aos 19 anos, começou a fumar maconha: "era devagar, não era viciado, era embalo de colegas". Depois que conheceu sua mulher, ela ajudou-o a parar com o vício, pois não aceitava a droga.

Sobre a família de origem, D. conta que a mãe tem problemas de coração e quando nervosa, surgem manchas em todo o corpo. As vezes, ela tem crises de nervoso e é internada por 2 dias, 1 dia, para tomar injeção. O pai quando bebe, fica agressivo. Os pais vivem bem, diz ele. As vezes o pai bebe, mas nem sempre chega brigando. De vez em quando, acontece de o pai agredir a esposa; até hoje. A mãe sofre desmaios em situação de conflito: quando o marido briga, ou quando faleceu uma filha. Quando o pai bebe, arruma um motivo para brigar; quando ele vai bater nos filhos e a mãe interfere, também apanha.

D. conta que a mãe não bate nos filhos, conversa. "O pai é muito quieto, mas se alguém reclama dos filhos, ele não pergunta se está certo ou errado: bate prá matar".

Sobre si e a vida, D. diz que quando era pequeno, gostava de brincar. Foi crescendo e começou a trabalhar. Conta que seus terrores noturnos aumentaram em função de sua profissão: "tenho vontade de conseguir um carro, uma casa boa. O lugar onde moro não é bom, tem muito marginal, drogado. Quero ir para um lugar melhor. Quero trabalhar, vencer na vida".

MULHER: F., 39 Anos, Casada, Primário Incompleto, Dona de Casa, Natural de Crato, CE, Testemunha de Jeová, Sem Renda Pessoal.

Questionada sobre o que a levou à D.M., F. diz que ela e o companheiro discutem sempre. Acha que por ser mais velha, ele deveria ouvi-la mais, e ele nem sempre ouve. As vezes reclama "do cuidado" dela. Xinga-a e ela não fica quieta. Fica brava, pois só quer o bem dele. Não quer mal para ninguém: "ele é muito agitado, nervoso e por simples coisas que eu falo: não faça isso, não é certo; ele já começa a discutir. Ele diz que eu falo muito".

É esta a primeira vez que dá queixa. F. conta que na hora da briga, como o marido ameaçasse deixá-la fora de casa, ela chamou a delegacia comum e os policiais a aconselharam a dar queixa na D.M.

Sobre os motivos das brigas, diz que quando lhe falam alguma coisa, ela evita fazer tal coisa, atende a pessoa que lhe fala. Gosta de tudo organizado, diferente dele. Quando fala com ele, tem a impressão que ele a provoca, não a atende de propósito, só para provocá-la.

Sobre esta última briga, diz que ocorreu porque ela havia ido na casa da vizinha e ele fechou a porta do barraco onde moram. Ela voltou e abriu a porta com um pontapé e ele começou a falar palavrão para ela (xingou sua mãe e sua filha). F. diz que "foi por cima" dele, pois como ele fala de quem não conhece?

Ele então deu-lhe um tapa e ela pegou a faca, ele tomou-lhe a faca e a agrediu nas costas com ela. F. conseguiu se livrar e pegou o amassador de feijão, que ele também tomou-lhe das mãos para agredi-la. F. diz que aí viu que não seria possível se defender e saiu para chamar a polícia.

F. relata que há muita interferência da família dele (mãe, irmã) na relação dos dois. Acha que seu companheiro "vai muito" pela conversa dos outros. É indeciso.

Diz que a primeira vez em que a agrediu foi porque ele se interessou por uma vizinha e queria levar alguns móveis deles em casa dessa vizinha, com quem estava morando. F. não deixou e então ele a agrediu "muito, muito". A família dele ficou contra ela. Questionada, conta que reagiu à primeira agressão: "mas a gente nunca domina, então fica quieta".

Não acha boa esta situação: "acho que um tratamento, seria melhor. Um tratamento com psiquiatra, para lhe dar orientação. Com planta, se voce cuida direito, conserva, ela cresce direito. Quando a planta não é cuidada, quando a gente deixa que espalhe, a planta se "esbrange". Seria bom alguém que orientasse ele, por bem. Ele é uma pessoa boa e chora muito depois que a gente briga".

Conta que ao conhecer D., não tinha "a mínima intenção" de namorá-lo; nem a ele, nem a ninguém. Queria arrumar um cantinho e ficar sossegada. Mas a mãe dele os incentivou e F. ficou com medo de ficar sózinha no barraco; teve "dó" dele, mas diz que agora tem amor por ele.

"Os pais dele não explicam as coisas para ele, não conversam. A família é muito largada; ele tem uma irmã de 13 anos que sai e fica 2, 3 dias fora de casa e nenhum dos pais se importa".

Diz que ele é muito trabalhador, não tem preguiça, não guarda ódio. O defeito é a estupidez, as amizades (os primos são muito bagunceiros). Ela pede que evite as amizades e ele não faz isto. Segundo conta, o casal conversa bastante: sobre vencer, progredir na vida. Eles têm várias criações em casa e ela cuida de tudo: cavalo, passarinho, coelho, galinhas.

Sobre o prosseguimento com o processo, diz que vai aguardar os seis meses. Se ficarem bem, vai pedir para arquivar. Se acontecer de novo, abrirá inquérito.

Sobre sua vida, F. diz que começou a trabalhar depois dos 20 anos, como tecelã. Era casada e morava em São Paulo com o marido. Depois separou-se e voltou para o Piauí, onde moram seus pais. Lá trabalhava na roça. Há dois anos, voltou para São Paulo à pedido da filha que teve nenê. Mas não ficou muito tempo com a filha: não se entendeu muito bem com o genro. Veio para Campinas para trabalhar na casa de um casal amigo que havia conhecido no Piauí, mas saiu deste serviço porque o homem agredia a mulher. Trabalhou depois em outras casas.

As primeiras informações sobre sexo, F. conta que certa vez, apanhou da mãe porque queria saber por onde a galinha botava ovo. A mãe lhe disse que era pelo bico. Ela cismou e começou a observar a galinha e então viu. Correu e foi falar para a mãe: "mãe disse que galinha solta o ovo pelo bico, e não é; é pela bunda". A mãe lhe bateu, pois não era para se falar essas coisas.

Nas gravidezes da mãe, ela lhes falava que o avião ia passar e deixar o nenê. Ela e os irmãos ficavam olhando para o céu tentando ver se chegava o nenê. Na época do parto, eram mandados para longe de casa. F. conta que nunca viu sua mãe lavando roupas íntimas: era tudo escondido, na ignorância.

Quando veio a primeira menstruação, já estava noiva. Lembra-se que estava com as amigas tomando banho no rio e então uma amiga viu e contou para sua tia. F. diz que tinha mais intimidade com a tia do que com a mãe. Da mãe tinha vergonha.

Em sua primeira relação sexual, quase morreu de vergonha. Disse: "casar é prá isso?" Queria tomar veneno. Então a tia conversou com ela e o marido foi paciente. Ficaram 8 dias sem se tocar. Atualmente, considera o sexo, a relação sexual como o complemento do casal: "o casal que não tem sexo... É importante, desde que tenha compreensão. Não é tudo na vida a dois, mas tem que compartilhar".

Sobre as gravidezes, no primeiro casamento, diz que foram os melhores períodos de sua vida. Sente saudades, pois sentia-se feliz. Teve 4 filhos e no último parto, aos 19 anos de idade, foi operada para não ter mais filhos. Perdeu 3 filhos, ficou uma filha apenas. Conta que lá no Norte, isto é "normal": as crianças não sobrevivem, morrem pequenas, muitas delas. Mas queria ter mais filhos; gosta de crianças. Fizeram desligamento das trompas no último parto. Todas foram cesarianas. Depois teve "fibroma": acredita então que retiraram seu útero, pois desde então não teve mais menstruação. Os médicos não lhe falaram sobre o que foi feito.

Conta que após a separação do primeiro marido, bebeu por um período de seis meses. Arrumou más companhias. Experimentou droga (maconha) através desses amigos, mas largou tudo e hoje em dia, só bebe cerveja de vez em quando.

Tem épocas que tem insônia de passar a noite acordada, fumando e tomando café. Preocupa-se com o futuro: gostaria de arrumar um trabalho, mas na última firma em que trabalhou, prenderam seus documentos e há um ano, não devolvem. Pensa na filha: gostaria de visitá-la mais vezes, mas nem sempre pode.

Sobre o relacionamento dos pais, diz que se davam bem. Viu os pais discutirem poucas vezes. Não se agrediam fisicamente. Pai nunca bateu nos filhos: com um olhar, impunha autoridade. A mãe falava mais, esbravejava e batia. F. diz que apanhava mais pois gostava de acompanhar o avô.

Atualmente, o que mais quer, é ter uma casa e um emprego fixo. Tem um barraco, mas não tem segurança, pois corre o risco de sair e não encontrar nada em casa, ou de

atarem fogo. Tem sonho de construir uma casa com tijolos: 2, 3 cômodos. Ter paz, tranquilidade, mesmo sendo pobre.

Teve uma infância maravilhosa: "naquela época, não tinha tarado, estuprador, ladrão. Corria pelos campos, minha boneca era de milho. As vezes apanhava do avô, porque destruía a plantação. Mamava na cabra; minha vó ia pegar leite e a cabra estava seca. A avó dizia: "esta cabra está escondendo leite". A cabra era muito mansa, cansei de fazer isso. Hoje em dia está tudo mudado. Até a escola naquele tempo, era diferente. Se ficasse de castigo, ficava no grão de milho, o tanto que a professora queria. Havia luz de candeeiro, claridade só em noite de lua cheia, e nós ficávamos então, ouvindo estórias de Lampião".

CASO 28

HOMEM: J., 41 Anos, Solteiro, Primário Completo, Aposentado, Natural de Ipauçú, SP, Católico, Renda Pessoal: 1 S.M.

Sobre o motivo que levou sua mulher à D.M., J. diz que quebrou as coisas: TV, toca-discos, agrediu a mulher. Não sabe dizer porquê: tem muitos problemas. Anda muito distraído, esquecido e isto tem piorado de uns tempos para cá. Sua pressão também tem subido e ele não sabe porquê: é aposentado por invalidez. Foi operado do coração por duas vezes. Esta é a primeira intimação que recebe. Segundo conta, o casal não briga constantemente: "discussão as vezes sai, mas é discussão de casa. Ela tem problemas com a família dela e eu com a minha; se um fala da família do outro, ofende. É preciso controlar, senão não dá certo".

Na sua opinião, existem muitas interferências no relacionamento deles: vizinhos, pai dele, irmã dela.

Sobre a primeira vez em que a agrediu, diz que foi por causa de ciúmes da parte dela, há dois anos. Acha que errou: "mas é ruim ficar escutando sempre aquela conversa, sempre a mesma, então a gente vai e... Não tenho raiva dela, gosto dela mas..." Não acha boa esta situação: "o cara se agarrar com a mulher de briga". Para ele, modificar esta situação depende dela.

J. diz que é uma pessoa que coloca tudo na cabeça: as dificuldades para receber o pouco salário, que não compra nada, as dificuldades para condução...

Acha a mulher muito cuidadosa com as coisas: roupa, comida, não tem o que reclamar. O defeito é que "grita alto" e ele não gosta que falem alto.

J. conta que entrou na escola com 8 anos de idade. Teve várias repetências. Nunca foi "chegado" a conversar com os professores. Naquele tempo, era muito "tapado". Os pais não conversavam com os filhos. Diz que do que se lembra com mágoa é que não pôde estudar como seus colegas: "eles hoje, têm estudo, profissão e eu não tenho nada, estou "nessa". Os pais deles se interessaram mais". Na escola, diz que não aprendeu nada. Naquele tempo era mais fácil, mas seu pai bebia e não se interessava pelos estudos dos filhos.

Começou a trabalhar aos 8 anos como bóia-fria: cortava cana. Morava na roça e quando não ia à escola da fazenda, ia trabalhar na lavoura.

As primeiras informações sobre sexo, obteve na rua. Quando era mais jovem, nunca foi de namorar. Arrumava namoradas só para "passar o tempo", não dava certo. A primeira relação sexual foi em prostíbulo: "nesse dia, a polícia "deu batida" e eu tive de pular a janela para não me pegarem que eu era de menor". Já teve vários relacionamentos e convivências com outras mulheres: "mas nunca aconteceu um filho, não sei porquê. O relacionamento afetivo/sexual com a mulher, diz que é bom, conversam a respeito. Conta já ter tido experiências extra-conjugais.

Questionado sobre a saúde, diz que já tirou líquido da espinha para exame, tem pressão alta e é míope. Já esteve internado por 4 vezes. Tem "ardência" no canal da urina, causada por uma sonda que colocaram quando foi operado. Tem intestino ressecado. Toma Diazepan para dormir, pois sofre de insônia: qualquer barulho o desperta, tem o sono muito leve. Toma 3 remédios para o coração.

Sobre a família de origem, conta que a mãe era muito doente: problemas de intestino e coração e era chagásica. Sobre o pai, diz que a saúde é boa: era e é alcoolista. A mãe faleceu há seis anos: não aguentou uma segunda operação de intestino. A doença de Chagas interferiu. O relacionamento dos pais era ruim, brigavam. O pai bebia muito e queria "voar" na mulher, agredia-a fisicamente. Muitas vezes, J. diz que teve que intervir para o pai não bater na mãe.

J. diz que gostaria muito de saber conversar. Acha bonito essas pessoas que sabem falar direito, conversam. Se ele tivesse estudo, aí saberia conversar.

Sobre si e a vida, diz que não teve uma infância boa. Nem ele nem seus irmãos: o pai bebia. Saiu de casa por causa disso. Já chegou a dormir em praças 3, 4 dias, só bebendo água. Já sofreu muito em São Paulo, mas depois voltou para casa. O pai veio para Campinas e ele veio mais tarde.

MULHER: C., 40 Anos, Casada, Analfabeta, Empregada Doméstica, Natural de Pompéia, SP, Católica, Renda Pessoal: 1 S.M.

C. conta que o que a levou à D.M., foi o fato de o marido ser agressivo. Estiveram separados por 2 meses. Ele foi embora dois dias antes de ela ser operada: "quando eu mais precisei dele, não tive ajuda. Foi minha irmã que ajudou. Depois que passou dois meses, ele quis voltar. Eu concordei, mas pedi prá ele um tempo prá minha irmã arrumar um lugar prá ela e as filhas. Ele concordou, mas depois foi tomar umas cervejas e voltou dizendo que o prazo era muito grande, prá minha irmã arrumar alguma coisa mais rápido. Discutimos e ele começou a quebrar móveis e avançou em mim".

Relata que antes já fôra agredida por seu primeiro marido, mas esta é a primeira vez que dá queixa. O casal não briga constantemente, mas quando o fazem, o motivo é sempre a bebida dele: "quando ele não bebe, é muito bom. As vezes ele bebe porque não acha "bico" prá me ajudar. Prá beber, não precisa de dinheiro: tem sempre um amigo na porta do bar, pagando".

Diz que antigamente, as brigas começavam por causa dos ciúmes dela, "mas depois ele teve um caso com "uma dona" e esse "dona" disse prá ele que teve um filho dele, que foi dado prá uma família". C. conta que ficou muito revoltada e acha que "acabou". Seu marido passou um tempo bastante deprimido por não ter tido contato com este filho: "ele nem sabe direito se o filho era mesmo dele, a mulher andava com uma porção de homens".

Diz que há interferência dos parentes na relação dos dois: os irmãos tanto da parte dele quanto da parte dela.

A primeira vez em que a agrediu, ele estava arrumando um encanamento no quintal e pediu à ela que fosse buscar um saco de cimento e ela se recusou. Ai ele lhe deu um tapa: "eu era "louca" por ele, não via ninguém na minha frente, a não ser ele. Mas então desde esse dia, a gente tem brigado. Eu até cheguei a apontar a faca prá ele. E o machado também". Contudo, não reagiu à primeira agressão. Questionada, diz: "achava que ele estava certo, que era certo apanhar, que acontecia, quando a gente se amava. Até que me revoltei com isso". Acha que esta situação ocorre porque "ele via que eu gostava muito dele e então "pirraçava", judiava de mim. Sabe que eu sou ciumenta".

Não acha esta situação boa: "desde que o casal se une na cama, naquela hora boa, tem que procurar compreender o outro". Acredita que a situação pode ser modificada: "dependendo que ele venha a compreender meu jeito de ser". Conta que conversam bastante e, por enquanto, está tudo bem. Só vai prosseguir com o processo, "se acontecer alguma coisa do meu desagrado".

C. começou a trabalhar aos 7 anos. Morava na roça e desde cedo, foi para o trabalho na lavoura. Nunca frequentou escola. Atualmente trabalha como empregada doméstica numa casa de família. Está nessa casa há 6 anos: faz todo o serviço e o varejão, faz as compras necessárias, paga, recebe e conta o trôco; não se atrapalha nas contas. Conta que antes do aumento do salário mínimo, ganhava um salário e meio e agora, seu patrão quer lhe pagar um salário: acha pouco.

Quanto às informações sobre sexo, não se lembra bem: acha que foi em casa que obteve. Quando sentiu as dores da menstruação, saiu da roça e foi para casa. Contou para a mãe e esta lhe explicou. Sobre relação sexual, conta que aos 14 anos, 3 meses depois que "ficou moça", estava noiva de um moço da roça e que este, durante um passeio a cavalo, a estuprou. Saíram a passeio, ele, C. e a irmã. O rapaz espantou o cavalo da irmã e segurou C., amarrando-lhe a boca com um lenço para que não gritasse. C. conta que depois disso, desfez o noivado e hoje tem ódio dele. Vontade de se vingar, mas entrega para Deus. Antes do acontecido, o rapaz a havia convidado para fugirem, mas ela não concordou, porque queria casar de noiva. Com seu primeiro marido, aceitou fugir. Quando se conheceram, contou tudo à ele e disse-lhe que não queria casar com ninguém e pediu que não contasse à ninguém, principalmente a seu pai. Ele lhe disse que se o respeitasse, tudo estaria bem. Um dia, o marido bebeu e contou tudo para o pai dela.

Sobre as gravidezes, C. conta que teve 7 filhos, mas só 3 estão vivos. Numa das gravidezes, teve parto prematuro aos 7 meses, devido à uma pancada que seu marido lhe deu: eram gêmeos e morreram. Perdeu outro filho aos 3 meses de idade por meningite. Perdeu uma filha com dois anos de idade, que caiu num poço que estava aberto.

Foi abandonada pelo marido na dieta da último filho. Voltou então à casa dos pais e reiniciou o trabalho na roça. O irmão de C., contudo, agredia a seus filhos e à ela também, que entrava no meio das brigas, para defendê-los. O irmão achava que por ela haver se casado não tinha mais direito à casa paterna.

Nessa época, C. conheceu uma pessoa que lhe arrumou trabalho em Campinas, numa casa de família e veio então para a cidade. Logo depois, conheceu seu atual companheiro. Sobre o relacionamento afetivo/sexual dos dois, diz que se sente bem com ele: "ele pode ser o que for, mas nesse ponto, nunca foi agressivo. Fica meio nervoso quando eu não quero, mas depois passa".

Sobre a família de origem, diz que os pais, depois que os filhos se casaram, se tornaram alcoolistas. Conta que os pais brigavam bastante. A mãe era muito ciumenta: "tem razão a filha de também ser". Os pais se agrediam fisicamente. Com relação aos filhos, diz que o pai foi "toda a vida" muito bom para os filhos. A mãe entretanto, sempre foi agressiva, tanto com os filhos, como com o marido: "a mãe era brava; por qualquer coisa, descia o cabo da vassoura na cabeça dos outros".

C. diz que a mãe "aprendeu a beber", pois teve todos os filhos em casa e a parteira naquele tempo, ensinava que arruda com pinga era bom para limpar tudo no organismo. E assim, ela teve contato com pinga. As vezes quando voltavam da roça, o marido lhe oferecia "um trago" para esquentar.

Depois que os filhos se casaram, o pai começou a recrutar camaradas para trabalhar na roça e após o serviço, iam todos beber. A mãe bebia ainda mais que o pai: o que ela achasse, bebia. Só ficava agressiva, se tentassem tirar a garrafa de sua mão: ia por cima de quem tentasse. C. diz que enquanto os filhos eram pequenos, isso não ocorria e pais cuidaram bem de todos eles.

Sobre sua saúde, C. diz que já passou por 6 cirurgias, fora os partos: apendicite por duas vezes, retirada do cólon do útero, laqueadura, perínea... Fuma, bebe as vezes, um copo de cerveja. Dorme bem.

Ao fazer um relato sobre a vida, C. diz não pode reclamar da infância: com seus pais não teve problemas. Seus problemas começaram com seu primeiro marido. Viviam "para baixo e para cima": ele não se fixava em lugar nenhum. Conta que já esteve por 3 vezes na Migração em São Paulo: "foi bom que ele foi embora: sossegou". Ele lhe batia, C. tem até uma cicatriz de faca no corpo. Lembra-se que apanhou uma vez porque ele queria que ela "esmolasse" para arranjar-lhe dinheiro para bebida (era alcoolista). C. se recusou e ele lhe bateu na rua, na frente de todos.

C. diz que hoje, em vista do que já passou, "está na glória", por isso deu outra chance para seu atual marido: "Apesar de tudo, ele nunca me agrediu com faca. As vezes me arrependo de ter dado parte dele na delegacia. Quando ele pediu outra chance, disse que queria casar comigo. Eu não sei se posso, porque nunca mais vi meu marido e ainda sou casada no papel. Talvez o juiz libere o divórcio mais fácil se souber que a gente está separado há 15 anos. Eu gostaria de casar com o J., talvez a gente se respeitasse mais, talvez não. Amigados a gente briga, pode ser que casados também. Talvez meu marido tenha morrido: a última vez que vi ele, estava inchado de bebida".

C. diz que hoje dá muito valor ao teto que tem sobre a cabeça. As pessoas as vezes a criticam porque continua com seu companheiro, mas não sabem o que ela já passou na vida: "não posso me queixar do que tenho agora, da minha vida hoje".

HOMEM: N., 47 Anos, Solteiro, Primário Completo, Comerciante, Natural de Jundiá, SP, Católico, Renda Pessoal: 2 S.M.

Questionado sobre o que levou o casal à D.M., N. diz que agrediu a esposa. O motivo da agressão se deve aos momentos difíceis que vem passando há aproximadamente, 8 meses: teve enfarte, perdeu sua loja e diz que de uns 3 meses para cá, a situação piorou ainda mais.

Segundo conta, tudo começou quando a esposa mentiu para ele: "disse que ia visitar uma amiga e chegou praticamente bêbada. Dois dias depois, um amigo disse que havia visto ela no restaurante com outras pessoas, bebendo e bagunçando. Perguntei pra ela e ela respondeu que não me devia satisfações". N. diz que dois dias depois, encontrou-a conversando no carro, às 10 horas da noite, com um homem que até hoje, ela não explicou quem é: disse apenas que deu "carona" à um amigo.

N. conta que pessoas ficavam lhe telefonando e dizendo terem visto sua mulher em tal lugar, com tal pessoa; ele ia atrás e pegava-a na mentira: "mentira dói muito e então um dia chegamos à agressão e ela se queixou na D.M." Dias depois brigaram novamente, pois ela queria sair sem lhe dar satisfações e ele lhe disse que nunca fez isso e que queria saber aonde ela ia. Ela lhe disse que queria sua liberdade.

N. se queixa do atendimento na D.M., pois diz que a apoiaram e em sua opinião, ela está errada. Diz que vai tentar mais um tempo juntos e se não der certo, muda-se: deixa a casa com ela e vai para outro lugar, mas por enquanto, está "tudo bem". É esta a primeira vez que é intimado.

Segundo ele, o casal não briga constantemente. Quando o fazem, o motivo é geralmente "o gosto pela bebida de minha mulher" e quando ela bebe, fica fora de si: ofende, fala palavras de baixo-calão. Eu a conheci assim; sabia desse gosto dela. Mas de uns tempos para cá, se deixar, ela bate em mim e eu não vou permitir isso". Diz que as brigas entre o casal começam quando ela lhe diz que quer liberdade: sair e não dar satisfações, sem ninguém lhe perguntar nada.

N. diz que da última vez que lhe telefonaram, poderia ter ido verificar, mas "não tem mais sangue para isso". Acredita que pode ser "embalo" com o novo pessoal com quem sua mulher se entrosou, pois são todas mulheres livres, solteiras, desquitadas, viúvas. Diz que não a impede de sair, se distrair, mas quer saber aonde ela está.

Conta que há tempos atrás tinham muitos amigos; a casa estava sempre cheia. Hoje, depois de tantos desentendimentos, os amigos foram sumindo.

Acha que a mulher é muito autoritária. Que ele sempre foi muito "atirado", gosta de fazer negócios, "enxerga longe". Mas teve enfarte do miocárdio há 6 anos. Na época, pesava quase 100kg e era muito forte. Não houve nem possibilidade de uma ponte de safena: "o coração inchou".

Há tempos atrás, teve ameaça de um novo enfarte e hoje toma remédios para prevenir. Com isso, sua mulher não lhe deixa mais fazer negócios, se arriscar: diz que não tem mais saúde, mas depois reclama que é ela que mantém a casa; ele lhe diz que não, que ele sempre a manteve.

A primeira vez em que a agrediu fisicamente, foi logo no início da convivência. O motivo foi ciúmes dela em relação à ele. Depois dessa primeira agressão, se afastaram por

uns tempos: cada um na casa de seus respectivos pais. Depois voltaram: "sempre tive absoluta confiança nela. Antigamente ela sempre contava quando tinha alguma comemoração e eu sempre a incentivei a participar. As vezes ela não ia por achar "chato" ir sem eu".

N. diz que se continuar assim, vai acabar indo embora, pois vão continuar se desentendendo e ele não quer isso: "ela grita e bate o pé que vai sair e não dá satisfações de onde vai. Não quer que eu vá junto. Meus amigos dizem para eu fazer o mesmo, mas não quero, não acho justo, nunca fiz isso". Acha que a esposa, vendo sua situação, seu nervoso, seus "grifos" com a doença poderia conversar e avisá-lo sobre onde vai: "depois que ela foi à D.M., cresceu mais ainda, devido ao apoio que encontrou".

Acredita entretanto, que a situação pode ser modificada: "pelo menos de minha parte, já modificou. Ela bebe e não sabe beber, fica agressiva... As vezes a gente pode dar as costas, mas nem sempre voce está assim. Acho que ela viu que estava errada, porque está mudando de atitude: avisa quando vai atrasar, para onde vai. Não quero mandar: só quero uma satisfação".

N. diz que não teve culpa nenhuma da mulher ser agredida: "foi ela que provocou tudo". Conta que conversam bastante: sobre filhos, casa, amigos, passeios, etc. Após as brigas costumam conversar também: "ela é explosiva assim na hora, mas no outro dia, voce vai falar com ela, baixa a cabeça, chora..."

Sobre a infância, conta que era muito apegado com a avó, que morava na cidade. Era o "xodó" da avó, que lhe fazia todos os gostos. Na escola, repetiu o primeiro ano, mas que chamava a atenção das professoras, que diziam que era muito inteligente. A escola era na fazenda de seu pai e N. ia buscar as professoras com a charrete.

Começou a trabalhar aos 15 anos. Morava na roça com a família e eram todos lavradores. Nunca trabalhou como empregado, com carteira registrada. Já foi caminhoneiro: o caminhão foi-lhe dado por seu pai, que na época, tinha vida "muito boa". Diz que já teve muito dinheiro e que de todos os seus irmãos, é hoje o que menos tem e o que mais teve.

Conta que o pai era pessoa muito controlada: tinham sítio moderno, roupas, carro do ano, passeavam. N. já teve fábrica de móveis de cana da índia. Perdeu-a, pois quando teve enfarte, o médico lhe disse que era para largar tudo, senão não aguentaria. Isso o deixou muito abalado e foi largando sua firma nas mãos dos empregados e acabou perdendo tudo. Atualmente, faz "bicos" numa empresa: é uma espécie de "office-boy", mas ganha muito pouco. Pretende vender um dos carros que tem e comprar um caminhãozinho "nem que seja velho" e começar tudo de novo, do zero. Diz que já pediu a conta no emprêgo.

Sobre as primeiras informações sobre sexo, aprendeu com os amigos. Na juventude, conta que gostava muito de namorar: "aquele tempo, não era tão liberal como agora, mas sempre tinha aquelas que davam mais liberdade, e como eu era mais experiente, aproveitava. Para conseguir sexo com uma namorada, era difícil, mas tinha também. Normalmente, o moço começava a namorar uma moça e casava com ela. Tenho 4 irmãs que aconteceram assim: o primeiro que namoraram, casaram".

Sobre as gravidezes e os filhos, diz que a primeira foi de livre e espontânea vontade. Na segunda gravidez, a mulher queria abortar, pois achou que era "muito" (ela tinha duas filhas da união anterior). "Eu lhe disse: voce tem 3 mulheres, vamos tentar mais um e quem sabe desta vez, vem um homem. E veio e ela ficou toda feliz. E eu mais ainda". Sobre a educação dos filhos, diz que procura conversar, não é de bater. Usa castigos tipo: "sua nota na escola foi ruim, então hoje voce não sai; ou então, "voce não fez tal coisa, vai ficar em casa".

Sobre a família de origem, N. diz que os pais são falecidos e que ambos tinham um relacionamento muito bom: nunca ouviu o pai discutir com a mãe. Com os filhos, o relacionamento era maravilhoso: o pai era rígido, mas não batia; quem as vezes, puxava as orelhas, era sua mãe.

Sobre si e a vida, N. diz que a infância foi maravilhosa. O pai e a mãe eram pessoas calmas, e nunca os ouviu erguerem a voz um para o outro: "como classe média, tinha abundância: não faltavam coisas dentro de casa. Enquanto estava com eles, lutei bastante e meu pai me ensinou bastante. Eu era líder na família: viajava, tomava conta da parte comercial". Agora que fazer alguma coisa, começar do zero de novo.

Quer estar com a mulher daqui há alguns anos, quando ela se aposentar. Pretende morar no litoral, quem sabe montar novamente uma fábrica de móveis de cana da índia.

Conta que nunca passou vontade, fez tudo que quis: passeou, viajou, trocava de carro todo ano. Só que não aproveitou direito as oportunidades que teve, porque não é ambicioso. Seus irmãos estão hoje, financeiramente melhor que ele, e não tiveram tantas oportunidades quanto ele.

MULHER: V., 46 Anos, Desquitada, Ginásio Incompleto, Auxiliar de Enfermagem, Natural de Campinas, SP, Católica, Renda Pessoal: 8 S.M.

Questionada sobre o que a levou até a D.M., V. conta que vende jóias para ajudar no orçamento da casa, uma vez que só ela trabalha e o marido está desempregado há cinco anos. Foi então à casa de uma amiga mostrar-lhe as jóias e a amiga perguntou se poderia dar "carona" à um amigo dela. V. diz que concordou e quando parou o carro, seu marido a encontrou, pois estivera procurando-a, e dizendo que estava beijando o rapaz e grudada nele, foi-lhe batendo, deixando-a cheia de marcas.

Conta que o marido sempre foi muito violento, mas de vergonha, nunca contou nada para ninguém: "no hospital onde trabalho, todos pensam que ele é o melhor marido do mundo". Diz que seu pai e seu primeiro marido também lhe batiam, "até vê-la sangrar". A conselho do advogado, foi até a D.M., abrir B.O. e, segundo conta, o casal briga constantemente. O motivo mais comum é o ciúme dele em relação à ela.

Questionada, diz que não existem interferências de outros na relação dos dois.

A primeira agressão física entre o casal, ocorreu aos 6 meses de convivência. O motivo foi ciúmes de sua parte: "ele queria sair e eu murchei os quatro pneus do carro. Ele chegou a me quebrar o nariz". Conta que reagiu à esta primeira agressão: "sempre reagi".

Sobre esta situação de agressões, diz que está completamente "torturada, magoada: estou com o coração preto".

Diz que sente ódio do marido. Antes tinha vergonha de ir "nestas delegacias". Depois que ficou sabendo que existia uma delegacia para isto, foi fazer queixa. Ouviu falar que nas D.M., havia suborno, que as mulheres que lá trabalhavam, ficavam de olho nos maridos das outras que iam se queixar. Indagada, diz que quem lhe falava essas coisas, eram os homens com quem conversava.

Tem dúvidas de que a situação possa ser modificada, mas está tentando. Está fazendo psicoterapia há 3 meses e toma remédios. Conta que a filha mais velha faz pressão para que continue com o marido, dizendo: "fulana "aguentou" 30 anos, porque a senhora não pode aguentar? E fulano tinha amante!"

Então V. diz que está tentando. Está se sentindo mais calma: "mas se for largar tudo quando estiver velha, então não largo mais. Fico que nem minha mãe, que está com 87 anos e junto com meu pai". Diz que quer largar enquanto é jovem, pode sair, passear com amigos, ter liberdade: "a psicóloga falou que com a terapia, vou saber o que quero. Essa confusão vai passar".

Questionada se gostaria que esta situação se modificasse, V. diz que o que gostaria mesmo é que fosse "cada um para um lado", pois depois do que aconteceu, é preciso não ter amor-próprio para aceitar a situação.

Conta que o marido também está fazendo terapia: "ele nunca ligou para guardar dinheiro, fazer casa, fazer um pé de meia. Hoje ele vê: tem que pagar o carnet do INPS e, além de não receber, ainda tem que pagar; remédios caríssimos. Hoje está mais calmo, tenta agradar os filhos, a mim. Mas é tarde já".

O casal não costuma conversar: "não, não tem diálogo. Ele não tem tempo: se está em casa, quer ver TV ou então sai. Não se conversa entre família, sobre a família".

Não pretende dar prosseguimento ao processo. Acha que já surtiu bastante efeito o fato de ter conversado com uma "autoridade" e essa "autoridade" ter-lhe chamado a atenção. V. conta que essa repreensão, foi feita porque, oito dias após ter feito uma queixa, ele voltou a agredí-la, quebrando-lhe o braço e abrindo-lhe a cabeça. A autoridade pediu à filha do casal, que se houvesse novamente brigas - nem que fossem verbais, para telefonar na D.M. que ele seria preso. V. acha que o marido ficou com medo.

Sobre trabalho, V. diz que começou a trabalhar aos 7 anos. Saía da escola e ia com as professora em casa delas arrumar cozinha, fazer alguns serviços. Elas lhe pagavam.

Quando tirou diploma da quarta série, seu pai lhe disse que não ia mais estudar, pois lugar de mulher é na cozinha. V. diz que o ginásio era só à noite e imagine se o pai ia deixar que ela ficasse na rua até altas horas! Costumava ir se deitar na mesma hora em que os pais se recolhiam: 7 horas da noite. O pai a trancava no quarto e trancava o quarto onde ele e a mulher dormiam. V. conta que pulava a janela e ia para a casa de amigas: o que lhe valiam surras enormes. "Meu pai me batia no nariz e jorrava sangue. Ele fazia isso com meus irmãos também, mas eles fugiam e eu apanhava mais, porque estava sempre em casa, ajudando minha mãe. Aos 15 anos de idade, fui embora de casa".

Sobre o trabalho atual, diz que gosta muito do que faz: se sente bem em conversar com os docentes, pessoas carentes. Vê-las se recuperando, alegres. Conta que já chegou a ganhar presentes como: 10 espigas de milho, pacote de macarrão, "coisas que muitas vezes, eles não têm nem para eles! São pessoas muito carentes; antigamente se falava indigentes. Hoje existe o SUDS".

Sobre informações a respeito de sexo, diz que não se lembra bem, acha que foi com amigos. Mas foi casando que soube sobre relação sexual: "no primeiro casamento, não conheci o prazer. Meu primeiro marido foi também o primeiro namorado. Depois que me separei, conheci outro homem e aí fui saber o que era prazer sexual".

V. diz que o motivo maior pelo qual se casou foi para sair de casa, se ver livre da família, que não aguentava mais. Sua intenção não era casar: "o problema do meu pai é que eu era virgem, por isso queria arrumar um cara e... Assim ele me deixaria em paz. E quando aconteceu, ele disse: "voce casa ou te mato" e meu primeiro marido, que era louco por mim, quis casar. Mas minha intenção era sair pelo mundo. Meu pai era muito rígido pelo fato de eu ser mulher: não deixava sair, passear. Casei já pensando em separar, nunca gostei de meu marido".

Sobre as gravidezes, diz que fisicamente não tinha nenhum problema, mas emocionalmente ficava péssima: "não queria nenhuma delas, apenas a primeira. Tomava tudo quanto era remédio para abortar, tudo que me falavam. Fui parar no pronto-socorro na gravidez da segunda filha porque desmaiei com um remédio abortivo que tomei". Com relação à educação dos filhos, diz que conversa bastante, mas na hora que precisa, bate.

V. conta que teve duas filhas do primeiro casamento. A mais velha morreu baleada: não aceitava seu segundo casamento: "por causa do gênio forte dele". Ela foi morar fora e numa viagem à Santos com amigos, discutiu com um dos moços presentes e este pegou o revólver e atirou nela. Morreu aos 18 anos".

Sobre o relacionamento dos pais, diz que era péssimo: só brigas. Pai era alcoolista e a mãe jamais permitiu que fosse internado: "era Amélia até no nome; lavava os pés dele, até hoje cuida muito dele. Tudo o que ele falava, ela aceitava e ele era ignorante, só dava pancada. Ela não defendia os filhos. Ele brigava com ela também, botava-a para fora de casa, mas tudo isso só quando alcoolizado". Com os filhos, pai não tinha diálogo, batia apenas: "passava o tempo todo bebendo, era normal".

Conta que um irmão seu tinha "problemas do sistema nervoso": tinha épocas em que comia e fazia isso o tempo todo, noutros momentos não comia e ficava "pele e osso"; ou então saía andar e demorava para voltar (as vezes ficava perdido), não tomava banho, tinha fases de agressividade, não bebia e não fumava. Morreu atropelado".

Sobre si e a vida, V. diz que sente muito a falta da família; porque pensa que na realidade, nunca teve família: "minha família são meus filhos e sinto muita revolta pela morte de minha filha, acho que sou a única culpada. Se não tivesse arrumado outro homem, ela estaria viva ainda". Os cinco irmãos que teve, meu pai, os dois maridos, tudo igual, tudo agressivo. Minha vida foi sempre assim até agora: sempre debaixo de pancadaria. Meu marido é chantagista: conquista para depois voltar tudo à estaca zero. Eu acho que a situação está assim porque não tem mais amor. E vai continuar até que um de nós tenha coragem e tome atitude de largar tudo. Ultimamente, nem com meus filhos tenho desabalado, para não magoá-los. Mas tenho muito medo de tudo, desde que nasci. Tenho dois irmãos que têm problemas com a polícia e hoje estão presos e esses dois homens de minha vida se aproveitaram disso. Eu tenho muito medo. Acho que desde que um homem espanque uma mulher, ela não pode gostar dele, acabou o respeito, acabou tudo".

Sobre os irmãos, V. conta que seus dois irmãos roubavam banco, casa lotérica, queriam andar com carro do ano. Um tem mais de 300 anos de cadêcia "para tirar": "o mais velho não tem nada: roubava e dava tudo para favelas; ele não era "muito certo da cabeça". Talvez porque a gente tenha passado fome quando criança".

Do futuro, V. diz que não espera mais nada: "se a média de vida for 60 anos, vou esperar esses 15 anos que faltam, comendo. O que eu tinha que fazer ou conseguir, já fiz.

Fisicamente não tenho condições para conseguir mais. Se fosse mais nova, ia arranjar dois empregos, batalhar, estudar, fazer uma faculdade. Para a vida que eu já tive, se comparada com a de hoje, sou milionária. Poderia ter mais se ele fosse "cabeça", mas não:

gastava demais, era restaurante sempre. Tudo que tenho foi fruto de meu esforço: casa, telefone, TV. Antes essa casa, vivia cheia de amigos, vizinhos, os médicos vinham fazer churrasco, ficavam o dia todo. Mas agora com esse ambiente, quem vem?"

V. relata que há tempos atrás, conheceu um rapaz que lhe deu muito apoio, que a ouviu muito, muito: "e isso mais ajudou para eu não ter condições de viver com ele do jeito que ele é. Esse rapaz é o oposto de N. É calmo, uma pessoa que tem limites, que escuta na hora de escutar, compreende. Gosto dele, amor acho que nunca amei ninguém. Se eu não tivesse esses dois filhos, já teria ido embora, mas como sou super-mãe, amo demais os filhos, fico por eles. Estão na adolescência, uma fase difícil. Senão já teria largado tudo, viver uma nova vida. Não com homem; homem jamais na vida".

CASO 30

HOMEM: A., 54 Anos, Casado, Semi-analfabeto, Lavador de Autos, Natural de Vitória da Conquista, BH, Católico, Renda Pessoal: 2 e 1/2 S.M.

Indagado sobre o motivo que levou o casal à D.M., conta que no dia de ano a família resolveu fazer churrasco em casa do filho mais velho. Depois do churrasco, A. foi dormir e acordou com uma grande confusão: sua mulher queria ir embora para casa deles, mas não queria que o filho a levasse, porque ele estava meio embriagado: "o menino para fazer chantagem com a mãe, se cortou com a faca e ela então aproveitou para ir na delegacia" É a primeira vez que responde a intimação sobre agressão à mulher: "das outras vezes que ela chamava, eles vinham e internavam na barão de Itapura" (hospital psiquiátrico).

O casal não briga constantemente: "só quando estou assim de bebida. Agora faz tempo que nós não briga assim: só palavrão. Quando eu estou cheirando bebida, ela não dorme na cama, vai dormir no quarto das meninas". Segundo ele, a bebida é o motivo das brigas: "ela reclama da bebida e aí a gente discute. Assim mesmo, na hora ela não fala nada. No outro dia que ela vai falar, aí eu não lembro de nada, eu acho ruim, digo que ela está falando demais, tá inventando".

Sobre a primeira vez em que a agrediu fisicamente, diz que foi há anos atrás: o casal morava em São Paulo. Ele chegou bêbado e ela não falou nada. No outro dia, ficou brava e pegou a faca e ele para se defender, torceu-lhe o braço "e ela não atacou mais não".

Após as brigas, A. diz que "depois ia adular ela, rebaixava e esquecia de tudo. Só desta vez ela foi dar parte".

Não acha boa esta situação. Acredita que pode mudar: "se ela não falar nada depois, muda. Ela fica falando o que eu fiz, que eu gastei tudo dinheiro com bebida. Nem sabe se eu tinha. As vezes, os amigos pagam. Fala que não tenho vergonha. Que ela não gosta, tomou "traumatismo" da bebida, porque tinha um irmão que bebia, fazia bagunça na casa. Fala que já aconteceu muita coisa de noite: da turma machucar eu, levar pancada. Faz mal prá minha saúde".

A. diz que gostaria que a situação mudasse: "se pudesse não ficar de fogo, era o que mais queria. Tem gente que bebe bastante e nem sente. Se pudesse beber e não ficar de

fogo... Mas eu bebo um gole e já perco a noção". A. conta que já perdeu objetos de valor quando bêbado: relógio, carteira, mas não se lembra quem foi ou quando.

Diz que o defeito da mulher é ser exigente, falar demais: "quando exige coisas, qualquer coisa que ela ache que não está certo, fica falando a vida inteira; aí eu descontrolo. A qualidade na sua opinião, é que ela não gosta de mentiras.

A. relata que é difícil conversarem: "se vai brincar, ela não gosta, então não brinco mais". Após as brigas também não conversam sobre os motivos que os levaram a brigar: "não puxo mais o assunto pra evitar discussão".

Sobre a infância, A. diz que: "falar a verdade mesmo: eu não tive infância. Com 7 anos comecei a trabalhar, entregar pão, trabalhei na roça; então que eu lembre, eu não tive brincadeira, a não ser quando eu e outra molecada fazia bodoque para caçar passarinho". A mãe não deixava ficar na casa de vizinho: "do que eu lembro, trabalhava de dia e de noite, ia dormir".

O pai "lidava" com garimpo de diamante e, devido às constantes mudanças, a família não parava em lugar nenhum. A. conta que quando o pai achava algum diamante, viajava dizendo que logo voltaria, vendia o diamante, gastava e voltava sem dinheiro e querendo se mudar para outro lugar para procurar outro diamante. Por isso, A. diz que nunca frequentou escola.

As primeiras informações sobre sexo, lembra-se que quando começou a aprender "isso aí", frequentava os terreiros de candomblé e tinha "aquelas mulheres lá" e "eu comecei a acompanhar e elas levaram eu pra... Aí aprendi fazer. Devia ter uns 14, 15 anos". Namoradas, teve duas antes de namorar a mulher. Sobre anticoncepção: "ela tomava comprimidos, mas começou a fazer mal por causa da pressão, então agora eu uso camisinha".

Sobre a relação afetiva/ sexual atual diz que tem ciúmes quando a mulher nega relação para ele: "fico pensando que ela tem outro, porque mulher quando nega é porque tem outro. As brigas entre nós é mais por causa do ciúme que eu tenho muito".

Sobre as gravidezes, diz que sempre "pegou de surpresa": "só a primeira a gente esperou. Quando a gente não estava esperando, veio a terceira; a gente estava evitando, então eu falava que não era meu. Na última também". Sobre a educação dos filhos, diz que não bate, costuma conversar, brincar.

Sobre a família de origem, A. relata que o pai bebia bastante, mas não era agressivo: deitava e dormia. O relacionamento dos pais não era ruim. Quando o pai ia procurar diamantes com colegas, "farreava" por lá e quando voltava, não dava demonstração. Nunca viu agressões físicas entre eles. O pai faleceu quando A. estava com 12 anos de idade.

Com relação aos filhos, havia castigo físico: "se fizesse raiva pro pai, ele batia mesmo, tudo ficava quietinho. Acho que antigamente era melhor que hoje, porque não tinha certas agressões e vaidades. As mulheres de hoje são vaidosas. As minhas filhas até hoje, não deram problema".

Conta então do "filho homem de 30 anos" que deu muito trabalho: "está parado, anda de carro pra baixo e pra cima; diz que está "caçando" emprego. É motorista profissional, mas até agora nada. As vezes a agente ajuda um leite pras crianças".

A. conta que já esteve internado por duas vezes, devido à bebida. Na primeira vez, ele mesmo se internou: ficou 29 dias. Na segunda vez, foi internado pela mulher, mas lá no hospital, diz que não tomava os remédios: só fazia de conta. Os remédios lhe faziam mal, então teve que fugir. Diz que não pode beber: bebe de "teimoso". A médica do hospital onde esteve internado, disse que seu fígado é intoxicado, devido à febre que teve quando criança (tifóide): "um gole que eu tomo, depois não consigo parar".

Sobre a vida, A. diz que "eu queria ter uma vida melhor financeira. As contas sempre atrasadas, de luz assim. Queria ter uma alegria. Uma vida mais sossegada. Tem muitos casal que veve bem, não briga. Não sei o que precisa para ser assim. Ela fica só cobrando, "dando uma chance" prá mim. Não gosto disso. Quando procuro, ela diz que não tem mais jeito, que tem alergia de mim; a gente fica mais chateado ainda. Depois que a gente pegou a casa, pensei que tudo ia ficar mais fácil. Mas não. Depois que ela descobriu que o menino tá envolvido com drogas, culpou eu! Eu nem estava sabendo, ela já sabia faz tempo. Ele diz que não quer viver disso. Quer vender o carro prá comprar uma Kombi. Parece que agora ele está vivendo melhor com a mulher.

O mais chato é com minha mulher: ela nega e eu fico desgostoso. Ela quer que eu páre de beber, mas se eu páro uns dias, ela continua falando que não, que eu continuo bebendo. Assim fica difícil!"

MULHER: V., 47 Anos, Casada, Primário Incompleto, Dona de Casa, Natural de Paraguaçu Paulista, SP, Espírita, Sem Renda Pessoal.

Questionada sobre o motivo que levou o casal à D.M., V. conta que foi até lá pelo fato de o marido a agredir. Aliás, diz: "meu marido e meu filho me agrediram, mas eu só fiz queixa de meu marido. Meu filho tem 29 anos, é casado, mas eu acho que ele está andando errado, pela mancira como ele me trata".

Diz que há 22 anos atrás, saiu de casa para acompanhar seu cunhado - irmão de seu marido, mas depois voltou. E seu marido e o filho "jogam em sua cara" toda vez que discutem. V. diz que não sabe porquê fez isto, pois o cunhado era bem mais feio que o marido. Mas ele lhe apontou uma garrucha, obrigando-a a acompanhá-lo. Ficaram juntos por dois anos e tiveram dois filhos. Quando voltou com o marido, este exigiu que se desfizesse dos dois filhos. Ela deu-os em adoção.

Segundo relata, o casal não briga constantemente: apenas quando ele bebe. Pouco conversam quando ele está sóbrio: "mas se percebe que vai beber no dia seguinte, já começa a ficar agressivo um dia antes".

V. conta que o filho casado também agride a esposa. E lhe diz sempre que "sabe que é um intruso, e que a mãe não gosta dele".

O motivo das brigas com o marido, é sempre o mesmo: alcoolismo dele. Fica 2, 3 dias sem beber e depois bebe novamente: "nosso relacionamento não tem nada para chegar nesse clima. Se ele pede alguma coisa, eu faço. Quem chega de fora e vê, nunca diz que acontece. É só ele tomar um tantinho de pinga, ele tira a roupa e fica andando nú pela casa, na frente das meninas. Vai no banheiro, suja todo o banheiro de merda, pisa e sai com os pés sujos e imundicia a casa. Já falei prá ele que vou chamar a polícia prá vir pegar ele. Depois que eu fui na delegacia, ele tá morrendo de medo que eu conte "isso" prá eles".

V. relata que o relacionamento sexual do casal não vai bem com tudo isso: "ele pede um sexo que eu não sinto bem fazendo. E ele exige. Quando ele chega perto, eu sinto a pele queimar que nem se tivesse caroços; queima e coça. Ele fala que eu devo ter outro homem".

Sobre esta última briga, conta que foram à casa do filho na passagem de ano e mais tarde, ela quis ir embora e o filho lhe gritou que se ela fosse embora ele a levaria. Senão, ele mataria a mulher (dele). Ela não queria que ele a levasse, pois havia tomado muitas cervejas, mas o marido tomou o partido do filho, dizendo que realmente ela não presta, que não gosta do filho e por isso, foi embora com o cunhado, deixando-os.

V. diz que as brigas sempre começam assim, por esse motivo. O marido lhe diz que para ter coragem de falar à ela algo que vem guardando há tanto tempo, precisa beber um pouco. E diz que ela não serve para ele: "que ela está guardando prá quem, se não dá prá ele?" Ela lhe responde que ele pouco conversa com ela, que só se achega quando quer sexo e aí começam a discutir: "quando ele bebe, ele grita; os vizinhos ouvem ele xingar". Se o filho está presente, interfere na discussão, agredindo-a verbalmente e também trazendo à tona sua fuga com o cunhado.

A primeira vez em que o marido a agrediu fisicamente, seu filho mais velho estava com 4 meses. Estavam em casa de sua sogra e seu filho chorava. A sogra lhe disse para dar pinga ao nenê que ele se acalmava. Ela não quis, a sogra insistiu e seu marido falou que estava respondendo para sua mãe. Ela disse que não, etc., etc. Foram dormir "meio estremecidos".

No dia seguinte, à caminho da casa de sua mãe, recomeçaram a discutir e ele saiu correndo atrás dela com um canivete e lhe dizia: "aqui estou num lugar bom, ninguém vai ver que eu te matei". V. diz que saiu correndo: "mas ele muda rápido de jeito e quando a gente foi chegando perto da vila, ele foi diminuindo os passos, para não dar na vista e não ficar feio. E aí ele cumprimentava as pessoas como se nada tivesse acontecido".

V. diz achar toda essa situação muito triste e ridícula demais, pois seus pais sempre lhe deram carinho: "tudo isso podia acabar, se ele largasse a bebida, conversasse mais, ficasse mais limpo. Homem quando bebe não fica limpo. Ou então ele procurasse um rumo: prá homem é mais fácil. Se ele casasse de novo, eu até servia de testemunha".

A bebida é o único defeito que ela vê nele: "se ele não bebesse, eu acho que não iria ver defeito nele, ia superar tudo". Diz que não costumam conversar: "as vezes eu tento, mas ele diz: "não tenho nada prá falar com voce; já não chega ver sua cara todo dia?"

V. diz que só pretende prosseguir com o processo se ele ficar agressivo novamente. Conta que a ida da pesquisadora à sua casa, o tem deixado reccoso, pois acredita que exista ligação com a D.M.: "e ele morre de medo de ser preso".

Esta é a primeira vez que presta queixa na D.M. De outras vezes, queixava-se em delegacias comuns e nunca teve apoio: "ele invertia tanto a situação, que uma vez, um delegado chegou a me xingar. Isto quando ele não ia dar queixa de mim na delegacia, falando que eu era vagabunda, não prestava e por isso ele bebia".

Sobre a infância, ela diz que começou a trabalhar com 8 anos, na roça. Depois que veio à cidade, trabalhou em firmas de limpeza, mas parou porque teve um sério problema de coluna. Atualmente é dona de casa, faz algumas vezes, algum trabalho de costura: "mas é raro".

Sobre as primeiras informações sobre sexo, V. diz que não foi informada. Quando veio a menstruação, assustou-se e pensou que estivesse machucada. Foi até a irmã mais velha

e esta contou à mãe. V. lembra-se que a mãe então a informou e fez recomendações: "não podia mais ficar com muita graça perto dos homens, tinha que ter modos, sentar direito, pois agora era moça".

O namoro com o marido era na sala de sua casa: "era só no olhar, cada um de um lado. Viam-se a cada 15 dias. Casou-se sem saber sobre relação sexual. Achava que se dormisse com o marido, sua mãe reprovava. Demorou para aceitar: pensava que se casava para trabalhar. Lembra-se também que não queria casar: 15 dias antes do casamento, falava para a mãe que não queria.

Quando foi com o marido dar os nomes no cartório, lembra-se de uma conversa que teve com suas cunhadas: uma delas comentou que queria comprar um armário e V. lhe disse: "voce quer um armário de braço e perna". A cunhada lhe respondeu que ela é que teria um armário de braço e perna. V. perguntou-lhe se tivesse filho, por onde sairia? A cunhada baixou a cabeça e disse que quando tivesse, saberia.

Sobre as gravidezes, diz que em todas o marido lhe dizia que a criança não era dele. Já sofreu aborto, por causa das surras do marido: "uma vez entrei no hospital às duas da tarde em coma e só saí do coma às 4 da manhã seguinte". Atualmente tenta evitar filhos por conta. Pretende ir ao ginecologista, pois acha que está entrando na menopausa. Sobre a educação dos filhos, procura conversar. Mas usa castigo também: deixa ajoelhada e manda rezar o Pai-nosso. Diz que não gosta de gritar, prefere conversar: "se pudesse, não gritava nunca". O castigo de ajoelhar e rezar, vem de seu pai, que também o utilizava quando os filhos faziam algo errado. V. diz que faz isso porque a acalma: "se fico nervosa, tenho medo de bater demais".

Sobre o relacionamento com os pais, diz que era bom, não havia agressões físicas. Com os filhos, "mãe quando batia até esquecia que estava batendo". O pai usava o chicote ou colocava de castigo, ajoelhada para rezar: "mas era preciso sair muito da linha". Lembra-se de uma vez em que ela e o irmão, pisotearam a plantação do vizinho e então apanhou tanto, tanto que teve uma unha da mão arrancada.

Sobre o marido, diz que o que a impressiona é que as vezes, ele está muito bêbado, mas se ela "dá parte", "quando a polícia vem, como que por encanto, ele fica bom".

Se comenta com o marido coisas que ele fez ou falou, enquanto estava bêbado, ele responde que não se lembra, mas distraído, noutras situações, ele mesmo fala de fatos ocorridos enquanto alcoolizado.

Sobre si e a vida, diz que a infância foi "um pouco boa só". Perdeu o pai aos nove anos e depois disso, "tudo ficou diferente: os irmãos ficaram meio agressivos, a atenção era pouca. O pai era preocupado com a saúde da família".

V. conta que o pai morreu de forma estranha: "ele era muito conhecido na região, nosso sítio era grande. Minha mãe fez um bolo e todos que comeram dele, passaram mal. Meu pai morreu dois dias depois. Por 3 meses teve polícia em casa revistando tudo. Eles suspeitavam de minha mãe, mas depois de todos os exames feitos, não encontraram veneno algum. Depois de alguns dias, quando varria a casa, minha irmã encontrou um crucifixo enterrado de cabeça pra baixo. A gente nunca soube o que aconteceu realmente e de que meu pai morreu".

Quando ficou moça, perdeu a liberdade: já não podia sair, frequentar festinha. A mãe lhe dizia: "se quiser namorar, já namore pra casar, que eu não quero que fique falada".

Hoje, diz que desde que o marido não beba, tudo vai bem. Há tempos atrás, tinha medo, se fechava dentro de si mesma. Se apoiava muito nas filhas. Descarregava muito de seu nervoso nelas (nervoso pelo filho, medo que estivesse seguindo o mau caminho). Ficava sem coragem até de sair de casa. Não sabia como proceder diante do filho: "sentia até desgosto de ele ser meu filho. Acho que não suportava a presença dele". Hoje sente-se melhor, consegue conversar com o filho, que parece interessado em procurar trabalho e viver melhor com a mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A VOZ DA VÍTIMA JÁ É OUVIDA. O Estado de São Paulo. São Paulo, 27 outubro 1985. p. 4-7.
2. ALBANO, C. & MONTERO, P. Anatomia da violência. In: LUZ, M. T., org. O lugar da mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 107-125.
3. ALMEIDA, L. M. & COUTINHO, E. S. F. O alcoolismo e o hospital geral. J. Bras. Psiq., 39 (2): 91-95, 1990.
4. ALMEIDA Fo., N. Migração e rótulo psiquiátrico - um estudo de caso. J. Bras. Psiq., 35 (4): 231-240, 1986.
5. ALMEIDA Fo., N. & BASTOS, S. B. Estudo caso-controle da associação entre migração e desordens depressivas em mulheres. J. Bras. Psiq., 31 (1): 25-29, 1982.
6. ALVES, B.M. & PITANGUY, J. O que é feminismo. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1985. 77 p.
7. ANDRÉ, L. Delegacias especializadas de SP registram 1089 casos em um mês. Folha de São Paulo. São Paulo, 29 novembro 1992. p. 4-4.
8. AZEVEDO, M. A. Mulheres espancadas: a violência denunciada. São Paulo, Cortez, 1985. 176 p.
9. BASTOS, J. C. Agressão: psicanálise e etologia. J. Bras. Psiq., 27 (14): 25-30, 1978.
10. BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. v. 1 e 2., 988 p.
11. BELOTI, E. Educar para a submissão. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1975. 163 p.
12. BOLETIM INFORMATIVO DA MULHER. Delegacia da Mulher de Campinas. Ano 2, março 1991. p.1-4.
13. BOWLBY, J. Perda. São Paulo, Martins Fontes, 1985. V. 3, cap. 15, p. 277-287.
14. BOWLBY, J. Perda. São Paulo, Martins Fontes, 1985. V. 3, cap. 16, p. 289-308.
15. BOWLBY, J. Cuidados maternos e saúde mental. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988. 225 p.
16. BOWLBY, J. Formação e rompimento de laços afetivos. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1990. 165 p.

17. CABERNITE, L. O alcoolismo no Brasil e as dificuldades na área. J. Bras. Psiq., 31 (2): 89-112, 1982.
18. CABRAL, M.A.A. Estudo descritivo de 62 histórias de vida de presidiários confinados em cárceres superpopulosos na região de Campinas. Campinas, 1989. (Tese - Livre Docência - Universidade Estadual de Campinas). 575 p.
19. CARAM, D. Violência na sociedade contemporânea. Petrópolis, Vozes, 1977. p. 9-58.
20. CARDIM, M. S. & AZEVEDO, B. A. Repercussões sociais do alcoolismo. J. Bras. Psiq., 40 (7): 365-370, 1991.
21. CARMICHAEL, L. Distúrbios de comportamento na infância. In: MUSSEN, P. H., org. Manual de Psicologia da Criança. São Paulo, EPU, 1975. v. 10. p. 77-227.
22. CHESNAIS, J.C. Histoire de la violence. Paris, Robert Laffont, 1981. p. 7-14.
23. CONSEIL DU STATUT DE LA FEMME. La violence conjugale et ses conséquences sur les enfants. Canadá, 1991. p. 1-4.
24. CRUZ, A. G. V. Os movimentos de liberação da mulher na França e na Itália (1970-1980). In: LUZ, M. T., org. O lugar da mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 33-57.
25. DANKWORT, J. - Programs for men who batter: a snapshot vis-a-vis. A National Newsletter on Family Violence, 6 (2): 1-14, 1988.
26. DIESAT. Horas extras, turnos e ritmos de trabalho. In: RIBEIRO, A. P. & LACAZ, F. A. C., org. De que adoecem e morrem os trabalhadores. Imprensa Oficial do Estado, 1984. p. 89-101.
27. FEIGUIN, D. & BORDINI, E. B. T. Reflexões sobre a violência contra a mulher. Rev. São Paulo em Perspectiva, 1 (2): 39-44, 1987.
28. FORATTINI, O. P. Epidemiologia geral. São Paulo, Edgard Blucher, 1976. p. 57-91.
29. FREUD, S. Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: _____. Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. v. 7. p.254-263.
30. FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: _____. Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. v. 9. p. 185-208.
31. FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de 5 anos. In: _____. Duas histórias clínicas (O "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos"). Edição Standard Brasileira das

Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. v. 10. p. 15-154.

32. FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In: _____. Cinco lições de psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. V. 11. p. 159-173.
33. GOLDENBERG, P. et alii. A violência contra a mulher: uma questão de saúde. In: LAIBRA, M. E., org. Mulher, saúde e sociedade no Brasil. org. Petrópolis, Vozes, 1989. p. 185-200.
34. GOUGH, K. A origem da família. In: LEVI-STRAUSS, C. org. A família: origem e evolução. Porto Alegre, Villa Martha, 1980. p. 47-84.
35. GREER, G. A mulher cunuco. 2. ed. São Paulo, Círculo do Livro, 1975. 443 p.
36. GUIMARÃES, A. P. As classes perigosas. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p.149-166.
37. GUTIERREZ, R. O feminismo é um humanismo. Rio de Janeiro, Antares-Nobel, 1985. p. 85-116.
38. HACKER, F. Agresion. Barcelona, Grijalbo, 1973. 548 p.
39. HAVIGHURST, R. J. et alii. La sociedad y la educacion en America Latina. Argentina, Editorial Universitária de Buenos Aires, 1972. p. 151-162.
40. HOMEM BRITÂNICO É VIOLENTO, DIZ PESQUISA. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 fevereiro 1993. p. 3-1.
41. INAUGURADA DELEGACIA DA MULHER. Correio Popular. Campinas, 6 setembro 1988. p. 5.
42. KAPLAN, H. I. & SADOCK, B. J. Maus tratos ao cônjuge. In: _____. Compêndio de Psiquiatria. 2. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. p. 398.
43. KAPLAN, H. I. & SADOCK, B. J. Alcoolismo. In: _____. Compêndio de Psiquiatria. 2. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. p. 645-648.
44. KLEIN, M. & RIVIERE, J. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro, Imago, 1970. 179 p.
45. KNOBEL, M. Orientação familiar. Campinas, Papirus, 1992. p. 115-116.
46. LANGLEY, R. & LEVY, R. C. Mulheres espancadas: fenômeno invisível. São Paulo, Hucitec, 1980. 263 p.

47. LEERS, B. Filosofia, moral, ética, família e sociedade no Brasil. In: RIBEIRO, I., org. Família e Valores. São Paulo, Loyola, 1987. p. 121-163.
48. LYSTAD, M. H. Violence at home: a review of the literature. Amer. J. Orthopsychiatry, 45 (3): 328-345, 1975.
49. MACHADO, A.L. Um estudo das práticas religiosas do doente mental internado: incidências, influências e histórias de vida. Campinas, 1993. (Tese - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas). 289 p.
50. MAYER-GROSS, W. & SLATER, E. & ROTH, M. Psiquiatria Clínica. São Paulo, Mestre Jou, 1972. v. I. p. 37-61.
51. MAYER-GROSS, W. & SLATER, E. & ROTH, M. Psiquiatria Clínica. São Paulo, Mestre Jou, 1972. v. I. p. 401-432.
52. MONTEIRO, M. C. N. Estudo descritivo de aspectos psico-sociais de pais e responsáveis agressores de crianças e adolescentes atendidos no CRAMI - Campinas. Campinas, 1992. (Tese - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas). 208 p.
53. MORAES, T. Visão psiquiátrica da violência urbana - J. Bras. Psiq., 37 (1): 5-9, 1988.
54. MOREIRA, M. S. A violência dos grandes centros urbanos. J. Bras. Psiq., 31 (3): 179-184, 1982.
55. NUNES, C. H. P. As relações de amor e violência entre homem e mulher. J. Bras. Psiq., 31 (1): 10-12, 1982.
56. NUNES, E. P. Homem e mulher: amor e violência. J. Bras. Psiq., 31 (1): 1, 1982.
57. OLIVEIRA, R. D. et alii. A violência doméstica. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984. 64 p.
58. PAIVA, L. M. Crime: tanatismo - psicanálise e psicossomática. Rio de Janeiro, Imago, 1981. v. I. p. 147-289.
59. PAPALIA, D. E. & OLDS, S.W. O mundo da criança. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1981. p. 277.
60. PARKER, S. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 96-109.
61. PERLMAN, J. O mito da marginalidade. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 27-119.
62. PERNAMBUCO TEM 415 MORTES EM 11 MESES. Folha de São Paulo. São Paulo, 29 novembro 1992. p. 4-4.

63. PRADO, D. & OLIVEIRA, C. F. Relacionamento entre homem e mulher nas camadas de baixa renda: amor e violência. J. Bras. Psiq., 31 (1): 6-10, 1982.
64. REMSCHMIDT, H. et alii. Violência: causas e prevenção. J. Bras. Psiq., 40 (5): 273-278, 1991.
65. ROSEN, I. Self-esteem as a factor in social and domestic violence. J. of Marriage and the family, 49 (4): 18-23, 1989.
66. SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho. São Paulo, Moderna, 1987. 120 p.
67. SILVA, A. M. C. et alii. Introdução ao estudo da sexualidade feminina. J. Bras. Psiq., 31 (5): 315-324, 1982.
68. SILVA, L. M. P. F. L'agression physique envers l'epouse - etude de sociopathologie familiale realisee dans la societe portugaise. Paris, 1989. (Tese - Doutorado - Universite de Lille). 352 p.
69. SILVA, M. V. Violência contra a mulher: quem mete a colher? São Paulo, Cortez, 1992. p. 52-104.
70. SOHNET, R. Condição feminina e formas de violência. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. p. 247-389.
71. SOUZA, B. M. A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo. São Paulo, Duas Cidades, 1969. 181 p.
72. SPITZ, R. O primeiro ano de vida. São Paulo, Martins Fontes, 1979. p. 49-178.
73. STEKEL, W. A educação dos pais. 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1966. p. 123-131.
74. STUART, H. Mulher, a quem pertence teu corpo? 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1991. 59p.
75. THORNE-FINCH, R. Ending the silence. Toronto, University of Toronto Press, 1992. p.4-42.
76. VELHO, G. As vítimas preferenciais. Ciência Hoje, 5 (28): 2-4, 1987.
77. VIA BRASIL: ACRE. Folha de São Paulo. São Paulo, 2 janeiro 1992. p. 4-2.
78. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER CRESCE 52%. Folha de São Paulo. São Paulo, 18 janeiro 1993. p. 3-1.
79. WHITAKER, D. Mulher e homem: o mito da desigualdade. São Paulo, Moderna, 1988. 96 p.

80. WILSON, A. The family. New York, Tavistock Publications, 1985. p.20-97.
81. WINNICOTT, D. W. Privação e delinquência. São Paulo, Martins Fontes, 1987. p. 89-150.
82. WINNICOTT, D. W. Tudo começa em casa. São Paulo, Martins Fontes, 1989. p. 63-78.

ANEXO

**Anamnese-Questionário
(Homem)**

Ficha de Identificação (Homem)

Nome: _____

Idade: _____

Estado Civil: Solteiro () Casado () Viúvo ()

Separado () União Livre ()

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Ocupação Atual: _____

Naturalidade: _____ Nacionalidade: _____

Religião ou Crença: _____

Intensidade da Prática Religiosa: _____

Renda Pessoal (Em Salário Mínimo): _____

Situação Familiar:

Nome	Parentesco	Idade	Instrução	Renda Própria
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

Habitação: Própria () Alugada () Cedida ()

Outros () No. de Cômodos: _____

Zona Rural () Zona Urbana ()

Água e Luz () Coleta de Lixo ()

Lazer: _____

Outros Dados: _____

História Progressiva da Ocorrência Policial (Homem)

- 1- É a primeira intimação que recebe?
- 2- Se teve outras, relate os motivos, ocorrências e consequências.
- 3- Já agrediu outras mulheres?
- 4- O casal briga constantemente?
- 5- Brigam sempre pelos mesmos motivos?
- 6- Qual foi o motivo desta última briga?
- 7- Como começam as brigas na sua opinião?
- 8- Existe na relação dos dois, interferências de outras pessoas (familiares, amigos, etc.)?
- 9- Quando aconteceu a primeira agressão física? Onde? Qual o motivo?
- 10- Qual foi sua reação após a mesma?
- 11- Como você vê estas agressões?
- 12- Acha que a situação pode ser modificada?
- 13- Gostaria de modificá-la?
- 14- Fale um pouco sobre como vocês se conheceram.
- 15- Na sua opinião, qual o maior defeito e a maior virtude de sua mulher?
- 16- Vocês costumam conversar? Sobre quais assuntos?
- 17- Após as brigas, vocês costumam conversar sobre os motivos que os levaram a brigar?

Antecedentes Pessoais (Homem)

Saúde durante a infância

Infecções:

Quais infecções: _____

Complicações destas infecções: _____

Convulsões: Sim () Não ()

Em que condições teve convulsões: Febre ()

Traumatismo Craniano ()

Outros () Especificar_____

Epilepsia: Sim () Não ()

Consequências dessas doenças no desenvolvimento (citá-las)___

Folgedos:

Quais folgedos (brincadeiras, jogos infantis, etc.)

Observações: _____

Sintomas Neuróticos na Infância (Homem)

	Sim	Não	Não lembra
Terroros Noturnos_____	()	()	()
Sonambulismo_____	()	()	()
Sonilóquio_____	()	()	()
Crises de Birra_____	()	()	()
Enurese Noturna_____	()	()	()
Encoprese_____	()	()	()
Chupar os dedos_____	()	()	()
Roer Unhas_____	()	()	()
Caprichos Alimentares_____	()	()	()
Gagueira_____	()	()	()
Criança Modelo_____	()	()	()
Criança Superprotegida			
Dependente_____	()	()	()
Tiques/Cacoetes_____	()	()	()

Verificar se alguns desses sintomas persistem na atualidade:_____

Observações:_____

Escolaridade

Idade de Início: _____

Idade de Término: _____

- Aproveitamento: a) ótimo ()
b) bom ()
c) regular ()
d) péssimo ()

Preferência por alguma matéria: _____

Repetência: _____

- Relacionamento com colegas: a) arrogância ()
b) submissão ()
c) companheirismo ()
d) outros ()

Apelidos adquiridos na infância (citá-los): _____

- Sentimentos em relação aos apelidos: a) Alegria ()
b) tristeza ()
c) raiva ()
d) indiferença ()
e) outros ()

Relacionamento com professores: _____

Algum fato marcante: _____

Observações: _____

Ocupações

Idade em que começou a trabalhar: _____

Exerce a profissão atualmente: sim () não ()

Se não por quê? _____

Horas diárias trabalhadas: _____

Satisfação no emprego atual: _____

_____ Motivos de
satisfação (ou insatisfação - citá-los): _____

Por quantos empregos já passou: _____

Observações: _____

Sexualidade

Onde foram adquiridas as primeiras informações sexuais:

- a) em casa ()
- b) na rua ()
- c) na escola ()
- d) outros ()

Psicossexualidade: vivência da puberdade, reação à menarca, masturbação, namoros, vida sexual inicial e atual, anticoncepção, climatério. _____

Como vivenciou a gravidez: _____

Outros aspectos importantes: _____

Vida Conjugal

Duração do conhecimento antes do casamento (ou equivalente)_____

Idade ao se casar: esposo () esposa ()

Há quanto tempo estão juntos:_____

Esposa trabalha fora: sim () não ()

Primeira experiência conjugal: sim () não ()

Filhos: sim () não ()

Quantos:_____

Idade dos filhos:_____

Relacionamento com os filhos: diálogo ()

castigo físico ()

outros ()

Experiências pré-matrimoniais: sim () não ()

Experiências extra-conjugais: sim () não ()

O número de filhos foi planejado: sim () não ()

Observações:_____

Antecedentes Familiares

Anotar se é desconhecida a situação familiar: _____

Pais tem relação de consaguinidade: sim () não ()

Ocupação dos pais: _____

Condições de saúde dos pais:

Física (epilepsia, etc.) _____

Psíquica (incidência de alcoolismo, ou outras droga-adição, psicose, depressão, etc.) _____

Falecimento: _____

Causas do falecimento: _____

Quantos anos tinha na época do falecimento: _____

Relacionamento dos pais: _____

Relacionamento com os filhos: _____

Composição familiar: número de pessoas na casa: _____

Observações: _____

**Anamnese-Questionário
(Mulher)**

Ficha de Identificação (Mulher)

Nome: _____

Idade: _____

Estado Civil: Solteira () Casada () Viúva ()

 Separada () União Livre ()

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Ocupação Atual: _____

Naturalidade: _____ Nacionalidade: _____

Religião ou Crença: _____

Intensidade da Prática Religiosa: _____

Renda Pessoal (Em Salário Mínimo): _____

Lazer: _____

Outros Dados: _____

História Progressiva da Ocorrência Policial

- 1- O que a trouxe à esta delegacia?
- 2- Já foi agredida por outros homens?
- 3- É a primeira vez que dá queixa?
- 4- De quem partiu a iniciativa? Sua ou de outras pessoas?
- 5- O casal briga constantemente?
- 6- Brigam sempre pelos mesmos motivos?
- 7- Qual foi o motivo desta última briga?
- 8- Como começam as brigas na sua opinião?
- 9- Existe na relação dos dois, interferências de outras pessoas (familiares, amigos, etc.)?
- 10- Quando aconteceu a primeira agressão física? Onde? Qual o motivo?
- 11- Você reagiu?
- 12- Porque não reagiu?
- 13- Como você vê estas agressões?
- 14- Acha que a situação pode ser modificada?
- 15- Gostaria de modificá-la?
- 16- Fale um pouco sobre como vocês se conheceram.
- 17- Na sua opinião, qual o maior defeito e a maior virtude de seu marido?
- 18- Vocês costumam conversar? Sobre quais assuntos?
- 19- Pretende dar prosseguimento ao processo?
- 20- Veio outras vezes e não prosseguiu com o processo? Por quê?

Antecedentes Familiares

Anotar se é desconhecida a situação familiar: _____

Pais tem relação de consanguinidade: sim () não ()

Ocupação dos pais: _____

Condições de saúde dos pais:

Física (epilepsia, etc.) _____

Psíquica (incidência de alcoolismo ou outras droga-adição, psicose, depressão, etc.) _____

Falecimento: _____

Causas do falecimento: _____

Quantos anos tinha na época do falecimento: _____

Relacionamento dos pais: _____

Relacionamento com os filhos: _____

Composição familiar: número de pessoas na casa: _____

Observações: _____

Ocupações

Idade em que começou a trabalhar: _____

Exerce a profissão atualmente: sim () não ()

Se não, por quê? _____

Horas diárias trabalhadas: _____

Satisfação no emprego atual: _____

Motivos de satisfação (ou insatisfação - citá-los): _____

Por quantos empregos já passou: _____

Observações: _____

Vida Conjugal

Duração do conhecimento antes do casamento (ou equivalente):

Idade ao se casar: esposo () esposa ()

Há quanto tempo estão juntos: _____

Esposa trabalha fora: sim () não ()

Primeira experiência conjugal: sim () não ()

Filhos: sim () não ()

Quantos: _____

Idade destes: _____

Relacionamento com os filhos: diálogo ()

castigo físico ()

outros ()

Experiências pré-matrimoniais: sim () não ()

Experiências extra-conjugais: sim () não ()

O número de filhos foi planejado: sim () não ()

Observações: _____

Sexualidade

Onde foram adquiridas as primeiras informações sexuais:

- a) em casa ()
- b) na rua ()
- c) na escola ()
- d) outros ()

Psicossexualidade: vivência da puberdade, reação à menarca, masturbação, namoros, vida sexual inicial e atual, anticoncepção, climatério. _____

Como vivenciou a gravidez: _____

Outros aspectos importantes: _____

Alcool e Drogas

Consumo Alcoólico

Quanto bebe por dia: a) pouco ()
b) moderado/muito ()
c) não bebe diariamente ()
d) não bebe ()

Faz uso de alguma droga: sim () não ()

Quais drogas: _____

Idade em que iniciou: _____

Tabagismo: sim () não ()

Dorme bem: sim () não ()

Em caso de insônia: inicial ()
intermediária ()
terminal ()
total ()

Funções excretoras: micção ()
evacuação ()

Internações (físico ou psíquico): _____

Observações: _____

